



Número

26.

**T**enho recebido bastante *feedback* relativamente aos editoriais e não tenho qualquer dúvida, o tema favorito é aquele que aborda o dia a dia da Saída de Emergência. Faz sentido. Não é fácil encontrar informação sobre o mercado editorial e quem gosta de livros tem bastante curiosidade sobre o meio – como é que tudo acontece, como é a relação com os autores, quais os intervenientes nesse processo quase mágico de fazer chegar um livro às mãos dos leitores.

Para este número escolhi um tema sensível e que, por vezes, gera problemas entre as editoras e os seus leitores: as decisões de dividir livros e de interromper séries. Vou-lhes chamar os dois pecados capitais editoriais. Mas há razões muito fortes para essas duas decisões, nenhuma é feita de ânimo leve, e vou tentar deixar tudo explicado.

## Dois pesos pesados. Ou melhor, um peso pesado e um deus vivo

Nada como recorrer a dois dos melhores autores de fantasia da atualidade para explicar as razões desses dois pecados: George R. R. Martin e Brandon Sanderson. Atualmente, George R. R. Martin (GRRM) é um dos autores mais conhecidos do mundo, um dos deuses vivos da mitologia pop e autor de uma propriedade literária que faz mexer muitos milhões. Para terem uma ideia, o manuscrito do seu próximo livro (*Winds of Winter*) é de tal forma cobiçado que nem nós, os seus editores em Portugal, o vamos receber quando ficar pronto. Normalmente os manuscritos chegam-nos por e-mail e nós reencaminhamos para o tradutor.

## Sobre os dois pecados capitais editoriais: a divisão de livros e a interrupção de séries. E de como eles são necessários e inevitáveis.

Mas desta vez não vai ser assim. O receio de que, por asneira (ou malícia) de um funcionário de uma das suas dezenas de editoras por todo o mundo, o manuscrito vá parar à internet e seja partilhado por milhões de pessoas é tal que o processo de tradução mais vai parecer uma história de espionagem da Guerra Fria. Quando o autor terminar o manuscrito, nós apenas vamos receber uma morada no estrangeiro. Será um escritório alugado pelos agentes do autor, talvez na Alemanha ou Itália, para onde vamos enviar o nosso tradutor e um computador portátil. Lá, o tradutor terá acesso a uma mesa, a uma cadeira e a um maço de folhas A4 com o manuscrito impresso em inglês. Nos meses em que estiver a traduzir, o tradutor não poderá tirar uma única folha do escritório e nós, editora, teremos de assinar um acordo garantindo, sob pena de multas que nos levariam à falência, que a nossa tradução para português não é publicada antes de a edição em inglês chegar ao mercado, e que garantimos que também não vai parar à internet. Há muito dinheiro envolvido, os agentes do autor e a editora americana (Bantam, uma cancela da gigante Penguin Random House) não brincam em serviço.

## Sim, o George R. R. Martin já foi apenas um nerd como nós

Mas lidar com o trabalho de GRRM nem sempre foi assim. A SdE já o trouxe a Portugal duas vezes e sabemos que é uma pessoa simples e acessível. Ele próprio foi apanhado desprevenido com o sucesso de *A Guerra dos Tronos* e tenta sobreviver à pressão da melhor forma que consegue. Mas como é que o autor veio parar ao catálogo da Bang! quando ainda era desconhecido e apenas mais um nerd como nós? É uma história que começa no longínquo ano de 2000, faltavam apenas três anos para lançar a Saída de Emergência, mas ainda nem sonhava que o ia fazer. Nessa altura a minha vida profissional era bem diferente. Era criativo publicitário, mais especificamente copywriter, e

trabalhava numa agência internacional. Nesse ano ganhei um Eurobest, um prémio que premeia a criatividade, e fui recebê-lo a Londres. Na altura não havia Coleção Bang! e as editoras nacionais quase não publicavam fantasia. Aproveitei, portanto, a estadia em Londres para visitar uma enorme livraria onde as prateleiras de fantasia e FC enchiam um longo corredor. E o que levar? Eram filas e filas de nomes conhecidos e desconhecidos. Certamente que não foi a capa do *A Game of Thrones* da Voyager que me conquistou, pois estou a olhar para ela neste momento e é pavorosa; mas talvez a sinopse. Comecei a ler as 800 páginas no avião de regresso, poucos dias depois estava a mandar vir pela internet o segundo volume, e também o terceiro, acabadinho de ser lançado no mercado. E a minha paixão pela fantasia levou um abanão só comparável ao efeito que Dragonlance havia tido em mim no início da adolescência.

## A importância de um e-mail a que não damos importância

Cinco anos mais tarde, já editor em part-time, a agente espanhola que representa, para Portugal, o agente americano que, por sua vez, representa o GRRM (pois é, isto dos direitos pode ser confuso), enviou-me um e-mail a perguntar se estávamos interessados em publicar o «Tolkien Americano», como ele era vendido na altura. É preciso ver que os agentes massacram diariamente os editores com sugestões de livros. Como tal, mais para ser simpático do que por fazer planos de publicar o autor, despachei-a dizendo que poderíamos voltar a falar um ano depois. E esqueci-me imediatamente desse e-mail. Apesar de ser fã do autor, assustava-me a ideia de o publicar em Portugal. Havia autores de fantasia bem mais conhecidos e que não eram publicados cá, porquê avançar com o GRRM? Pior: os seus livros eram enormes, caríssimos de traduzir e produzir. Na altura, a SdE preferia investir em livros pequenos: H. P. Lovecraft, Michael Moorcock, Robert E. Howard, Fritz Leiber...

Mas a agente não se esqueceu e, um ano depois, enviou novo e-mail com a mesma pergunta. Dessa vez pensei duas vezes. Estávamos em 2006, o

sucesso da trilogia do Senhor dos Anéis, de Peter Jackson, tinha apanhado o mundo de surpresa e dado um novo fôlego à obra de J. R. R. Tolkien. Muitos livros de qualidade inferior estavam a ser publicados aproveitando a onda que o Tolkien criara, porque não aproveitar para lançar um autor cuja qualidade eu conhecia? E assim, orgulhoso mas bastante apreensivo, adquirimos os direitos da saga *As Crónicas de Gelo e Fogo* para Portugal. Para verem que não estou a exagerar, peguem no vosso exemplar de *A Guerra dos Tronos* e vão à página 380. É uma pequena nota do editor onde, com doce inocência e humildade, peço aos leitores que comprem toda a série e a divulguem junto dos amigos. Vou facilitar a vida aos mais preguiçosos colocando-a aqui:

«Para um editor apaixonado pela literatura fantástica, é um prazer imenso publicar um autor tão talentoso e prestigiado como o George R. R. Martin. Mas mesmo quando os projectos editoriais são alimentados pela paixão, temos de pensar nos riscos e nas dificuldades que se antecipam.

Em *As Crónicas de Gelo e Fogo* não faltam trunfos, como a energia da escrita, a emoção do enredo, a capacidade do autor em agarrar o leitor, abaná-lo, violentá-lo e deixá-lo desejoso por ler mais. O facto de esta ser a série de fantasia épica que mais vende nos EUA e na Europa, constantemente elogiada pela crítica e pelos leitores (mesmo aqueles que nunca tinham lido nada dentro do género), é outro grande trunfo, mas...

Mas? Onde é que há lugar para um *mas*, perguntam alguns? A resposta é simples: Portugal é um país pequeno e o mercado da literatura fantástica é marginal. Será possível levar esta série até ao fim? Fará sentido? Depois de muito equacionar, acreditamos que sim. E a prova é que já comprámos os direitos para toda a série e não apenas para o primeiro volume. Vamos por isso dar o nosso melhor para que *As Crónicas de Gelo e Fogo* tenham o mesmo sucesso que outros autores do género tiveram no nosso país, como é o caso de Tolkien, Marion Zimmer Bradley ou, mais recente-

mente, a fantasia juvenil de Harry Potter.

Obrigado por ter lido *A Guerra dos Tronos*. Fazemos votos para que esteja desejoso/a por ler o segundo volume e que nos ajude a fazer desta série um grande sucesso, convidando familiares, amigos, vizinhos e colegas a lerem-na. Agradecemos toda a publicidade... e os Stark, os Tyrell e os Lannister também!

Parede, 2007»

Pois é, antes de ser um *bestseller*, e apesar dos elogios algo exagerados às vendas do autor na minha nota, o GRRM era apenas mais um (das muitas centenas) autor de fantasia. A onda que o Tolkien criara realmente ajudou a dar visibilidade aos seus livros em Portugal, mas as vendas ainda eram modestas e teríamos tido elevados prejuízos – e provavelmente cancelado a série – se não tivéssemos dividido os volumes em dois. Quando, dois anos depois, em 2008, trouxemos o GRRM a Portugal, os direitos para TV já tinham sido vendidos à HBO, mas o autor disse-me que estava pouco confiante de que eles dessem luz verde à série, pois, na mesma altura, a HBO tinha adquirido os direitos para outra série de fantasia, *Merlin*, e esta tinha muito mais hipóteses de avançar. Três anos depois *A Guerra dos Tronos* chegou à TV e foi o que todos sabemos.

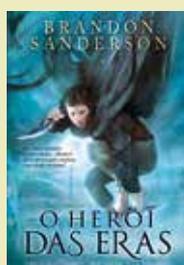
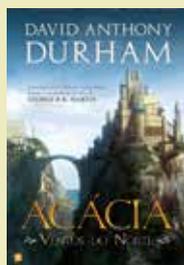
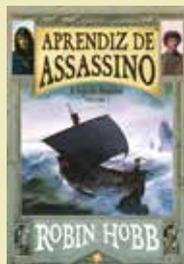
Recordo agora a razão deste passeio pela avenida das memórias: a divisão dos livros. Neste momento é fácil dizer que, não dividindo os livros do GRRM, teríamos lucro na mesma – afinal, o autor vende tanto! Mas só vai dizer isso quem apenas conheceu o autor depois de a série da HBO lhe entrar pela casa dentro. Os fãs que descobriram o autor antes, com os nossos livros, leram um autor desconhecido por estas paragens, que ninguém em Portugal queria publicar (ou acham que a agente espanhola, antes de nos bater à porta, não foi bater a todas as editoras com maior dimensão?), e cuja decisão de publicar, mesmo com os livros divididos, foi um imenso risco. Essa estratégia, de dividir livros grandes para reduzir o risco, foi replicada, mas nunca com o mesmo sucesso, com a saga do Assassino de Robin Hobb, a série Mago de Raymond E. Feist, a série Acácia de David Anthony Durham.

E também com Mistborn – Nascida das Brumas, de Brandon Sanderson. E é assim que de um deus vivo passamos a um dos maiores pesos pesados da fantasia atual.

## Pior do que um livro dividido, só uma série interrompida

Quando trouxemos Brandon Sanderson a Portugal, nos finais de 2016, o autor deu uma animada sessão de autógrafos na Fnac. Disse-me estar impressionado com a qualidade do inglês falado pelos seus leitores portugueses. E que também nunca assinara tantos livros em inglês num país que não fosse anglo-saxónico. Não foi necessário explicar-lhe que o facto de os leitores de literatura fantástica em Portugal optarem por edições em inglês mina completamente o pequeno mercado nacional do género. Virando-se para o público, ele disse isso mesmo, apelando a que comprassem as edições portuguesas dos seus livros, pois era a editora portuguesa que o convidava e trazia a Portugal. Não a inglesa. Nem a americana. Acrescentou que se a editora portuguesa perdesse dinheiro com os seus livros, não o iria continuar a publicar. Palavras sábias e premonitórias. Devido ao prejuízo acumulado, dois anos depois fomos forçados a parar de publicar o Sanderson. Há leitores suficientes no nosso país para justificar uma edição em português? Claro que sim, mas infelizmente leem em inglês. Por razões que compreendo: os livros saem antes, são mais baratos, e sem o filtro de uma tradução. Sem julgamentos da minha parte.

A trilogia Mistborn – Nascida das Brumas foi publicada em 5 volumes (apenas dividimos o 2.º e o 3.º volume original). Mas se está completa, porque razão a trazemos para a categoria das séries interrompidas? Simples, é o exemplo de série em que a editora tem prejuízo,



mas, por respeito ao autor e leitores, faz o esforço para a terminar. Fizemos o mesmo com Raymond E. Feist. Infelizmente isso não é possível em todas as situações: Patrícia Briggs ou Kim Harrison tiveram de ficar pelo caminho. Por vezes nem são os leitores que começam a ler as nossas edições e depois pulam para as edições inglesas, os responsáveis pela quebra de vendas e interrupção de uma série. Acontece o mercado simplesmente não estar receptivo ao autor. A primeira vítima das séries interrompidas é a editora, que na sua raiz é um negócio como qualquer outro, que precisa de faturar para cobrir o investimento e não o consegue. A segunda vítima é o leitor, que investiu o seu tempo em algo que não vai ver terminar. O que peço, depois desta explicação, é a compreensão dos nossos leitores: nenhuma editora interrompe uma série por maldade ou desrespeito. E a divisão dos livros, como já vimos, na esmagadora maioria das vezes não é para ter mais lucro e, sim, para arriscar menos prejuízo.

## Vamos a contas

Posso suportar os meus argumentos com alguns números. Imaginemos um livro de fantasia chamado *Oops!*, com 300 páginas e que chega ao mercado por 16€. Muita gente pensa que esse é o valor que a editora recebe quando vende um exemplar. Era bom. A editora recebe pouco mais de 40%, a fatia de leão fica na distribuidora que a reparte com a livraria. Com a parte que lhe toca, a editora tem que suportar muitas despesas. Avanço uns valores que são perfeitamente razoáveis para um livro com estas características:

*Direitos de autor:* 2.500€

*Tradução e revisão:* 3.000€

*Ilustração da capa:* 500€

*Produção gráfica:* 5.000€

*Marketing:* 2.000€

Mas não é tudo. Estas são apenas as despesas externas à editora. Ainda faltam as despesas fixas da empresa, como os salários da equipa que constrói o livro: o editor que lê e negocia os direitos; a produção editorial que acompanha o tradutor e o revisor; a produção gráfica que orçamenta e adjudica a impressão; o comercial que certifica a colocação do livro nas livrarias e negocia o marketing; o responsável de comunicação que assegura visibilidade e entrevistas; os designers que paginam e fazem a capa.

Agora, imaginemos que o *Oops!* chega ao mercado e que vende mal, apenas 600 exemplares - e, acreditem, há muitos livros que vendem menos. Se a editora fica com pouco mais de 40% do PVP, significa que terá faturado cerca de 7€ com cada exemplar. E como vendeu 600 exemplares terá faturado um total de 4.200€. Deixo-vos, com os números que têm em cima, fazer as contas. Mas, sem vos querer facilitar a vida, diria que há 8.800 razões para se cancelar o volume seguinte do autor. **BANG!**



### Luís Corte Real

Fundou a Saída de Emergência em 2003. As prateleiras de sua casa estão ocupadas por milhares de livros de todos os tipos, muita banda desenhada, manuais de *Dungeons & Dragons* e *Call of Cthulhu*, jogos de tabuleiro, *action figures*, centenas de figurinhas de metal e mais caixas de Lego do que aquelas que consegue montar. Em casa também tem quatro aprendizes de nerd.

# COLEÇÃO PRIMAVERA/ VERÃO BANG!

APRESENTAÇÃO DO CATÁLOGO POR LUÍS CORTE REAL / EDITOR

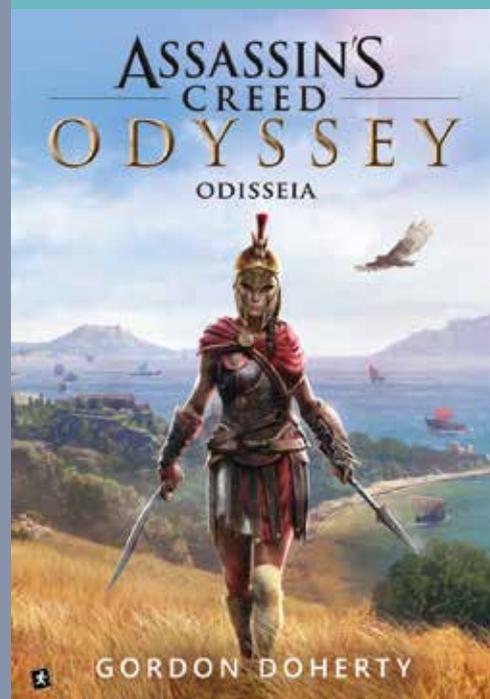
Não é todos os dias que se pode anunciar a chegada a Portugal de uma das melhores sagas de fantasia de sempre. Mas hoje é um desses dias: vêm aí *As Crónicas da Companhia Negra* de Glen Cook. (Mais à frente, neste número da *Bang!*, oferecemos um excerto do livro, uma entrevista ao autor e um artigo de opinião aqui do vosso editor pessoal. Queremos que façam parte da companhia de mercenários mais famosa da fantasia.) *The Witcher* de Andrzej Sapkowski está de regresso com *A Torre da Andorinha*, com uma capa fabulosa e exclusiva do Luís Melo, cuja execução é dissecada num *making of* nesta revista. (Lembrem-se, no final do ano chega à Netflix a adaptação desta saga. Se ainda não a começaram a ler deviam fazê-lo, para depois poderem dizer, com ar superior, que já a conheciam antes de chegar à TV.) Mas ainda há mais fantasia com os Assassinos da Grécia Antiga, BD de Neil Gaiman, romance paranormal com P. C. Cast e Kristin Cast (assim só se estraga um lar), fantasia mais juvenil com Victoria Aveyard e uma edição ilustrada e verdadeiramente imperdível do nosso H. P. Lovecraft. Boas leituras!

///MAIO////////

## ASSASSIN'S CREED: ODYSSEY/ODISSEIA Gordon Doherty

A série *Assassin's Creed* está de volta com a novelização oficial do jogo *Odyssey*. Desde *Juramento do Deserto* que assistimos a um regresso às origens da luta entre Assassinos e Templários, séculos antes de ambas as organizações sequer existirem.

Em *Assassin's Creed Odyssey/Odisseia* recuamos até à Grécia antiga e ao conflito entre Atenas e Esparta. Uma mercenária é contratada para matar o líder a quem todos chamam o *Lobo*, que não é mais do que o seu pai. Anos antes, Cassandra foi expulsa de Esparta por tentar defender o seu irmão mais novo de uma morte cruel. Agora, chegou a hora da vingança.



## //MAIO E NOVEMBRO//

### TEMPESTADE DE GUERRA 1 + 2

*Victoria Aveyard*

Com *Tempestade de Guerra*, Victoria Aveyard encerra a história de Mare, Cal e Maven que teve início em *Rainha Vermelha*. A vitória tem um preço e Mare Barrow aprendeu esta lição da pior forma. Dividida entre o jovem que lhe partiu o coração e aquele que quase a destruiu, Mare tem de procurar aliados para alcançar o poder, mesmo que isso signifique destruir tudo e todos os que se atravessarem no seu caminho. No tão aguardado desfecho desta série fantástica, qual o poder que vencerá depois de a tempestade de guerra passar?



## //JUNHO//

### AMADA

*P. C. Cast e Kristin Cast*

P. C. Cast e Kristin Cast deixaram saudades aos leitores portugueses depois do estrondoso sucesso que foi a série Casa da Noite. Para comemorar os dez anos da publicação do primeiro livro desta série, as autoras voltaram a juntar os seus talentos para criarem um *spin-off* de dois livros que vão deixar os fãs na expectativa do que aí vem. Em *Amada*, Zoey Redbird está prestes a comemorar o seu 18.º aniversário e a Manada dos Marados é convocada

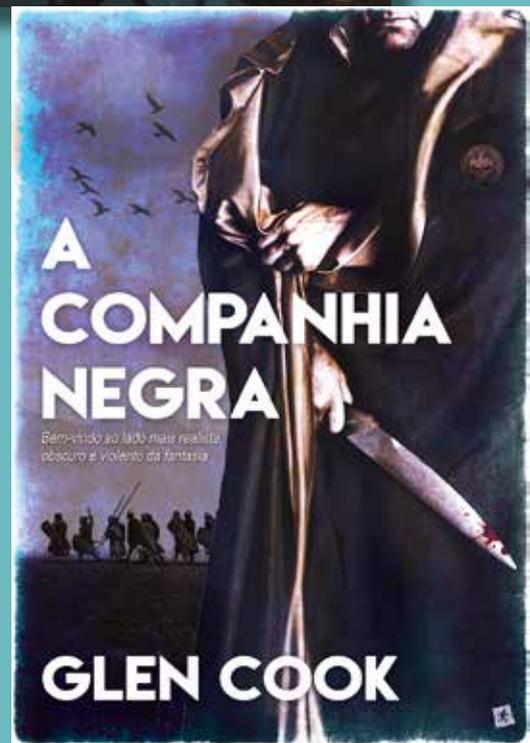
para se reunir novamente e surpreender a amiga. Mas os jovens estiveram muito tempo separados, e as antigas alianças vão ser postas à prova quando estranhos e sombrios sinais indiciam que Neferet está a agir nas sombras. Quando os vampyros vermelhos assumem as suas posições e a batalha entre as Trevas e a Luz tem início, as velhas amizades enfrentarão um teste decisivo para o futuro da Casa da Noite.

## //AGOSTO//

### A COMPANHIA NEGRA

*Glen Cook*

Bem-vindo ao lado mais realista, obscuro e violento da fantasia. *A Companhia Negra* é o primeiro volume da série



## //JULHO//

### A TORRE DA ANDORINHA

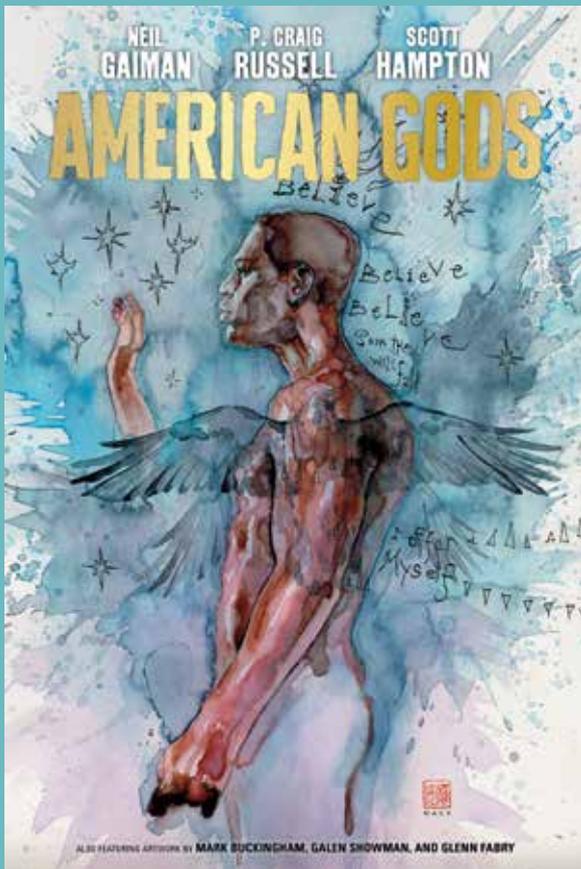
*Andrzej Sapkowski*

O segundo semestre de 2019 marca a estreia em televisão da tão aguardada adaptação da série The Witcher. Henry Cavill veste a pele de Geralt de Rivia e a expectativa sobre o restante elenco e locais de filmagem é muita. Enquanto a série não chega, os fãs de Andrzej Sapkowski podem encontrar em *A Torre da Andorinha* mais um grande livro de fantasia.

O mundo está em guerra. Ciri está desaparecida e Geralt, apesar de ferido, reuniu um grupo de aliados para procurar a criança da profecia. Os mercenários de Nilfgaard estão em marcha. Num mundo em tumulto, a torre da andorinha parece ser o único porto de abrigo seguro...

As Crónicas da Companhia Negra, da autoria de Glen Cook, um nome aclamado na literatura fantástica, que, nas palavras de Steven Erikson, «transformou o rosto da fantasia».

Durante incontáveis gerações, a Companhia Negra, a mais famosa e temida irmandade de mercenários, serviu vários senhores, mas os dias de glória ficaram há muito para trás. Quando a



perstar traz a destruição ao mundo, é retratada neste álbum por François Baranger, um reconhecido ilustrador e *concept artist* francês que captou na perfeição a essência do texto de Lovecraft.

## DEUSES AMERICANOS II

*Neil Gaiman*

O aclamado autor Neil Gaiman está de regresso com o segundo volume da banda desenhada que adapta o seu bestseller *Deuses Americanos*. Continuamos a acompanhar Shadow Moon e o misterioso Sr. Wednesday que reúnem reforços para enfrentar a guerra entre deuses que está prestes a rebenotar.

## //OUTUBRO////////

### LOST

*P. C. Cast e Kristin Cast*

Depois dos acontecimentos de *Amada*, Zoey vê o seu irmão mais novo, Kevin, partir para o Outro Mundo, um mundo paralelo à realidade da Casa da Noite, onde Neferet ainda governa e a convivência entre humanos e vampyros em nada se assemelha ao mundo onde Zoey vive. O objetivo de Kevin é apenas um: Neferet tem de ser derrotada.

Com a partida do irmão, Zoey isola-se cada vez mais, e se para alguns dos seus amigos ela só precisa de umas férias, para outros, nomeadamente Stark, este isolamento tem mais do que parece à primeira vista. Claro que Zoey quer derrotar Neferet no Outro Mundo para restabelecer a harmonia entre a Luz e as Trevas, mas é também no Outro Mundo que está Heath, a sua paixão de infância. Zoey tem escolhas difíceis a fazer. Conseguirá Stark perdoar-lhe ou sequer entender a escolha que for feita? **BANG!**

Senhora desperta, depois de anos de enclausuramento, bem como a profecia de que algures nasceu uma jovem que irá livrar o mundo da Senhora e dos seus exércitos impiedosos, a Companhia Negra terá de escolher um lado. E assim começa uma das sagas de fantasia mais originais e disruptivas de sempre.

A série *As Crônicas da Companhia Negra* foi, de acordo com o *Fantasy Book Review*, responsável pela transformação da fantasia, introduzindo personagens realistas e desprezando os estereótipos da antiga batalha do Bem contra o Mal.

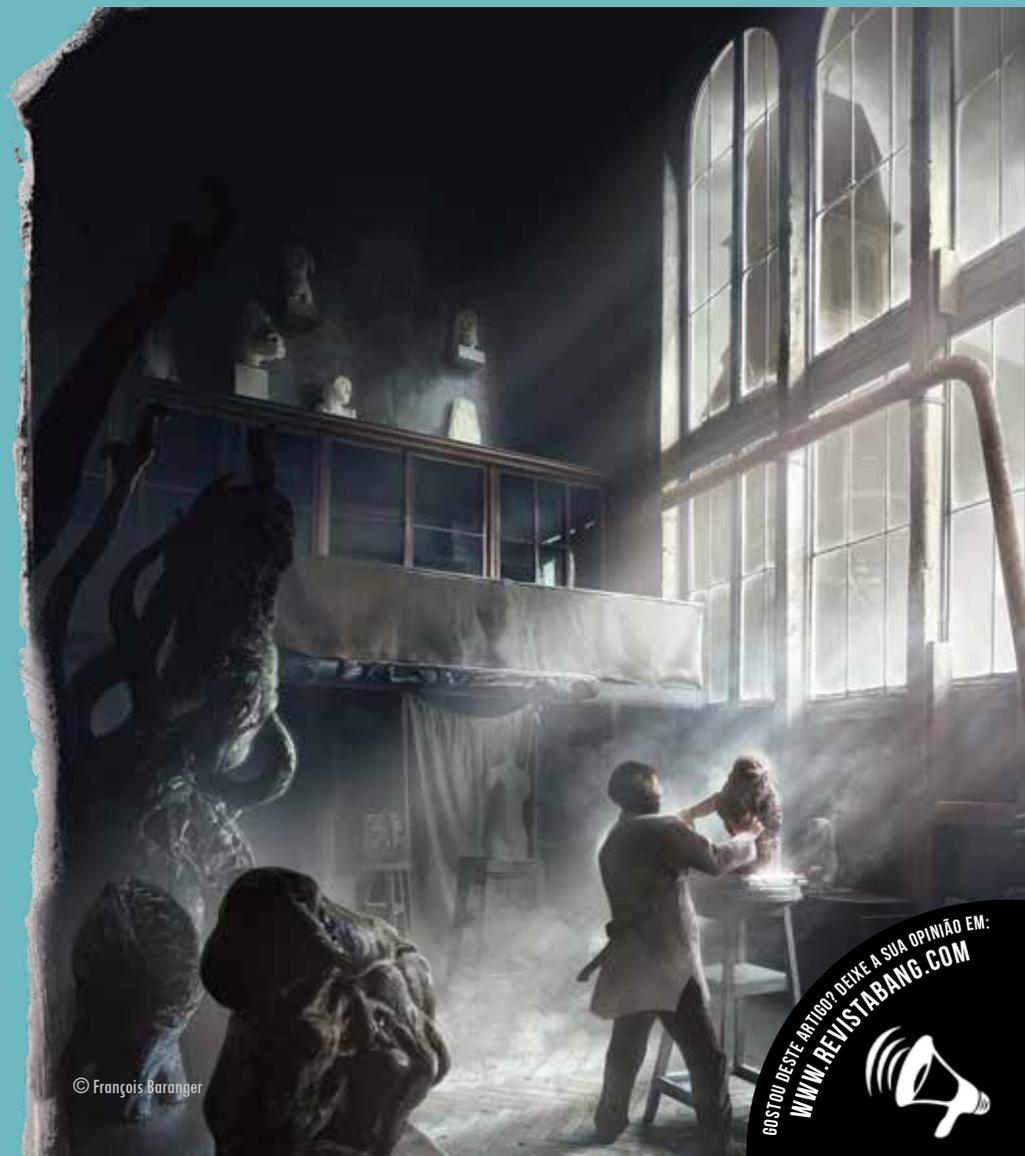
## ///SETEMBRO///

### O DESPERTAR DE CTHULHU

*H. P. Lovecraft e François Baranger*

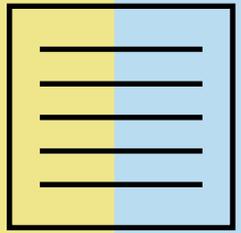
Se gostaste das nossas edições especiais com contos ilustrados de Poe e Lovecraft, vais adorar esta edição ilustrada. H. P. Lovecraft, o artista de Providence que redefiniu a literatura de horror, está de regresso com uma edição ilustrada de um dos seus contos de maior sucesso. A história de Cthulhu, o monstro que habita as profundezas do oceano e que ao des-

Esta é uma das ilustrações que pode encontrar no livro *O Despertar de Cthulhu*



© François Baranger





## Não Ficção

- 09** Ilustrador convidado  
Artur Mósca
- 12** O Andróide do Restelo: Entrevista a William Gibson  
João Barreiros
- 14** De A a BD: À Descoberta de Richard Corben  
João Lameiras
- 20** Do Fundo do Poço: História do Breve Cinema de Terror Português  
*Reloaded* João Monteiro
- 24** Leituras às Direitas: Era um comprimido azul, se faz favor!  
Jovem Conservador de Direita
- 25** Eu Amo Ciência, e Tu?  
Luís Corte Real
- 31** Na Mesa com a FNAC: Arraial  
FNAC
- 32** Metais Pesados: Ambientalismo Céptico  
Fernando Ribeiro
- 34** Arquivo do Medo: Demónios  
António Monteiro
- 39** Eu Queria Ser Assim: 10 Motivos para Chorar o Fim de A Guerra dos Tronos  
Marcelo Lourenço
- 46** A Companhia Negra: Uma Breve História da Obra-Prima de Glen Cook  
Luís Corte Real
- 50** 15 Perguntas a Glen Cook  
Luís Corte Real
- 64** Calendário Fantástico  
Revista Bang!
- 70** Cosmos 101: 50 Anos Após a Chegada da Humanidade à Lua: O Dia em Que a Humanidade Se Uniu  
Joana Neto-Lima
- 72** Haverá Trilhos: Sem Deuses Nem Demónios  
Inês Botelho
- 76** Enquanto Apolo Dormia: O Anel do Nibelungo de Richard Wagner  
Tiago Hora

- 80** Não Acordem a Cresta: Uma Visita Guiada à Saga do Império Malazano  
Nuno Ferreira
- 88** Arquiteturas da Loucura: A Prisioneira do Castelo, Bem-Vindos à Casa de Shirley Jackson. Aceitam um Chá?  
Jorge Palinhos
- 90** A Hora do Lobo: Os Lugares onde Fomos Felizes  
Safaa Dib
- 98** Breve Curso de Escrita de Ficção Científica e Fantasia  
Bruno Martins Soares
- 101** Making of de Capa: A Torre da Andorinha  
Luís Melo
- 105** A Prata da Casa  
João Gonçalves
- 113** O Som de Dunwich: O Carrossel Atroz  
Ricardo S. Amorim
- 120** So Long, and Thanks for All The Fish: Stan Lee  
Revista Bang!

## Ficção

- 41** As Vespas Cartógrafas e as Abelhas Anarquistas  
E. Lily Yu
- 54** Ancinho: Um Conto de A Companhia Negra  
Glen Cook
- 84** As Últimas Palavras do Inspector Mem Rebocho  
André Barbosa
- 92** Imaginarium: Phytto  
Mara d'Eleán, Mariangela Demurtas
- 96** Miniconto Fantástico FNAC: A Torre do Corvo  
Miguel Ribeiro Pedras
- 106** Undo  
Fernando Lucas
- 116** Bem-Vindos à Clínica Médica da Estação Espacial Interplanetária.  
Horas desde a Morte do Último Paciente: O  
Carolina M. Yoachim

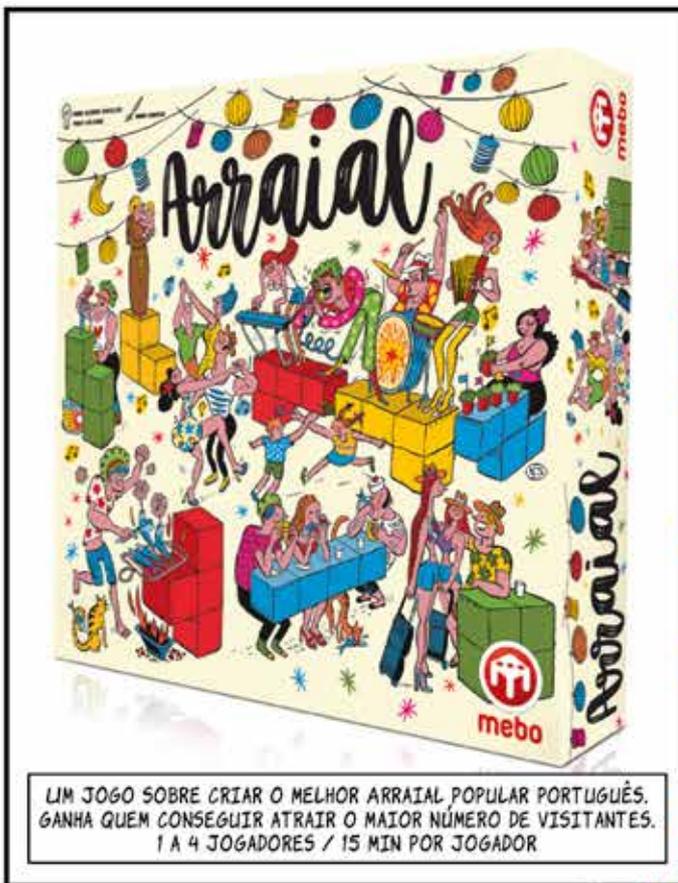


SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
livros para fugir da rotina

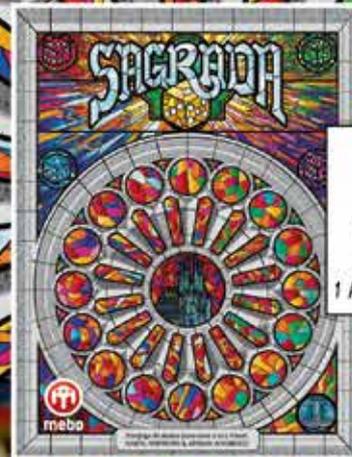


PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A COLECÇÃO BANG! OU A EDITORA SAÍDA DE EMERGÊNCIA VISITE-NOS EM [SDE.PT](http://SDE.PT)

Revista Bang! 26 / maio de 2019 Propriedade: Edições Saída de Emergência. Todos os direitos (e mais alguns) reservados. Direcção editorial e catering: Luís Corte Real Revisão (de olhos fechados): Ana Pereira Redacção e solário: Taguspark, Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva, Edifício Qualidade — Bloco B3, Piso 0, Porta B, 2740-296 Porto Salvo, Portugal Impressão (gralhas incluídas): Cahlesa - Soluções Gráficas, Lda. Tiragem de revirar os alinhos: 9000 Copyright: Textos e imagens propriedade da editora e/ou dos respectivos autores, etc e tal. Os artigos presentes nesta edição têm ou não as regras do novo Acordo Ortográfico consoante vontade dos seus autores, pelo que não se encontra uniformizada a sua aplicação.



UM JOGO SOBRE CRIAR O MELHOR ARRAIAL POPULAR PORTUGUÊS. GANHA QUEM CONSEGUIR ATRAIR O MAIOR NÚMERO DE VISITANTES. 1 A 4 JOGADORES / 15 MIN POR JOGADOR



OBJECTIVO: FAZER O VITRAL MAIS BONITO DA CAJEDRAL DA SAGRADA FAMILIA. ESCOLHE OS DADOS DISPONIVEIS E USA AS FERRAMENTAS PARA SERES O MELHOR ARTESÃO. 1 A 4 JOGADORES / 30 A 45 MINUTOS

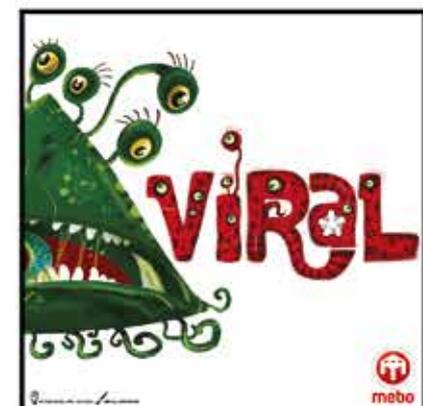
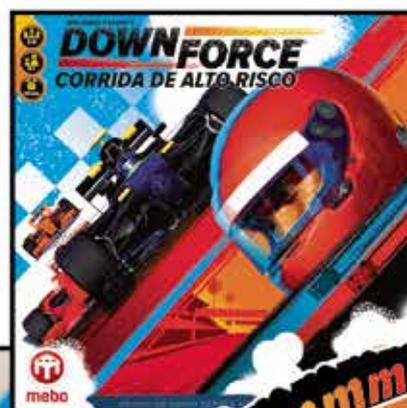


FOTO: BOARDGAMESHOT MATEUSZ ZAJDA

WWW.MEBO.PT



CADA JOGADOR É UM VÍRUS QUE TEM DE ESPALHAR-SE PELO CORPO E OBTER MUTAÇÕES DE MODO A INFECTAR TODOS OS ÓRGÃOS. MAS O SISTEMA IMUNITÁRIO NÃO VAI FACILITAR-LHE A VIDA. 2 A 5 JOGADORES / 60 A 90 MIN



GANHA A CORRIDA MAIS DESAFIANTE DE TODAS! APOSTA NO CARRO QUE TENTARA SER O VENCEDOR. 2 A 6 JOGADORES / 30 MIN

ILUSTRADOR CONVIDADO

*Artur Mósca*



**HUNTING PARTY**  
Conceito/ilustração para um projeto pessoal onde exploradores do virar do séc. XIX exploram partes desconhecidas do mundo que podem dar encontros inesperados

## THE MASSACRE

Conceito de «keyframe» para um concurso com o tema «Old West»



## IL-MAQLUBA

Exploração de uma lenda de Malta em que um deus destrói uma cidade devido à sua corrupção, salvando apenas uma criança como símbolo da inocência



**S**empre gostei de pintar e desenhar, talvez por influência do meu pai, cedo percebi que queria fazer a minha vida na área das artes. Em 2004, concluí a licenciatura em Pintura, comecei a dar aulas ao 3.º ciclo e a fazer exposições coletivas e individuais. Apesar de conseguir vender, o mercado da arte em Portugal era muito

difícil para poder fazer uma vida somente da pintura. Necessitava de trabalhar em regime full-time no campo criativo e tinha um gosto especial pelo mundo digital e pelo design, fiz as malas e mudei-me para Lisboa onde me formei em Design Gráfico e Multimédia, comecei uma carreira de 13 anos como designer em diversos estúdios,

mas continuei a pintar como *hobby* e foi quando descobri a pintura digital pela qual me apaixonei, ligando o meu gosto pela literatura fantástica à arte, podemos dizer que me encontrei.

Foi quando assisti pela primeira vez ao evento do THU (Trojan Horse was a Unicorn) que vi todas as possibilidades que as artes digitais podiam ofe-



**SCARY FAIRIE**  
Representação de «fadas» para o evento Popular Culture and the Deep Past: Fairies and the Fantastic para o Center for Medieval and Renaissance Studies da Ohio State University



**DWARF**  
Projeto pessoal, conceito de personagem



**GHALYA**  
Conceito de personagem para o jogo *Edotales*



**REST**  
Projeto pessoal. Guerreiro descansa após batalha, aguardando o próximo desafio



**THE TRUE KING**  
Projeto pessoal inspirado na obra *Macbeth*

recer. A partir daí, trabalhei imenso para desenvolver as minhas competências e os trabalhos foram aparecendo, capas de livros, cartas e conceitos para jogos, a maior parte para produções independentes. Atualmente, à parte do *freelance*, dou aulas de *concept art*, pintura digital e desenho na *Etic Algarve*. Para além das atividades profissionais, procuro sempre novos projetos aliciantes e desenvolver os meus. **BANG!**

Para mais informações:  
[www.arturmosca.com](http://www.arturmosca.com)

SABE MAIS SOBRE O ILUSTRADOR AQUI:





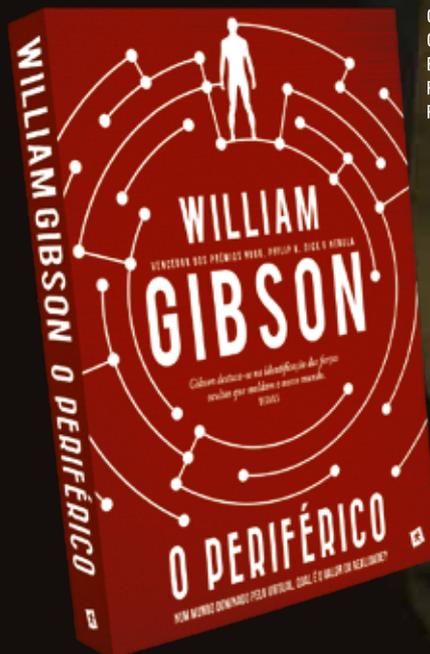
ENTREVISTA

# *O Andróide do Restelo*

por JOÃO BARREIROS

# ENTREVISTA A WILLIAM GIBSON

*«Para mim,  
a FC nunca  
foi uma  
antevisão  
do futuro.  
É mais sobre  
o momento  
em que está  
a ser escrita.»*



Obra: *O Periférico*  
Género: Ficção Científica  
Editora: Saída de Emergência  
Páginas: 464  
PVP: 18,80€

**1.** Quando escreveu *Neuromancer*, o mundo virtual ainda não era uma realidade. Entretanto tudo mudou, especialmente a FC como gênero literário. Pode esta nova realidade ser o prenúncio da morte do movimento *ciberpunk* que ajudou a criar?

O *ciberpunk* é uma situação sem precedentes de passado-futuro (uma visão datada e genérica do passado) porque é uma mistura dos dois e, surpreendentemente, uma descrição precisa deste novo século. Como se a FC dos anos 20 previsse exatamente a realidade dos anos 60. Isto nunca tinha acontecido.

**2.** Como é que surgiu o conceito «ciberespaço»? Quais são as consequências dessa nova perspectiva da realidade na cultura atual — jogos, artes, moda, música? A verdade é que vivemos no futuro que imaginou e estranhamente quase ninguém sabe disso.

A minha percepção da FC nos anos 80 era pegar na realidade dessa época e apresentá-la no futuro. Muito pouca FC dessa altura pareceu-me fazer isso, quando eu comecei.

**3.** *The Difference Engine* originou as raízes de um novo subgênero de FC, o *steampunk*. Ou seja, *hard-core science*. Mas, para outros autores de *steampunk*, esse subgênero parece estar associado a magia, corpetes e óculos espelhados na cabeça de todas as personagens. Consegue explicar o porquê desta nova interpretação simplista?

A estética do *steampunk* passou de uma pequeníssima parte de ficção para a estética pop em grande escala de forma muito célere. Apenas alguns entusiastas de *steampunk* terão lido *The Difference Engine*. O *ciberpunk* existe hoje em dia como um mero movimento genérico da estética pop.

**4.** Recentemente escreveu o que podemos chamar de três *thrillers* contemporâneos. Sentiu que precisava desta mudança? Ou seja, a FC, como era, não o realizava?

Para mim, a FC nunca foi uma antevisão do futuro. A FC é mais sobre o momento em que está a ser escrita. Os *The Bigend Books* foram parcialmente escritos como forma de demonstração de que as ferramentas utilizadas para a escrita de FC são agora essenciais para a produção de ficção puramente contemporânea.

**5.** Entre a trilogia *The Sprawl* e os seus novos livros, existe uma diferença abissal quanto ao tema, provavelmente maior que o número de anos que os separam. O futuro que existia no *Neuromancer* é agora um passado-futuro. Consegue explicar esta mudança?

Eu gostava de ter visto um heroico abismo, na realidade. O *Periférico*, sendo uma obra tradicionalmente de FC, parece ter muitas semelhanças temáticas com o *Neuromancer*, que eu também considero ser, tematicamente, uma obra tradicional de FC. Embora sejam muito mais ficção naturalista do que FC tradicional.

**6.** Estaremos já a mergulhar num apocalipse lento, o *jackpot* que menciona no seu livro? Acha que é possível revertermos essa situação ou a sobrevivência da raça humana está entregue à oligarquia?

A humanidade parece não ter tido uma ideia cultural de um apocalipse lento. Eu diria que esse *jackpot* data do início do consumo em massa dos combustíveis fósseis, embora alguns considerem que começou com o cultivo de cereais.

**7.** O seu novo livro, *Agency*, tem sofrido adiamentos na data de publicação. Parece que há uma história interessante por trás disso. Principalmente no que diz respeito ao presidente dos Estados Unidos. Consegue explicar-nos o que aconteceu?

*Agency* é uma sequência/prequela d'O *Periférico*, e passa-se na mesma realidade. A presidência a que se refere é a de Clinton, mas não tem quase nada a ver com a história, embora as divulgações iniciais tenham falhado em apontar isso. Uma quantidade anormal de alterações caóticas no nosso mundo fez com que a estimativa que costumo fazer saísse muito mais difícil e demorada.

**8.** Costumava dizer: «o futuro está aqui. Não está é distribuído uniformemente». Continua a acreditar nisso? Como é que as teocracias existentes resistem às liberdades do futuro?

Se é verdade, então será sempre verdade. O objetivo das teocracias instituídas é a resistência à mudança.

**9.** Quem são, hoje em dia, os autores de FC que merecem particular atenção?

Entre os novos escritores, gostei particularmente das obras de Annalee Newitz e de Charlie Jane Anders. **BANG!**



### João Barreiros

Licenciado em filosofia e professor do ensino Secundário, é tradutor, autor e (até já foi) editor de ficção científica.

Os seus livros saíram com as chancelas da Caminho, Livros de Areia, Presença, Saída de Emergência e Gailivro. Em Espanha foi publicado pela Bibliopolis.

# RICHARD À DESCOBERTA DE CORBEN

POR JOÃO LAMEIRAS

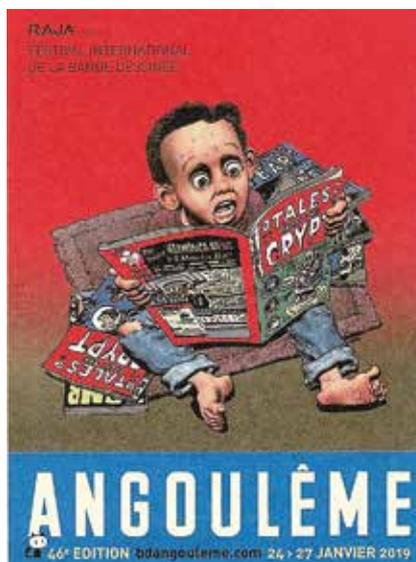




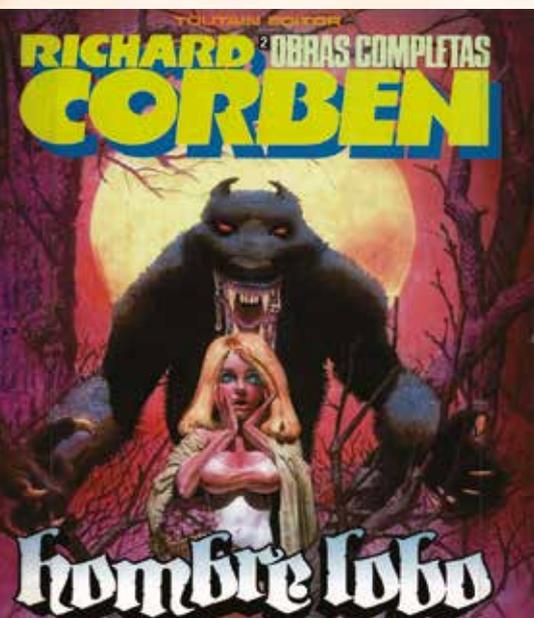
**Vencedor do Grande Prémio de Angoulême, o mais importante festival europeu de Banda Desenhada, em 2018, o americano Richard Vance Corben é um nome relativamente pouco conhecido em Portugal, lacuna que este artigo pretende ajudar a corrigir.**

**N**ascido em Anderson, Missouri, em 1940, Corben fez a sua formação em Belas Artes no Kansas City Art Institute, onde se formou em 1965. Aí entrou em contacto com a cultura *underground*, e apesar de fazer BD desde a infância, foi na animação que começou a sua actividade profissional, depois de uma curta-metragem que realizou ter chamado a atenção da agência de publicidade Calvin, que o contratou em 1965. Durante os nove anos que trabalhou na Calvin, assegurando diferentes aspectos da parte gráfica, desde ilustração de cartazes, *storyboards* e animações, Corben aproveitou o material da empresa para criar, durante os seus tempos livres, um filme chamado *Neverwhere*, misturando imagem real e animação, onde surge pela primeira vez Den, a sua personagem-fetice, que irá recuperar para a BD. Este filme, que em 1968 lhe valeu um prémio da Japan Cultural Society, acabou por ser o seu último, pois nesta altura decidiu trocar a animação pela BD, fascinado com a liberdade permitida pelos Comics Underground, onde brilhavam nomes como Robert Crumb. Para além de publicar em diversos fanzines de outros editores, Corben decide auto-editar as suas próprias histórias na revista *Fantagor*,

título que dará o nome à sua própria editora. Apesar de a edição do Comics Underground ter entrado em crise em 1975, Corben foi ainda assim o desenhador *underground* mais publicado, com cerca de 400 páginas produzidas entre 1970 e 1975, algumas delas assinadas com os pseudónimos Corbou e Gore, com destaque para títulos como *Rowlf*, ou *The Beast of Wolfton*, em que o seu fascínio por lobisomens e animais antropomorfizados, para além dos homens musculados e das mulheres com grandes mamas, é bem evidente.



Cartaz Angoulême, 2019

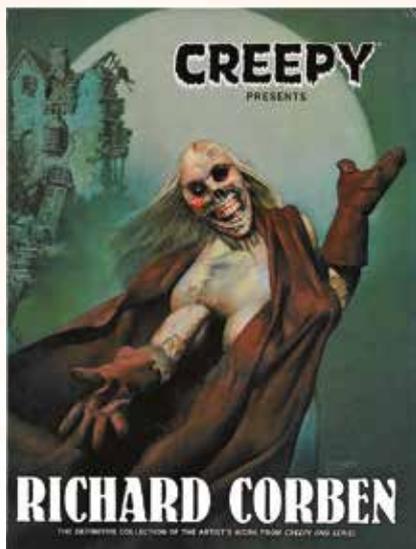


As histórias de lobisomens numa edição espanhola

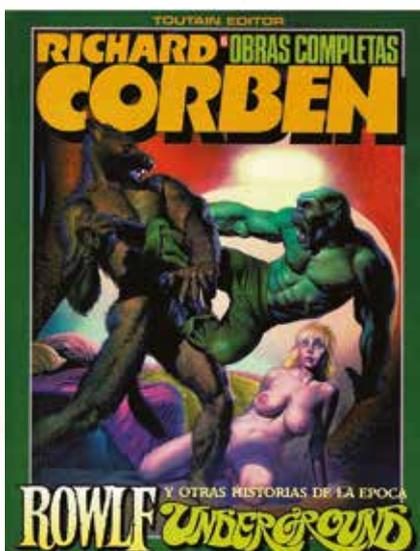
É nessa altura que Corben publica aquela que foi uma das primeiras novelas gráficas de sempre: *Bloodstar*, uma adaptação de um romance de Robert E. Howard, o criador de Conan, publicada em 1976 pela editora Morning Star Press. Misturando de forma judiciosa o texto de Howard com as suas espectaculares imagens, Corben cria uma excelente adaptação, marcada pela tridimensionalidade e sensualidade das personagens e pela representação crua da violência. Infelizmente, por divergências com o editor, que lhe ficou com os originais, o que impede qualquer reedição, este é um trabalho quase desconhecido da maioria dos leitores, que foi editado pela última vez na Europa em meados dos anos 80.

Felizmente, o mesmo não sucedeu com os seus trabalhos para a editora Warren, editora especializada em revistas de terror, que prosseguiu a herança da EC Comics, a mítica editora que formou leitores como Bernie Wrightson e o próprio Richard Corben. Entre 1970 e 1979, num espaço de pouco mais de oito anos, Corben ilustrou quarenta histórias para as revistas *Eerie*, *Creepy*, e *Vampirella*, da Warren Publishing, para além de mais de uma dezena de capas. Histórias de terror escritas por escritores como Bruce Jones e Jan Strnad, com quem Corben colaborou desde os seus tempos dos Comics Underground, mas que incluem também adaptações de H. P. Lovecraft e sobretudo de Edgar Allan Poe, autores a que, como veremos, Corben regressará por diversas vezes ao longo da sua carreira.

Para além da oportunidade de pu-



Livro que recolhe as histórias de Corben para a editora Warren

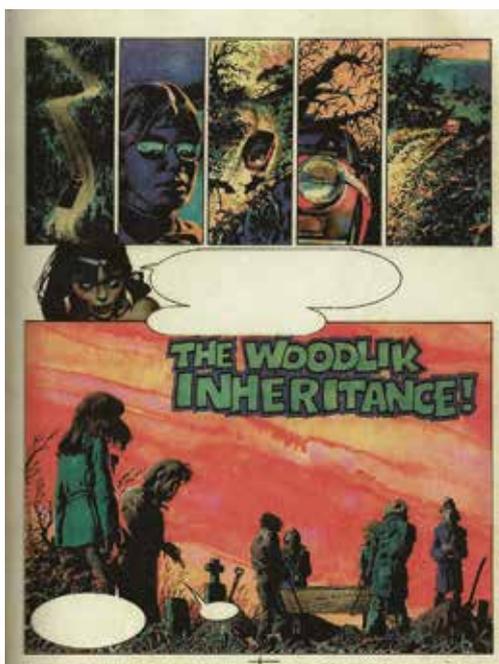


Os primeiros trabalhos de Corben em edição espanhola



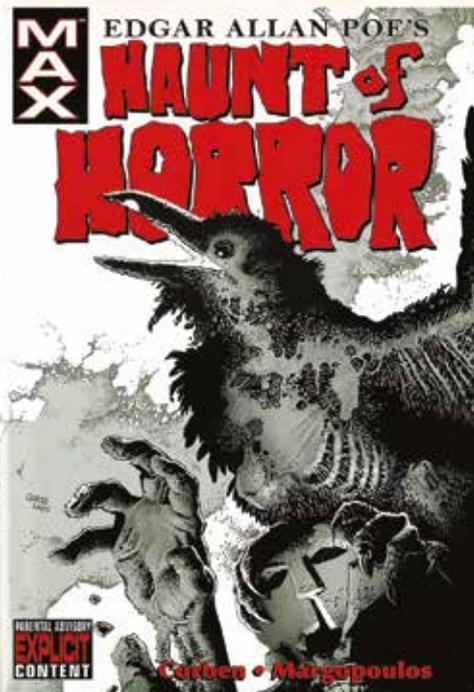
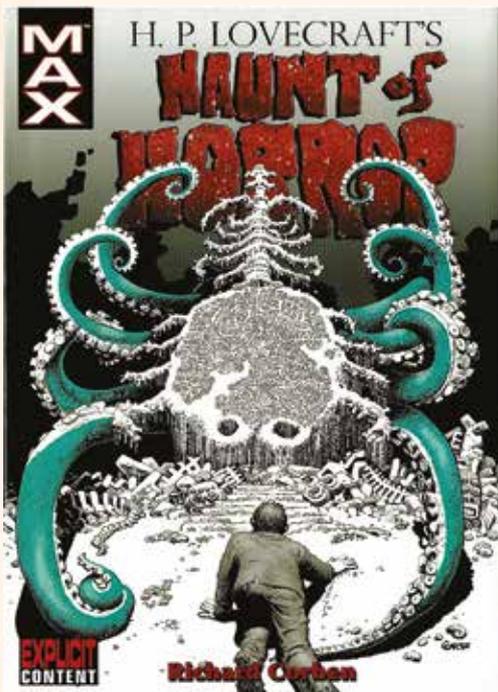
História para a revista Creepy

blicar ao lado de grandes desenhadores como Frank Frazetta, Al Williamson ou Bernie Wrightson, as revistas da Warren permitiram que Corben introduzisse a cor no seu trabalho. Impressas num papel quase de jornal, estas publicações não possibilitavam uma boa reprodução da cor, mas Corben resolveu o problema criando o seu próprio sistema de coloração, em que fazia manualmente a separação das cores em quatro chapas, cuja sobreposição dava origem à cor final. Um sistema demorado e trabalhoso, mas com resultados tão espectaculares como surpreendentes, que conquistou

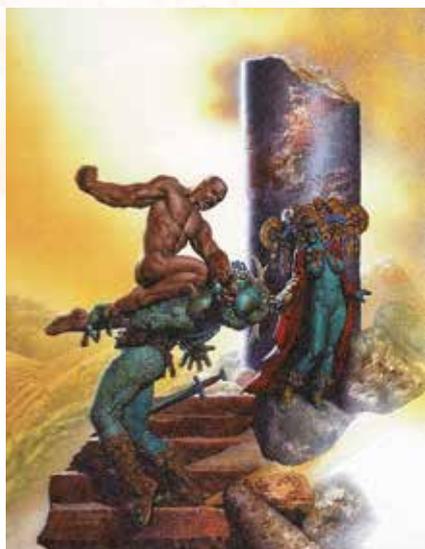


História de Corben para a revista Vampirella

«CORBEN APROVEITOU O MATERIAL DA EMPRESA PARA CRIAR, DURANTE OS SEUS TEMPOS LIVRES, UM FILME CHAMADO NEVERWHERE, MISTURANDO IMAGEM REAL E ANIMAÇÃO, ONDE SURGE PELA PRIMEIRA VEZ DEN...»



As mais recentes adaptações de Den e Lovecraft



Pintura a óleo e aerógrafo usada como capa de Den II



As típicas mulheres de Corben numa prancha de Den II

imediatamente os leitores, mas sobretudo os outros desenhadores.

Entre esses desenhadores estava o francês Jean Giraud, mais conhecido por Moebius, que não foi parco nos elogios escrevendo: «lembro-me, eu e os meus companheiros da geração de Maio de 68, do choque que todos tivemos quando a primeira prancha de Richard Corben nos apareceu literalmente diante dos olhos... Richard «Mozart» Corben pisou no meio de nós como um obelisco extraterrestre... ele reina desde há muito tempo sobre o campo movimentado e colorido da BD planetária como a estátua do conquistador, monólito estranho, visitante sublime, enigma solitário... Além disso, adoro as heroínas de BD dotadas de grandes mamas.»

Daí que, quando em 1975, Moebius juntamente com Druillet, Jean-Pierre Dionet e Bernard Farkas criam a editora Humanoïdes Associés e a revista *Metal Hurlant*, Corben é o único autor estrangeiro a estar presente na revista desde o n.º 1, primeiro com histórias do seu período *underground* e, a partir do n.º 3, com *Den*, história que se tornará um dos marcos da *Metal Hurlant*, estando naturalmente presente no filme de animação *Heavy Metal*, que adapta algumas das histórias mais emblemáticas da

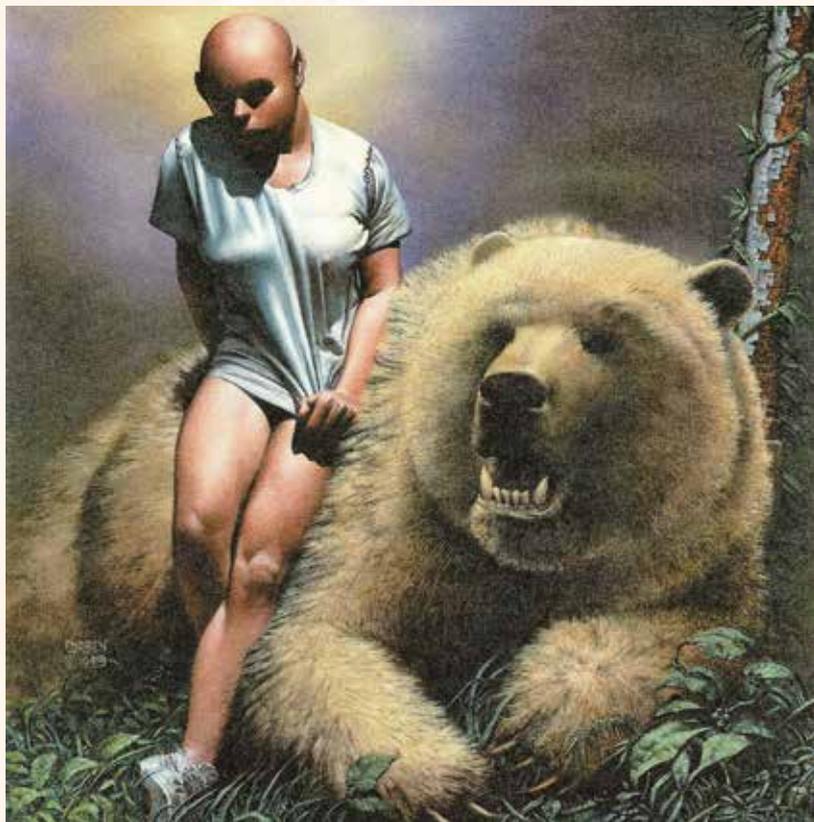
revista, com Corben a colaborar com o animador Jack Stokes nessa sequência do filme.

Contando a história de um rapaz que vai parar a um mundo desconhecido, *Neverwhere*, onde se vê no corpo — que não era o dele — de um guerreiro musculado e careca, que deambula nu por um mundo desértico, povoado por estranhas e agressivas criaturas e mulheres voluptuosas, *Den* é o símbolo perfeito da obra de Corben, com um estilo único e um tratamento de cor que dão uma tridimensionalidade às personagens que parecem esculpidas, o que não anda longe da verdade, pois o desenhador realiza esculturas em plasticina das principais personagens, para as poder representar melhor de qualquer ângulo e com qualquer luz. Mas melhor do que eu, o crítico espanhol Manuel García Quintana, define assim o estilo de Corben: «as figuras de Corben parecem desproporcionadas, grotescas e até infantis. Mas examinando-as de forma atenta, vemos que não é assim, que há uma assombrosa proporção entre todos os elementos manejados por Corben, que a desenvoltura de que faz gala converte num dos desenhadores mais prestigiados de sempre. Para além de tudo isto, Corben tem uma imaginação transbordante para construir ambientes e situações.»

Para além das obras publicadas em França na *Metal Hurlant*, nos EUA pela *Heavy Metal*, em Espanha pela editora Toutain, e que o próprio Corben editou em livro nos E.U.A. na sua editora Fantagor, o estilo inconfundível de Corben começa a surgir em



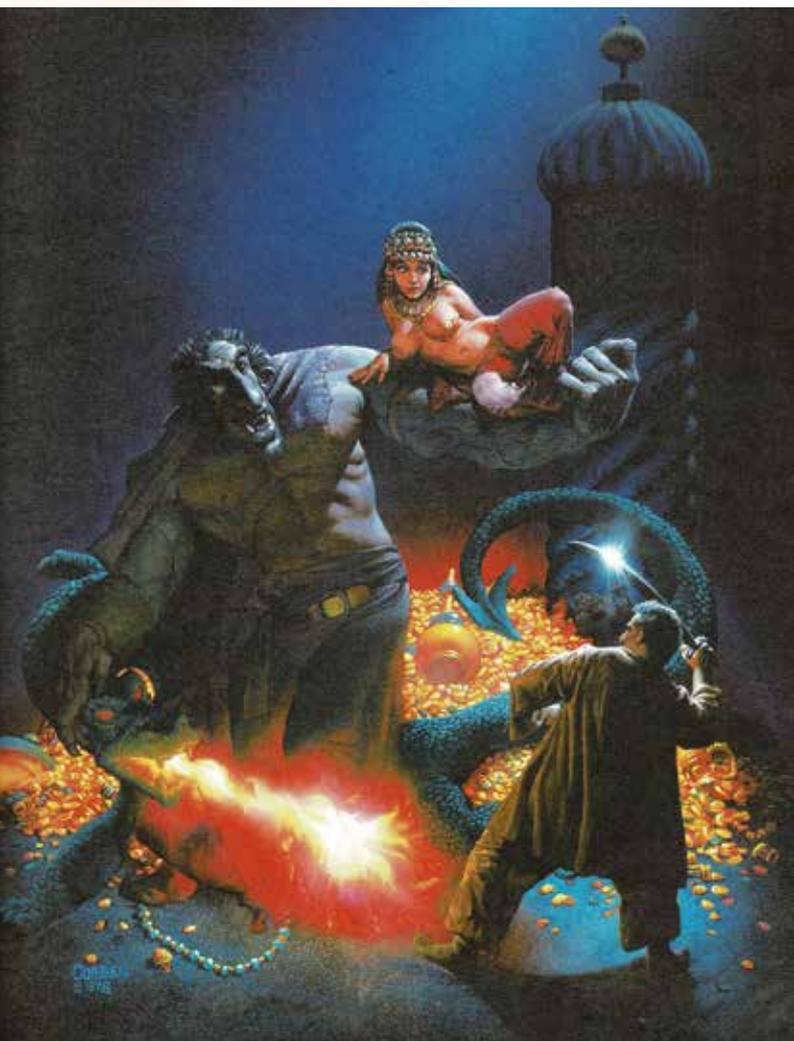
Figuras em plasticina na exposição de Angoulême



Pintura usada como capa de *Mutant World*



Pintura a óleo e aerógrafo usada como capa de *Den II*

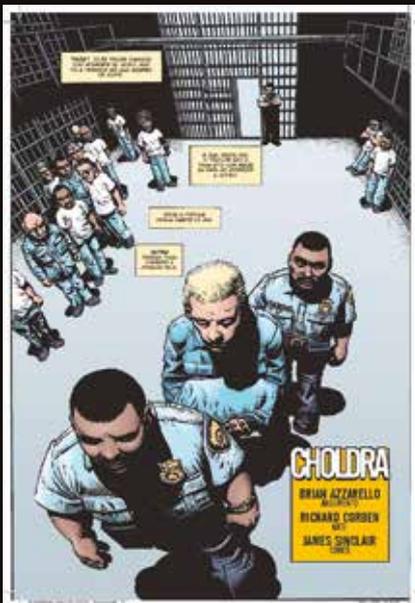


Pintura usada como capa da versão de Corben das *Mil e Uma Noites*

outros sítios, como na capa do disco *Bat Out of Hell*, de Meat Loaf, ou no cartaz do filme *Phantom of the Paradise*, de Brian de Palma. E nesse tipo de imagem, tal como nas capas dos seus livros e nas ilustrações que fazia para revistas, é possível ver uma mistura de técnicas que vão desde a utilização da pintura a acrílico ao óleo e aerógrafo para os fundos, com resultados espectaculares.

Depois de um período de grande sucesso — evidente em livros como as continuações de Den, a versão das *Mil e Uma Noites*, com argumento de Jan Strnad, *Jeremy Brood* e *Mutant World* — que dura toda a década de 80, as coisas começam a mudar nos anos 90, e em 1994 Corben é obrigado a fechar a sua editora Fantagor, vendo-se numa situação financeira complicada, de que irá sair graças à venda das suas pranchas originais e através da colaboração com grandes editoras como a DC e a Marvel. Tudo começa em 1996 com a série *Batman Black & White*, editada por Mark Chiarello, que contrata Corben e Strnad para escreverem uma história do Batman, que provavelmente quando este número da *Bang!* tiver chegado às lojas FNAC já terá saído em português pela Levoir na colecção dedicada aos 80 anos do Batman.

Segue-se uma colaboração com Brian Azzarello na série *Hellblazer*, também já publicada em Portugal pela Levoir, continuada quando o editor Axel Alonso — que tinha juntado Corebenn e Azzarello em *Hellblazer* — troca a Vertigo pela Marvel e volta a juntar a dupla nas mini-séries *Banner* e *Cage*, ambas já publicadas em Portugal. Também para a Marvel, Corben ilustra *Punisher: The End*, com argumento de Garth Ennis, mas os seus grandes projectos para a «Casa das Ideias» foram os dois volumes da série *Haunt of Horror*, onde volta aos seus escritores de referência: Lovecraft e Poe.



Hellblazer – edição portuguesa



A primeira versão de The Raven

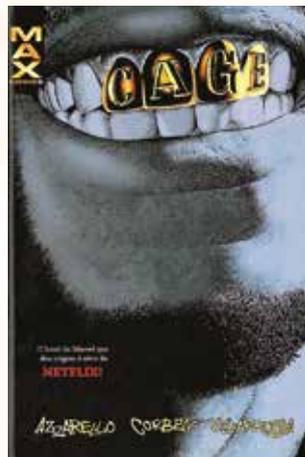


O Hellboy de Corben

No caso de Poe, Corben cria novas versões de contos que já tinha ilustrado anteriormente, como é o caso de *The Raven*, optando desta vez por uma adaptação menos literal. Como o próprio refere: «gostei de adaptar os contos de Poe para as revistas da Warren, mas tenho um lado demasiado esquizofrénico. Parte de mim quer fazer uma adaptação tão fiel quanto possível ao texto original. Outra parte de mim quer descolar do texto, partindo da ideia inicial para criar uma coisa mais pessoal.»

Outra vertente do trabalho mais recente de Corben é a sua colaboração com Mike Mignola na série *Hellboy*, em que ilustra mais de uma dezena de histórias do herói criado por Mignola, a partir de argumentos deste. E, como podemos ver por um original do *Hellboy* de Corben, aqui reproduzido, os dois mundos fundem-se de forma harmoniosa. O jogo de sombras e a própria figura do *Hellboy* estão próximos do desenho de Mignola, enquanto que os cenários, os monstros e a vegetação são puro Corben.

Para além de *Hellboy*, Corben tem publicado recentemente outros títulos na Dark Horse, como a mini-série *Rat God*, *Spirits of the Dead*, outra re-visitação da obra de Poe, que inclui uma terceira versão de *The Raven*, com cores digitais do próximo Corben e da sua filha Beth Corben Reed, e *Ragemoor*, mantendo-se bastante activo apesar de estar cada vez mais perto dos 80 anos. Indivíduo bastante reservado, que raramente dá entrevistas, nem se desloca a festivais de BD, Richard Corben não tem tido a projecção que a sua obra justifica. Algo que esperamos que venha a mudar, graças ao Grande Prémio de Angoulême, atribuído por votação dos autores com livros publicados em França e à magnífica exposição que lhe foi dedicada, de que cujo catálogo saíram a maioria das ilustrações que acompanham este artigo. **BANG!**



Luke Cage por Corben



Batman: Black and White



## João Lameiras

João Lameiras é Mestre em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido uma vasta actividade no campo da Banda Desenhada, como conselheiro editorial, tradutor, argumentista e crítico para diversas editoras e publicações e é sócio-gerente da Livraria Dr. Kartoon. Escreve com frequência no seu blogue <http://porumpunhadodeimagens.com>.



Imagem retirada do filme *A Caçada do Malhadeiro*, 1969

por João Monteiro

# história do breve cinema de terror português *reloaded*

– Do «Negro» ao Contemporâneo –

# Do fundo do poço



**Há oito anos, foi publicado nesta revista um artigo intitulado «História do Breve Cinema de Terror Português» (BANG! n.º 10, Junho de 2011), que sintetizava a pesquisa feita para a secção *Quarto Perdido* do festival MOTELx. Em 2019, esta secção comemora uma década de atividade contínua, num trabalho que acabou por desenterrar mais títulos dos que constavam nesse artigo. Será, por isso, oportuno fazer uma adenda, na expectativa de o tornar o mais completo possível, fruto de uma investigação permanente, que um dia possa desembocar num estudo sério sobre o terror português.**

udo começou com uma lista. Elaborada pelo investigador José Matos-Cruz, nela constam uma série de filmes fantásticos produzidos num século de cinema português. Uma década depois do nascimento da secção *Quarto Perdido*, o número de filmes aumentou e, provavelmente, assim continuará. O grande desafio será, a partir desta base, caracterizar isto do «cinema português de terror». Se o género é filho da literatura gótica oitocentista, talvez não seja inusitado ter como ponto de partida o estudo de Maria Leonor Machado de Sousa, *A Literatura «Negra» ou de Terror em Portugal (séculos XVIII e XIX)*, publicado em 1978. Nele, a autora conclui que o género não se terá desenvolvido em Portugal devido, em grande parte, à censura e às péssimas traduções. No entanto, o pouco que por cá se fez poderá ser apelidado de «negro», termo que define essencialmente «toda esta literatura desenvolvida num ambiente de terror». Esta terminologia define o cenário sombrio e sepulcral onde a ação se desenrola e pode aplicar-se igualmente aos filmes de temática fantástica, produzidos em Portugal, principalmente até à revolução de Abril, como *O Cerro dos Enforcados* (1954) por exemplo, adaptação do conto *O Defunto* de Eça de Queiroz. Não será de espantar que a literatura «negra» tenha tido maior expressão no movimento romântico português, em particular na obra de Eça, Camilo e Herculano, todos eles representados na *Antologia do Conto Português Fantástico* publicado pela editora Afrodite em 1967, o único compêndio de literatura «negra», fantástica e de antecipação (vulgo ficção científica) produzida em Portugal.

O primeiro filme a acrescentar à lista de Matos-Cruz está ligado ao movimento romântico e encaixa-se perfeitamente na definição de «negro» enquanto exploração da mente criminosa, categoria que a autora destaca. Adaptado de um conto homónimo do Conde de Ficalho, Francisco Manuel de Melo Breyner (1837-1903) - fundador do Jardim Botânico, amigo de Eça e membro do grupo dos «Vencidos da Vida» - *A Caçada do Malbadeiro* foi produzido, escrito, realizado e montado pelo «tenente-coronel» Quirino Simões e estreado em 1969. Este ex-oficial da Força Aérea começou por realizar curtas-metragens documentais produzidas pelo exército, como *Angola na Guerra e no Progresso*, um documentário propaganda ao Estado Novo que associou o realizador para sempre ao regime de Salazar. O filme narra um episódio que decorre durante a retirada das tropas francesas do Marechal

Massena entre 1808 e 1810. Um grupo de soldados franceses tomam de assalto a casa de um malhadeiro e, durante a noite, abusam sexualmente da sua filha. Este, com a ajuda do filho, persegue-os e «caça-os» um a um. Pouco mais há a dizer sobre a trama do filme que se resume à concretização da vingança do malhadeiro, a não ser que esconde um subtexto patriótico resumido nas notas de produção do filme: «tem por tema a reacção dos portugueses à violação dos seus direitos, dos seus usos, da sua terra ou da sua família» durante as invasões francesas.

A melhor maneira de descrever *A Caçada do Malhadeiro*, passado meio século da sua estreia, é classificá-lo à luz de uma nomenclatura contemporânea como um *rapt-and-revenge* que tem como pano de fundo as invasões francesas, definição que julgo bastar para o tornar num caso único quanto a cinema português. O MOTELx exibiu-o sob outra terminologia, a «Lusoexploitation», que pretende agrupar e definir a pequena vaga de filmes *exploitation* produzidos em Portugal entre 1967 e 1972. *A Caçada do Malhadeiro* possui uma empatia estética com estes filmes, através do uso da película *Eastman-color*, a fotografia oficial do *exploitation* europeu; e ética, com a sua exposição gráfica de violência cinematográfica. A ousadia da cena da violação assim como algumas mortes filmadas à *western* (em particular o soldado morto à machadada) fizeram com que o filme tivesse alguns problemas com a censura que o classificou para M17. Solicitaram ainda alguns cortes que acabaram por não se concretizar e o filme estreou na íntegra. Resta acrescentar que *A Caçada do Malhadeiro* foi o único filme português ambientado durante as invasões napoleónicas até *As Linhas de Wellington* de 2012.

Ainda mais raro e perfeitamente identificado com esta «Lusoexploitation» — talvez o seu derradeiro título é *O Espírita* realizado em 1976 por Augusto Fernando. Pouco se sabe sobre este realizador, mas aquilo que foi possível descobrir daria para fazer um outro filme. Augusto Fernando participou no desvio de um avião da TAP dirigido por Palma Inácio, ação denominada

Operação Vagô. Depois deste episódio tornou-se exilado político, tendo vivido em Espanha, Itália e Alemanha, onde iniciou uma carreira no cinema como figurante, progredindo posteriormente para duplo, ocupação que lhe valeu a alcunha de *O Português*. Quando tomou conhecimento do 25 de Abril, veio ver o novo país. Encontrou em Portugal «uma verdadeira mafia de sanguessugas que vivem não para o cinema mas à custa do cinema». Os seus projetos passavam por estabelecer em Portugal coproduções regulares com Espanha, França e Itália; trazer equipas e equipamentos estrangeiros que permitiriam



a formação de técnicos portugueses; e promover um festival de cinema no Estoril que servisse o turismo e também a implantação de Portugal nos hábitos dos grandes produtores.

Voltando ao filme, este conta a história de Alberto Ramos, conhecido como «o melhor fotógrafo de Lisboa» e, ao mesmo tempo, médium das classes abastadas, principalmente de viúvas ricas que o procuravam para contactarem os falecidos cônjuges. Alberto deixa-se possuir pelos espíritos dos defuntos, para que estes possam voltar a «serem homens» — sim, *O Espírita* é um terror erótico. Uma destas encarnações corre mal e Alberto vê-se à mercê de um marido ciumento que se manifesta sob a forma de um miar de gato. *O Espírita* tresanda a culto por todos os lados e em Espanha chegou inclusivamente a ser vendido sob o título *O Exorcista III*. Filmado maioritariamente em estúdio, provavelmente em Espanha, os exteriores no entanto são todos apontamentos

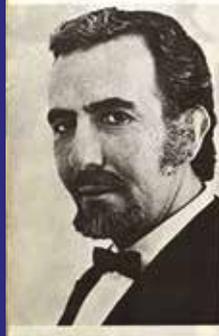
da Lisboa típica — uma casa de fado de Alfama, o Cais da Ribeira, o Tribunal da Boa-Hora, etc. *O Espírita* viria a ser vendido para vários países, menos em Portugal, onde terá tido uma exibição fugaz no Coliseu do Porto em 1977. Hoje em dia, o único formato de exibição deste filme é um VHS.

Aproveitando a deixa dos formatos antigos, passemos ao pequeno ecrã onde surgiram propostas mais assumidas em termos de género, e que hoje se encontram «sepultados» nos arquivos da televisão pública. Falamos principalmente de uma realizadora chamada Noémia Delgado, a única mulher que pertenceu ao Centro Português do Cinema, cooperativa de profissionais do cinema subsidiada pela Fundação Gulbenkian e fundada em 1970. Em cinema realizou o documentário etnográfico *Máscaras* com o marido na altura, o poeta Alexandre O'Neill. Os concursos falhados para financiamento do Instituto Português do Cinema levaram-na a virar-se para a RTP. «Lembrei-me de que o fantástico era um género pouco visto na televisão e propus filmar uma série de contos fantásticos, de cerca de três

quartos de hora de duração, adaptados de obras da nossa literatura», contou em entrevista.



"O Portugal". Restaurada e libertada, que mais poderia agora fazer do que participar na construção do novo Portugal — onde, no tempo do cinema negro, havia tudo para fazer — pondo à sua disposição de tantos anos e até as economias que ficara à frente de uma empresa cinematográfica que fazia filmes para todo o mundo? Filmes que davam divórcio ao País, trabalho para técnicos e artistas e satisfação para o público? Autor de argumentos e guetos, ele preferiu escrever temas e dialogar, como não podia deixar de ser, de "O espírito" (com o espírito "O espírito") seu primeiro filme de fundo com produtor e realizador. Depois, passou à acção. Foi uma enorme surpresa e espanto.



«VIM FAZER A LISBOA  
O MEU PRIMEIRO FILME  
COMO PRODUTOR  
E REALIZADOR  
MAS ENCONTREI  
TANTAS DIFICULDADES  
QUE ESTIVE A UM PASSO  
DE DESISTIR, VENDENDO-ME  
OBRIGADO A TRAZER  
DE ESPANHA TODA A EQUIPA  
TÉCNICA E ARTÍSTICA!»



**P**ara a seleção dos contos, Noémia utilizou a antologia da Afrodite, conseguindo levar ao pequeno ecrã 7 dos contos que podemos encontrar no livro, incluindo os «negros»: «A Reencarnação Deliciosa» de Aquilino Ribeiro, «A Noite de Walpurgis» de Hugo Rocha, «O Defunto» de Eça e «Os Canibais» de Álvaro de Carvalho. No entanto, o episódio mais conhecido e provavelmente o mais conseguido da série é «A Princesinha das Rosas» a partir do conto de Fialho de Almeida. Centra-se na princesa Naíde, nascida da união entre um pescador e uma sereia, adotada pelos monarcas de um país sem herdeiros, mas a quem o apelo das águas acabará por prevalecer. Noémia filma o conto com uma simplicidade *naïve* que acentua o carácter de fábula mágica da história, apesar de esta falar de reinos subaquáticos difíceis de filmar com orçamentos de «700 contos».

O texto original chegava ao século XXI e destacava apenas a curta *I'll See You in My Dreams* e a longa (bastante «negra») *Coisa Ruim*, os títulos mais óbvios à altura, mas a primeira década deste século foi pródiga em surpresas que, por força de algum pudor promocional e do habitual preconceito da crítica, escaparam ao radar do terror. O caso mais flagrante é o murro no estômago da praxe académica conimbricense chamado *Rasgança*, primeira longa de Raquel Freire. O título refere-se a um ritual no qual o jovem doutorado é submetido ao rasgar do traje académico com os dentes e unhas. O filme centra-se em Edgar (Ricardo Aibéo, provavelmente o único *serial killer* do cinema luso), um misterioso rapaz que chega a Coimbra, cidade que lhe nega o acesso à vida académica por não ser estudante; esta privação resulta na sedução de jovens estudantes que são drogadas, violadas e mutiladas, com os princípios da academia cravados no peito. Estamos perante o único *slasher* académico do cinema português. Apesar da marca autoral, a realizadora não se esconde por detrás do «fora de plano», filmando a violência sexual de maneira bastante explícita e desconfortável. O ataque é de tal ordem que dias antes da estreia do filme o Conselho de Veteranos da Universidade de Coimbra, órgão máximo da praxe académica, emitiu uma nota de repúdio onde considera que a riqueza e a tradição da praxe não estariam fielmente retratadas no filme.

Outra realizadora com uma visão muito *sui generis* sobre as potencialidades do cinema de género português é a luso-sueca Solveig Nordlund que em 2003 realizou *A Filha*, título poucas vezes celebrado da sua obra, principalmente em comparação com *Aparelho Voador a Baixa Altitude*. Nuno Melo é Ricardo, um guru da emergente Reality TV que vive uma vida condizente com o sucesso dos seus projetos televisivos. Um dia, ao chegar a casa, apercebe-se que a sua filha fugiu. A sua busca fá-lo cruzar-se com Sara (Joana Bárcia), uma jovem oportunista desesperada por uma carreira na TV, que lhe diz conhecer a sua filha. Gradualmente, desenvolvem um perigoso jogo que termina com Ricardo convencido que Sara é de facto a sua filha e é durante o último terço do filme que descobrimos a verdadeira natureza da relação que tinha com esta. *A Filha* é um *thriller* psicológico visceral como poucos no nosso cinema, que expõe sem escrúpulos um retrato de uma sociedade autofágica obcecada pelo supérfluo e o imediato, e que por isso mesmo tão relevante hoje como à data da sua estreia.

Num registo totalmente diferente, surge o filme que Miguel Gonçalves Mendes fez entre *Autografia* e *José & Pilar: Florípes*. Alternando entre o registo documental e ficcional, o filme debruça-se sobre uma das lendas nacionais mais populares, a da Moura Encantada, e acaba por ser uma meditação sobre, por um lado, a dificuldade em traduzir cinematograficamente estas narrativas (principalmente num país sem tradição fílmica de género), em paralelo com a incapacidade em preservar uma memória popular. Também navegando entre registos cinematográficos, está a obra-prima de Edgar Pêra: *O Barão*. O realizador casa a temática antissalarista do livro de Branquinho da Fonseca com as suas referências estéticas pessoais, criando uma mitologia em torno do próprio filme que é vendido como um *remake* de um material fílmico que o Estado Novo tentou destruir nos anos 40. Na verdade, *O Barão* parece antes um *remake* de *Drácula* de Tod Browning, assumindo mais uma vez a marca autoral de Pêra, a fusão entre o popular e o experimental. E se o terror português for um dia objeto de um estudo académico sério, o ator Nuno Melo surgirá como o seu rosto mais representativo, um autêntico «Christopher Lee luso».

E chegamos a uma encruzilhada. A partir da segunda década deste século surge uma nova geração, informada pelo consumo massivo deste género, principalmente em clubes de vídeo, longe das matrizes estéticas e temáticas da escola de cinema ou do próprio cinema português. Filmes como *A Floresta das Almas Perdidas* de José Pedro Lopes, *Mutant Blast* de Fernando Alle ou *Inner Ghosts* de Paulo Leite marcam o início de uma nova era, de uma outra história do terror português, mais assumida e já totalmente afastada do tímido género «negro» de outrora. Estamos igualmente defronte de um cinema cujas marcas nacionais aparecem dissimuladas ou mesmo inexistentes, consequência de um mercado sem força que sustente qualquer produção sistemática deste tipo de filmes. Estes novos cineastas não têm outra opção senão pensar em exportar o seu trabalho. Mas apesar de a conjuntura nunca ter sido favorável, sejam as razões regimes fascistas ou mercados sem expressão, os filmes foram-se fazendo e parece que o terror português é cada vez mais bem-vindo. **BANG!**



## João Monteiro

Nasceu a 17/05/1977.

Licenciado em História da Arte.

Sócio fundador do Cineclub

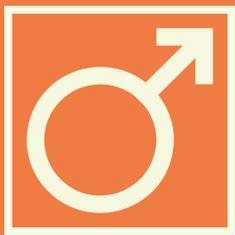
de Terror de Lisboa (CTLX)

e produtor/programador

do MOTELx.

GOSTOU DESTA ARTIGOS? DEIXE A SUA OPINIÃO EM:  
[WWW.REVISTABANG.COM](http://WWW.REVISTABANG.COM)





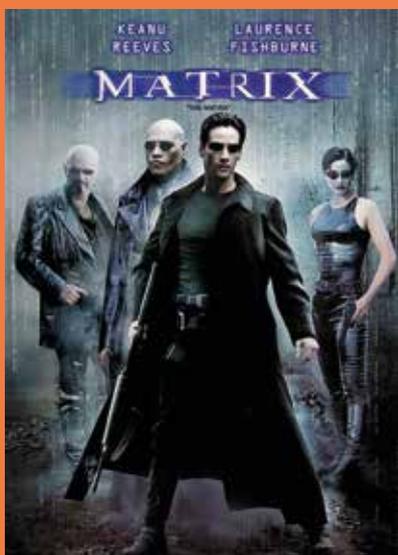
## *Era um comprimido azul, se faz favor!*

Há pouco tempo vi um filme de ficção científica. Não sei se o leitor já ouviu falar. Chama-se *Matrix*. Vi porque pensava que era um filme sobre o Excel. Afinal acabei por não aprender nada sobre Excel e perdi o meu tempo a ver um filme de esquerda.

**P**ara quem ainda não viu, aconselho-vos a não perderem o vosso tempo. No filme, um nerd da informática, o Dr. Neo, começa a reparar que existem coisas estranhas. Às vezes acontece-me o mesmo. Normalmente, tomo um Ben-u-Ron e passa. Só que ele preferia tomar outro tipo de drogas. Nomeadamente um comprimido vermelho que um indivíduo misterioso que o raptou lhe ofereceu.

Esse tal indivíduo, o Dr. Morpheus, até foi bem-educado. Disse que ele podia tomar um comprimido azul e que ele se esqueceria de que tudo aquilo lhe tinha acontecido e continuava a sua vida. Devia ser Ben-u-Ron. A alternativa era o comprimido vermelho. O comprimido comunista que ia mudar completamente a sua vida e revelar-lhe a verdade.

Uma pessoa séria jamais aceitaria tomar este tipo de drogas. Os traficantes dizem este tipo de coisas para as pessoas ficarem agarradas à droga e tornarem-se drogadas. É marketing. É o discurso que se ouve muitas vezes em eventos como o Boom Festival e que geralmente acabam em salas de urgência a fazer uma limpeza ao estômago. Normalmente, essa é a «verdade» revelada pelas drogas. Só que o protagonista, o Dr. Neo, aceitou tomar o comprimido vermelho. Arrependeu-se logo a seguir, mas como é



óbvio nunca o iria admitir.

A droga fez com que ele acordasse numa espécie de casulo. Mal acordou foi apanhado por uma nave e explicaram-lhe que, na realidade, os humanos estavam aprisionados por máquinas que os utilizavam como fonte de energia. A realidade que os humanos experienciavam era uma

simulação criada pelas máquinas chamadas Matrix, que é uma forma de entreter os humanos enquanto estes fornecem energia às máquinas.

Que porcaria de realidade que a droga vermelha revelou. Mais valia o Dr. Neo ter ficado na Matrix a aproveitar as coisas boas que as máquinas tinham programado para ele. A verdade é que, se as máquinas triunfaram, os humanos, como criadores delas, só têm de se sentir orgulhosos. São as nossas filhas. É natural que os filhos acabem por ultrapassar os pais. Se as máquinas nos dominaram foi porque mereceram. No mercado livre, ganham os mais fortes, neste caso as máquinas. Temos de admitir que o nosso cérebro é muito arcaico quando comparado com alguns processadores. Se eu conseguisse fazer folhas de cálculo na cabeça, acham que utilizava o Excel?

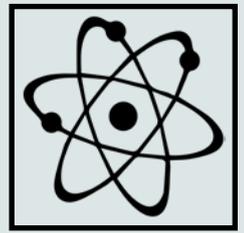
Eu não sei se vivo numa

simulação e tudo isto que me está a acontecer é um jogo de computador. Se é, só tenho de agradecer às entidades que lá me colocaram, porque está a ser incrível. Podiam ter feito um jogo de computador em que eu era pobre, esquerdalho e incompetente, passo o pleonasmo. Mas não! Criaram uma realidade em que eu sou um homem de sucesso. Se puder ser útil a essas entidades produzindo energia para elas sobreviverem, melhor. **BANG!**



### **Jovem Conservador de Direita**

É a voz política mais importante a emergir no panorama político português no pós-11 de Setembro. É autor do livro premiado *A Era do Doutor* e de inúmeros ficheiros do Excel e posts na sua página do Facebook. Como única figura da direita com credibilidade neste momento, é a grande e única esperança num futuro pós-geringonça não distópico.



QUANDO  
AS CRIANÇAS  
OLHAREM PARA  
OS GRANDES  
CIENTISTAS COMO  
OLHAM PARA OS  
GRANDES MÚSICOS  
E ATORES, A  
CIVILIZAÇÃO VAI  
AVANÇAR PARA O  
NÍVEL SEGUINTE  
-BRIAN GREENE

# EU AMO CIÊNCIA. E TU?

Por Luís Corte Real

Faz este ano quinze anos que a Saída de Emergência nasceu. E, de tudo o que fizemos nesse período, uma das coisas que mais me orgulha é a Coleção Bang! O mercado nacional precisava de uma coleção que oferecesse literatura fantástica de forma regular, dos clássicos aos novos talentos, que trouxesse a Portugal autores que não estávamos habituados a ver em pessoa, que lançasse uma revista como esta que têm nas vossas mãos, que organizasse um festival para comemorarmos em conjunto a nossa paixão nerd. Todos os leitores que acompanham a coleção há muito perceberam que esta é fruto do amor ao género.

Passados todos estes anos, sinto que o mercado precisa de outra coleção. Uma de divulgação científica. É certo que já existem outras coleções com o mesmo objetivo, mas, infelizmente, passam tão despercebidas nas livrarias e nos *media* que o seu objetivo dificilmente é cumprido.

Com o selo da Desassossego, a chancela de não ficção da Saída de Emergência, tenho o prazer de apresentar a coleção EU AMO CIÊNCIA, que pretende agitar a forma como se divulga ciência junto do grande público em Portugal, conquistando espaço e visibilidade para a ciência nas livrarias. Prevemos publicar quatro a seis títulos por ano, sobre vários ramos da ciência, desde a genética à astrofísica, da saúde à alimentação, passando pela biologia do cérebro à origem da vida na Terra.

A coleção EU AMO CIÊNCIA pretende divulgar a ciência e o método científico. Não pretende confrontar nem antagonizar, mas sim dar a conhecer. Queremos criar céticos que usam a razão para fazer as suas opções. Num país onde as teorias da conspiração e as *fake news* estão em crescimento; onde a pseudociência na

saúde e alimentação faz cada vez mais vítimas; onde os antivax e os negacionistas das alterações climáticas têm cada vez mais voz, é preciso reagir. Com informação credível. Com divulgação científica acessível ao grande público. É preciso amar a ciência. E este é o nosso manifesto:

COLEÇÃO  
EU   
CIÊNCIA

É verdade, amamos ciência. E amamos a curiosidade, a paixão pelo mistério e o prazer da descoberta que alimenta os cientistas. Amar ciência é muito mais do que respeitar um corpo de conhecimentos. É abraçar uma forma de pensar que exige evidências verificáveis e as analisa com o uso da lógica. E porque Portugal precisa de mais literacia científica, aqui estamos nós – livro a livro, queremos ajudar os portugueses a serem mais céticos, a estarem mais informados e, acima de tudo, mais preparados para o futuro.

Nas páginas seguintes, damos a conhecer um pouco dos autores e do catálogo para os próximos meses, bem como um excerto de *As Origens de Tudo* de Jürgen Kaube, primeiro volume da coleção EU AMO CIÊNCIA.

VEM CONHECER A COLEÇÃO AQUI:

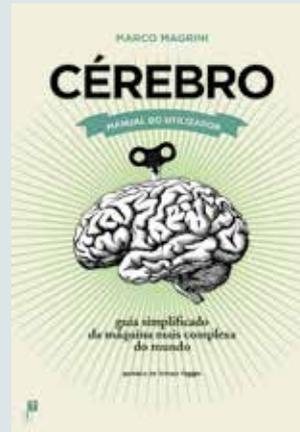




## Jürgen Kaube

Reconhecido especialista na área da divulgação científica.

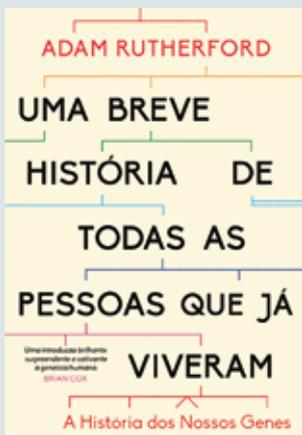
Data de Publicação: abril 2019



## Marco Magrini

Jornalista na área da ciência e tecnologia, escreve para a revista da Royal Geographical Society.

Data de Publicação: junho 2019



## Adam Rutherford

Especialista em genética, tem vários livros publicados sobre a genética e a origem da vida.

Data de Publicação: outubro 2019

E ainda:

## *The Science of Sin* Jack Lewis

Data de Publicação: julho 2019

## *Inferior* Angela Saini

Data de Publicação: julho 2019

## *Origins* Neil deGrasse Tyson

Data de Publicação: outubro 2019



◀ Jürgen Kaube

Adam Rutherford

◀ Neil deGrasse Tyson

Marco Magrini

© Michael Campanella/Getty Images

## INTRODUÇÃO

## A Roda

Tropeça mais facilmente quem leva a lanterna do que aquele que a segue.  
JEAN PAUL

As invenções mais importantes não têm inventor. Desconhecemos quem foi a primeira pessoa a caminhar ereta ou quem pronunciou a primeira palavra; não sabemos qual foi a primeira comunidade a idolatrar um ser invisível ou a iniciar a dança. Como se chamava a primeira cidade? Quem aceitou a primeira moeda, transformando-a, então, em dinheiro? Onde viveu o primeiro casal monogâmico?

A circunstância de não sabermos a resposta a estas perguntas não se deve apenas ao nosso desconhecimento. Tampouco se deve apenas à distância temporal em relação a eles que, por falta de vestígios deixados, não nos permite perceber quem iniciou estes atos, quando e onde. Nem sequer conseguimos imaginar que tenham sido inventados por indivíduos isolados.

Durante muito tempo, porém, a Humanidade *quis* imaginá-lo assim. Prometeu terá trazido o fogo, Caim ou Marduk terão fundado a primeira cidade, Dédalo e Ariadne terão dado origem à primeira dança, atribui-se ao deus egípcio, Thot, tornado Hermes pelos Gregos, a invenção da escrita, enquanto a religião terá evidentemente começado com Deus, quando disse: «Façamos o Homem», sem que nunca soubéssemos ao certo, a quem se referia este plural do verbo.

Este tipo de narrativa tem o seu início num tempo em que se supunha que no passado se sabia muito mais do que no presente — acerca de tudo. Neste sentido, os inícios eram tão cheios de conhecimento quanto misteriosos. Comunidades dominadas por famílias aristocratas continuam a cultivar uma preferência pelas origens antigas: quanto mais antigo, melhor. É conhecida a lógica invertida deste pensamento parodiada por John Ball: «Quando Adão cavava e Eva tecia, onde parava a aristocracia?» Porém, também esta polémica contém em si o primado das origens: se Adão não era aristocrata, no início reinaria a igualdade, o que resulta em posteriores reivindicações dessa mesma igualdade.

Uma vez que no início existia ainda um conhecimento claro e abrangente, como traduz o pensamento teológico da criação, ele passou a ter a qualidade de influenciar tudo o que apareceu posteriormente. Adão, por exemplo, foi para os teólogos durante século e meio, não apenas o primeiro homem, como também o mais sábio. Era representado não só como o inventor da escrita, mas também como o autor de obras de estudo de referência, que infelizmente terão desaparecido durante o dilúvio, juntamente com as bibliotecas que terão existido naquele tempo. Os teólogos apenas conseguiam sobrepôr à inadequação deste pensamento a existência de seres



Obra: *As Origens de Tudo*  
Gênero: Sociologia  
Editora: Desassossego  
Páginas: 352  
PVP: 19,90€

humanos pré-adâmicos, que provavelmente teriam tido um conhecimento até mesmo superior ao de Adão.<sup>1</sup>

Uma tradição posterior, esta filosófica, partia de nomes míticos ou de nomes em si, continuando, porém, a incidir sobre a origem. Também as suas narrativas remetiam a alegada essência das invenções sociais para o início das mesmas: «O Homem começou como Homem, assim foi no princípio e no fim.» Na verdade, faltavam para a determinação deste princípio os devidos testemunhos, até ao decurso do século XIX, e a credibilidade da *Bíblia*, que durante muito tempo havia desempenhado esse papel, passou a ser alvo de investigação científica aos seus enunciados. Dado que os primeiros humanos não detinham, tal como os Índios, a faculdade da escrita, concluiu-se que os relatos sobre as origens não podiam ser obra deles.<sup>2</sup> Além do mais, o *Livro de Génesis* não relatava quase nada sobre as circunstâncias sociais desse início.

Na era Moderna começou-se, portanto, a construir modelos filosóficos sobre a origem de tudo, denominando-se o quadro correspondente de *estado natural*. Este *status naturalis* revelava o ser humano privado de todas as conquistas civilizacionais, num estado de necessidade, para não dizer algo pior. A tarefa da filosofia era fazer surgir deste estado menos satisfatório aquilo que o permitiria superar: a soberania, divisão do trabalho, propriedade, contratos, valores morais, etc. Porém, as narrativas a esse respeito estavam repletas de contradições e de imposturas.

Vejamos — da forma mais breve possível — a mais conhecida doutrina a respeito do estado natural, segundo Thomas Hobbes, o teórico inglês do Estado Moderno. De acordo com Hobbes, o processo de constituição do Estado tem a sua origem no *estado natural*, no qual existem apenas indivíduos providos de capacidade para o exercício da violência, uma «guerra de todos contra todos», da qual cada

um retira apenas insegurança, miséria e morte. Assim sendo, no início, todos os membros de uma comunidade política celebram um contrato entre si, remetendo a defesa e a prossecução de cada um dos seus interesses para um soberano que, em nome da paz, monopoliza o uso da violência. Mas a celebração de um contrato inicial não pressupõe a confiança na lealdade contratual do outro, a mesma confiança que se diz não existir no *estado natural*? Mais tarde, a questão seria apresentada da seguinte forma: não estão disponíveis os fundamentos para a celebração de um contrato e, como tal, o contrato não pode ter sido a base inicial para uma vida em comunidade. Por outro lado, como devemos entender uma guerra de todos contra todos? Não estaria o homem primitivo a sobrecarregar-se a si próprio ao ter todos os outros como inimigos?

Os modelos de estado natural constituíam apenas uma solução provisória, no que diz respeito à reflexão sobre o início da civilização. O seu contributo maior não foi a resposta à questão do aparecimento da ordem social.<sup>3</sup> Muito mais consequente foi a inversão de valores que levavam a cabo: neste jogo de pensamento, Adão já não se afigurava como sábio, mas como selvagem, o que não minimizava o interesse a seu respeito e das origens, mas lhe conferia uma outra incidência. Na origem não teria estado a abundância, antes a indigência e muitos desafios a seres que dependiam de si próprios para se afirmarem no seio da natureza. No século XVIII emergiu o pensamento de que os povos selvagens, cuja existência se tornou conhecida através da expansão europeia, constituíam a chave da origem da Humanidade, a qual se terá afastado progressivamente do seu ponto de partida com os avanços tecnológicos e sociais. Este pensamento continuava vivo no meio científico do século XX, em que os *povos primitivos* eram designados por os *nostros antepassados*.<sup>4</sup>

Entre estes dois séculos encontra-se, contudo, o século XIX que, a respeito da questão das origens, teve de ser designado o século de Darwin. A teoria da evolução das espécies encetada por Charles Darwin pôs à nossa disposição uma linguagem que seria decisiva para expressar a dúvida em relação a toda a forma de especulação simples e encantatória sobre as origens. A partir de Darwin, dispomos de conceitos que nos fazem entender que aspetos civilizacionais importantes não terão sido forjados pela mão de um inventor nem o resultado de soluções encontradas para situações problemáticas, mas que, passo a passo, paciente e muitas vezes fortuitamente, este processo está dependente de pequenas alterações aqui e ali que, na persistência durante um período incalculável de tempo, a dada altura levaram a uma mudança visível, a qual, a *posteriori*, será entendida como um início. Com o pensamento de Darwin, sabemos que um início pode demorar milhões de anos e que, justamente por isso, por norma, não lhe é atribuído um propósito ou um plano subjacente.

A partir de Darwin e dos geólogos do século XIX, os quais por meio da pesquisa estratigráfica das camadas rochosas estimaram a idade da Terra, sabemos quão extensos são os períodos de tempo nos quais tudo terá começado; quão pouco sabemos sobre os inícios que não deixaram fósseis e, como tal, quão laboriosa se torna a reconstrução da nossa Pré-História. Em algumas áreas, as incursões filosóficas de então sobre o que teriam sido as origens eram tão disparatadas que deixaram alguns cientistas indispostos. Afinal, havia outros objetos a explorar que não os inícios: factos, estruturas, funções, evoluções. Já em 1866, a Société de Linguisti-

que de Paris eliminou dos seus concursos, por despacho, a pergunta sobre as origens. Foi, portanto, no final do século XVIII e no decorrer do século XIX que a investigação científica ganhou a noção do que seria necessário saber-se, para se ter um discurso com sentido sobre o início da História e da civilização. Gradualmente, foram surgindo áreas de estudo, como a Paleontologia, a Arqueologia e a o estudo da Pré-História, que tentavam chegar a uma fundamentação empírica sobre os tempos remotos.

Entre 1800 e 1950, foram disponibilizados cada vez mais testemunhos acerca das culturas mais antigas. Começam as primeiras escavações de Pompeia, em 1748, nas minas de Hallstatt empreendem-se pesquisas a partir de 1824, o primeiro exemplar do homem de Neandertal é encontrado em 1856 e, em 1859, surge o livro *Monuments do Egito e da Etiópia*, de Karl Richard Lepsius. As perspetivas sobre a Antiguidade tornaram-se, portanto, mais contrastantes em todas as áreas, tal como mais plausível a existência de *selvagens* europeus das mais variadas e improváveis origens. Em 1836, o arqueólogo dinamarquês Christian Jürgensen Thomsen cunha os conceitos de Idade da Pedra, do Ferro e do Bronze. Houve debates intermináveis sobre o que teria estado nas origens da família; se a monogamia ou a poligamia, se o direito materno ou paterno, se o comunismo ou a propriedade privada. Em 1884, Friedrich Engels publica o seu escrito, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, no qual se confronta com as pesquisas etnológicas e de História do Direito da sua época. A cidade de Uruk, que sabemos hoje ser o local dos primeiros vestígios da escrita, teve a sua exploração arqueológica inaugural em 1849/50. Em 1868, um caçador espanhol deparou com as grutas de Altamira, mas demoraria quase um quarto de século até serem reconhecidas como o local mais antigo de pintura rupestre da Idade da Pedra. O que hoje resta da compilação mais antiga de Direito, o Código de Ur-Nammu, foi encontrado entre 1952 e 1965. Data igualmente do século XIX o reconhecimento de que foram os Lídios o primeiro povo a usar dinheiro em forma de moeda, embora o debate sobre a existência anterior do dinheiro remonte ao escrito de Bernhard Laums, *Dinheiro Sagrado*, de 1924. O início da religião começou a ser debatido no final do século XIX: residiria a sua origem no animismo, como formulava o arqueólogo britânico Edward Burnett Tylor, em 1871, ou seja, na aceção de que todas as coisas, e não só os seres humanos, tinham uma alma? Ou estaria o pré-animismo na origem da mesma, como supunha o etnólogo James Frazer, em 1890, afirmando que nas primeiras religiões se acreditava numa força impessoal que dominava todas as coisas?

Em resumo, o século de Darwin, da Ciência e da História das religiões, da História das línguas e do Direito, tal como da arqueologia, viria a iluminar cada vez mais o passado remoto. E hoje em dia? A pesquisa sobre a Pré-História da civilização humana substituiu a especulação filosófica pela Química Orgânica, a Genética, a Filologia, a Sociologia e as Ciências dos materiais. Os métodos do século XIX tornaram-se mais sofisticados e é enorme o desenvolvimento de possibilidades tecnológicas para a análise de achados muito antigos.

Cabe agora expor o que atualmente se sabe sobre as origens das conquistas civilizacionais. O que sabemos acerca do início do caminhar ereto do ser humano, do começo da fala, da dança, das cidades, do dinheiro, da religião, da hegemonia política ou da narrativa épica? Na busca de respostas

cientificamente plausíveis, como iremos ver, não se perdem as questões filosóficas em relação às origens, tampouco se preenchem todos os espaços em branco que a distância à Antiguidade nos impõe. Tanto o interesse filosófico como o desconhecimento tomam apenas uma forma mais disputável através da investigação. É ela que nos ensina a refletir, porque se depara constantemente com novas possibilidades e junto do local do incidente pré-histórico, qual detetive, avalia o significado da relíquia, para então se interrogar: «Não poderia ter sido ainda de outra forma?» Despertar o sentido para este tipo de perguntas é o objetivo dos capítulos que se seguem.

Na capa deste livro encontra-se a ilustração de uma invenção: a roda. Ela não constitui assunto no próprio livro, porque não se trata aqui de debater as origens de invenções tecnológicas. A escrita, as artes, o direito ou as línguas não são técnicas no mesmo sentido em que o é a roda. Podemos utilizar uma roda, sem entrar no campo da comunicação ou das relações sociais. Com as invenções aqui tematizadas tal não sucede. Como teremos oportunidade de verificar, até mesmo o caminhar ereto constitui uma conquista social do ser humano.

A roda é igualmente exemplar, no que diz respeito a inícios que serão aqui retratados, porque ela não existe na natureza. O martelo imita o punho cerrado e, como tal, é tido como uma *projeção orgânica*, como a mó encontra o seu modelo na dentadura e a alavanca mecânica é um prolongamento do braço. Mesmo a colher, que Nikolaus von Kues descreveu como uma invenção humana original, pode ser remetida para a mão em concha.<sup>5</sup> Porém, a roda, que é um construto que gira a 360°, contém duas possibilidades: a rotação sobre o seu próprio eixo e sobre a direção de giratória, quando toca no solo<sup>6</sup> — não encontramos equivalente no corpo humano nem no ambiente natural. Os nossos membros não fazem rotações completas, e nem mesmo o Sol, que apenas aos nossos olhos é redondo, parece rodar. Como tal, a roda não pode ter sido inventada por imitação da natureza. Para tornar possível que em 1903 os irmãos Wright conseguissem vencer o último obstáculo à construção do primeiro avião, teve de se efetivar um pressuposto: que eles, habituados a reparar bicicletas, transcendessem a imagem das aves e respetivas capacidades, pois, estas não têm hélices.

Em termos comparativos, a roda foi uma invenção tardia e, durante muito tempo, pouco utilizada. Apesar de a roda de oleiro já ser conhecida na Idade do Bronze — toda uma era é designada por Idade da Cerâmica —, os Egípcios carregaram as pedras necessárias à construção das pirâmides por meio de trenós. Outras comunidades transportavam objetos pesados, pessoas e animais por água, carregando-os em terra. Ainda em 1833, um viajante inglês anotaria não ter visto em toda a Pérsia nenhum carro com rodas. Isto é surpreendente, na medida em que as primeiras rodas terão surgido na Mesopotâmia.<sup>7</sup> A anotação foi, por outro lado, pertinente, pois, são necessárias estradas ou outras infraestruturas nas quais possam rolar para ter eficácia. Uma coisa é inventar algo, outra diferente é a utilidade e a propagação do uso da invenção. É bem possível que a invenção da roda como meio de transporte apenas tenha surgido cerca de 4000 a.C. na Ucrânia para exploração de minério de cobre. Os modelos mais antigos de carros com rodas têm todos eixos fixos. Nas minas, os carros de quatro rodas não necessitavam de ser conduzidos, porque se moviam sobre vias concebidas para o efeito.

Para os inícios a serem aqui explorados é decisivo que, tal como a roda, não tenham surgido por imitação. A música, como iremos verificar, não veio ao mundo humano por imitação do canto dos pássaros. Para o falar e o caminhar ereto não encontramos qualquer modelo na natureza, tampouco para a monogamia, na medida que exista. As primeiras cidades não obedecem àquilo que observamos em grupos do meio animal. A escrita não constitui uma tentativa de transferir de forma mimética uma dada linguagem articulada para um sistema gráfico. Todas as origens da sociedade humana documentam inovações muito construtivas que não nos revelam à primeira vista a razão pela qual surgiram. É frequente enganarmo-nos a esse respeito. Parece-nos óbvia a utilidade do caminhar ereto, das línguas e do dinheiro, contudo, um estudo mais aprofundado mostra-nos que a sua utilidade, tal como a concebemos, não constitui a razão mais importante para o seu surgimento. O macaco não se endireitou a fim de poder ver mais longe, a fala não se desenvolveu para transmitir mensagens, o dinheiro não é oriundo de trocas comerciais, e as primeiras cidades não foram fundadas por nelas nos sentirmos menos incomodados pelos vizinhos e ser possível uma vida mais independente, como se o ar cidadão fosse libertador.

A par de aguçar o sentido detetivesco no trato com as questões sociais, os capítulos que se seguem pretendem ainda abrir os horizontes acerca de certos aspetos da civilização, sem o fechamento de perspectivas decorrente dos nossos próprios hábitos. Nós não somos seres óbvios e a nossa sociedade é o resultado da conjugação dos processos mais improváveis, de interseções imprevisíveis de acontecimentos, que nada tinham que ver uns com os outros, tal como de soluções para problemas de que há muito nos esquecemos. Nós não somos o ponto mais alto da criação; somos singulares. E, uma vez que existe apenas uma civilização, temos bons motivos para refletir sobre isso e sobretudo para investigarmos quão singulares somos exatamente. **BANG!**

## NOTAS

<sup>1</sup> Com muitas provas documentais, Helmut Zedelmaier: *Der Anfang der Geschichte. Studien zur Ursprungsdebatte im 18. Jahrhundert*. Hamburgo, 2003.

<sup>2</sup> Johann Peter Ludewig: *Historia sine parente. De causis fabularum circa origines*. Halle, 1693, § 1.

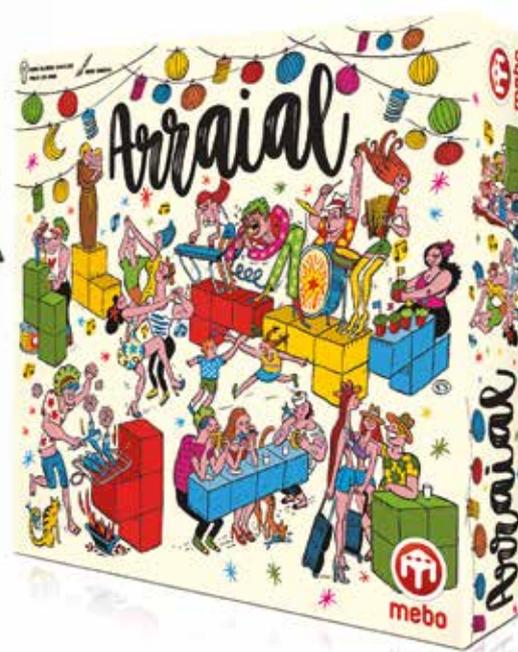
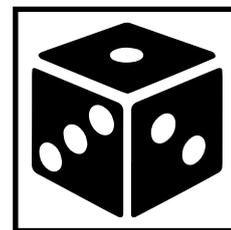
<sup>3</sup> Comp. Niklas Luhmann: «Wie ist soziale Ordnung möglich?», em: *idem. Gesellschaftsstruktur und Semantik. Studien zur Wissenssoziologie der modernen Gesellschaft*, Volume 2, Frankfurt, 1981, p. 195-285.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, Elman Service: *Origins of the State and Civilization. The Process of Cultural Evolution*, Nova Iorque, 1975, p. 18.

<sup>5</sup> Ernst Kapp: *Grundlinien einer Philosophie der Technik. Zur Entstehungsgeschichte der Kultur aus neuen Gesichtspunkten*. Braunschweig, 1877, p. 29.

<sup>6</sup> Acrescentamos-lhe mais uma possibilidade, e já não se trata de uma roda, mas sim de um giroscópio; cf. Otto Patzelt: *Triumph des Rades*, Berlim, 1979, p. 20.

<sup>7</sup> Richard W. Bulliet: *The Wheel. Inventions & Reinventions*, Nova Iorque, 2016, p. 41; Mamoun Fansa: *Rad und Wagen. Der Ursprung einer Innovation. Wagen im Vorderen Orient und in Europa*. Oldenburg, 2004, p. 14; Stuart Piggott: *The Earliest Wheeled Transport. From the Atlantic Coast to the Caspian Sea*, Ithaca, 1983.



# Arraial

## CARACTERÍSTICAS

Idade: mais de 8 anos  
N.º de jogadores: 1 a 4  
Tempo de jogo: 15 minutos por jogador

## PONTOS FORTES

Com um funcionamento semelhante ao *Tetris*, as regras são fáceis de aprender e as ilustrações e cores vivas tornam o jogo belo e atrativo, não distraindo os jogadores do objetivo principal de conseguir organizar um melhor arraial que o dos vizinhos.

## CONTEXTO

Portugal está na moda e o mundo dos jogos de tabuleiro não é indiferente a isso. *Arraial* vai buscar um tema tipicamente português: os nossos arraiais de rua que animam todo o país no verão, misturando-o com o já velhinho *Tetris* e o resultado é um jogo divertido, muito simples de jogar e onde as nossas decisões durante o jogo vão tentar tornar o nosso arraial o melhor da vizinhança. As ilustrações inconfundíveis do Nuno Saraiva transportam-nos imediatamente para as festas populares e levam este jogo

criado pela dupla Nuno Bizarro Sentieiro e Paulo Soledade para um universo cheio das coisas que são típicas nos nossos arraiais. As sardinhas, as bifanas, os manjericos, os turistas, a música popular e o bailarico, estão todos representados em peças com formatos de *Tetris* com 4 cores diferentes.

## COMO JOGAR?

O objetivo de cada jogador é criar áreas da mesma cor na sua rua, por exemplo áreas de peças amarelas que têm representados diferentes músicos a tocar, de forma a atrair visitantes dessa cor à sua festa, neste caso visitantes amarelos que representam as pessoas que gostam da música popular que as bandas vão tocar em cada rua. O mesmo acontece com as peças verdes que representam os comes e bebes, as azuis que representam a dança e as vermelhas os típicos vendedores de rua. Além disso, quando um jogador faz uma linha completa sem espaços por ocupar, mais visitantes vão querer entrar na festa e mais espaço vai existir na rua.

Na sua vez, o jogador vai tentar encaixar as peças que estão disponíveis (estando 3 opções em aberto representadas por cartas de cada vez), rodando as mesmas e escolher quais as peças que o seu vizinho vai usar no próximo turno. Mas tudo com um número limitado de ações que provocam que nem sempre seja possível usar todas as peças, rodar as mesmas de forma ideal e sempre com a pressão de não chegar ao limite superior da festa onde está o portal de entrada e perder visitantes por causa disso. No final, ganha quem tiver mais visitantes, com principal destaque para os casais que contam a dobrar e que vão saltando de rua em rua em busca do melhor Arraial.

Estamos perante uma festa de cores sobre a mesa e a diversão é garantida não só para os fãs do antigo *Tetris*, pois acreditamos que fará a delícia de toda uma nova geração que em família e com os amigos vai descobrir toda a pressão da queda, rotação e organização das coloridas peças, mas desta vez ao «som» de música popular portuguesa. **BANG!**

## PRÉMIOS

Este é um jogo editado pela MEBO Games que recebeu recentemente as distinções de Jogo Familiar do Ano e Jogo Português do Ano nos prémios 5 SEASONS e de Melhor Jogo de Tabuleiro do Ano nos prémios GEEK d'OURO, estando prevista a edição nos Estados Unidos e no Japão durante o ano de 2019.

Uma sugestão feita por quem gosta e percebe de jogos de tabuleiro:





LITERATURA

*Metais Pesados*

por **Fernando Ribeiro**

# AMBIENTALISMO CÉPTICO

## Por vezes, somos surpreendidos pela forma como a ficção antecipou a realidade e também quando acontece o contrário. Mas, esperem, eu já disse isto.

**E**nquanto criança da Guerra Fria, nascido em 1974, habituei-me a receber as notícias e as visões apocalípticas do jornalismo, arte, cinema e música como se fossem familiares que vinham jantar lá a casa. Mas, esperem, na verdade eu também já disse mais ou menos isto noutra ocasião.

O que mudou, qual a grande novidade? A novidade é o espanto, aquele de qualidade aristotélica que desimpede as vias e tira a peneira da frente do Sol. Ainda recordava eu a figura solitária e famélica do urso polar de *Uma Verdade Inconveniente* do ex-quase Presidente dos Estados Unidos, Al Gore, quando o carteiro me bate à porta e me entrega um livro.

Comprado em segunda mão, o livro tinha um bocado de mau aspecto e uma capa horrível, meio atabalhoada, superdeslavada. O título: *The Skeptical Environmentalist: Measuring the Real State of the World*, era de um academismo alarmante. A leitura, essa, é enviusada, porque o bloco de texto é estruturado em colunas, com centenas de notas rematadas para o final do livro, rico em gráficos e números. O papel é frio e as partes dos capítulos assinaladas naquele sombreado cinzento e triste dos antigos programas de texto, no canto superior esquerdo da página. São

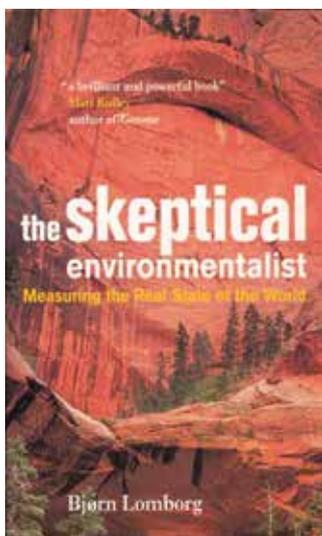
cerca de 500 páginas, mas passam bem por 1000.

Parece vir plastificado, o que é estranho nestes tempos de luta contra as palhinhas dos sumos, e é um calhamaço exaustivamente feio e chato.

Também é brilhante. Eu apanhei o autor online, o Professor Bjørn Lomborg do Reino da Dinamarca. Conheci e vi com entusiasmo o seu documentário *Cool It!* (2010), e tal como as cabras do meu último artigo fui provar o livro também.

Daí, descobri de enfiada: o Project Syndicate e o Consenso de Copenhaga e paro por aqui para não estragar o espanto a ninguém.

É-me de todo impossível descrever o conteúdo do livro nos limites deste artigo, mas, perdoem-me a simplicidade, Lomborg aborda o tema do ambientalismo sobre uma perspectiva diferente da habitual. Renega e avisa, por demonstração, o alarmismo apocalíptico comum aos ecologistas do *establishment*, como Lester Brown e o seu campeão de Hollywood, Al Gore. Analisa e elenca por prioridades os problemas do mundo e relaciona-os sob uma lógica de custo-benefício da maior à menor dificuldade. Coloca a educação, a distribuição de água e a resolução da fome à frente do aquecimento global. Não o nega, mas desdramatiza-o. Faz pensar e não é pouco.



Seria daqueles livros para fazer BANG! ou para ler no Desassossego do lar. Aliás, o estilo não-comercial que seguiu atesta da seriedade profunda deste ponto de vista sobre o estado do mundo. Daí, alguma falta de popularidade que nem por isso o impediu de mudar paradigmas e suscitar questões a quem tem escrito milhares de palavras sobre o fim do mundo, convencido que iríamos dar cabo disto tudo e que já quase não havia gelo nenhum. Como sempre, bastou um bom livro para alumiar o caminho. **BANG!**



### Fernando Ribeiro

É vocalista e letrista da banda Moonspell, com a qual já lançou vários discos, e em 2009 participou no projecto Amália. Tem três livros de poesia publicados e, no universo lovecraftiano, traduziu para português a biografia em banda desenhada intitulada *Lovecraft*, assinou as introduções das antologias *Os Melhores Contos de H. P. Lovecraft* e participou nas antologias *As Sombras Sobre Lisboa* e *Contos de Terror do Homem-Peixe*. Em 2011, publicou ficção na colecção *Mitos Urbanos* da editora Gailivro.





TERROR

## Arquivo do Medo

# DEMONÓ

Uma importante parte da mitologia atinente às histórias de terror, na literatura e no cinema ocidentais, tem alguma relação com as religiões dominantes nessa zona do globo, em particular a religião cristã.

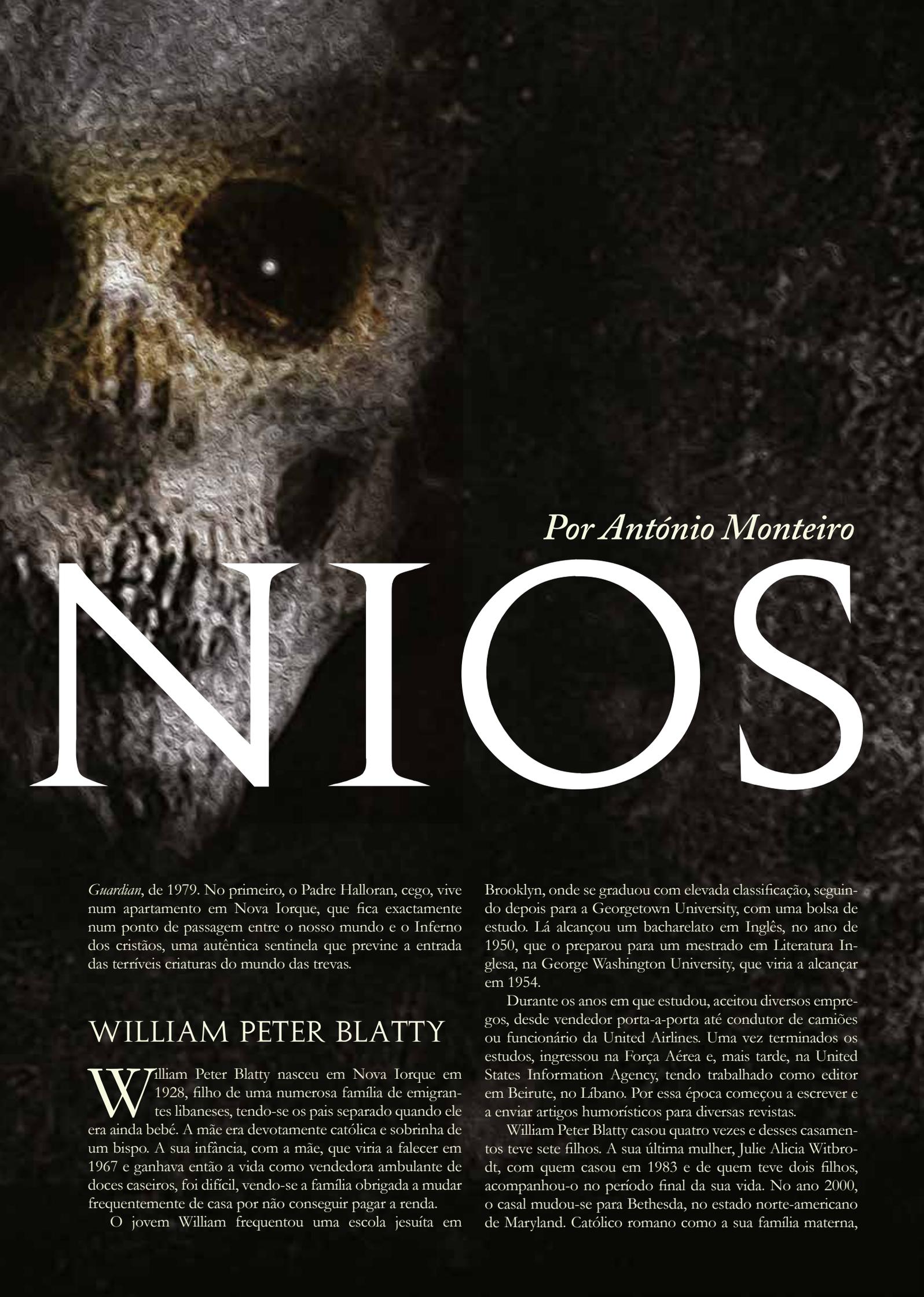
Assim, por exemplo, os vampiros dos contos e filmes que costumamos ler e ver, especialmente a partir do fundamental romance *Dracula*, de Bram Stoker, temem — ou são mesmo destruídos — por símbolos cristãos, entre eles a cruz e a hóstia. Basta recordar o episódio, já no final de *Dracula*, em que Van Helsing tenta abençoar Mina Harker através da oração, procurando evitar que se complete a sua transformação em vampiro, após sucessivos ataques do tenebroso conde e, a dado momento, coloca-lhe sobre a testa uma hóstia consagrada. Esta queima-lhe atrozmente a pele, deixando uma funda cicatriz!

Claro está que esses símbolos nenhum efeito poderiam exercer sobre vampiros oriundos de outras civilizações e de outras crenças religiosas, facto que foi humoristicamente explorado por Roman Polanski, numa cena de *The Fearless Vam-*

*pire Killers*: quando o estalajadeiro Shagal (uma inesquecível interpretação de Alfie Bass), transformado em vampiro pelo Conde Von Krolock, entra por uma janela para atacar Magda, a bonita criada (personagem interpretada por Fiona Lewis), que se tenta defender brandindo um crucifixo que retira da parede; Shagal, no entanto, é judeu, por isso limita-se a rir e a exclamar: «*Oy vey, have you got the wrong vampire!*»

A mesma ligação à religião cristã pode encontrar-se em muitos outros casos, a começar por *Rosemary's Baby*, romance de Ira Levin datado de 1967 e levado à tela do cinema por Roman Polanski no ano seguinte: o grupo de bruxos sediado nos apartamentos Bramford, para onde Rosemary e o marido inadvertidamente se mudam, procura uma jovem para o papel de mãe de Adrian, o anti-Cristo, filho de uma união carnal com o próprio Diabo! Quase dez anos mais tarde, Richard Donner haveria de realizar *The Omen*, onde novamente o tema do anti-Cristo é o cerne do enredo.

Merecem também referência o romance *The Sentinel*, de Jeffrey Konvitz, publicado em 1974, e a sua continuação, *The*



*Por António Monteiro*

# NÍOS

*Guardian*, de 1979. No primeiro, o Padre Halloran, cego, vive num apartamento em Nova Iorque, que fica exactamente num ponto de passagem entre o nosso mundo e o Inferno dos cristãos, uma autêntica sentinela que previne a entrada das terríveis criaturas do mundo das trevas.

## WILLIAM PETER BLATTY

**W**illiam Peter Blatty nasceu em Nova Iorque em 1928, filho de uma numerosa família de emigrantes libaneses, tendo-se os pais separado quando ele era ainda bebé. A mãe era devotamente católica e sobrinha de um bispo. A sua infância, com a mãe, que viria a falecer em 1967 e ganhava então a vida como vendedora ambulante de doces caseiros, foi difícil, vendo-se a família obrigada a mudar frequentemente de casa por não conseguir pagar a renda.

O jovem William frequentou uma escola jesuíta em

Brooklyn, onde se graduou com elevada classificação, seguindo depois para a Georgetown University, com uma bolsa de estudo. Lá alcançou um bacharelato em Inglês, no ano de 1950, que o preparou para um mestrado em Literatura Inglesa, na George Washington University, que viria a alcançar em 1954.

Durante os anos em que estudou, aceitou diversos empregos, desde vendedor porta-a-porta até condutor de camiões ou funcionário da United Airlines. Uma vez terminados os estudos, ingressou na Força Aérea e, mais tarde, na United States Information Agency, tendo trabalhado como editor em Beirute, no Líbano. Por essa época começou a escrever e a enviar artigos humorísticos para diversas revistas.

William Peter Blatty casou quatro vezes e desses casamentos teve sete filhos. A sua última mulher, Julie Alicia Witbrodt, com quem casou em 1983 e de quem teve dois filhos, acompanhou-o no período final da sua vida. No ano 2000, o casal mudou-se para Bethesda, no estado norte-americano de Maryland. Católico romano como a sua família materna,

viria a falecer no início de 2017, pouco depois de completar 89 anos.

O autor publicou o seu primeiro livro, intitulado *Which Way to Mecca, Jack?*, em 1960. Tratava-se de um relato, em tom humorístico, da sua vida de jovem. Após ter ganho a então substancial quantia de dez mil dólares num popular concurso televisivo, abandonou toda a ocupação regular, passando a ser escritor a tempo inteiro.

Os romances humorísticos *John Goldfarb, Please Come Home!* (1963), *I, Billy Shakespeare* (1965) e *Twinkle, Twinkle, "Killer" Kane* (1966) granjearam-lhe os elogios da crítica, mas tiveram pouco êxito comercial. Blatty começa

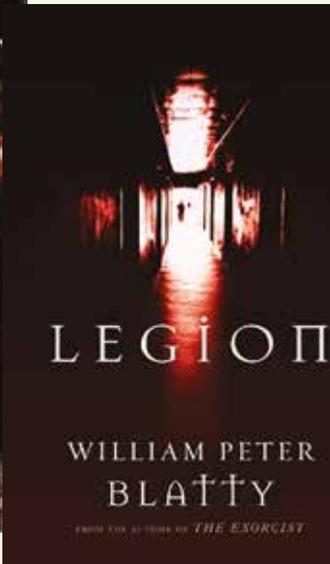
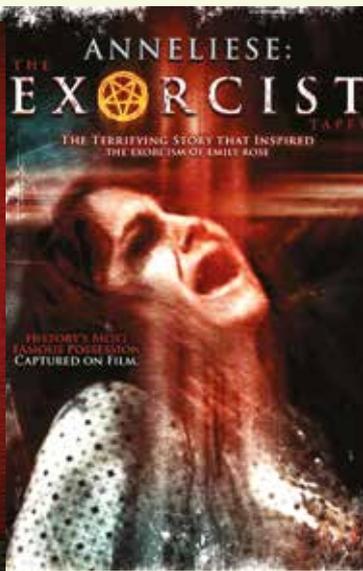
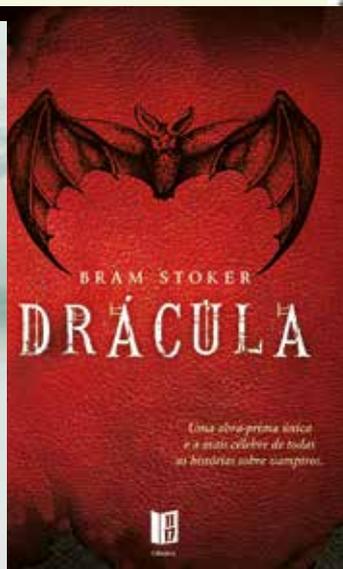
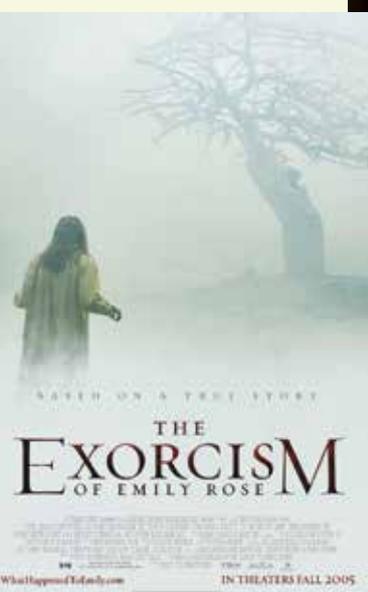
Friedkin. O filme foi estreado em 1973 e ganhou o Óscar para melhor argumento adaptado, correspondente a esse ano, assim como os Globos de Ouro para Melhor Filme e Melhor Argumento, tendo sido o primeiro filme de terror a ser nomeado para o Óscar de melhor filme do ano.

*The Exorcist* foi igualmente adaptado ao teatro em 2012, peça interpretada por Richard Chamberlain e Brooke Shields, e deu lugar a uma série televisiva em 2016.

Para além dos romances, Blatty escreveu, ao longo da sua carreira, alguns textos de carácter autobiográfico (por exemplo, em 2015, o livro *Finding*

realizado por William Peter Blatty. Em 1977 aparecera já *Exorcist II: The Heretic*, realizado por John Boorman e que, de muito fraca qualidade, constituiu um grande fracasso, quer junto da crítica quer junto do público.

Da bibliografia de William Peter Blatty constam ainda a novela *Elsewhere* (2009), que conta a história de um agente imobiliário que convida um médium, um parapsicólogo e um escritor a viverem durante algum tempo numa mansão que tem para venda e que se supõe ser assombrada (enredo que faz inevitavelmente lembrar *The Haunting of Hill House*, o famoso romance de Shirley Jackson, publicado em 1959); o romance *Dimiter*



então uma carreira paralela como argumentista de filmes, trabalhando com realizadores e actores de nomeada, entre eles Blake Edwards, Julie Andrews, Rock Hudson, Danny Kaye, Warren Beatty, Leslie Caron, etc.

Em 1971, surgiu o seu grande êxito, *The Exorcist*, que conta a história da possessão demoníaca de uma menina de doze anos. O livro encabeçou a lista dos mais vendidos, publicada pelo jornal *New York Times* durante 17 semanas, constando na mesma lista durante nada menos do que 57 semanas consecutivas! Ao todo, vendeu mais de 13 milhões de exemplares nos Estados Unidos e foi traduzido numa dúzia de línguas diferentes, incluindo naturalmente o português, tendo sido a primeira edição na nossa língua apresentada em 1972 pela Moraes Editores. O próprio William Peter Blatty viria a adaptar a sua obra para o cinema, trabalhando com o realizador William

Peter: *A True Story of the Hand of Providence and Evidence of Life after Death* tem por tema o falecimento do seu filho Peter Vincent Blatty, nove anos antes, aos dezanove anos, vítima de um problema cardíaco raro) e adaptou alguns dos seus livros ao cinema, nomeadamente o romance *Twinkle, Twinkle, "Killer" Kane* realizado e produzido pelo próprio autor em 1980, com o título *The Ninth Configuration*. O argumento conta a história de uma velha mansão transformada num centro militar para acolhimento de oficiais com problemas de sanidade mental; nomeado para dirigir a instituição, o Coronel Kane, psiquiatra, tenta perceber as razões profundas das obsessões dos homens a seu cuidado, vindo mais tarde a saber-se que ele próprio, veterano da guerra do Vietnam, se encontra fortemente traumatizado.

Em 1983 surge o romance *Legion*, continuação de *The Exorcist* e que sete anos mais tarde haveria de dar origem ao filme *The Exorcist III*, igualmente

(2010), história de assassínios, vingança e *suspense*, passado na Albânia e em Israel e no qual, como noutros textos, o autor se questiona, assim como às suas personagens e aos seus leitores, sobre a busca da fé e as verdades da condição humana; e ainda o romance *Crazy* (2010), acerca de uma intrigante personagem que poderá ter complexos problemas psíquicos ou ser um viajante no tempo.

## ENTRAM EM CENA OS DEMÓNIOS

Ninguém que minimamente se interesse pela literatura e pelo cinema de terror ignora a história de *The Exorcist*.

Na cidade de Georgetown, no estado de Maryland, uma menina de doze

anos, Regan MacNeil (personagem interpretada por Linda Blair), filha de uma atriz de cinema, Chris MacNeil (Ellen Burstyn), começa a apresentar sintomas de profundo e diverso distúrbio, que levam os que a rodeiam a supor que a rapariga está a ser possuída por um espírito demoníaco, após fracassarem os mais diversos tratamentos médicos e psiquiátricos.

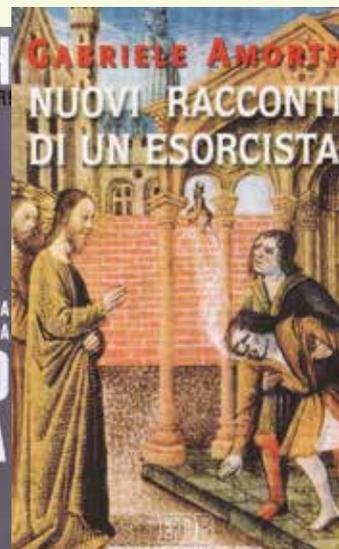
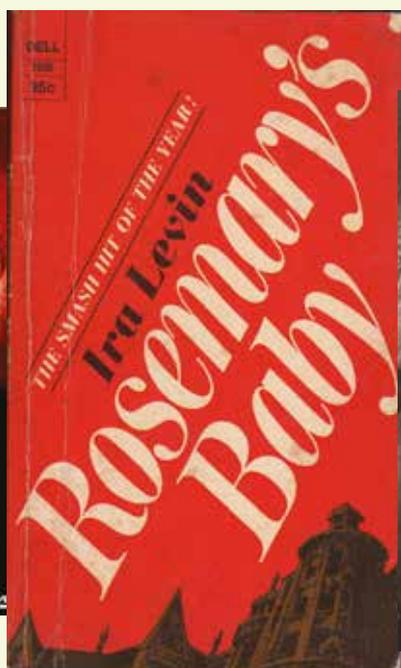
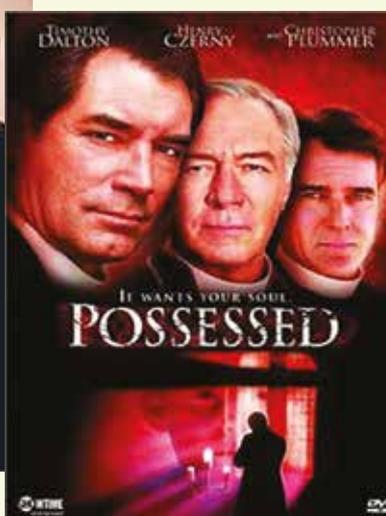
A mãe recorre então ao padre jesuíta e psiquiatra Damien Karras (Jason Miller), que se debate com problemas de falta de fé, nomeadamente após a recente morte da mãe. Se inicialmente o Padre Karras desenvolve todos os esforços para afastar a hipótese de possessão, após vários encontros com Regan acaba por ser levado a solicitar ao bispo local a devida autorização

vestiga os acontecimentos provocados por Regan, enquanto possuída, e Jack MacGowran (o célebre Prof. Abronsius de *The Fearless Vampire Killers*), no papel do realizador Burke Dennings.

Diz-se que, para escrever o seu livro, William Peter Blatty se terá baseado num caso real ocorrido em Mount Rainier, igualmente em Maryland, em que um padre afirmara, perante uma sociedade amadora de parapsicologia, que tinha expulsado mediante um exorcismo um demónio que possuía um menino de treze anos, chamado Ronald, tendo a possessão durado cerca de seis semanas, terminando em Abril de 1949. Alguns autores que estudaram

que se dizem ou são indicados como possuídos.

Já a Igreja Católica, por exemplo, tem uma visão completamente distinta. Em particular, o Papa Francisco tem-se referido diversas vezes à existência do demónio. Por exemplo, durante uma missa a que presidiu em finais de 2014, afirmou claramente: «fizeram crer a esta geração e a tantas outras que o Diabo era um mito, uma figura, uma ideia, ideia do mal, mas o Diabo existe e nós temos de lutar contra ele»; três anos mais tarde terá dito que o Diabo «não é uma coisa difusa». Mas todas as referências — e muitas são — aos malefícios que o Diabo traz para a Humanidade podem, evidentemente, ser interpretadas num plano meramente simbólico, sem que se possa pensar



para realizar os ritos de exorcismo.

O bispo nomeia então o velho padre Merrin (Max von Sydow), recentemente regressado de uma expedição arqueológica no Iraque, onde encontrara uma estatueta representando o demónio sumério Pazuzu. Merrin tinha-se já defrontado anteriormente com um caso de possessão demoníaca em África e realizado o correspondente exorcismo.

A partir daí, Karras e Merrin enfrentam o demónio que controla o corpo e o espírito de Regan, em sucessivas e terríveis sessões que acabam por conduzir à morte de Merrin. No final, Karras consegue atrair sobre si o demónio que infestava Regan e leva-o consigo num suicídio, atirando-se pela janela.

Do elenco do filme fazem ainda parte Lee J. Cobb, no papel do tenente da polícia William Kinderman, que in-

o assunto, porém, não ficaram convencidos da autenticidade do caso.

## ONDE PÁRA A VERDADE

O problema-chave do tema da possessão demoníaca resume-se em saber se o demónio ou os demónios têm existência real no Universo, sob alguma forma de matéria ou energia que, no fundo, ainda desconhecemos, ou se as suas manifestações se podem integralmente atribuir a perturbações psíquicas das vítimas.

Claro está que do ponto de vista da Ciência, da Medicina em geral à Psiquiatria e à Psicologia, a resposta é clara e única: tudo se resume a perturbações mentais, eventualmente acarretando modificações físicas, daqueles

no Demónio ou nos seus acólitos como seres autênticos.

Ainda em 2017, o Papa Francisco recomendava aos sacerdotes que não hesitassem em recorrer a exorcistas, quando durante o acto de confissão, por exemplo, percebessem a existência de grandes perturbações, embora sublinhasse que grande parte destas terá natureza psicológica, devendo ser acompanhadas pelas ciências humanas.

De salientar também que nem todos os membros da Igreja Católica são defensores da prática do exorcismo, apesar de, segundo os Evangelhos, o próprio Jesus Cristo o ter realizado.

Em meados de 2018, alguns meios de comunicação social anunciaram que o Vaticano estaria a organizar cursos de exorcismo para os seus padres, uma vez que os casos que se reclamam de possessão demoníaca aumentavam por

tudo o Mundo, ideia que é também defendida pela Associação Internacional de Exorcistas, que reúne padres católicos, anglicanos e ortodoxos.

Dirão obviamente os materialistas que o mundo conturbado em que actualmente vivemos, com problemas de miséria, de desemprego, de fome e de guerra um pouco por toda a parte, incluindo a Europa, não deixará de contribuir para o surgimento das mais diversas perturbações em quem tem de os enfrentar, assim se justificando esse acréscimo de casos, sem necessidade da intervenção de quaisquer entidades sobrenaturais.

Por sua vez, a posição da Igreja ficou bem espelhada em diversos trabalhos do padre Gabriele Amorth (1925-2016), que se tornou famoso como o exorcista do Vaticano e fundador da referida Associação Internacional, em 1990. Entre os seus livros destacam-se *Un esorcista racconta* (1990), *Nuovi racconti di un esorcista* (1992), *Esorcisti e psiquiatri* (1996), *L'ultimo esorcista. La mia battaglia contro Satana* (2012), *Il segno dell'esorcista. Le mie ultime battaglie contro Satana* (2013) e *Il diavolo — Un'inchiesta contemporanea* (2014).

Segundo os preceitos da Igreja Católica, os padres não devem praticar o exorcismo sozinhos, devem estar cobertos por um seguro e devem consultar médicos, psicólogos e psiquiatras.

Seria interessante analisar a posição de outras igrejas em face da questão aqui tratada, mas isso levar-nos-ia muito longe, demasiado mesmo, e transcenderia provavelmente as nossas capacidades.

## HERANÇA DE THE EXORCIST

Como ficou dito, o filme *The Exorcist* alcançou grande êxito, especialmente junto do público, que ocorreu em grande número, assistindo por vezes mais que uma vez à sua projecção, depois de longas esperas em filas, apesar da profunda controvérsia que gerou. Multiplicaram-se as histórias de pessoas que sentiram mal durante o filme.

Os críticos, por sua vez, foram mais lentos a reconhecer os méritos da obra, mas foram progressivamente ultrapassando as suas reticências iniciais, especialmente a propósito das cenas mais violentas, apresentadas com recurso a efeitos especiais de notável qualidade, da responsabilidade de Dick Smith e Marcel Vercoutere.

Esse reconhecimento valeu a *The Exorcist* a nomeação para os Óscares em nada menos de dez categorias (entre elas as de melhor filme, melhor realizador, melhor atriz, melhor actor secundário, melhor atriz secundária), acabando por ganhar em duas (melhor argumento adaptado, como acima já se disse, e melhor mistura de som). O filme foi ainda nomeado para os Globos de Ouro em sete categorias, vencendo em quatro delas (melhor filme, melhor realizador, melhor atriz secundária e melhor argumento).

Todo esse êxito não poderia deixar de motivar a realização de continuações. Conforme acima referido, em 1977 surgiu *The Exorcist II: The Heretic*, realizado por John Boorman e no qual participaram, entre outros, Linda Blair (que retomava o papel de Regan), Richard Burton, Louise Fletcher, Max von Sydow, James Earl Jones e Ned Beatty. Contudo, não só o argumento, mas todo o filme eram de

tão fraca qualidade que pouco valerá a pena dizer sobre ele.

Já *The Exorcist III*, de 1990, escrito e realizado por William Peter Blatty, e interpretado por George C. Scott, Ed Flanders, Jason Miller, etc., adaptação cinematográfica do romance *Legion*, era substancialmente mais interessante, apesar de não ter alcançado grande êxito, quer no plano crítico quer no plano comercial.

O facto de a versão inicial de *The Exorcist* ter sido extremamente marcante, no panorama do cinema em geral e do cinema de terror em particular, levou a que, em 1990, fosse realizada a paródia *Repossessed*, onde o inenarrável Leslie Nielsen contracenava, entre outros, com Linda Blair e Ned Beatty.

No dealbar do século XXI, o tema da possessão demoníaca e dos exorcismos parece ter reassumido popularidade entre os cineastas e o público adepto do género.

Assim, em 2000, surge o filme *Possessed*, feito para a televisão por Steven E. de Souza e interpretado por Timothy Dalton, Henry Czerny, Christopher Plummer, etc.

Seguem-se-lhe *The Exorcism of Emily Rose* (2005, realização de Scott Derrickson), *The Last Exorcism* (2010, Daniel Stamm), *Anneliese: The Exorcist Tapes* (2011, Jude Gerard Prest), *The Possession* (2012, Ole Bornedal), *Deliver Us from Evil* (2014, Scott Derrickson), *The Vatican Tapes* (2015, Mark Neveldine) e *The Possession of Hannah Grace* (2018, Diederik van Rooijen).

Outros filmes poderiam ainda ser referidos, por exemplo os da série *The Conjuring*, e diversos outros que têm também ligações com o tema.

No entanto, a imaginação de escritores e realizadores deste subgénero não parece abundar e a generalidade destas obras é muito pouco interessante e repetitiva.

Distinguiu-se talvez um pouco o filme *The Rite*, de 2011, realizado por Mikael Häfström e em cujo elenco figuravam nomes como os de Anthony Hopkins, Colin O'Donoghue, Alice Braga, Ciarán Hinds, etc. O enredo acompanha um seminarista norte-americano que vai até Itália frequentar um curso para se tornar exorcista; lá conhece o padre jesuíta Lucas, com quem enfrenta vários casos de possível possessão e cujas práticas, nem sempre convencionais, vai acompanhando.

É possível que no futuro outras obras de vulto venham a surgir, até lá, o filme de William Friedkin, feito a partir da obra fundamental de William Peter Blatty, continua a manter uma posição ímpar no panorama do cinema de terror.

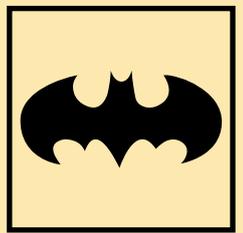
**BANG!**



### António Monteiro

Nascido em Lisboa em 1951, casado, com duas filhas e cinco netos. É professor universitário de Matemática e tem múltiplos interesses, entre os quais a Malacologia, sendo editor da revista electrónica *The Cone Collector* ([www.theconecollector.com](http://www.theconecollector.com)). Na área da literatura fantástica, especialmente da literatura de terror, para além de pertencer a diversos clubes, é autor de diversos contos publicados em revistas.

*Eu queria  
ser assim*



TRABALHAR EM PUBLICIDADE  
E FODA, JON SNOW...  
TE DÃO CADA FACADA...

AH, COITADINHO...



## *10 motivos para chorar o fim de A Guerra dos Tronos*

por *Marcelo Lourenço*

**P**rometo que é a última vez que escrevo sobre *A Guerra dos Tronos* aqui na Bang!

Mesmo porque a série vai acabar — em abril começou a última e derradeira temporada na TV e como parece que o bloqueio criativo do nosso querido George R.R. Martin (autor dos livros que deram origem à série de TV) veio para ficar, vamos mesmo ter que nos despedir do mundo de Westeros de uma vez por todas.

Por isso, deixo aqui 10 motivos para dizer adeus a *A Guerra dos Tronos* com um peso no coração.

1. *A Guerra dos Tronos* deu um novo sentido à palavra «*spoiler*». As reviravoltas da trama foram tão imprevisíveis, tão chocantes, que assistir à série era entrar num território desconhecido onde tudo podia acontecer. Era preciso ver o episódio antes que o colega do escritório comentasse: «Viste *A Guerra dos Tronos* ontem? Morre toda a gente no casamento!». Há gente que não se fala até hoje por conta disso.
2. *A Guerra dos Tronos* provou que o género fantasia afinal é para toda a gente. Considera-

do um nicho *geek*, o género fantasia com espadas, dragões e castelos da série conquistou fãs de todos os tipos e religiões. E mais: fez sucesso entre o público feminino que, segundo todas as pesquisas, não liga nenhuma a este tipo de fantasia (incluo a minha mulher nesta categoria). O sucesso foi tão transversal que acabámos por ver algo ainda mais raro: um crítico a pedir desculpas. No caso, o jornalista Hank Stuever do *Washington Post* que, fã tardio da série, confessou que a crítica que havia escrito sobre a primeira temporada era injusta e «baseada no preconceito em relação ao género».

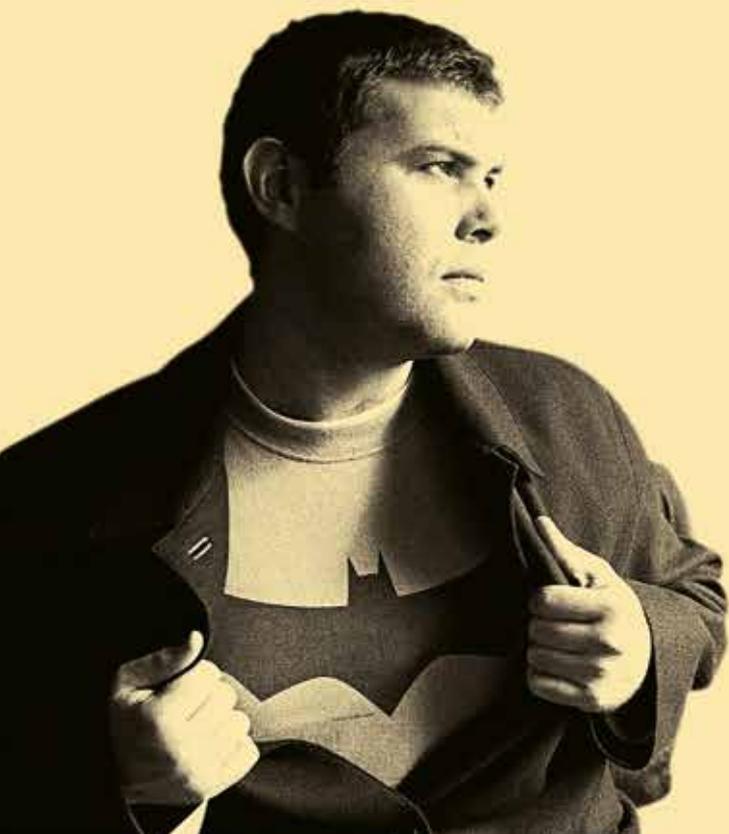
3. «**Empoderamento Feminino**», o teu nome é *A Guerra dos Tronos*. Numa entrevista perguntaram ao autor George R.R. Martin porque é que as suas personagens femininas eram tão interessantes. «Porque tenho esta mania de as escrever como se fossem seres humanos», respondeu o senhor. E tem razão: longe dos clichês da mulher no cinema e na TV, a rainha Cersei, a mãe dos dragões Daenerys Targaryen ou as irmãs Stark são o que todas as personagens femininas deveriam ser.

4. **A Guerra dos Tronos inventou a melhor maneira de ofender Justin Bieber.** Justin Bieber é odioso e toda a gente o sabe - não só porque a sua música é detestável, mas porque ele tem dado um novo sentido à expressão «portar-se como um verdadeiro idiota» - não é por acaso que Joss Ross no programa *Roast of Justin Bieber* o definiu como «o príncipe Joffrey dos nossos tempos». Até o próprio parvalhão do cantor foi obrigado a concordar.
5. **A Guerra dos Tronos é uma fábrica de frases que entraram diretamente para a cultura pop.** Ou que viraram memes - o que vai dar ao mesmo. Anote aí: «Winter is Coming», «You know nothing, John Snow», «A Lannister always pays his debts», «Dracarys», «Hold the Door» que acabou por virar «Hodor», sem falar no conselho da rainha Cersei que é o mote da série - «When you play the game of thrones, you win or you die». Clássicos instantâneos.
6. **Em A Guerra dos Tronos, heróis e vilões não são exatamente... heróis e vilões.** Segundo Erik Kain, jornalista da *Forbes*, o que nos faz gostar tanto dos personagens da série é que são mais humanos do que a maioria dos clichês que vemos na Netflixlândia - e como seres humanos são imprevisíveis: tanto o «Cão» como Jaime Lannister, personagens detestáveis na primeira temporada são capazes de atos de redenção que nos fazem repensar o seu estatuto de cabrões. E Ned Stark, o herói acima de qualquer dúvida, é tão ruim de política e estratégia que a sua inépcia acabou por causar a morte de 50% da família Stark. *Shame!*
7. **A Guerra dos Tronos vai salvar-nos da Inteligência Artificial.** Ou o dia em que George R.R. Martin venceu a A.I. Como já escrevi há duas edições da Bang!, o cientista Zack Thoutt resolveu pedir a um computador que escrevesse o próximo

capítulo da série. O que o computador acabou por fazer com uma pequena alteração: ele simplesmente trouxe Ned Stark de volta dos mortos, como se nunca tivesse morrido no capítulo I. Nem um computador consegue entender (ou aceitar) a lógica imprevisível dos acontecimentos em *A Guerra dos Tronos*.

8. **A Guerra dos Tronos é a melhor maneira de evitar uma multa.** Pelo menos é o que aconteceu a Kit Harington, o ator que interpreta Jon Snow na série de TV. Uma noite, ao voltar da casa dos pais, foi parado por um polícia pronto a multá-lo por excesso de velocidade. Ao reconhecer o ator, o senhor polícia decidiu deixá-lo seguir viagem e respondeu à pergunta que o mundo inteiro estava a fazer em 2015 - «Jon Snow morreu realmente ou não?» Quando o ator admitiu que iria voltar na próxima temporada, o polícia deixou-o partir com um sonoro «You're free to go, Lord Commander».
9. **A Guerra dos Tronos já é considerada a série mais importante dos anos 2010.** Maureen Ryan, jornalista da revista *Variety*, vai mais longe e diz que produtores e criativos de TV ainda vão continuar «a roubar e a tomar emprestado de *A Guerra dos Tronos* por vários anos». Segundo ela, «Será difícil criar outra série de TV tão vista e comentada como GOT, mas isso não irá impedir as pessoas de tentar». Aí estão *Vikings*, *Knightfall* e *Britannia* que não deixam a senhora mentir.
10. **A Guerra dos Tronos é a prova de que os nerds venceram.** E vencemos. Se os filmes da Marvel provaram que a cultura nerd é um grande negócio e a Comic Con mostrou que é um programa de família, *A Guerra dos Tronos* deu-nos a patine de sofisticação de que todos nós precisávamos. Além disso, não é tão bom chegar ao trabalho e o seu tema favorito ser o motivo de conversa na máquina de café? Obrigado por mais este momento de inserção social, George R.R. Martin.

Mas agora é hora de dizer adeus.  
Sinta a dor comigo, jovem.  
Valar Morghullis. **BANG!**



### Marcelo Lourenço

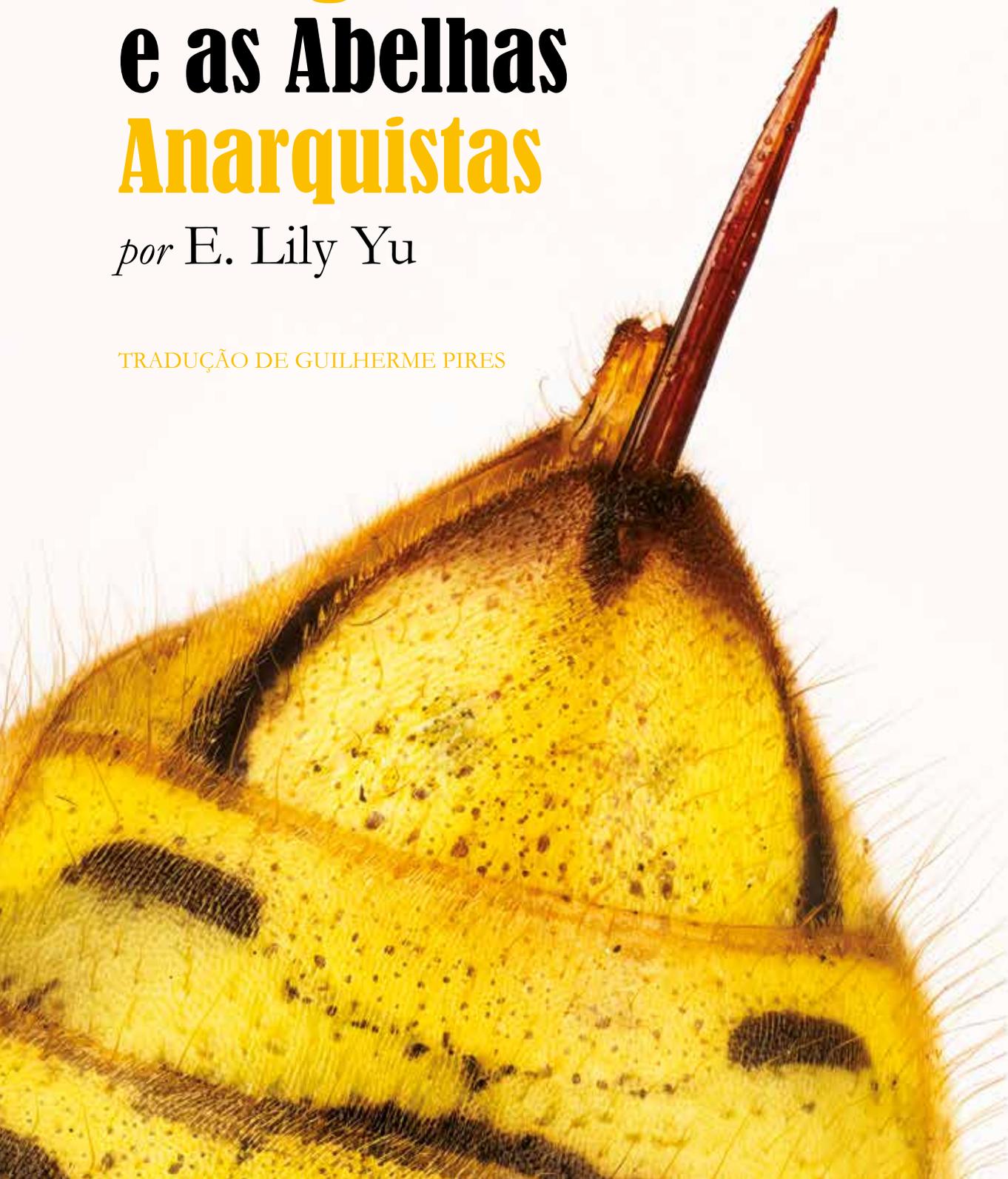
Queria ser pirata, agente secreto ou capitão da *USS Enterprise* mas acabou mesmo por ser publicitário e um dos criativos mais premiados de Portugal. E tudo bem.



# As Vespas Cartógrafas e as Abelhas Anarquistas

*por* E. Lily Yu

TRADUÇÃO DE GUILHERME PIRES



**H**á mais tempo do que alguém se conseguia lembrar, a aldeia de Yiwei exibia, nos seus pomares e debaixo dos beirais, globos de papel cor de barro que fervilhavam de vespas a zumbir. Durante muitos anos, com uma prudência e cautela inimitáveis, os aldeões mantiveram uma paz frágil com as suas vizinhas. Mas tudo terminou no dia em que um rapaz, esgravatando no leito do rio, encontrou uma pedra cujo formato e peso lhe agradaram. Com isto, pensou ele, sou capaz de acertar num pardal em pleno voo. Não havia pardal algum no céu, mas ali perto estava uma esfera de papel pendurada numa altura baixa e convidativa. Ele ponderou por um momento, inclinou ligeiramente a cabeça, depois apontou e atirou.

Muito mais tarde, depois de lhe terem aliviado as dores com unguentos, a mãe dele escaudou o ninho de papel caído até matar todas as vespas lá dentro. E foi assim que se descobriu que os ninhos de vespas de Yiwei, quando mergulhados em água quente, produziam mapas maravilhosos e muito exatos de províncias próximas e distantes, desenhados com pigmentos vegetais e cuidadosamente legendados em mandarim que se conseguiam ler ao microscópio.

As incursões seguintes dos aldeões, com máscaras de apicultor e chaleiras de água a ferver, rapidamente reduziram a próspera população de vespas a uma mão-cheia. Comandadas por uma única fundadora obstinada, as sobreviventes dobraram um novo ninho com a forma de um barco de papel, abasteceram-no com alperces caídos e flores de abóbora, e lançaram-se ao rio. Vacas e crianças fugiram das margens, enquanto elas deslizavam rio abaixo, entoando canções de marinheiros.

Por fim, quarenta milhas a sul de onde tinham começado, a sua embarcação encalhou num ramo e afundou-se. Apenas uma se afogou na evacuação, puxada para o fundo pelos restos de um alperce. Elas reagruparam-se num toco de árvore e olharam em volta.

— É um bom sítio para desembarcar — disse a fundadora na sua voz suave de soprano ao examinar os primeiros esboços de mapas que

os exploradores trouxeram de volta. Havia muitas lagartas, carvalhos para fazer tinta, arbustos com bagas e nenhum sinal de outras vespas. Uma colónia de abelhas tinha feito a colmeia num carvalho rachado a duas milhas de distância.

— Quando nos estabelecermos, vamos obviamente enviar uma delegação para cobrar tributo.

— Não iremos repetir os erros do passado. A nossa raça é de exploradores e cientistas, cartógrafos e filósofos. O ócio e a preguiça são fatais. Quando acabarmos de nos estabelecer aqui, vamos expandir-nos.

Demorou duas semanas a concluir os berçários, com os seus móveis de papel, e mais um mês para reconstruir a Grande Biblioteca, enchendo as estantes com aquilo que os cartógrafos mais idosos se conseguiam lembrar dos seus mapas perdidos. As suas idas e vindas não passaram despercebidas. Uma embaixadora da colmeia chegou com um ultimato e foi prontamente executada; as suas asas serviram como vitrais para a sala do conselho e o seu ferrão foi devolvido à colmeia num envelope de papel. A segunda embaixadora veio com uma atitude diferente e uma proposta para dividir irrimãmente o reino das abelhas entre os dois governos, reservando os direitos do pólen e água para as abelhas:

— Como reconhecimento pelos direitos preexistentes de um povo livre aos recursos naturais de um território partilhado — zumbiu ela.

As vespas do conselho foram benevolentes e apenas a privaram do seu ferrão. Ela sobreviveu apenas o tempo suficiente para relatar o sucedido à colmeia.

A terceira embaixadora chegou com uma bola de cera na ponta do ferrão e foi mais bem recebida.

— É preciso que entendam que não somos refugiadas em busca de uma soberania simbólica subalterna no vosso território — disse a fundadora enquanto os criados lhes serviam néctar em cálices de papel, — nem tão-pouco estamos a negociar convosco como estados iguais. — Isso era aquilo em que as suas falecidas antecessoras acreditavam. Elas estavam equivocadas.

— Acredito que eu vou sair-me melhor — disse a diplomata rigidamente. Ela era mais velha do que as outras, com a penugem do seu tórax escassa e esbranquiçada.

— Espero bem que sim.

— Ao contrário delas, eu tenho autoridade completa para falar em nome da colmeia. Vocês têm propostas para nós; isso ficou bem claro. Estamos prontas para as ouvir.

— Ah, ótimo! — A fundadora terminou o seu cálice e pegou noutra.

— A vossa sociedade é antiga e bastante culta, apesar da indolência da vossa governante, coisa que nós consideramos ser uma predisposição racial e não uma inclinação pessoal. Vocês têm leis, danças tradicionais, matemáticas e princípios que nós naturalmente respeitamos.

— As vossas condições, por favor.

Ela sorriu. — Uma vez que há uma população local de traças-da-seca, que nós preferimos para incubação, não há necessidade para algo tão antirrepublicano como a escravatura. Se evitarem a insurreição, poderão manter a vossa autonomia. Mas nós iremos cobrar um quinto do que armazenarem num ano normal, ou um décimo em anos de seca, e uma em cada cem larvas.

— Para comer? — As antenas dela estremeceram de repulsa.

— Só se a comida escassear. Não, as larvas serão educadas entre nós, irão aprender os nossos costumes e artes, para depois retornarem à vossa colmeia e servirem como oficiais e burocratas. Vocês vão ver que será proveitoso.

A diplomata parou um momento, olhando para coisa nenhuma. Finalmente ela disse: — Um décimo num ano bom...

— As nossas condições não são negociáveis — disse a fundadora.

Os guardas remexeram-se, fazendo tinir as placas da armadura e exibindo as pontas reluzentes dos seus ferrões.

— Não tenho escolha, pois não?

— A escolha é escravatura ou cooperação — disse a fundadora.

— Para a vossa colmeia, quero dizer. A nível pessoal, certamente que pode escolher outra coisa, mas elas têm dezenas de milhares de abelhas para a substituir.

A diplomata curvou a cabeça. — Eu estou velha — disse ela. — Servi a colmeia toda a minha vida, de todas as formas possíveis. A minha lealdade é para com a colmeia e farei o que for melhor para ela.

— Apraz-me muito saber disso.

— Peço-vos, rogo-vos que esperem três ou quatro dias antes de imporem as vossas condições. Nessa altura eu já estarei morta e não irei ver as minhas irmãs tornarem-se servis.

A fundadora juntou as garras com um estalido.

— Será costume vosso protelar os assuntos? Nós não temos tal prática. Você terá a honra de poder ver como elevamos as suas irmãs a patamares morais e tecnológicos inimagináveis.

A diplomata estremeceu.

— Minha cara, volte para a sua rainha. Conte-lhes as boas novas.



**F**oi uma crise para a monarquia constitucional. Um motim rebentou no Distrito 6, destruindo as figuras de cera reais e derrubando os monumentos feitos de ossos de roedores, antes de ser brutalmente subjugado. A rainha teve de ser acalmada com grandes quantidades de geleia depois de ter desatado a chorar copiosamente nos ombros das suas ministras.

— Vossa Majestade — disse uma — não é um assunto que a deva preocupar. Acalme-se.

— São as minhas filhas — disse ela a fungar. — Também sofreriam por elas se fossem mães.

— Felizmente, não sou — respondeu a ministra bruscamente. — Portanto, vamos ao trabalho.

— Uma guerra está fora de questão — comentou outra.

— As forças delas são muito superiores.

— Somos trezentas vezes mais do que elas!

— Mas elas são guerreiras experientes. Sessenta de nós morreriam por cada uma delas. Talvez as

conseguíssemos afugentar, mas iria custar-nos a maioria da colmeia e possivelmente a nossa rainha...

A rainha recomeçou a chorar ruidosamente e teve de ser limpa e reconfortada.

— Temos alguma alternativa?

Houve um instante de silêncio.

— Então, muito bem.

As condições do tratado foram copiadas, sob supervisão das vespas, para pequenas placas de papel afixadas com própolis e cera por toda a colmeia. Como papel e tinta eram substâncias novas para as abelhas, elas puxavam e provavam as folhas até o papel se desfazer em pedaços. As vespas enviadas para supervisionar a montagem não acharam graça nenhuma. Várias civis morreram antes delas descobrirem que as abelhas não sabiam ler o dialeto de Yiwei.

Depois disso, as especialistas em química da colmeia foram encarregues de criar feromonas complexas o suficiente para codificar as condições do tratado. Estas foram aplicadas aos papéis, para que ambas as espécies os pudessem inspecionar e compreender as relações entre os dois estados.

Enquanto, antes da infestação de vespas, a colmeia andava ocupada mas contente, agora as abelhas viviam em desespero. A duração natural das suas vidas era encurtada pela necessidade de recolher mel suficiente tanto para a colmeia como para o ninho de vespas. À medida que percorriam distâncias cada vez maiores em busca de néctar, pararam de cantar. Dançavam tacitamente as suas descobertas, sem alegria. A própria rainha começou a definhar e a emagrecer ao ter de dar à luz tantas substitutas e certas ministras, que percebiam destes assuntos, começaram a alimentar as larvas mais fortes com geleia real.

Enquanto isso, as vespas cresciam mais fortes e elegantes. Legiões de estudiosos, cartógrafos, botânicos e soldados foram enviadas rio abaixo em pequenos ninhos flutuantes calafetados com cera de abelha e abastecidos com rações de mel para explorar as terras desconhecidas a sul. Aqueles que retornavam traziam bonitos mapas com cidades, quintas e populações estrangeiras de vespas cuidadosamente anotadas a tinta azul-púrpura. Depois de terem sido estudados pela fundadora e

pelos seus generais, os mapas eram cuidadosamente arquivados nas profundezas da Grande Biblioteca com vista à expansão para sul no ano seguinte.

As abelhas adotadas pelas vespas foram primeiro treinadas para tarefas menores, mas quando se descobriu que podiam aprender a ler e escrever foram destacadas para algumas das missões de reconhecimento. As melhores alunas, dotadas para trigonometria e ângulos, foram educadas em conjunto com os próprios cartógrafos e revelaram-se magníficas assistentes. Aprenderam a olhar para o lado e a não ver as gordas lagartas verdes levadas em correntes de prata, nem as abelhas mortas que serviam de alimento às ninhadas de vespas. Era mais fácil assim.

Quando a velha rainha morreu, elas não choraram.

**P**elo mais ínfimo dos acasos, uma das abelhas treinadas como assistente de cartógrafo era anarquista. Pode ter sido o stresse na colmeia, ou pode ter sido pura sorte; de onde quer que tivesse vindo, a mutação era viável. Ela escondeu alguns dos seus próprios ovos, embrulhados em papel de vespa e cera de abelha, entre as estantes da biblioteca e depois alimentou em segredo as larvas a pão e leite. Ela sussurrava aos filhos nos seus berços de seda — e eram mesmo todos filhos — os princípios que tinha desenvolvido enquanto calculava trajetórias de voo e azimutes: que não devia haver rainha nem estado e que, tal como no ninho de vespas, os machos deviam trabalhar e receber tanto quanto as fêmeas. Enquanto dormiam, e se transformavam aos poucos, eles foram escutando os seus ensinamentos e



instruções. E quando abriram caminho à dentada das suas celas para fora do ninho de vespas dirigiram-se à colmeia.

O dano causado ao ninho foi obviamente descoberto, mas por essa altura já a anarquista tinha morrido de velhice. Ela tinha feito um trabalho impecável, suspirava o seu tutor, contemplando a filigrana das suas inscrições, mas não era verdade que os mais brilhantes eram sempre os mais propensos a desvios mentais? Ele enterrou em resmungos e trabalho a afeição que tinha por ela, tornada em pesar e fraqueza política para ele, e nunca mais aceitou nenhuma aluna da colmeia que mostrasse o mínimo indício de talento.

Apesar de carregarem no corpo o odor amargo do ninho de vespas, os vinte filhos da anarquista puderam percorrer livremente a colmeia, pois era presumido que ou eram espíões ou estavam a tratar de assuntos oficiais. Quando a nova rainha emergiu dos seus aposentos, ninguém notou quando eles se juntaram aos outros zangões no voo nupcial. Dois conseguiram acasalar com ela. Aqueles que falharam e sobreviveram, contaram depois em sussurros aquilo que tinha sido feito em nome do seu ideal. Antes de morrerem, agarraram em própolis e tinta de carvalho e inscreveram nos lintéis da colmeia, com uma caligrafia desenvolvida por eles, a história da primeira anarquista e dos seus vinte filhos.



**S**endo o anarquismo uma característica hereditária nas abelhas, várias filhas da nova rainha começaram a questionar-se sobre a utilidade da monarquia. Duas delas foram adotadas pelas vespas e aprenderam a ler e escrever. Numa das suas visi-

tas à colmeia, descobriram a história dos seus antepassados e, estudiosas como eram, rapidamente conseguiram traduzi-la.

Elas procuraram na colmeia por irmãs com almas igualmente inquietas e segredaram-lhes a estranha sabedoria que tinham aprendido com as vespas: astronomia, estratégia militar e o estado do mundo para além dos voos mais longos das abelhas. Educadas até então como bailarinas e arquitetas, enfermeiras ou recoletoras, as abelhas ficaram fascinadas com aquelas novas maravilhas, ainda mais assombrosas do que voar pela primeira vez para fora da colmeia e sentir o calor do sol nas costas.

— Sejam as nossas governantes — pediram elas às duas anarquistas ensinadas pelas vespas, mas estas recusaram.

— Uma sociedade perfeita não precisa de governantes — responderam. — O conhecimento e a autoridade devem ser partilhados entre todos. Para podermos imaginar uma nova existência, temos de nos libertar dos sistemas tanto do nosso governo falhado como da hegemonia injustificável dos ninhos de vespas. Oíçam o que puderem e aprendam o que conseguirem enquanto estivermos entre elas. Mas estejam preparadas.

**E**ra o primeiro verão em Yiwei sem o zumbido imemorial das vespas cartógrafas. Nos pomares, as frutas caídas permaneciam intocadas apesar de estarem a rebentar de maduras, e as crianças podiam brincar descalças impunemente. No fim de julho, uma das filhas dos aldeões, que andava no terceiro ano da faculdade de Agronomia, viajou de volta para casa na parte de trás de uma pickup. Ela bateu com a mala nos ferros antes de abrir, para afastar as galinhas, depois levantou o ferrolho e ao abrir o portão foi imediatamente envolvida num abraço voador.

Depois de distribuir beijos a todos e de se conseguir libertar dos pais e do irmão, ouviu as novidades que tinha perdido por estar fora: como as vacas estavam a morrer por beberem em riachos poluídos pela pedra; como o preço dos cereais estava a cair em todo o lado, apesar da seca; e como o seu irmãozinho, travesso como era, tinha derrubado um ninho de vespas e recebido em

resposta uma cara cheia de inchaços vermelhos e brancos. Contaram-lhe que um dos mapas mais detalhados tinha chegado à capital e que um burocrata tinha aparecido num carro preto elegante. Mas, como as vespas estavam todas mortas, ele apenas pode incluir no seu relatório que se tratava de uma partida, uma anomalia ou um milagre. Não houve mais investigações.

O irmão mostrou-lhe um frasco de vidro com vários corpos das vespas escaldadas, juntamente com um dos mapas mais pequenos. Ela torturou-o com cócegas até ele entregar os seus troféus, prometendo-lhe em troca um cesto de pêsegos, e deixou que lhe servissem comida quase até rebentar. Depois, para grande surpresa da sua família, ela escreveu uma carta urgente para a Academia de Ciências e preparou uma mochila com roupas e dinheiro. Se conseguisse encontrar mais um ninho de vespas, dizia ela, iam todos ficar ricos e famosos. Mas tinha de ser depressa.

De madrugada, antes de o galo cantar e quando o céu ainda estava púrpura, ela montou-se na sua velha bicicleta e seguiu pela estrada de terra abaixo.

**A**s abelhas não voam de noite nem mentem umas às outras, mas as anarquistas aprenderam isso com as vespas. Numa noite clara e quente, elas deixaram finalmente a colmeia, voando para oeste numa pequena nuvem compacta. À sua volta cresciam as vozes dos insetos de verão, estranhos e inquietantes. Várias milhas a oeste da velha colmeia e do ninho das vespas, ficava um ulmeiro atingido por um raio. Era lá que as anarquistas tinham andado a armazenar um pequeno abastecimento de mel roubado, selado em papel e cera. Nessa noite descansaram ali, em alvéolos imaculadamente brancos, e de manhã acordaram prontas para construir a sua cidade.

As primeiras prioridades da nova colónia, a que muitos trabalhadores se dedicaram, eram pôr ovos e recolher provisões para o inverno. Um ovo da velha rainha, trazido da colmeia nas mandíbulas de uma anarquista, foi chocado e a larva criada como a nova mãe. Sem coroa nem preocupações, ela também produzia cera, mastigava madeira

para fazer papel e refrigerava os armazéns com as suas asas.

As anarquistas trabalharam em segredo mas apressadamente, os zangões em conjunto com as obreiras, pois o gosto acobreado do outono já pairava no ar. Nenhuma delas tinha visto um inverno antes, mas a memória da espécie é longa e subtil, e, apesar do sol de verão, sentiam nos seus corações uma escuridão eminente.

As flores estavam a desaparecer dos campos. A cada dia, as anarquistas acrescentavam mais ouro morno aos seus cofres e erguiam os alvos muros cada vez mais alto. A cada dia, o ar ficava um pouco mais fresco e a erva um pouco mais seca. Elas trabalhavam a cantar, por vezes baladas da velha colmeia, outras vezes músicas inventadas por si próprias, e durante algum tempo foram felizes. Ceddo demais, as folhas tornaram-se chamuscas douradas e caíram das árvores, e depois já não havia mais flores. As anarquistas selaram a tampa do seu último pote de mel e tentaram imaginar o que viria a seguir.

A quatro milhas de distância, ao primeiro sinal do frio, as vespas selaram as suas portas de papel e dormiram num nó apertado em redor da fundadora. Em ambas as colmeias, as abelhas aconchegaram-se umas às outras, despertas e em alerta, aquecendo-se com o bater das asas. As anarquistas murmuravam palavras de conforto entre si.

— Outras virão depois de nós. A colmeia vai ter outra geração.

— Somos apenas o início. Outras virão.

Lá fora a neve caía silenciosamente.

A neve já chegava aos tornozelos e o rio tinha congelado quando a rapariga de Yiwei esticou as mãos para os ramos nus de um carvalho e arrancou o castelo de papel das vespas. Lá dentro, elas estavam tão atordoadas com o frio que apenas resmungaram, mas não se mexeram. Nos quartéis, os soldados sonhavam com o sul inexplorado e batalhas em cidades estrangeiras contra estranhos povos, os batedores sonhavam com cadáveres enregelados de veados mortos à fome. Os cartógrafos sonhavam com as mudanças que o inverno iria trazer na paisagem, os riachos desviados e as árvores mortas que teriam de ser anotados. Não sentiram o saco de pano, nem o calcar dos pneus na estrada congelada.

Ela tinha passado semanas a percorrer a região, a interrogar os apicultores e as crianças das aldeias, a inspecionar as árvores e a espreitar para as colmeias, até conseguir encontrar as últimas vespas de Yiwei. Depois teve de esperar pelo frio anestésico. Mas agora, de volta ao calor do seu quarto, ela abriu as suaves páginas que envolviam o ninho e foi separando a grande massa de vespas reluzentes até encontrar a fundadora, que cambaleava com patas titubeantes.

Quando descongelasse, ela iria criar novas fundadoras nos pessegueiros da aldeia. As cartas recebidas mostravam um grande interesse pelas vespas na capital, especialmente entre os generais do exército e os capitães de explorações científicas. Nos anos seguintes, a aldeia de Yiwei passaria a ser conhecida pelos seus mapas delicadamente gravados, com pequenas legendas quase impossíveis de ler, e não pela cevada ou aveia, nem pelos pêssegos aveludados ou peras vítreas.

Na primavera, a velha colmeia acordou e descobriu que as vespas tinham desaparecido, como um pedaço que se dissolve com o raiar do dia. Foi difícil de acreditar, mas quando nem um único pedaço de papel de vespa foi encontrado toda a colmeia cantou de alegria. Até a rainha, que tinha sido ensinada desde pequena sobre os detalhes do seu estado vas-salo e sobre as condições pelas quais podia governar, e que sentia pelas vespas mais simpatia do que deveria, aclarou a garganta e cantou uma ou duas vezes. Poucos notaram que não souou tão alto nem tão alegre quanto as restantes, mas de qualquer das formas o inverno tinha sido duro.

Os mapas tinham desaparecido com as vespas. Mais nenhum seria feito. Aquelas que tinham estudado entre as vespas começaram a redigir memorandos e os primeiros decretos independentes da rainha e do conselho. Para se defenderem de futuras invasões, foi decidido que um destacamento de abelhas iria patrulhar as fronteiras do reino e enviariam para casa relatos de tudo o que encontrassem.

Foi numa dessas patrulhas que uma pequena colmeia foi descoberta nos ramos de um ulmeiro. Em redor havia abelhas mortas e ressequidas, sem se distinguir uma rainha entre elas. Nenhuma gota de mel sobrava nos armazéns e a cera negra das paredes estava toda mordida. Até mesmo as salas de incubação tinham sido completamente limpas. Mas nos últimos hexágonos intactos encontraram, enroladas e preservadas em cera, páginas atrás de páginas rabiscadas com palavras de revolução. Elas leram em silêncio.

Então...

— Escreve — disse uma abelha para a outra, e ela assim fez. **BANG!**



### E. Lily

E. Lily Yu é uma escritora e *narrative designer* de New Jersey, finalista dos prémios Hugo, Nébula, Locus e Sturgeon. Os seus contos foram publicados nas revistas *Clarkesworld*, *Fantasy & Science Fiction* e *Uncanny*. Foi vencedora do prémio John W. Campbell Award for Best New Writer de 2012. Colaborou na construção narrativa de videojogos como *Destiny* e *Destiny 2*.



# A COMPANHIA NEGRA

## UMA BREVE HISTÓRIA DA OBRA-PRIMA DE GLEN COOK

### A MORTE E RESSURREIÇÃO DA SENHORA

Há muitos séculos um casal de feiticeiros, cujo poder quase os elevava a semideuses, governaram o continente com mão de ferro. Eram conhecidos por Dominador e Senhora. De maneira implacável destruíram todos os exércitos que se atravessaram no seu caminho. Aos dez feiticeiros mais poderosos que os enfrentaram, tomaram-lhes as almas e transformaram-nos nos Tomados - aberrações quase invencíveis e condenadas a servi-los para sempre.

Mas sempre que as trevas se adensam, a luz aparece para as afastar. Um grupo de rebeldes, liderado pela jovem e misteriosa Rosa Branca, após muitas campanhas sangrentas e incontáveis sacrifícios, conseguiu derrotar os dois tiranos. Poderosos de mais para serem mortos, foram aprisionados num sono eterno juntamente com os Tomados, e as suas campas cobertas com a mais poderosa magia. Porém, séculos depois, a Senhora encontrou forma de despertar. Optando por deixar o Dominador aprisionado, e dando assim

razão aos que, no passado, a julgavam mais temível e astuta do que o esposo, a Senhora animou os Tomados e partiu à conquista de todas as terras e poderes que já possuía. Começou uma segunda idade das trevas.

### A RESSURREIÇÃO E MORTE DA COMPANHIA NEGRA

À medida que os exércitos da Senhora fazem chegar a sua vontade aos locais mais distantes do mundo conhecido, um dos Tomados, o Caça-Almas, vai ao encontro da Companhia Negra. Por várias gerações, essa irmandade de mercenários serviu muitos senhores, honrando sempre os seus contratos e ganhando nome e distinções. Contudo, esses dias de glória há muito que ficaram para trás. Hoje em dia a Companhia resume-se a um pequeno contingente que trabalha para o governador de Beryl, uma ilha insignificante no grande esquema das coisas. Tudo o que resta dos tempos áureos são crônicas registadas em tomos poeirentos, preservadas com carinho pelo Físico, simultaneamente médico da Compa-

nhia e cronista das suas atividades. Quando o Caça-Almas oferece à Companhia a possibilidade de ser uma unidade de elite no exército da Senhora, ajudar a esmagar os rebeldes, e recuperar a glória do passado, a proposta é aceite com entusiasmo. Mas talvez a Companhia tenha cometido um erro que irá pagar caro. Os Tomados são figuras vingativas e ambiciosas que lutam constantemente entre si. As intrigas e traições minam a cúpula militar da Senhora. Até esta, com poderes de uma deusa, por vezes parece revelar facetas mais humanas e quase frágeis. Para piorar, surgem rumores de que apareceu uma criança que é a reencarnação da Rosa Branca. Aos poucos, o Físico, que representa a voz e a consciência dos mercenários, começa a pensar nas opções que a Companhia tomou. Por mais forte que seja o seu fascínio pessoal (e quase erótico) pela figura da Senhora, o veterano receia que a Companhia tenha escolhido o lado errado da guerra para combater. Mas, agora, lutar pela Senhora ou traí-la pode representar exatamente o mesmo: uma morte ignóbil e desonrada para os seus companheiros e o fim definitivo da Companhia Negra.



*Físico,  
o narrador.  
Ilustrações  
de Irontree.*



*Corvo,  
o homem  
misterioso.*



*Tenente,  
o veterano  
de confiança.*

*A Senhora, feiticeira com poderes de semidensa. Uma mistura improvável com ambição de Sauron e moral de Jaime Lannister. Ilustração de QR-Art.*

# ARRANJEM ESPAÇO NA ESTANTE AO LADO DE TOLKIEN, MARTIN E HOWARD

UM TEXTO DE LUÍS CORTE REAL

**N**o editorial desta revista menciono duas sagas de literatura fantástica que foram verdadeiras revelações na minha forma de entender o género. No início da adolescência foi a saga Dragonlance de Tracy Hickman e Margaret Weis (cujos exemplares, de uma edição de bolso da Europa-América, emprestei a tantos amigos que hoje têm a lombada partida e as folhas soltas); há quase vinte anos foram As Crónicas de Gelo e Fogo de George R. R. Martin, uma epopeia que se tornou sinónimo da Coleção Bang! em Portugal. Mas houve outros autores de fantasia a cujos livros me rendi incondicionalmente e me deixaram um leitor mais exigente. Livros que, apesar de terem sido lidos por razões de trabalho, me arrebataram de tal maneira que me fizeram esquecer que era um editor e me transformaram num leitor apaixonado. Nos últimos anos vivi dois desses momentos, com a série Kushiel de Jacqueline Carey (não tenho adjetivos para descrever a qualidade do mundo, da trama e a riqueza das personagens), e, mais recentemente, com *A Companhia Negra* de Glen Cook. Para este serei forçado a encontrar os adjetivos e os argumentos certos pois preciso de convencer-vos a ler. *A Companhia Negra* é uma grande aposta da Coleção Bang!, adquirimos a primeira trilogia e queremos que as vendas permitam a publicação da segunda trilogia.



## «A história cativou-se pelo realismo violento e narrativa rápida.»

*Fantasy Book Review*

### O DIA EM QUE DESCOBRI A COMPANHIA

Já há muito que ouvira falar de *A Companhia Negra*. Que as personagens principais eram anti-heróis, que era diferente de tudo o que o género costumava oferecer, etc. Acontece que, há alguns meses, a agente que representa o autor perguntou-me se estava interessado em publicar; e eu admiti que nunca tinha lido. Ela fez algo que é incomum hoje em dia: enviou-me um exemplar do livro por correio. Se tivesse sido um manuscrito em Word ou PDF, provavelmente tê-lo-ia arquivado sem ler, mas quando abri o pacote e vi a nova edição da Tor, com uma recomendação do Steven Erikson em destaque, não resisti a levar nas férias. E foi a mais recente daquelas raras revelações que vos mencionei. O que deveria ter sido uma leitura ligeira transformou-se num devorar de páginas e terminei a trilogia num fôlego, encomendando, ainda antes de acabar, a segunda trilogia. E porquê este entusiasmo? A fantasia devia ser um género que se destaca pela criatividade. Afinal, permite voos ousados aos autores, oferecendo liberdades que a maioria dos géneros não oferece. Infelizmente, não é o que acontece. As prateleiras da fantasia encontram-se repletas de livros formulaicos, com estruturas, enredos e personagens reciclados. A culpa desta situação, que tem tirado dignidade ao género, reduzindo-o a um produto mais juvenil do que outra coisa, deve-se a muitos fatores: aos editores que resistem a publicar autores com vozes distintas; aos autores, a quem falta coragem para trilharem o seu caminho sem baralhar e voltar a dar o que outros já fizeram com sucesso; e também aos leitores que, querendo sempre ler mais do mesmo, alimentam um ciclo de mediocridade. Seria injusto não reconhecer que, apesar destas contrariedades, muitas obras de fantasia de grande qualidade chegam às livrarias. E, por vezes, até verdadeiras obras-primas como *A Companhia Negra*.

«Ler uma série como *As Crônicas da Companhia Negra*, responsável pela redefinição do género da fantasia, é verdadeiramente intimidante.»

*Tor*

### A VOZ DO FÍSICO E O TALENTO DE GLEN COOK

Escrito na primeira pessoa pelo Físico, médico e cronista da irmandade de mercenários, a narração é aquilo que se poderia esperar de um veterano que já viu os maiores hor-

rores no campo de batalha. E que está prestes a descobrir as piores intrigas das cúpulas militares. A escrita de Glen Cook é vívida, a sua prosa corre rápida na voz concisa do Físico, que não diz duas palavras se pode dizer apenas uma. As descrições da violência e da crueldade, muitas vezes cometidas pela própria Companhia Negra, são as de um homem que, não as exaltando, as aceita com resignação. Por vezes o próprio Físico não sabe bem o que se está a passar, e como não temos um narrador omnisciente, temos de ficar como ele, na ignorância, à espera de novidades vindas da linha da frente. Engane-se quem pensar que esta escrita mais seca e de frases curtas se deve à incapacidade do autor em escrever num estilo mais literário. Essa ideia cai por terra quando Glen Cook opta por tornar quase poéticas algumas cenas que apaixonam o Físico, seja uma paisagem exótica que a Companhia esteja a atravessar, seja a presença da Senhora, essa feiticeira misteriosa sem coração, mas cujas palavras assombram a imaginação do Físico.

Há uma pátina de realismo em todo o livro, como se aquele mundo de fantasia não fosse assim tão diferente do nosso – talvez um reflexo da nossa realidade num lago negro e deformado. O fascínio de Glen Cook pelos clássicos de espada e feitiçaria, como o imortal Robert E. Howard ou Fritz Leiber, são evidentes no ambiente que se respira nos becos das cidadelas ou nas noites escuras dos descampados. Apesar disso, as batalhas verdadeiramente épicas para derrubar reinos e aniquilar povos estão mais na escala do que encontramos em *O Senhor dos Anéis*. Talvez seja isso, *A Companhia Negra* conta-nos uma história de espada e feitiçaria num cenário de fantasia épica. E tudo embrulhado com humor negro e de caserna. Seja na forma como os soldados falam entre si, seja na forma irónica e até mordaz com que o Físico descreve o que o rodeia. Várias cenas do livro fizeram-me soltar gargalhadas – o que não é recomendável quando se lê de madrugada, na cama, e a mulher já dorme ao lado.

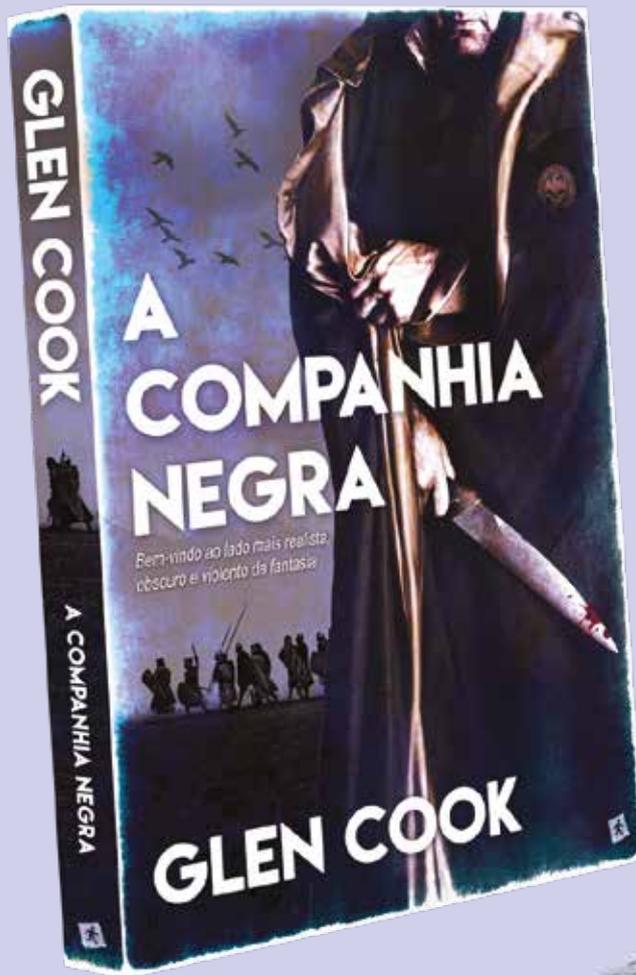
«Esta série foi responsável pela transformação da fantasia, introduzindo personagens realistas e desprezando os estereótipos da antiga batalha do Bem contra o Mal.»

*Best Fantasy Books*

### QUANDO O MAL NÃO VESTE DE NEGRO

George R. R. Martin é tido como o pai da fantasia em tons de cinzento. Se em Tolkien o mal veste de negro (e nos filmes de Peter Jackson esta estética é levada ao extremo com todos os adversários da Irmandade do Anel cobertos de cicatrizes, feridas ou quistos), já o bem veste de branco. (É belo e proporcionado). Com as *As Crônicas de Gelo e Fogo*, George R. R. Martin subverte essa herança tolkiana: os heróis têm fraquezas e um lado negro a que não conseguem fugir; já os vilões que odiamos podem redimir-se e

conquistar a nossa afeição. Tudo isto é verdade, mas George R. R. Martin não inventou a fantasia em tons de cinzento. Também não afirmo que foi Glen Cook, mas certamente que este o fez mais de uma década antes de *A Guerra dos Tronos*. Em *A Companhia Negra*, os mercenários não são uma espécie de Irmandade do Anel que quer destruir Sauron. Pelo contrário, seriam antes uma força de elite que luta no exército de Mordor ao lado de orcs e goblins disformes. Mas não vestem de negro nem são absolutamente maus. E é isso que vamos descobrir nesta saga única, original, magistralmente escrita, onde nada é o que parece. Terminando dizendo que, apesar de só ter duas personagens femininas com relevância, são duas personagens complexas, fascinantes e claramente as mais poderosas do livro: a Senhora (que, se me permitem mais algumas comparações literárias, faz a vez de Sauron com tiques de Jaime Lannister); e a Amorosa (uma espécie de mix de Elrond e Gandalf). A quem recomendo esta obra? A todos os que gostem de uma boa história de fantasia. Dos clássicos de Robert E. Howard e Tolkien, aos contemporâneos como Steven Erikson e George R. R. Martin. Despeço-me com votos de boas leituras enquanto eu próprio vou continuar a ler a segunda trilogia. **BANG!**



Para mais informações sobre o livro, visita o quartel general da Companhia Negra:



*Milformas, Aberração e Coxo, antigos feiticeiros a quem o Dominador e a Senhora tomaram as almas e transformaram em Tomados, abominações invencíveis e sem vontade própria. Ilustrações de Irontree.*



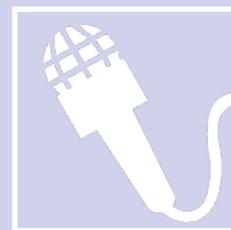


# A COMPANHIA NEGRA

*Bem-vindo ao lado mais realista,  
obscuro e violento da fantasia*

# GLEN COOK





# 15 PERGUNTAS A GLEN COOK

## O AUTOR PREFERIDO DOS ESCRITORES DE FANTASIA

### 1) Quando é que começou a escrever?

Escrevia fantasia e ficção científica na escola primária. E terminei o meu primeiro livro no oitavo ano. Era sobre alienígenas que invadiam a Terra e se envolviam numa batalha ancestral entre Ramsés I e Hititas. No secundário, escrevi para o jornal literário da escola. Entretanto, enquanto estive nas forças armadas e na universidade, pus a escrita de lado e só retomei quando comecei a trabalhar na General Motors. Um dia estava a ler um livro de fantasia do Lin Carter, arremessei-o para o outro lado da sala e jurei que conseguia fazer melhor do que aquilo. Comecei logo a trabalhar, usando a máquina de escrever e o papel da empresa.

### 2) Conseguia escrever durante o trabalho?

Trabalhei mais de três décadas numa linha de montagem. Era um emprego que quase mais ninguém queria. Foi difícil de aprender, mas uma vez que adquiri essa competência, conseguia-o fazer quase sem esforço mental, por isso era capaz de escrever em simultâneo. Nessa altura conseguia escrever três livros por ano.

### 3) Pode falar-nos um pouco sobre a publicação de *As Crónicas da Companhia Negra*?

Quando submeti pela primeira vez *A Companhia Negra*, o manuscrito foi parar às mãos da editora de terror da Tor Books. Ela rejeitou o manuscrito, não gostou de nenhuma das personagens e classificou-o como muito estranho, completamente diferente daquilo que era publicado e idealizado na fantasia. Meses mais tarde ligou-me a dizer que não conseguia tirar o livro da cabeça e que estaria disposta a mudar de ideias – se eu expandisse o livro para uma trilogia e fizesse algumas alterações mais simples.

### 4) O que o motivou a escrever algo tão diferente daquilo que era publicado e idealizado na fantasia?

Não tive qualquer outra motivação senão a vontade de contar uma história pelos olhos dos soldados que tinham de fazer todo o trabalho. Eu fui soldado, depois trabalhei três décadas com homens que, na maior parte dos casos, foram eles próprios soldados na Segunda Guerra

### «Uma obra-prima da fantasia.»

*Best Fantasy Books*

Mundial, Coreia ou Vietname. Não conheci nenhuns príncipes, princesas ou barões. Conheci pessoas que trabalhavam com as mãos. Não tinha nenhuma missão ou visão em especial, só tinha a história. Nunca considereei que o que eu estava a criar seria algo tão vincadamente diferente.

### 5) Qual pensa ter sido a sua maior influência na fantasia enquanto género? Muitas pessoas pensam que existe um antes e um depois d'As Crónicas da Companhia Negra?

Não sei como responder a essa pergunta. Sou introvertido, não presto atenção ao burburinho na internet, e raramente entro em contacto com críticos ou leitores. Ocasionalmente, um novo autor

envia-me um trecho que diz ter sido inspirado por mim, o que é deveras lisonjeador. Tornei-me amigo do Steven Erikson, mas normalmente não penso nesse tipo de coisas. Escrevo apenas algumas histórias para mim, esperando que alguém as publique, e raramente fico mais envolvido do que isso.

### **6) Mas quando é que descobriu que, como disse Steven Erikson, A Companhia Negra tinha mudado o que era a fantasia até então?**

Suspeito que haja aí algum exagero. Posso, contudo, ter proporcionado o entreabrir dessa porta. Steven Erikson, que já reconheceu que, com Malazan, tencionava escrever algo semelhante As Crónicas da Companhia Negra, provavelmente teve mais visibilidade do que eu pois conquistou uma audiência mais generalizada. Acho que sou um escritor para escritores, um autor mais valorizado por outros

autores do que pelo público em geral. Muitas das minhas obras, não só As Crónicas da Companhia Negra, influenciaram novos autores.

### **7) Porque é que acha que As Crónicas da Companhia Negra são tão populares entre os soldados de várias gerações?**

Bem, as personagens da história comportam-se como verdadeiros soldados. Não glorificam a guerra; apenas fazem o seu trabalho. As personagens são soldados reais. Não são militares imaginados por pessoas que nunca estiveram nas forças militares. Esse é o motivo por que os militares gostam da série. Muitas das primeiras personagens foram inspiradas nos homens com quem fiz o serviço militar. Os modelos comportamentais são basicamente o que se pode esperar se nos alistarmos numa unidade pequena.

### **8) É conhecido pela voz contemporânea da sua escrita. O que o levou a este estilo?**

No início da minha carreira decidi que, mesmo que uma pessoa utilize um tipo de linguagem numa determinada situação, pode usar uma linguagem diferente noutra. Um autor onnisciente não deve intrometer-se nisso.

Queria que a minha escrita refletisse a maneira como as pessoas falam realmente. Era suposto ser um contar de histórias num bar, em vez de



*O Tomado  
Caça-Almas,  
uma espécie de Darth  
Vader da fantasia,  
mas mais poderoso  
e sinistro, e que contrata  
a Companhia Negra  
para o serviço da  
Senhora. Ilustração  
de Irontree.*



## **GLEN COOK**

nasceu em 1944 e cresceu na Califórnia. Serviu na Marinha e licenciou-se em Psicologia na Universidade do Missouri. Desde 1971 que publicou vários romances de fantasia e de ficção científica. Depois de trabalhar durante muitos anos na General Motors, tornou-se escritor a tempo inteiro assim que se reformou. Vive com a sua mulher Carol em St. Louis, Missouri.

alguém a escrever formalmente sobre elas. Acho que consegui isso com *A Companhia Negra*.

### 9) Qual é o elogio que recebeu mais frequentemente durante a sua carreira?

«Tu sabes exatamente como é», ou algo do género, de colegas militares, não só de contemporâneos, mas também de outros países. Ou, às vezes, relativamente aos meus personagens: «Conheço estes tipos! Eles eram do meu pelotão/ou do meu navio».

### 10) O seu trabalho influenciou muitos autores. Quais foram os que mais o influenciaram?

Fritz Leiber, Robert E. Howard, Jack Vance, Tolkien, E. R. R. Eddison, e muitos outros escritores clássicos de fantasia e mistério.

### 11) Gostaria de recomendar algum novo autor aos seus leitores?

Sem citar o Erikson (gosto do estilo dele, é brutal com as suas personagens) ou o Esslemont, é difícil. Atualmente quase não leio fantasia, excetuando alguns autores de ficção juvenil e manuscritos que os editores me enviam na esperança que eu faça

### «Glen Cook transformou sozinho o rosto da fantasia.»

Steven Erikson

uma crítica positiva. Às vezes até faço. Gostei dos livros que li do Joe Abercrombie e do Patrick Rothfuss.

### 12) Que conselho dá aos novos autores?

Só um: sentem-se e escrevam. Mas leiam muito antes, durante e depois.

### 13) Esta revista é lida por milhares de leitores de fantasia. Para aqueles que nunca leram *A Companhia Negra*, o que diria para lhes despertar a curiosidade?

Para mim é um pouco difícil, e ligeiramente embaraçador, falar sobre aquilo que escrevo. Já escrevi mais de cinquenta livros, mas não tenho uma ideia clara de porque é que *A Companhia Negra* causou mais impacto do que os outros. Eu adoro a série

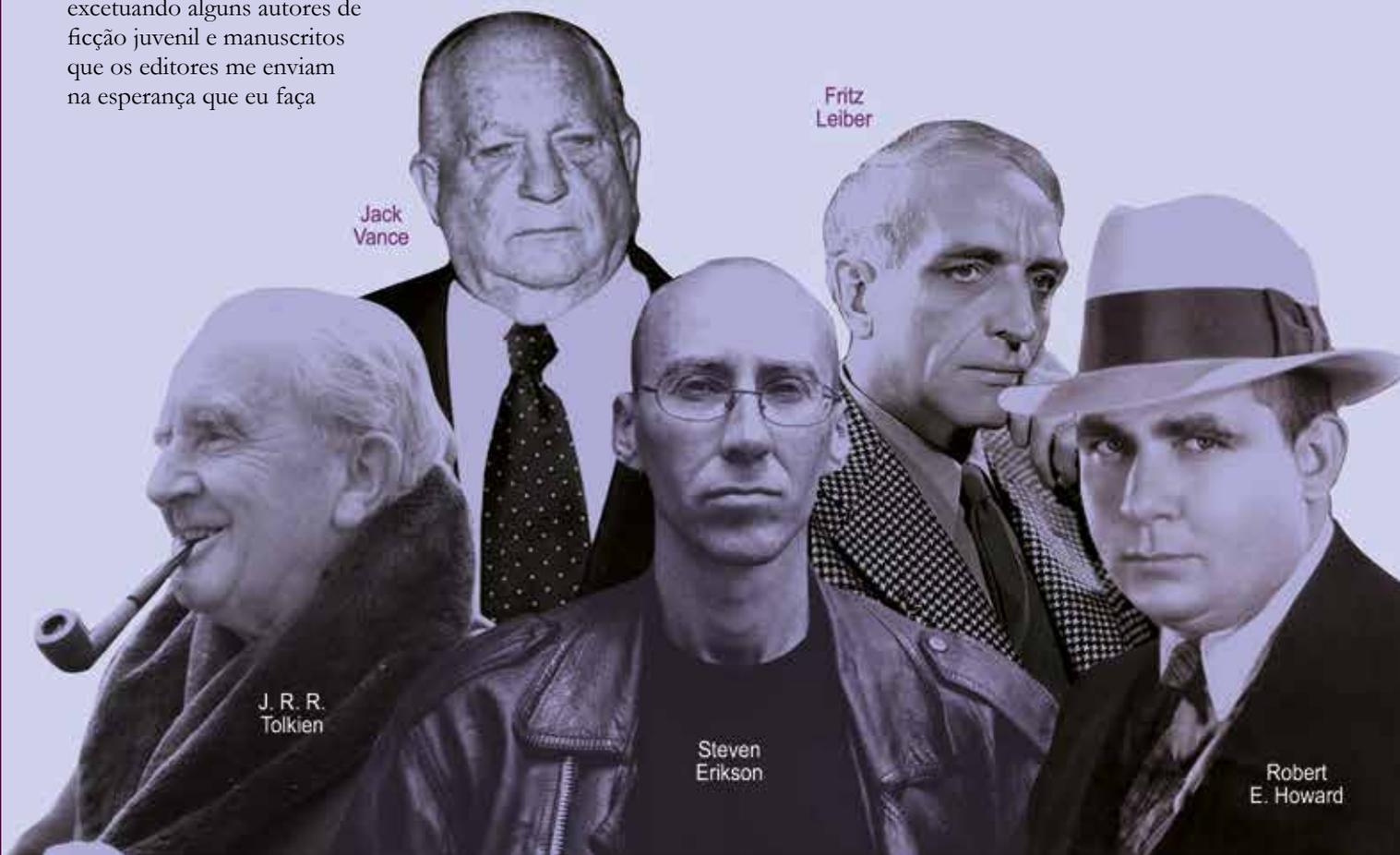
porque foi vantajosa para mim, e a razão do seu sucesso talvez resida nas personagens, no seu desenvolvimento, na forma como enfrentam a vida dura e incerta de militares. E, só por acaso, tudo se passa num mundo de fantasia.

### 14) Por favor, diga-nos que irá haver uma adaptação televisiva da série!

A série televisiva de *A Companhia Negra* está em suspenso há sete anos. De cada vez que parece que está prestes a avançar, alguma coisa acontece. Nada que não seja típico em Hollywood. Mas acabaram de renovar os direitos, talvez seja desta!

### 15) E não gostava de vir a Portugal?

A Saída de Emergência convidou-me, mas tive de recusar. Atualmente não vou a lado nenhum onde não consiga chegar de carro. O convite devia ter vindo há 20 anos! Mas desejo aos meus leitores portugueses que a leitura de *A Companhia Negra* seja uma viagem inesquecível. **BANG!**



J. R. R.  
Tolkien

Jack  
Vance

Fritz  
Leiber

Steven  
Erikson

Robert  
E. Howard

**Ancinho**

*um conto de*

**A**  
**COMPANHIA**  
**NEGRA**



*por*

**GLEN COOK**

*Glen Cook transformou sozinho o rosto da fantasia.*

STEVEN ERIKSON



## I

**O vento soprava e uivava em desvario à volta de Meystrikt. Diabretes árticos riam-se e bufavam o seu fôlego gélido pelas fissuras nas paredes dos meus aposentos. A chama da minha lanterna vacilava e dançava, sobrevivendo à justa. Quando os meus dedos enrijeciam, dobrava-os à volta da chama e deixava-os torrar. O vento era um golpe duro vindo de norte, carregado com neve fina. Caíra meio metro durante a noite. Mais vinha a caminho. Traria consigo mais sofrimento. Senti pena do Elmo e do seu bando. Caçavam o Rebelde.**

**A**

Fortaleza de Meystrikt. Pérola das defesas do Saliente. Gelada no inverno. Húmida na primavera. Um forno no verão. Profetas da Rosa Branca e regulares do Rebelde eram o menor dos seus problemas.

O Saliente é uma longa língua de terra plana apontando para sul, entre cordilheiras montanhosas. Meystrikt situa-se na sua ponta. Canaliza o clima e os inimigos para a fortaleza. A nossa missão é defender esta âncora nas defesas nortenhas da Senhora.

Porquê a Companhia Negra?

Somos os melhores. A infeção Rebelde começou a infiltrar-se no Saliente depois da queda de Forsberg. O Coxo tentou travá-la e falhou. A Senhora enviou-nos para arrumar a barafunda do Coxo. A sua única alternativa seria abandonar outra província.

Tolerou demasiadas retiradas antes da nossa vinda. Quis que o Saliente assinalasse o seu fim.

O vigia do portão tocou uma trompa. O Elmo entrava.

Não havia pressa para o saudar. As regras pediam descontração para dar a entender que o horror não nos atormentava as entranhas. Ao invés, homens espreitavam de esconderijos, pensando em irmãos que tinham partido para caçar. Alguém se perdera? Alguém se ferira com gravidade? Conhecíamos-os melhor que a família. Lutámos lado a lado durante anos. Nem todos eram amigos, mas eram família. A única família que alguma vez tivemos.

No seu auge, três séculos antes, a Companhia contava com 6000 elementos. Os Anais cintilam com a glória desses anos, quando os nossos antecessores serviram os senhores de Hellon. Hoje em dia, as minhas páginas patéticas emanam desolação. Somos uns meros 189. O tempo e o destino não nos foram favoráveis.

Os guardas do portão martelaram o gelo do molinete. Guinchando em protesto, o rastrilho massacrado ergueu-se. Como

historiador da Companhia, podia saudar o Elmo sem violar as regras informais. Tolo que sou, saí para o vento e para o frio.

Um miserável grupo de sombras surgiu no nevão. Os pôneis arrastavam-se. Os seus cavaleiros curvavam-se sobre crinas geladas. Animais e homens encolhiam-se, tentando escapar às garras afiadas do vento. Nuvens de fôlego erguiam-se de montadas e homens, sendo sopradas para longe. Isto, representado num quadro, teria feito um boneco de neve tremer.

Na Companhia inteira, só o Corvo viu neve antes deste inverno. Um belo acolhimento ao serviço da Senhora.

Os cavaleiros aproximaram-se. Pareciam-se mais com refugiados do que com irmãos da Companhia Negra. Pingentes de gelo brilhavam no bigode do Elmo. Trapos escondiam-lhe o resto da cara. Os outros estavam tão enrolados que não conseguia perceber quem era quem. Só o Silencioso montava resolutamente vertical. Olhava em frente, desdenhando daquele vento impiedoso.

O Elmo acenou com a cabeça quando passou o portão.

— Tínhamos começado a questionar-nos — disse eu.

Questionar significa preocupar. As regras exigem que se aparente indiferença.

— Viagem dura. — O Elmo não fala muito.

— Como correu?

— Companhia Negra vinte e três, Rebelde nada. Não há trabalho para ti, Físico. O Jo-Jo está um pouco queimado do gelo, mas nada mais.

— Apanharam o Ancinho?

O Ancinho é um velho, velho inimigo da Senhora, uma luminária do Círculo Rebelde dos Dezoito. As suas profecias desoladoras, feitiçaria exímia e astúcia em batalha custaram à Senhora a sua província de Forsberg. Depois, veio ao Saliente e fez do Coxo um tolo. Outro colapso parecia iminente. No começo do inverno, a Senhora enviou-nos para substituir o mais feroz dos Tomados. A manobra provocou ondas de choque pelo império. Um capitão mercenário tinha recebido forças e poderes habitualmente reservados a um dos Dez!

Com o inverno no Saliente sendo o que era, só uma hipótese de capturar o próprio Ancinho faria o Capitão enviar esta patrulha para o terreno.

O Elmo expôs a cara e sorriu. Não dizia nada. Se dissesse, teria de repetir ao Capitão.

Olhei o Silencioso. Não havia qualquer sorriso na sua cara longa e taciturna. Respondeu com um ligeiro movimento de cabeça. Portanto, outra vitória que, na verdade, era uma derrota. O Ancinho voltou a escapar. Talvez nos fizesse fugir atrás do Coxo, guinchando como ratos demasiado afoitos que tinham desafiado o gato.

Mesmo assim, ceifar vinte e três homens da hierarquia regional do Rebelde contava para alguma coisa. Não era um mau dia de trabalho, na verdade. Melhor do que qualquer coisa que o Coxo tivesse conseguido.

Homens vieram buscar os pôneis da patrulha. Outros serviram vinho aquecido com especiarias e comida quente no salão principal. Deixei-me ficar com o Elmo e o Silencioso. A sua história seria contada em breve.

Após doze anos, sou paciente com o Elmo. É o nosso melhor líder de pelotão. Gostamos um do outro. Considere-o um bom amigo.

## II

O salão principal de Meystrikt tem apenas ligeiramente menos correntes de ar que os aposentos. Tratei o Jo-Jo. Os outros atacaram a refeição. Terminado o banquete, O Elmo, o Silencioso, o Zanolho e o Soqueira reuniram numa mesa pequena. Materializaram-se cartas. O Zanolho virou-se para mim de cenho franzido.

— Vais ficar aí espedado, Físico? Precisamos de uma vítima.

O Zanolho é um homenzinho escuro e mirrado com um temperamento vulcânico e uma boca que merecem cautela. Tem pelo menos cem anos. Os Anais referem-no ao longo do século passado. É impossível saber quando chegou. Setenta anos de Anais perderam-se quando as posições da Companhia foram tomadas na Batalha de Urban. O Zanolho recusa esclarecer os anos que faltam. Diz que não acredita na história.

O Elmo deu cartas. Cinco para cada jogador e uma mão para uma cadeira vazia.

— Físico! — chamou o Zanolho. — Sentas-te?

— Não. Mais cedo ou mais tarde, o Elmo falará. — Bati com a caneta nos dentes.

O Zanolho estava em forma invulgar. Saiu-lhe fumo dos ouvidos. Um morcego guinchante saltou-lhe da boca. Gosta de truques.

— Parece irritado — referi. Os outros sorriram. Provocar o Zanolho é um passatempo predileto.

O Zanolho odeia trabalho de campo. E odeia mais ainda que lhe escape alguma coisa. Os sorrisos e olhares benevolentes do Silencioso convenceram-no de que lhe tinha escapado alguma coisa boa.

O Elmo voltou a dar cartas e olhou-as de perto. Os olhos do Silencioso brilhavam. Não havia dúvida. Tinham uma surpresa especial.

O Corvo ocupou o lugar que me tinham oferecido. Ninguém se opôs. Nem o Zanolho se opõe com frequência a alguma coisa que o Corvo decida fazer.

O Corvo. Mais frio que o clima lá fora. Talvez uma

alma morta. Conseguir fazer um homem estremecer com um olhar. Nem os Tomados, exceto o Coxo, me afetam da mesma forma. O Caça-Almas é mais caloroso.

É impossível descrever a aura do sujeito. Exala um fedor a sepultura. A nossa, se o arrelhiarmos.

Nunca sorri. Talvez diga uma palavra por mês a mais que o Silencioso. Misterioso e assustador. E, no entanto... No entanto, há a Amorosa, a sua sombra, de 9 ou 10 anos, que resgatou das ruínas de uma aldeia que o Coxo queimou. A Amorosa adora-o. Frágil, pálida, etérea, manteve-lhe uma mão pequena sobre o ombro enquanto ordenava as cartas. Sorriu-lhe.

O Corvo é uma mais-valia em qualquer jogo que inclua o Zanolho. O Zanolho faz batota. Mas nunca quando o Corvo joga.

Ninguém se mete com o Corvo.

— Ela ergue-se na Torre, olhando para norte. Une as mãos delicadas à Sua frente. Uma brisa mansa infiltra-se pela Sua janela. Agita a seda noturna do Seu cabelo. Diamantes de lágrima cintilam na curva gentil da Sua face.

— Uuuuuuh!

— Ah, uau!

— Autor! Autor!

— Que uma porca te parisse uma ninhada no saco-cama, Willie. — Aqueles sujeitos vibram com as minhas fantasias sobre a Senhora.

As descrições são um jogo que faço comigo mesmo. Tanto quanto sabem, as minhas invenções podem corresponder à realidade. Só os Dez Que Foram Tomados veem a Senhora. Quem sabe se é bela, feia ou o que seja?

— Diamantes de lágrima, hã? — disse o Zanolho. — Gosto disso. Achas que chora por ti, Físico?

— Cala-te. Não troço dos teus jogos.

O Tenente entrou, sentou-se e olhou-nos com expressão severa. O seu objetivo na vida era condenar.

A sua chegada significava que o Capitão vinha a caminho. O Elmo pousou as cartas na mesa e compôs-se.

Instalou-se o silêncio. Homens surgiram como por magia.

— Tranquem a maldita porta! — murmurou o Zanolho. — Se continuarem a entrar assim, congelo. Acaba o jogo, Elmo.

O Capitão entrou. É baixo, moreno, tem olhos duros e projeta a autoconfiança de um homem habituado a obediência imediata. Ocupou o seu lugar habitual.

— Vamos a isto, Sargento. — Mais ninguém trata o Elmo por «Sargento».

O Capitão não é uma das personagens mais coloridas. Demasiado calado. Demasiado sério. Raramente visto. Mesmo assim, é um estratega competente e um brilhante gestor de homens. Compara o comando da Companhia à administração de um jardim zoológico. É o único de nós que o Corvo leva a sério.

O Elmo alinhou as cartas na mesa enquanto ordenava os pensamentos. É obcecado com a brevidade e com a precisão.

— Sargento?

— O Silencioso avistou um piquete a sul da quinta, Capitão. Contornámos pelo norte. Atacámos depois de anoitecer. Tentaram dispersar. O Silencioso distraiu o Ancinho enquanto lidávamos com os outros. Trinta homens. Matámos vinte e três. Gritámos muito pela segurança do nosso espião. O Ancinho escapou.

A astúcia é o segredo do sucesso desta operação. Queremos que o Rebelde acredite que as suas fileiras estão repletas de informadores. Isso prejudica-lhe a comunicação e as decisões e torna menos arriscada a vida do Silencioso, do Zorollo e do Duende, os nossos feiticeiros de segunda categoria.

O rumor semeado. A incriminação superficial. Um toque de suborno ou chantagem. São essas as nossas armas preferidas. Optamos por combater apenas quando temos os nossos adversários encurralados.

— Regressaram diretamente para a fortaleza?

— Sim, senhor. Depois de pegar fogo à quinta e aos barracões. O Ancinho escondeu bem o seu rasto.

O Capitão olhou as traves enegrecidas pelo fumo no alto. O silêncio só foi quebrado quando o Silencioso estalou as cartas. O Capitão baixou o olhar.

— Então diz-me porque sorris com o Silencioso como um par de idiotas chapados?

O Zorollo murmurou:

— Orgulham-se de terem voltado para casa de mãos a abanar.

O Elmo sorriu.

— Mas não voltámos.

O Silencioso enfiou a mão dentro da camisa imunda e retirou a pequena bolsa de couro que trazia sempre pendurada à volta do pescoço por um fio. A sua bolsa de truques. Está cheia de coisas nocivas como orelhas de morcego putrefactas ou elixir de pesadelo. Daquela vez, retirou um pedaço de papel dobrado. Dirigiu olhares dramáticos ao Zorollo e ao Duende e abriu o papel, uma dobra de cada vez. Até o Capitão se levantou, aproximando-se da mesa.

— Olhai! — disse o Elmo.

### III

**— É** só cabelo. — Cabeças abanaram. Gargantas grunhiram. Alguém questionou a sanidade do Elmo. Mas o Zorollo e o Duende arregalavam os seus três olhos. O Zorollo chilreou qualquer coisa incompreensível. O Duende guinchou algumas vezes, mas é verdade que o Duende guincha sempre.

— É mesmo dele? — Conseguiu perguntar, por fim. — Mesmo dele?

O Elmo e o Silencioso irradiavam a arrogância de conquistadores de sucesso.

— Sem qualquer puta de dúvida — disse o Elmo. — Do cocuruto. Apanhámos o velho pelos tomates e ele sabia disso. Fugiu de lá tão depressa que bateu com a cabeça numa porta. Vi-o e o Silencioso também. Deixou isto na madeira. Aquele velho corre bem.

E o Duende, uma oitava acima do seu habitual guincho de dobradiças ferrugentas, quase saltando de entusiasmo:

— Cavalheiros, é nosso. É como se já estivesse pendurado de um gancho. O maior de todos. — Miou ao Zorollo: — Que te parece isto, seu bruxo deprimente?

Um bando de minúsculos pirilampos saiu de uma das narinas do Zorollo. Soldados disciplinados que eram formaram imediatamente, desenhando no ar as palavras «o Duende é rabetas». O zumbido das suas pequenas asas entoou as palavras para os analfabetos.

Não há qualquer verdade nessa afirmação. O Duende é totalmente heterossexual. O Zorollo é um provocador.

Tem no Duende um adversário à altura e alimentam um duelo inútil há anos.

O Duende moveu uma mão. Uma grande figura sombria, como o Caça-Almas, mas suficientemente alta para roçar as traves do teto, curvou-se e apontou um dedo acusador ao Zorollo. Uma voz sem corpo sussurrou:

— Foste tu quem corrompeu o rapaz, maricão.

O Zorollo grunhiu, abanou a cabeça, voltou a abaná-la e tornou a grunhir. O seu olho vidrou. O Duende riu, conteve-se e voltou a rir. Rodopiou para longe da mesa, fazendo uma dança de vitória desvairada à frente da lareira.

Os nossos companheiros menos intuitivos resmungaram. Um par de cabelos. Grande coisa. Com eles e duas moedas de prata comprava-se uma cambalhota com as pegas da aldeia.

— Cavalheiros! — O Capitão compreendia.

O espetáculo de sombras terminou. O Capitão olhou os feiticeiros. Pensou. Andou para trás e para diante. Anuiu para si mesmo. Por fim, perguntou:

— Zorollo. São suficientes?

O Zorollo riu-se. Era um som espantosamente grave para um homem tão pequeno.

— Um cabelo será suficiente, senhor. Ou uma unha. É nosso, senhor.

O Duende continuou a sua dança estranha. O Silencioso continuou a sorrir. Completamente loucos, todos eles.

O Capitão pensou mais um pouco.

— Não conseguiremos lidar com isto sozinhos. — Deu uma volta pelo salão com passadas momentosas. — Temos de chamar um dos Tomados.

O nosso segredo mais precioso é o facto de termos connosco três feiticeiros. Não são grande coisa, mas tornam-nos eficazes quando as probabilidades de sucesso parecem reduzidas. O inimigo não pode descobrir. Desbarataria os seus recursos para nos esmagar como insetos.

Um dos Tomados. Foi como se o frio tivesse invadido o salão, tornando-nos estátuas de gelo. Um dos discípulos de sombra da Senhora... um daqueles senhores sombrios ali? Não...

— Não o Coxo. Estamos-lhe atravessados.

— O Milformas dá-me arrepios.

— O Noturno é pior.

— Consequimos fazê-lo, Capitão — disse o Zorollo.

— E os primos do Ancinho cairiam sobre nós como moscas sobre fruta podre. Não.

— O Caça-Almas — sugeriu o Tenente. — Afinal, é o nosso patrono. Mais ou menos.

A sugestão foi aprovada. Sabíamos o que esperar do Caça-Almas. Recrutou-nos para servir a Senhora. Envergamos o seu distintivo da caveira quando isso se adequa aos propósitos do Capitão.

— Contacta-o, Zorollo — disse o Capitão. — Preparam-se para avançar quando aqui chegar.

O Zorollo acenou com a cabeça e sorriu. Estava apaixonado. Estratagemas retorcidos e desagradáveis formavam-se já na sua mente pérfida.

Devia ter cabido ao Silencioso, na verdade. O Capitão atribuiu aquilo ao Zorollo por não conseguir lidar com a recusa do Silencioso em falar. Por algum motivo, isso assustou-o.

O Silencioso não protestou.

Alguns dos nossos criados nativos são espiões. Sabemos que o são graças ao Zorollo e ao Duende. Um deles, que

não sabia nada do cabelo, tinha já sido deixado partir com a notícia de que montávamos um quartel-geral de espiões em Rosas, a cidade livre.

Quando temos os batalhões menos numerosos, aprendemos a usar a astúcia.

## IV

**O**s Dez Que Foram Tomados. Quatro séculos antes, um feiticeiro exímio e cruel estabeleceu a sua soberania sobre um império sem igual desde então. É recordado apenas como O Dominador, a sua era como A Dominação e o seu império igualmente como O Domínio ou A Dominação. O seu principal aliado foi a sua amante, a mulher conhecida, então e agora, como Senhora ou Senhora Sombria. Fizeram com que os seus nomes fossem esquecidos com astúcia e cautela admiráveis.

Os seus escravos-veneradores-capitães, os Dez, foram recrutados entre os maiores dos seus adversários vencidos e seduzidos. Também eles fizeram esquecer os seus nomes durante as guerras de libertação do passado distante. Tornaram-se o Noturno, o Tormentosa, o Uivador e assim sucessivamente. No final, o Dominador ficou cercado nas florestas nortenhas e aí foi vencido. Ele e os seus campeões foram enterrados vivos num complexo de mamoas posteriormente trancado por todos os feitiços de bloqueio conhecidos.

Antes de cair, o Dominador profetizou a sua ressurreição.

Os séculos passaram. Algum idiota intrometido desfez os feitiços. O que dormia despertou. Sepulturas abriram-se. Os Tomados ergueram-se. A Senhora ergueu-se com eles... mas o Dominador não. Tinha-o enganado na sua queda, colocando-se a si mesma na posição suprema.

Portanto, um novo império nasceu. Com o tempo, o Caça-Almas recrutou a Companhia Negra para travar as batalhas da Senhora.

Todos os governantes criam inimigos. A Senhora não é exceção. Os seus maiores inimigos são os Filhos da Rosa Branca ou Profetas Brancos, que afirmam ser descendentes espirituais e filosóficos da Rosa Branca, a general que derubou o Domínio. Chamamos-lhes Rebeldes. O seu órgão de comando é o Círculo de Dezoito. São feiticeiros poderosos que se infiltram no império, arquitetando rebelião. O império começa a desmoronar-se. Os exércitos da Senhora têm perdido batalhas mesmo quando comandados pelos Tomados. O futuro parece negro. O Rebelde torna-se mais forte com cada dia que passa.

Quem seguir a emoção decidirá que o Rebelde é o tipo a apoiar. Luta por tudo o que os homens afirmam honrar: liberdade, independência, verdade, o que é justo... Todas as ilusões subjetivas, todas as eternas palavras de ordem. Servimos os vilões da história. Confessamos a ilusão e negamos a substância.

Não há vilões autoproclamados, apenas regimentos de santos autoproclamados. São os historiadores vitoriosos quem decide de que lado está o bem e o mal.

Abjuramos rótulos. Somos a Companhia Negra. Lutamos por dinheiro e por um orgulho indefinível, A política, a ética e as moralidades são irrelevantes.

O Caça-Almas firmou connosco um contrato sem termo. Serviremos a Senhora até cair.

## V

**O**Zarolho contactou o Caça-Almas. Disse que viria. O Duende disse que o velho bruxo uivou de deleite. Cheirou-lhe a oportunidade para melhorar a sua cotação e esquecer a questão com o Coxo. Os Dez discutem e atraçoam-se. São piores que crianças mimadas.

O inverno descontraíu brevemente o seu cerco. Os homens e o pessoal nativo começaram a limpar os pátios de Meystrikt. Um dos nativos desapareceu. No salão principal, o Zarolho e o Silencioso olhavam para as cartas com altivez. O Rebelde ouvia o que queriam que ouvisse.

— Que se passa na muralha? — perguntei. O Elmo tinha montado um bloco de polias e soltava uma pedra das ameias. — Que farás com essa pedra?

— Um pouco de escultura, Físico. Tenho um novo passatempo.

— Então não me digas. Não quero saber.

— Terás muitos amigos com esse feitio. Queria perguntar se podes vir atrás do Ancinho connosco. Para seres exato nos Anais.

— Com uma palavra sobre o génio do Zarolho?

— O mérito a quem pertence, Físico.

— Então o Silencioso merece um capítulo, não?

Grunhiu. Resmungou. Praguejou.

— Queres jogar uma mão? — Só tinham três jogadores, um dos quais era o Corvo. Jogar *Tonk* é mais interessante com quatro ou cinco.

Venci três mãos seguidas.

— Não tens nada para fazer? Uma verruga para cortar ou coisa parecida?

— Pediste-lhe que jogasse — disse um soldado que assistia ao jogo e dava conselhos indesejados.

— Gostas de moscas, Otto?

— Moscas?

— Vou transformar-te numa rã se não fechares essa boca.

O Otto não ficou impressionado.

— Não conseguirias transformar um girino numa rã. Ri-me.

— Estavas a pedi-las, Zarolho. Quando chega o Caça-Almas?

— Quando chegar.

Acenei com a cabeça. Era impossível encontrar uma lógica na forma como os Tomados faziam as coisas.

— Estamos muito bem-dispostos hoje, não estamos? Quanto perdeu, Otto?

O Otto limitou-se a sorrir.

O Corvo venceu as duas mãos seguintes.

O Zarolho calou-se. Lá se ia a possibilidade de descobrir a natureza do seu projeto. Talvez fosse melhor assim. Uma explicação que não fosse dada não podia ser ouvida pelos espiões do Rebelde.

Seis cabelos e um bloco de calcário. Mas que raio?

Durante quatro dias, o Silencioso, o Duende e o Zarolho revezaram-se a trabalhar essa pedra. Visitei ocasionalmente o estábulo. Deixaram-me observar e rosnar em protesto quando não respondiam às minhas perguntas.

Também o Capitão enfiava a cabeça pela porta, por vezes, encolhendo os ombros e regressando aos seus aposentos. Estudava estratégias para uma campanha primaveril que lançaria todo o poderio imperial disponível contra o

Rebelde. Os seus aposentos estavam impenetráveis, tão numerosos eram os mapas e os relatórios.

Tínhamos tido contacto limitado com o Rebelde desde a chegada. Tínhamo-lo ferido, mas nada como o que pretendíamos fazer quando o tempo mudasse.

Pode ser cruel, mas a maioria de nós aprecia o que fazemos... e o Capitão mais do que qualquer um. Duelos de astúcia com o Ancinho é um jogo predileto. Não lhe importam os mortos, as aldeias em chamas, as crianças famintas. Tal como não importam ao Rebelde, que afirma salvar o povo da tirania. Dois exércitos cegos, incapazes de ver algo além do adversário.

## VI

**O** Caça-Almas chegou a altas horas, durante um nevão muito maior do que aquele que o Elmo suportara. O vento soprava e uivava. A neve empilhara-se contra o canto nordeste da fortaleza até às ameias e transbordando. As provisões de madeira e palha começavam a preocupar. Os locais diziam que era o pior nevão da história.

No seu auge, o Caça-Almas chegou. O «bum-bum-bum» da sua batida no portão despertou Meys-trikt inteira. Soaram trompas. Tambores ribombaram. O vigia do portão guinchou ao vento. Não conseguiam abrir.

O Caça-Almas passou a muralha, subindo pela neve empilhada. Caiu, quase desaparecendo na neve solta do pátio. Difícilmente seria uma chegada digna de um dos Dez.

Apressei o passo até ao salão principal. O Zanolho, o Silencioso e o Duende já lá estavam, com a fogueira arden-do alegremente. O Tenente chegou, seguido pelo Capitão. O Elmo e o Corvo acompanharam o Capitão.

— Mandem os outros de volta para a cama — ripo-stou o Tenente.

O Caça-Almas entrou, despiu uma capa preta pesada e agachou-se diante do fogo. Pensei se o gesto humano seria calculado.

O corpo esguio do Caça-Almas está sempre coberto com couro negro, da garganta aos dedos dos pés. Traz um morrião preto que lhe esconde a cabeça, nuvens pretas e botas pretas. Só um par de distintivos de prata quebram a monotonia das suas vestes. A única cor é do rubi por lapidar no pomo da sua adaga. Uma mão com cinco garras prende a pedra preciosa ao punho da arma.

Pequenas curvas suaves interrompem a lisura do peito do Caça-Almas. Há algo de feminino nas suas ancas e pernas. Três dos Tomados são mulheres, mas só a Senhora sabe quais. Tratamo-los a todos por «ele». O seu sexo nunca significará nada para nós.

Ostentamos o distintivo do Caça-Almas, mesmo que seja apenas um patrono e não o nosso mestre. A sua proteção ajuda quando precisamos de lidar com outros dos Tomados.

Afirma ser nosso amigo, nosso defensor. Mesmo assim, a sua presença trouxe um frio diferente para dentro do salão. O seu frio nada tem a ver com o clima. Até o Zanolho estremece quando está por perto.

E o Corvo? Não sei. O Corvo parece incapaz de qualquer sentimento que não esteja relacionado com a

Amorosa. Um dia, essa grande máscara de pedra partirá. Espero estar presente para ver.

O Caça-Almas virou as costas ao fogo.

— Portanto. — Voz aguda. — Belo tempo para uma aventura. — Barítono. Seguem-se sons estranhos. Riso. O Caça-Almas disse uma piada.

Ninguém se riu.

Não devíamos rir. O Caça-Almas virou-se para o Zanolho.

— Diz-me. — Isto com voz de tenor, lenta e suave, abafada como se viesse de trás de uma parede fina. Ou, como diz o Elmo, como se viesse do interior de uma sepultura.

A voz do Caça-Almas muda de cada vez que fala, como se houvesse cem pessoas falando à vez. É assustador, mas habituamo-nos... até ouvirmos as vozes discutindo umas com as outras.

Toda a bazófia e teatralidade abandonou o Zanolho.

— Começaremos pelo princípio. Capitão?

O Capitão disse:

— Um dos nossos informadores soube de uma reunião dos capitães Rebeldes. O Zanolho, o Duende e o Silencioso seguiram a movimentação de Rebeldes conhecidos...

— Deixaram-nos livres?

— Conduziram-nos aos seus amigos.

— Claro. Uma das falhas do Coxo. Imaginação nula.

Mata-os onde os encontra... e a todos os que encontrar em redor. — Novamente aquele riso estranho. — Menos eficiente, não? — disse outra frase mas não numa língua que conhecesse.

O Capitão anuiu.

— Elmo?

O Elmo repetiu o relato da sua parte, palavra por palavra. Passou o testemunho ao Zanolho, que traçou um plano para capturar o Ancinho. Não percebi, mas o Caça-Almas percebeu imediatamente. Riu-se uma terceira vez.

Calculei que libertaríamos o lado negro da natureza humana.

O Zanolho levou o Caça-Almas para ver a sua pedra misteriosa. Aproximámo-nos mais da fogueira. O Silencioso puxou por um baralho. Ninguém aceitou o desafio.

Por vezes, penso como os regulares mantêm a sanidade. Têm sempre os Tomados por perto. O Caça-Almas é adorável por comparação com os outros.

O Zanolho e o Caça-Almas regressaram, rindo.

— Almas gémeas — murmurou o Elmo, expressando uma rara opinião.

O Caça-Almas voltou a apossar-se da fogueira.

— Bom trabalho, cavalheiros. Muito bem. Imaginativo. Isto poderá vencê-los no Saliente. Partimos para Rosas quando o tempo melhorar. Um bando de oito, Capitão, incluindo dois dos vossos bruxos. — Cada frase foi seguida por uma pausa. Foram todas proferidas com uma voz diferente. Estranho.

Ouvi dizer que são as vozes de todos cujas almas o Caça-Almas capturou.

Mais arrojado que o habitual, ofereci-me para a expedição. Queria ver como o Ancinho seria capturado com cabelo e um bloco de calcário. O Coxo tinha falhado com todo o seu poder furioso.

O Capitão pensou no assunto.

— Está bem, Físico. O Zanolho e o Duende. E tu, Elmo. Escolhe mais dois.

— São sete, Capitão.

— Oito com o Corvo.

— Ah. O Corvo. Claro.

Claro. O Corvo, silencioso e mortífero, seria o alter-ego do Capitão. Havia um elo entre esses homens que ultrapassava a compreensão. É como se fossem irmãos... Suponho que me incomoda porque o Corvo me assusta. Mais do que os Tomados.

O Caça-Almas parece-me um Corvo ancestral. Têm tamanho aproximado e o Corvo tem a mesma expressão gélida e impassível.

O Capitão olhou o Corvo, que arqueou a sobrancelha direita. O Capitão respondeu com um aceno superficial da cabeça. Um minúsculo espasmo do ombro do Corvo. Qual era a mensagem? Não conseguia perceber.

Passava-se algo invulgar. Quem sabia, achava aquilo delicioso. Mesmo sem saber o que seria, sabia que seria eficaz e desagradável.

## VII

**A** tempestade cessou. Pouco depois, a estrada para Rosas ficou desbloqueada. O Caça-Almas parecia agitado. O Ancinho levava um avanço de duas semanas. Demoraríamos uma semana a chegar a Rosas. As histórias postas a circular pelo Zanolho poderiam perder a relevância antes de chegarmos.

Partimos antes do amanhecer, com o bloco de calcário numa carroça.

Os feiticeiros pouco tinham feito além de abrirem uma cavidade com o tamanho aproximado de um grande melão. Não conseguia perceber para que servia. O Zanolho e o Duende ocupavam-se dela com o empenho de um noivo para a sua noiva. O Zanolho respondia às minhas perguntas com grandes sorrisos. Miserável.

O tempo favorável manteve-se. Ventos quentes sopravam de sul. Encontrámos longos trechos de estrada lamacentos. E testemunhei um fenómeno chocante. O Caça-Almas avançou pela lama dentro e puxou a carroça connosco. Esse grande senhor do império.

Rosas é a cidade-rainha do Saliente, uma cidade livre, ampla e populosa, uma república. A Senhora não decidiu revogar a sua tradicional autonomia. O mundo precisa de sítios onde homens de todas as cores e estatutos possam escapar às habituais restrições.

Portanto, Rosas. Sem senhor. Repleta de agentes e espões e daqueles que vivem fora da lei. Em tal ambiente, dizia o Zanolho, o seu plano teria de resultar.

As muralhas vermelhas de Rosas erguiam-se altas sobre nós, iluminadas pelo sol poente quando chegámos.

## VIII

**O** Duende entrou no quarto que tínhamos ocupado.  
— Encontrei o sítio — guinchou ao Zanolho.  
— Excelente.

Curioso. Não tinham trocado uma palavra em semanas. Habitualmente, uma hora sem discussão era um milagre.

O Caça-Almas moveu-se no canto ensombrado onde

permanecia plantado como um arbusto negro e ressequido, uma multidão discutindo consigo mesma.

— Continua.

— É uma velha praça. Uma dúzia de vielas e ruas como entradas e saídas. Mal iluminada à noite. Sem motivo para ter movimento quando o sol se põe.

— Parece perfeito — disse o Zanolho.

— É. Aluguei um quarto com vista para a praça.

— Vamos vê-lo — disse o Elmo. O tempo que tínhamos passado ali fechados afetava-nos a todos. Começou um êxodo. Só o Caça-Almas permaneceu onde estava. Talvez compreendesse porque precisávamos de sair.

Aparentemente, o Duende tinha razão quanto à praça.

— E então? — perguntei. O Zanolho sorriu. Exclamei: — Fechados em copas! Que jogo é este?

— Esta noite? — perguntou o Duende.

— Começo a ficar frustrado — anunciei. — Que se passa, palhaços? Tudo o que fazem é jogar às cartas e ver o Corvo afiar as facas. — Aquilo durava horas, com o movimento da pedra de amolar sobre o aço arrepiando-me. Era um prenúncio. O Corvo só fazia isso quando esperava que as coisas se tornassem desagradáveis.

O Zanolho produziu um som parecido com o grito de um corvo.

## IX

**L**evámos a carroça à meia-noite. O dono do estábulo chamou-nos loucos. O Zanolho esboçou-lhe um dos seus famosos sorrisos. Conduziu a carroça. Os outros seguiram-no, cercando a carroça.

Tinha havido mudanças. Algo fora acrescentado. Alguém tinha gravado a pedra com uma mensagem. Provavelmente o Zanolho durante uma das suas inexplicadas ausências.

Sacos volumosos de couro e uma mesa sólida juntaram-se à pedra. A mesa parecia capaz de suportar a pedra. As pernas eram de madeira escura e polida e tinham gravados símbolos de prata e marfim muito complexos, hieroglíficos, místicos.

— De onde trouxeram a mesa? — perguntei. O Duende guinchou e riu-se. Rosnei. — Porque não me podem dizer agora?

— Está bem — disse o Zanolho com uma gargalhada malévola. — Fizemo-la.

— Para quê?

— Para pôr a nossa pedra em cima.

— Não me dizes nada.

— Paciência, Físico. Tudo a seu tempo. — Canalha. Havia algo de estranho na nossa praça. Estava enevoada. Não havia nevoeiro em qualquer outro sítio.

O Zanolho parou a carroça no centro da praça.

— Descarreguem a mesa, rapazes.

— Desce daí — guinchou o Duende. — Achas que consegues escapar-te a isto? — Virou-se para o Elmo. — O maldito velho aleijado tem sempre uma desculpa.

— Tem alguma razão, Zanolho. — O Zanolho protestou. O Elmo replicou:

— Levanta daí o traseiro.

O Zanolho arregalou o olho ao Duende.

— Um dia, vou apanhar-te, companheiro. Maldição de impotência. Que te parece?

O Duende não ficou impressionado.

— Lançar-te-ia uma maldição de estupidez se conseguisse ir além do que a natureza já conseguiu.

— Descarreguem a maldita mesa — ordenou o Elmo, impacientando-se.

— Estás nervoso? — perguntei-lhe. As quezílias entre os dois nunca o incomodavam. Tratava-as como parte da diversão.

— Sim. Tu e o Corvo subam e empurrem.

A mesa era mais pesada do que parecia. Só com o esforço de todos conseguimos descê-la da carroça. Os grunhidos fingidos e as pragas do Zanolho não ajudaram. Perguntei-lhe como a tinham trazido para a carroça.

— Construimo-la ali, imbecil — respondeu. A seguir, gesticulou-nos, esperando que a movêssemos centímetro e meio nesta direção e naquela.

— Deixem — disse o Caça-Almas. — Não temos tempo para isto. — O seu desagrado teve um efeito salutar. Nem o Zanolho nem o Duende disseram mais uma palavra.

Deslizámos a pedra até à mesa. Recuei um passo, limpando o suor da cara. Estava ensopado. A meio do inverno. A pedra irradiava calor.

— Os sacos — disse o Caça-Almas. Aquela voz parecia de uma mulher que não me importaria de conhecer.

Peguei num e gemi. Era pesado.

— Ei. Isto é dinheiro.

O Zanolho riu-se. Levei o saco até à pilha debaixo da mesa. Uma maldita fortuna ali. Na verdade, nunca tinha visto tanto dinheiro no mesmo sítio.

— Cortem os sacos — ordenou o Caça-Almas. — Depressa!

O Corvo cortou os sacos e o tesouro verteu sobre o empedrado. Olhámos fixamente com avidez no coração.

O Caça-Almas segurou o ombro do Zanolho e o braço do Duende. Os dois feiticeiros pareceram mirrar. Viraram-se para a mesa e para a pedra. O Caça-Almas disse:

— Movam a carroça.

Continuava sem ter lido a mensagem imortal que tinham gravado na pedra. Aproximei-me para espreitar.

AQUELE QUE RECLAMAR ESTA FORTUNA DEPOSITA A CABEÇA DA CRIATURA ANCINHO NESSE TRONO DE PEDRA.

Ah. Ah. Sem rodeios. Direto. Simples. Exatamente o nosso estilo. Ah.

Recuei um passo, tentando adivinhar a magnitude do investimento do Caça-Almas. Vi ouro entre a pilha de prata. De um saco jorraram pedras preciosas por lapidar.

— O cabelo — exigiu o Caça-Almas. O Zanolho estendeu-lhe os cabelos. O Caça-Almas colocou-os dentro da cavidade com o tamanho de uma cabeça. Recuou e deu as mãos ao Zanolho e ao Duende.

Fizeram magia.

Tesouro, mesa e pedra começaram a emitir um brilho dourado.

O nosso arqu-inimigo era um homem morto. Meio mundo tentaria reclamar a recompensa pela sua cabeça. Era demasiado grande para resistir. A sua própria gente voltar-se-ia contra ele.

Via apenas uma ínfima salvação. Podia ser ele próprio a roubar o tesouro. Mas seria duro. Nenhum Profeta Rebelde conseguiria superar a magia de um dos Tomados.

Completaram o feitiço.

— Alguém o teste — disse o Zanolho.

Ouviu-se um estalo feroz quando a ponta da adaga do Corvo passou além das pernas da mesa. Praguejou e olhou a arma com desagrado. O Elmo golpeou com a espada. Estalo. A ponta da sua lâmina estava incandescente.

— Excelente — considerou o Caça-Almas. — Levem a carroça.

O Elmo escolheu um homem para a tarefa. O resto de nós partiu para o quarto que o Duende alugara.

## X

**A** princípio, amontoámo-nos à janela, esperando que algo acontecesse. Essa possibilidade esmoreceu depressa. Rosas só descobriu o destino que tínhamos traçado para o Ancinho quando amanheceu.

Empreendedores cautelosos encontraram cem formas de tentar conseguir o dinheiro. Multidões vieram apenas ver. Um grupo esforçado começou a cavar na rua para lhe chegar por baixo. A polícia escorraçou-os.

O Caça-Almas sentou-se ao lado da janela e não se mexeu. Numa ocasião, disse-me:

— Tenho de mudar os encantamentos. Não esperava tanto engenho.

Surpreendido com a minha própria audácia, perguntei:

— Como é a Senhora? — Acabara, momentos antes, um dos meus esboços fantasiosos.

Virou-se lentamente e olhou-me por um instante.

— Algo que corte aço. — A voz era feminina e desdenhosa. Uma resposta estranha. Então: — Tenho de impedir que usem ferramentas.

Lá se ia a possibilidade de um testemunho ocular. Devia ter esperado. Os mortais são meros objetos para os Tomados. As nossas curiosidades são absolutamente indiferentes. Retirei para o meu reino secreto e para o seu leque de Senhoras imaginárias.

O Caça-Almas modificou os feitiços de proteção nessa noite. Na manhã seguinte, havia cadáveres na praça.

O Zanolho acordou-me na terceira noite.

— Temos um cliente.

— Hum?

— Um sujeito com uma cabeça. — Estava agradado.

Cambaleei até à janela. O Duende e o Corvo já lá estavam. Encolhemo-nos de um lado. Ninguém se queria aproximar demasiado do Caça-Almas.

Um homem atravessava a praça em baixo. Uma cabeça pendia-lhe da mão. Segurava-a pelo cabelo. Disse:

— Pensei quanto tempo levaria isto a começar.

— Silêncio — silvou o Caça-Almas. — Está ali.

— Quem?

Era paciente. Notavelmente paciente. Outro dos Tomados ter-me-ia fulminado.

— O Ancinho. Não nos denuncies.

Não percebi como soube. Talvez não quisesse descobrir. Aquelas coisas assustavam-me.

— Uma visita furtiva estava prevista — sussurrou o Duende, guinchando. Como conseguia guinchar quando sussurrava? — O Ancinho quis perceber o que enfrenta. Não poderia fazê-lo de outro local. — O homenzinho gordo parecia orgulhoso.

O Capitão diz que a natureza humana é a nossa lâmina mais afiada. A curiosidade e o instinto de sobrevivência

atraíram o Ancinho para o nosso caldeirão. Talvez o virasse sobre nós. Tínhamos muitas pontas soltas.

Passaram semanas. O Ancinho veio uma e outra vez, aparentemente contentando-se em observar. O Caça-Almas disse-nos que o deixássemos estar, por mais que se tornasse um alvo fácil.

O nosso mentor pode ser cordato connosco, mas também tem a sua crueldade. Parecia querer atormentar o Ancinho com a incerteza do seu destino.

## XI

**E**sta cidade enlouquece com a febre da recompensa — guinchou o Duende. Fez uma das suas danças. — Devias sair mais, Físico. Transformam o Ancinho numa indústria. — Gesticulou-me que o acompanhasse até ao canto mais distante do Caça-Almas. — Olha — sussurrou.

Tinha dois punhados de moedas. Algumas eram de ouro. Disse-lhe:

— Vais começar a andar inclinado para um lado.

Sorriu. O sorriso do Duende era digno de ver. Tem a boca mais larga do continente. Abre-se praticamente como a de uma rã.

— Ganhei isto vendendo dicas sobre a localização do Ancinho — segredou. E com um olhar ao Caça-Almas: — Dicas falsas. — Pôs-me uma mão no ombro. Precisou de esticar o braço para o fazer. — Podemos enriquecer lá fora.

— Não sabia que fazíamos isto para enriquecer.

Franziu o cenho. A sua face redonda e pálida cobriu-se de rugas.

— O que és tu? Algum...

O Caça-Almas virou-se. O Duende gemeu:

— Estamos só a discutir uma aposta, senhor. Só uma aposta.

Ri-me alto.

— Muito convincente, parceiro. Porque não te enforcas para poupar tempo?

A sua expressão de desagrado não durou muito. O Duende é impossível de desanimar. O seu humor vem ao de cima nas situações mais deprimentes. Sussurrou:

— Merda, Físico. Devias ver o que o Zanolho faz. Vende amuletos. Com a garantia de conseguirem avisar se houver um Rebelde por perto. — Um olhar ao Caça-Almas. — E funcionam mesmo. Mais ou menos.

Abanei a cabeça.

— Pelo menos, conseguirá pagar as dívidas das cartas. — Era típico do Zanolho. Tinha passado um mau bocado em Meystrikt, onde não havia oportunidades para as suas habituais investidas no mercado negro. — Pensei que a vossa função fosse espalhar rumores. Mantendo a panela a ferver. E não...

— Chhh! — Olhou outra vez para o Caça-Almas. — E fazemos isso. Em cada taberna da cidade. Raios, a cadeia de rumores está louca lá fora. Vem daí. Eu mostro-te.

— Não. — O Caça-Almas falava cada vez mais. Tinha esperança de conseguir uma conversa real.

— Tu é que ficas a perder. Conheço um corretor que aceita apostas acerca do dia em que o Ancinho perderá a cabeça. E tens acesso a informação privilegiada, percebes?

— Sai daqui antes que percas a tua.

Fui até à janela. Um minuto depois, o Duende

atravessou a praça em baixo. Passou pela nossa armadilha sem olhar.

— Que joguem os seus jogos — disse o Caça-Almas.

— Senhor? — A minha nova abordagem. Bajulação.

— Os meus ouvidos são mais apurados do que o teu amigo calcula.

Procurei a face escondida por aquele morrião preto, tentando perceber os pensamentos por baixo do metal.

— Não importa. — Moveu-se ligeiramente e afastou o olhar de mim. — O subsolo está paralisado.

— Senhor?

— A argamassa apodrece naquela casa. Ruirá em breve. Não teria acontecido se tivéssemos capturado imediatamente o Ancinho. Torná-lo-iam um mártir. A perda tê-lo-ia entristecido, mas seguiriam o seu caminho. O Círculo teria substituído o Ancinho a tempo das campanhas da primavera.

Olhei fixamente a praça. Porque me dizia aquilo o Caça-Almas? E com uma única voz. Seria a voz do Caça-Almas real?

— Porque pensaste que eu era cruel por gosto.

Dei um salto.

— Como...?

O Caça-Almas produziu o som que passaria por riso.

— Não. Não te li o pensamento. Sei como as mentes funcionam. Sou o Caçador de Almas, lembra-te?

Os Tomados sentem solidão? Anseiam por simples companheirismo? Por amizade?

— Por vezes — disse isto numa das vozes femininas. Sedutora.

Virei-me parcialmente e tornei a olhar a praça logo a seguir, assustado.

O Caça-Almas também percebeu isso. Voltou a falar no Ancinho.

— A simples eliminação nunca foi o meu plano. Quero que o herói de Forsberg se desgrace.

O Caça-Almas conhecia melhor o nosso inimigo do que suspeitávamos. O Ancinho jogava o seu jogo. Tinha já feito duas tentativas espetaculares e infrutíferas para destruir a nossa armadilha. Esses fracassos tinham arruinado a sua reputação junto dos seus companheiros de viagem. Ouvindo aquilo, era como se Rosas pululasse com apoiantes do império.

— Fará figura de tolo. Depois, vamos esmagá-lo. Como um escaravelho nocivo.

— Não o subestimes. — Que audácia. Aconselhando um dos Tomados. — O Coxo...

— Não o farei. Não sou o Coxo. É parecido com o Ancinho. Nos velhos tempos... O Dominador tê-lo-ia tornado um de nós.

— Como era ele? — Mantém-no a falar, Físico. Do Dominador até à Senhora era um pequeno passo.

A mão direita do Caça-Almas virou-se com a palma para cima, abrindo lentamente e formando uma garra. O gesto abalou-me. Imaginei aquela garra dilacerando-me a alma. Fim da conversa.

Mais tarde, disse ao Elmo.

— Sabes... aquilo lá fora não precisava de ser real.

Qualquer coisa serviria se a multidão não lhe consegue chegar.

O Caça-Almas disse:

— Errado. O Ancinho precisava de saber que é real.

Na manhã seguinte, recebemos mensagem do Capitão. Notícias, sobretudo. Alguns partidários dos Rebeldes entregavam as armas em resposta a uma amnistia. Alguns regulares que tinham vindo para sul com o Ancinho recuavam. A

confusão chegara ao Círculo. O fracasso do Ancinho em Rosas preocupava-os.

— E porquê? — perguntei. — Não aconteceu nada.

O Caça-Almas respondeu:

— Acontece do outro lado. Nas mentes das pessoas.

— Haveria um indício de arrogância ali? — O Ancinho parece impotente. E o Círculo por extensão. Devia ter cedido o Saliente a outro Comandante.

— Se fosse um general importante, talvez também não admitisse um erro — disse.

— Físico — disse o Elmo, espantado. Normalmente, não digo o que penso.

— É verdade, Elmo. Consegues imaginar algum general, nosso ou deles, a pedir a alguém que o substitua?

O morrião negro voltou-se para mim.

— A fé deles esmorece. Um exército sem fé em si mesmo é batido com maior certeza do que um exército batido em batalha. — Quando o Caça-Almas começava a falar de um assunto, nada o desviava.

Ocorreu-me a sensação estranha de poder ao estar perante alguém que cederia o comando a quem fosse mais capaz de o exercer.

— Apertamos os parafusos. Todos vocês. Digam-nos nas tabernas. Segredem-nos nas ruas. Queimem-nos. Forcem-nos. Empurrem-nos com tanta força que não terá tempo para pensar. Quero-o tão desesperado que tente fazer alguma coisa estúpida.

Pensei que o Caça-Almas estava no rumo certo. Aquele fragmento da guerra da Senhora não seria vencido num campo de batalha. A primavera não tardava e, mesmo assim, os combates ainda não tinham começado. Os olhos do Saliente fixavam-se na cidade livre, esperando o desfecho daquele duelo entre o Ancinho e o campeão da Senhora.

O Caça-Almas disse:

— Deixou de ser necessário matar o Ancinho. A sua credibilidade morreu. Agora, destruímos a confiança do seu movimento. — Retomou a vigília à janela.

O Elmo disse:

— O Capitão diz que o Círculo ordenou que o Ancinho se fosse. Recusou.

— Revoltou-se contra a sua própria revolução?

— Quer superar esta armadilha.

Outra faceta de natureza humana beneficiando o nosso lado. Orgulho desenfreado.

— Tragam cartas. O Duende e o Zarolho voltaram a roubar viúvas e órfãos. Está na hora de os limpar.

O Ancinho isolado, caçado, atormentado. Um cão açoitado correndo pelas vielas à noite. Tive pena dele. Quase.

Era um tolo. Só um tolo não parava de lutar contra as probabilidades. As probabilidades contrárias ao Ancinho aumentavam com cada hora que passava.

## XII

**A** ponte com um polegar a escuridão perto da janela.

— Parece uma convenção da Irmandade dos Susurros.

O Corvo olhou sobre o meu ombro e não disse nada. Jogávamos *Tonk* a dois. Um jogo para passar o tempo.

Uma dúzia de vozes murmurou ali.

— Cheiro-o. — Enganas-te. — Avança do Sul. —

Elimina-o já. — Ainda não. — Chegou a hora. — Mais um pouco. — Abusas da sorte. A maré pode virar. — Atenta no orgulho. — Está aqui. O seu fedor antecede-o como o hálito de um chagal.

— Será que alguma vez perde discussões consigo mesmo?

O Corvo continuou sem dizer nada. Quando me sinto mais afoito, tento puxar por ele. Sem sorte. Saía-me melhor com o Caça-Almas.

O Caça-Almas levantou-se de repente, com um ruído irado erguendo-se dentro dele.

— Que foi? — perguntei. Rosas cansava-me. Rosas enojava-me. Rosas aborrecia-me e assustava-me. Valia a vida de um homem andar sozinho naquelas ruas.

Uma daquelas vozes assombradas tinha razão. Aproximávamo-nos de um ponto em que os resultados diminuiriam. Eu próprio desenvolvia uma admiração reticente pelo Ancinho. O homem recusava render-se ou fugir.

— Que foi? — Voltei a perguntar.

— O Coxo. Está em Rosas.

— Aqui? Porquê?

— Cheira-lhe a presa graúda. Quer roubar o mérito.

— Intrometer-se pela força no que fazemos?

— É o seu estilo.

— A Senhora não...

— Estamos em Rosas. Ela está muito distante. E não lhe importa quem o apanhará.

Política entre os vice-reis da Senhora? Vejam só. O mundo é um lugar estranho. Não compreendia pessoas exteriores à Companhia.

Vivemos uma vida simples. Ninguém exige que pensem. O Capitão ocupa-se disso. Limitamo-nos a seguir ordens. Para a maioria de nós, a Companhia Negra é um esconderijo, um refúgio do passado, um sítio onde poderemos tornar-nos homens novos.



— Que fazemos? — perguntei.  
— Lidarei com o Coxo. — Começou a preparar o seu equipamento.  
O Duende e o Zanolho entraram, cambaleantes. Estavam tão bêbados que precisavam de se apoiar um no outro.  
— Merda — guinchou o Duende. — Neve outra vez. Maldita neve. Achava que o inverno tinha acabado.  
O Zanolho começou a cantar. Qualquer coisa sobre as belezas do inverno. Não conseguia perceber. Arrastava as palavras e tinha esquecido metade da letra.  
O Duende deixou-se cair numa cadeira, esquecendo o Zanolho. O Zanolho desabou a seus pés. Vomitou nas botas do Duende e tentou continuar a canção.  
— Onde raio está toda a gente? — murmurou o Duende.  
— Vagueiam por aí, bêbados. — Partilhei um olhar com o Corvo. — Acreditas nisto? Que aqueles dois se embebedaram juntos?  
— Para onde vais, velho bruxo? — guinchou o Duende ao Caça-Almas. O Calça-Almas saiu sem lhe responder.  
— Miserável. Ei. Zanolho, meu velho. Não é verdade? O velho bruxo não é um miserável?  
O Zanolho ergueu-se do chão e olhou em redor. Não me pareceu que visse com o único olho que tinha.  
— Iss'mesmo. — Olhou-me com desagrado. — Mis'rável. Todos mis'ráveis. — Achou piada a alguma coisa. Riu-se.  
O Duende riu-se com ele. Vendo que o Corvo e eu não percebíamos a piada, fez uma cara muito digna e disse:  
— Não estamos entre os nossos aqui, amigo. Há mais calor na neve. — Ajudou o Zanolho a levantar-se. Cambalearam pela porta fora.  
— Espero que não façam nada estúpido. Muito estúpido. Como exibirem-se. Vão acabar mortos.  
— Tonk — disse o Corvo. Afastou as cartas. Pela sua ausência de reação, era como se aqueles dois não tivessem entrado.  
Dez ou cinquenta mãos depois, um dos soldados que nos acompanharam entrou de repente.  
— Viram o Elmo? — questionou, urgentemente.  
Olhei-o. A neve derretia-lhe no cabelo. Estava pálido, assustado.  
— Não. Que aconteceu, Hagop?  
— Alguém apunhalou o Otto. Acho que foi o Ancinho. Fugiu quando me viu.  
— Apunhalou-o? Está morto? — Comecei a procurar o estojo. O Otto precisaria mais de mim do que do Elmo.  
— Não. Corte medonho. Muito sangue.  
— Porque não o trouxeste?  
— Não consegui carregá-lo.

Também estava bêbado. O ataque ao amigo tinha-o feito recuperar alguma sobriedade, mas não duraria.  
— De certeza que foi o Ancinho? — O velho tolo tentava contra-atacar?  
— De certeza. Vem daí, Físico. Vai morrer.  
— Já vou. Já vou.  
— Espera. — O Corvo procurava entre o seu equipamento. — Também vou. — Sentiu o peso de um par de facas perfeitamente afiadas, tentando escolher. Encolheu os ombros e enfiou-as às duas no cinto. — Põe uma capa, Físico. Está frio lá fora.

Enquanto procurava, interrogou Hagop sobre o parceiro do Otto, dizendo-lhe que ficasse ali até o Elmo chegar. Depois:

— Vamos, Físico.  
Descemos as escadas. Nas ruas, a passada do Corvo é enganadora. Nunca parece apressado, mas é preciso acelerar para conseguir acompanhá-lo.

A culpa não era tudo. Mesmo onde as ruas estavam iluminadas, era impossível ver mais de seis metros. Eram já quinze centímetros de neve. Pesada e molhada. Mas a temperatura caía e um vento começava a soprar. Outro nevão? Maldição. Não nevara já que chegasse?

Encontrámos o Otto a um quarto de quarteirão de distância do sítio onde devia estar. Tinha sido arrastado para baixo de uns degraus. O Corvo foi diretamente até ele. Nunca percebi como sabia onde procurar. Levámos o Otto até à luz mais próxima. Não havia nada que pudesse fazer por si mesmo. Estava inconsciente.

Funguei.  
— Perdido de bêbado. O único perigo era morrer congelado. — Estava coberto de sangue, mas o ferimento não era mau. — Precisa de pontos só isso. — Levámo-lo de volta para o quarto. Despi-o e comecei a coser enquanto não conseguia protestar.

O parceiro do Otto dormia. O Corvo pontapeou-o até acordar.

— Quero a verdade — disse o Corvo. — Como aconteceu?

Hagop contou, insistindo:  
— Foi o Ancinho, homem. Foi o Ancinho.  
Duvidei. O Corvo também. Mas, quando acabei os pontos, o Corvo disse:

— Traz a espada, Físico. — Tinha cara de caçador. Não queria voltar a sair, mas queria menos ainda discutir com o Corvo quando estava com aquela disposição. Fui buscar o cinto da espada.

O ar arrefecera. O vento estava mais forte. Os flocos de neve eram mais pequenos e cortantes quando me pousavam na cara. Segui o Corvo, tentando perceber que raio fazia.

calendário  
fantástico  
MAI | OUT  
2019 | 2019

18/19 MAIO

LISBOA



Encontrou o sítio onde o Otto tinha sido esfaqueado. Neve recente tinha ocultado as marcas na neve mais antiga. O Corvo agachou-se e olhou. Tentei perceber o que veria. Não havia luz suficiente para perceber alguma coisa, tanto quanto conseguia ver.

— Talvez não mentisse — disse ele, por fim. Olhou a escuridão da viela de onde tinha vindo o atacante.

— Como sabes?

Não me disse.

— Vem. — Avançou furtivamente até à viela.

Não gosto de vielas. Especialmente em cidades como Rosas, onde albergam todos os males conhecidos do homem e, provavelmente, alguns que permanecem por descobrir. Mas o Corvo entrava... O Corvo queria a minha ajuda... O Corvo era meu irmão na Companhia Negra... Mas, maldição, uma fogueira acolhedora e vinho quente seriam mais agradáveis.

Duvido que tivesse passado mais de três ou quatro horas a explorar a cidade. O Corvo tinha saído menos do que eu. No entanto, parecia saber para onde ia. Levou-me por ruas secundárias acima e por vielas abaixo, atravessando estradas e passando pontes. Rosas é atravessada por três rios e uma teia de canais liga-os. As pontes são um dos ex-libris de Rosas.

As pontes não me intrigavam naquele momento. Ocupava-me a tentar acompanhá-lo e a tentar manter-me quente. Os meus pés eram blocos de gelo. A neve não parava de se infiltrar nas minhas botas e o Corvo não estava disposto a parar sempre que acontecia.

Sem parar. Ao longo de quilómetros e horas. Nunca tinha visto tantos casebres e bordéis...

— Para! — O Corvo ergueu um braço à minha frente.

— Que foi?

— Silêncio. — Escutou. Eu escutei. Não ouvi nada. E também não tinha visto grande coisa durante a nossa corrida treloucada. Como conseguia o Corvo seguir o atacante do Otto? Não duvidava que o fazia, mas não conseguia perceber como.

Na verdade, nada que o Corvo fizesse me surpreendia. Desde o dia em que nos conhecemos quando estrangulou a mulher à minha frente.

— Quase o alcançámos. — Olhou a neve soprada pelo vento. — Segue em frente, com a velocidade a que temos seguido. Vais apanhá-lo daqui a um par de quarteirões.

— O quê? Onde vais? — Argumentava com uma sombra cada vez menos visível. — Maldito sejas. — Inspirei fundo, amaldiçoei-o outra vez, desembainhei a espada e avancei. Conseguia pensar apenas em como explicaria o sucedido se apanhássemos o homem errado.

A seguir, vi-o iluminado pela porta aberta de uma taberna. Um homem alto e magro, avançando sem ânimo,

ignorando a envolvimento. O Ancinho? Como saberia? O Elmo e o Otto eram os únicos que tinham participado no ataque à quinta...

Quando amanhecesse, seriam eles os únicos capazes de identificar o Ancinho para o resto de nós. O Otto estava ferido e não havia sinais do Elmo... Onde estava? Sob um manto de neve numa viela, tão gelado como aquela noite hedionda?

O meu medo recuou perante a raiva.

Embainhei a espada e puxei por uma adaga. Mantive-a escondida dentro da capa. A figura à frente não olhou para trás quando a alcancei.

— Noite dura, hã, avozinho?

Respondeu com um grunhido indiferente. A seguir, olhou-me, semicerrando os olhos, quando comecei a caminhar a seu lado. Afastou-se, olhando-me atentamente. Não havia medo nos seus olhos. Estava seguro de si mesmo. Não era o tipo de velho que se encontrava a deambular pelas ruas entre casebres.

— Que queres? — Era uma pergunta calma e direta.

Não parecia assustado. Assustava-me eu pelos dois.

— Esfaqueaste um amigo meu, Ancinho.

Parou. Um brilho estranho surgiu-lhe no olhar.

— A Companhia Negra?

Anuí.

Olhou-me, semicerrando olhos pensativos.

— O médico. És o médico. Aquele a quem chamam Físico.

— Muito gosto. — De certeza que a minha voz parecia mais forte do que me sentia.

Pensei: que raio faço agora?

O Ancinho abriu a capa. Uma espada curta foi projetada na minha direção. Um passo ao lado, abriu também a minha capa, voltei a esquivar-me e tentei desembainhar a espada.

O Ancinho estacou. Olhou-me nos olhos. Os seus pareciam cada vez maiores... Afundava-me em poços cinzentos gémeos... Um sorriso surgiu-lhe nos cantos da boca. Deu um passo para mim, erguendo a lâmina...

E produziu um grunhido súbito. Uma expressão de completo espanto dominou-lhe a face. Libertei-me do seu feitiço, dei um passo a trás e ergui a guarda.

O Ancinho virou-se devagar, voltando-se para a escuridão. A faca do Corvo estava-lhe cravada nas costas. Levou uma mão atrás e tirou-a. Um gemido de dor escapou-lhe entre os lábios. Olhou a faca nesse momento, por um mero instante, e começou a cantar.

— Mexe-te, Físico!

Um feitiço! Tolo. Tinha esquecido o que o Ancinho era. Investi.

O Corvo chegou no mesmo instante.

29 DE MAIO  
A 16 DE JUNHO

LISBOA

89<sup>a</sup>  
FEIRA LIVRO  
LISBOA 2019

31 DE MAIO  
A 16 DE JUNHO

BEJA

XV FESTIVAL  
INTERNACIONAL  
DE BD DE BEJA

## XIII

**O**lhei para o corpo.

— E agora?

O Corvo ajoelhou-se e puxou por outra faca. Tinha lâmina de serrilha.

— Alguém reclama a recompensa do Caça-Almas.

— Ficaré furioso.

— Vais dizer-lhe?

— Não. Mas que faremos com a recompensa? —

Houvera momentos em que a Companhia Negra tinha sido próspera, mas nunca fora rica. A acumulação de riqueza não é o nosso propósito.

— Uma parte ser-me-á útil. Dívidas antigas. O resto... Dividimos. Envia uma parte à Beryl. O que quiseres. Está ali. Porquê deixar que os Tomados fiquem com ela?

Encolhi os ombros.

— Decide tu. Só espero que o Caça-Almas não pense que o traímos.

— Só tu e eu sabemos. Não lhe direi. — Sacudiu a neve da cara do velho. O Ancinho arrefecia rapidamente.

O Corvo usou a faca.

Sou médico. Amputei membros. Sou soldado. Vi alguns campos de batalha sangrentos. Mesmo assim, aquilo incomodou-me. Decapitar um morto não me parecia certo.

O Corvo guardou o nosso sinistro troféu dentro da capa. Não o incomodou. Depois de partirmos para a nossa parte da cidade, perguntei:

— Porque fomos atrás dele?

Não respondeu imediatamente. A seguir:

— A última carta do Capitão mandava despachar o assunto se tivéssemos oportunidade.

Enquanto nos aproximávamos da praça, o Corvo disse:

— Sobee. Vê se a assombração lá está. Se não estiver, manda o homem mais sóbrio trazer a nossa carroça. E volta para aqui.

— Certo. — Suspirei e dirigi-me rapidamente aos nossos aposentos. Qualquer coisa por um pouco de calor.

A neve atingira já meio metro de profundidade. Temi que os meus pés ficassem permanentemente danificados.

— Onde raio te meteste? — perguntou o Elmo quando cambaleei pela porta dentro. — Onde está o Corvo?

Olhei em redor. Nada do Caça-Almas. O Duende e o Zarlolho tinham voltado, perdidos para o mundo. O Otto e Hagop ressonavam como gigantes.

— Como está o Otto?

— Recupera bem. Que preparas tu?

Instalei-me diante da fogueira e arranquei as botas.

Tinha os pés azuis, mas não congelados. Não tardei a sentir um formigueiro doloroso. Também me doíam as pernas de tanto caminhar pela neve. Conteí a história toda ao Elmo.

— Mataram-no?

— O Corvo disse que o Capitão quer o projeto arrumado.

— Sim. Mas não esperei que o Corvo lhe cortasse a cabeça.

— Onde está o Caça-Almas?

— Não regressou. — Sorri. — Vou buscar a carroça. Não digas a mais ninguém. Demasiadas bocas grandes. — Cobriu os ombros com a capa e saiu com passos pesados.

As minhas mãos e pés estavam a meio caminho de voltarem a ser humanos. Cheguei-me para o lado e alcancei as botas do Otto. Era mais ou menos do meu tamanho e não precisava delas.

Voltei a sair para a noite. Era quase manhã. O sol não tardaria a nascer.

Se tivesse esperado protestos do Corvo, desiludi-me. Limitou-se a olhar-me. Pareceu-me que o vi tremer. Lembro-me de pensar que, afinal, era humano.

— Tive de mudar de botas. — A seguir: — O Elmo foi buscar a carroça. Os outros não estão operacionais.

— O Caça-Almas?

— Ainda não voltou.

— Lancemos esta semente à terra. — Avançou por entre os flocos rodopiantes. Apressei-me a segui-lo.

A neve não se tinha amontoado sobre a nossa armadilha. O seu brilho dourado continuava totalmente visível. Formara-se uma poça por baixo que o frio transformara em gelo.

— Achas que o Caça-Almas saberá quando esta coisa for desarmada? — perguntei.

— Aposto que sim. O Duende e o Zarlolho também.

— O quarto poderia arder à volta desses dois e não se virariam para o outro lado.

— Mesmo assim... Chhh! Há alguém. Vai por ali. — Avançou na direção oposta, contornando.

Porque fazia aquilo? A pergunta ocorreu-me enquanto me arrastava pela neve com a arma na mão. Voltei a encontrar o Corvo.

— Viste alguma coisa?

Olhou a escuridão.

— Esteve aqui alguém. — Farejou o ar, virando lentamente a cabeça para a direita e para a esquerda. — Vem. — Deu uma dúzia de passos rápidos e apontou para baixo.

Tinha razão. O rasto era fresco. Quem o tinha deixado estaria apressado.

Olhei fixamente as marcas.

— Não me agrada, Corvo.

AINDA SEM DATAS

**JULHO**

LISBOA

**SCI-FI**<sup>IX</sup>

**10 A 15 SETEMBRO**

LISBOA

**MOTELX**  
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA  
DE TERROR DE LISBOA

**12 A 15 SETEMBRO**

OEIRAS

**COMICCON**  
PORTUGAL

As pegadas do nosso visitante indicavam que arrastava o pé direito.

— O Coxo.

— Não sabemos ao certo.

— Quem mais poderia ser? Onde está o Elmo?

Regressámos à armadilha do Ancinho e esperámos impacientemente. O Corvo caminhou para trás e para diante. Murmurava. Não me lembrava de o ter visto assim tão perturbado. Numa ocasião, disse:

— O Coxo não é o Caça-Almas.

Tinha razão. O Caça-Almas era quase humano. O Coxo era tão cruel e desumano como os Tomados conseguíam ser. O tipo de criatura que se compraz com a tortura de bebês.

Um alarido de correias e arreios e o guincho de rodas mal oleadas entrou na praça. O Elmo e a carroça tornaram-se visíveis. O Elmo parou e desceu com um salto.

— Onde raio te meteste? — O medo e o cansaço deixavam-me irritado.

— Leva tempo encontrar um moço de estrebaria e preparar uma panelha. Que se passa? Que aconteceu?

— O Coxo esteve aqui.

— Oh, merda. Que fez ele?

— Nada. Apenas...

— Vamos — interrompeu o Corvo. — Antes que regresse. — Levou a cabeça até à pedra. Foi como se os feitiços de proteção não existissem. Encaixou o troféu na cavidade expectante. O brilho dourado extinguiu-se. Flocos de neve começaram a cobrir a cabeça e a pedra.

— Vamos — disse o Elmo. — Não teremos muito tempo.

Peguei num saco e iciei-o para a carroça. O precavido Elmo tinha estendido uma lona para impedir as moedas soltas de escaparem entre as tábuas.

O Corvo disse-me que apanhasse a riqueza espalhada por baixo da mesa.

— Elmo, esvazia alguns desses sacos e passa-os ao Físico.

Carregaram sacos. Apanhei moedas soltas.

— Passou um minuto — disse o Corvo. Metade dos sacos estavam na carroça.

— Demasiadas moedas soltas — disse eu.

— Ficarão se tiver de ser.

— Que faremos? Como esconderemos isto tudo?

— Na palha do estábulo — disse o Corvo. — Por agora. Mais tarde, poremos um fundo falso na carroça. Passaram dois minutos.

— E os rastos da carroça? — perguntou o Elmo. — Pode segui-los até ao estábulo.

— Porque se importaria? — questionei-me em voz alta.

O Corvo ignorou-me. Perguntou ao Elmo:

— Não cancelaste a vinda deles?

— Não me ocorreu.

— Maldição!

Todos os sacos estavam na carroça. O Elmo e o Corvo ajudaram com as coisas soltas.

— Três minutos — disse o Corvo. A seguir: — Silêncio! — Ficou à escuta. — O Caça-Almas não teria tempo de chegar aqui ou teria? Não. O Coxo outra vez. Vamos. Conduz tu, Elmo. Vai para uma rua principal. Perde-o no trânsito. Sigo-te. Físico, tenta encobrir o rasto do Elmo.

— Onde está ele? — perguntou o Elmo, olhando a neve que caía.

O Corvo apontou.

— Teremos de o perder. Ou levará tudo. Vamos, Físico. Despacha-te. Elmo.

— Vamos! — O Elmo estalou as rédeas. A carroça partiu, chiando.

Baixei-me por baixo da mesa e atafulhei os bolsos antes de correr para longe do sítio onde o Corvo dizia que estava o Coxo.

## XIV

**N**ão sei se tive grande sorte no encobrimento do rasto do Elmo. Penso que fomos mais ajudados pelo tráfego matinal do que por alguma coisa que tivesse feito. Mas livre-me do moço de estrebaria. Dei-lhe uma meia cheia de ouro e prata, mais do que ganharia em anos a trabalhar no estábulo, e perguntei-lhe se conseguiria desaparecer. Para longe de Rosas, de preferência. Disse-me:

— Nem sequer vou buscar as minhas coisas. — Largou a forquilha e partiu, não voltando a ser visto.

Apressei-me a voltar ao nosso quarto.

Todos dormiam menos o Otto.

— Físico — disse. — Finalmente.

— Dor?

— Sim.

— Ressaca?

— Também.

— Vejamos o que poderemos fazer. Há quanto tempo estás acordado?

— Uma hora, mais ou menos.

— O Caça-Almas esteve aqui?

— Não. Que lhe aconteceu?

— Não sei.

— Ei. Essas botas são minhas. Que raio fazes com as minhas botas calçadas?

— Tem calma. Bebe isto.

Bebeu.

AINDA SEM DATAS

**OUTUBRO**

LISBOA

**FORUM  
FANTÁSTICO**

**10 A 20 OUTUBRO**

ÓBIDOS

**FOLIO**  
FESTIVAL LITERÁRIO  
INTERNACIONAL  
DE ÓBIDOS 2019

**13 A 20 OUTUBRO**

ALCOBAÇA

**BOOKS &  
MOVIES**  
FESTIVAL LITERÁRIO E DE CINEMA  
ALCOBAÇA

— Diz-me. Porque calças as minhas botas?  
Descalcei as botas e pu-las perto da fogueira, que não tardaria a apagar-se. O Otto continuou a insistir enquanto acrescentava carvão.

— Se não tiveres calma, vais rebentar os pontos.  
Direi isto da nossa gente. Ouvem-me quando os conselhos que dou são médicos. Por mais irritado que estivesse, deitou-se e forçou-se a ficar quieto. Não parou de praguejar.

Despi a roupa molhada e vesti uma camisa de dormir que encontrei abandonada. Não sabia de onde tinha vindo. Era demasiado curta. Pus sobre o lume uma chaleira e virei-me para o Otto.

— Vamos ver melhor. — Aproximei-me dele com o estojo.

Limpava à volta do ferimento e o Otto praguejava baixo quando ouvi o som: «Scaap-plonc, scaap-plonc.» Parou do outro lado da porta.

O Otto sentiu o meu medo.

— Que se passa?

— É... — A porta abriu atrás de mim. Olhei para trás. O meu palpite estava certo.

O Coxo dirigiu-se à mesa e deixou-se cair numa cadeira, olhando o quarto. Os seus olhos trespassaram-me.

De forma completamente absurda, disse:

— Estou a fazer chá.

Olhou fixamente as botas e a capa molhadas e, a seguir, cada um dos homens no quarto. Voltou a olhar-me.

O Coxo não é um homem grande. Pouco passará do metro e meio e o seu porte é ligeiramente abaixo da média. Quem o encontrasse na rua sem saber o que era, não ficaria impressionado. Como o Caça-Almas, vestia-se de uma única cor, um castanho sujo. Estava esfarrapado. A cara era escondida por uma máscara de couro esburacada que pendia. Fios de cabelo emaranhado escapavam do capuz e da máscara. Era cinzento com restos de negro.

Não disse uma palavra. Limitou-se a ficar ali sentado, olhando fixamente. Sem saber o que fazer, acabei de tratar o Otto e de preparar o chá. Enchi três chávenas de lata. Dei uma ao Otto, pousei uma diante do Coxo e fiquei com a terceira...

E depois daquilo? Deixava de ter alguma coisa que me ocupasse. E o único lugar para me sentar era à mesa... Oh, merda!

O Coxo tirou a máscara. Ergueu a chávena...

Não conseguia afastar o olhar.

Tinha a cara de um morto, de uma múmia embalsamada sem cuidado. Os olhos estavam vivos e brilhavam com crueldade, mas, imediatamente abaixo deles, via-se carne que tinha apodrecido. Por baixo do nariz, no canto direito da boca, faltava um centímetro quadrado de lábios, expondo gengivas e dentes amarelos.

O Coxo bebeu o chá, olhou-me nos olhos e sorriu.

Quase babei o chá pelas pernas abaixo.

Fui à janela. Havia alguma luz e a neve caía com menos força, mas não conseguia ver a pedra.

Soaram botas nas escadas. O Elmo e o Corvo entraram apressadamente no quarto. O Elmo rosnou.

— Ei, Físico, como raio te livraste daquele... — As suas palavras suspenderam-se quando reconheceu o nosso visitante.

O Corvo dirigiu-me um olhar intrigado. O Coxo virou-se. Encolhi os ombros quando voltou as costas. O

Corvo dirigiu-se a um canto do quarto e começou a despír a roupa molhada.

O Elmo percebeu. Moveu-se noutra direção e despiu-se junto à lareira.

— Maldição. Sabe bem tirar isto. Como está o Otto?

— Há chá acabado de fazer — disse-lhe.

— Dói-me tudo, Elmo — disse o Otto.

O Coxo olhou cada um de nós e também o Zanolho e o Duende, que continuavam a dormir profundamente.

— Portanto, o Caça-Almas traz os melhores da Companhia Negra. — A sua voz era um sussurro, mas conseguia encher o quarto. — Onde está ele?

O Corvo ignorou-o. Vestiu ceroulas secas e sentou-se ao lado do Otto, verificando os meus pontos.

— Boa costura, Físico.

— Dão-me muito treino.

O Elmo encolheu os ombros como resposta ao Coxo. Esvaziou a chávena, serviu os outros e encheu a chaleira com um dos jarros de água. Encostou uma bota às costelas do Zanolho enquanto o Coxo olhava o Corvo com raiva.

— Tul — exclamou o Coxo. — Não esqueci o que fizeste em Opala. Ou durante a campanha em Forsberg.

O Corvo sentou-se com as costas contra a parede. Puxou por uma das suas facas de aspeto mais medonho e começou a limpar as unhas. Sorriu. Sorriu ao Coxo e havia troça nos seus olhos.

Aquele homem não teria medo de nada?

— Que fizeram com o dinheiro? Não era do Caça-Almas. A Senhora deu-mo.

A postura do Corvo deu-me coragem.

— Não devias estar no Ulmeiro? A Senhora ordenou que saíesses do Saliente.

A raiva fê-lo contorcer a face arruinada. Uma cicatriz descia-lhe pela testa e pela bochecha esquerda. Saltava à vista. Supostamente, continuava pelo peito, do lado esquerdo. O golpe tinha sido desferido pela Rosa Branca em pessoa.

O Coxo ergueu-se. E aquele maldito Corvo disse:

— Tens as cartas, Elmo? A mesa está livre.

O Coxo franziu a testa. Os níveis de tensão subiam rapidamente. Ripostou:

— Quero o dinheiro. É meu. Podem decidir colaborar ou não. Acho que não apreciarão o que acontecerá se não colaborarem.

— Se o queres, vai buscá-lo — disse o Corvo. — Apanha o Ancinho, corta-lhe a cabeça e leva-a até à pedra. Será fácil para o Coxo. O Ancinho não passa de um bandido. Que hipóteses terá contra o Coxo?

Achei que o Tomado explodiria. Não explodiu. Por um instante, pareceu confuso.

Não demorou a recompor-se.

— Muito bem. Se querem fazer isto da maneira difícil. — O seu sorriso era largo e cruel. Teria algum interesse especial no Corvo?

A tensão aproximava-se do ponto de rutura.

## XV

**U**ma sombra moveu-se na porta aberta. Uma figura esguia e escura surgiu, olhando fixamente as costas do Coxo. Suspirei de alívio.

O Coxo virou-se. Por um momento, o ar entre os Tomados pareceu crepitar.

Pelo canto do olho, vi o Duende sentar-se. Os seus dedos dançavam em ritmos complexos. O Zarolho, virado para a parede, sussurrava ao seu saco-cama. O Corvo girou a faca nas mãos para um arremesso. O Elmo segurou a chaleira, preparado para atirar água quente.

Não havia nenhum projétil ao meu alcance. Que raio poderia contribuir? Uma crónica do confronto, se lhe sobrevivesse?

O Caça-Almas fez um pequeno gesto e contornou o Coxo, depositando-se no seu lugar habitual. Esticou um pé, usou-o para afastar uma das cadeiras da mesa e pôs os pés sobre ela. Fitou o Coxo, unindo os dedos erguidos à frente da boca.

— A Senhora enviou uma mensagem. Na eventualidade de me cruzar contigo. Quer ver-te. — O Caça-Almas usou uma única voz. Uma voz feminina dura. — Quer questionar-te sobre a revolta no Ulmeiro.

O Coxo estremeceu. Uma mão esticada sobre a mesa tremeu num espasmo nervoso

— Revolta? No Ulmeiro?

— Os Rebeldes atacaram o palácio e a caserna.

A face de couro curtido do Coxo perdeu a cor. Os espasmos da mão tornaram-se mais intensos.

O Caça-Almas disse:

— Quer saber porque não estavas presente para os rechaçar.

O Coxo deixou-se ficar mais uns três segundos. Durante esse tempo, a sua face tornou-se grotesca. Raramente vi medo tão claro. A seguir, deu meia volta e partiu.

O Corvo lançou a faca. Cravou-se na ombreira da porta. O Coxo não reparou.

O Caça-Almas riu-se. Não era a gargalhada dos dias anteriores e sim um riso profundo, brusco, sólido e vingativo.

— Ah. Alguém reclamou a nossa recompensa? Quando aconteceu?

O Elmo camuflou a sua reação aproximando-se da porta para a fechar. O Corvo disse:

— Passa-me a faca.

Pus-me ao lado do Caça-Almas e olhei para fora. Parara de nevar. A pedra era visível. Fria, sem brilho, com três centímetros de neve sobre o topo.

— Não sei. — Esperei parecer sincero. — Nevou com força durante a noite toda. Quando olhei pela última vez, antes da chegada dele, não vi nada. Talvez seja melhor descer.

— Não vale a pena. — Ajustou a cadeira para poder olhar a praça. Mais tarde, depois de aceitar o chá que o Elmo lhe ofereceu e de o beber até ao fim, continuando virado para a janela para esconder a cara, refletiu: — O Ancinho eliminado. Os seus vermes em pânico. E, mais doce ainda, o Coxo novamente humilhado. Nada mau.

— Era verdade? — perguntei. — O que aconteceu no Ulmeiro?

— Absolutamente. — Falou com voz alegre e onírica. — Não sabemos como o Rebelde soube que o Coxo estava ausente da cidade. E como o Milformas soube dos problemas a tempo de chegar para os anular enquanto eram insignificantes. — Outra pausa. — Sem dúvida, o Coxo pensará nisso enquanto recupera. — Riu-se novamente, de modo mais suave e sinistro

O Elmo e eu ocupámo-nos a preparar o pequeno-almoço. Costumava ser o Otto quem cozinhava e tínhamos um pretexto para quebrar a rotina. Após algum tempo, o Caça-Almas disse:

— É inútil continuarem aqui. As preces do vosso Capitão foram atendidas.

— Podemos ir? — perguntou o Elmo.

— Não há motivo para ficarem, pois não?

O Zarolho tinha motivos. Ignorámo-los.

— Começaremos os preparativos depois do pequeno-almoço — disse-nos o Elmo.

— Viajaremos com este tempo? — perguntou o Zarolho.

— O Capitão quer-nos de volta.

Levei um prato de ovos mexidos ao Caça-Almas. Não soube porquê. Não comia com frequência e nunca ao pequeno-almoço. Mas aceitou.

Olhei pela janela. A multidão tinha descoberto a mudança. Alguém sacudiu a neve da cara do Ancinho. Tinha os olhos abertos e parecia observar. Estranho.

Homens enfiavam-se debaixo da mesa, disputando as moedas que tínhamos deixado. O monte de gente palpitava como larvas num cadáver pútrido. Pareciam indiferentes ao Rebelde morto.

— Alguém deveria honrá-lo — murmurei. — Era um adversário e tanto.

— Tens os teus Anais — disse-me o Caça-Almas. E também: — Só um conquistador se preocupa em honrar um adversário caído.

Quando disse aquilo, já me dirigia para o meu prato. Pensei no que queria dizer, mas uma refeição quente era mais importante naquele momento.

## XVI

**S**ó eu e o Otto não estávamos no estábulo. Trariam a carroça para levar o soldado ferido. Dei-lhe qualquer coisa para aguentar o manuseio brusco que se seguiria.

Não tinham pressa. O Elmo queria montar um toldo para abrigar o Otto do clima. Joguei paciências enquanto esperava.

Do nada, o Caça-Almas disse:

— É muito bela, Físico. Parece jovem. Fresca. Deslumbrante. Com coração de pedra. O Coxo é um cachorrinho doce por comparação. Desejo que o seu olhar nunca se fixe em ti.

O Caça-Almas olhou fixamente pela janela. Quis fazer perguntas, mas não me ocorreu nenhuma naquele momento. Maldição, desperdicei uma oportunidade.

De que cor era o seu cabelo? Os seus olhos? Como sorria? Tudo aquilo me importava muito quando não podia saber.

O Caça-Almas ergueu-se e pôs a capa.

— Valeu a pena, mesmo que apenas pelo Coxo — disse. Hesitou à porta e trespassou-me com o seu olhar. — Tu, o Elmo e o Corvo. Bebam um copo à minha saúde. Ouviste?

E partiu.

O Elmo voltou um minuto depois. Pegámos no Otto e iniciámos o regresso a Meystrikt. **BANG!**



CIÊNCIA

Cosmos 101



POR JOANA NETO-LIMA

# 50 ANOS APÓS A CHEGADA DA HUMANIDADE À LUA

## O DIA EM QUE A HUMANIDADE SE UNIU

*«In every century men were looking at the dark blue sky and dreaming.  
And now I'm close to the greatest dream of mankind.»*

— SERGEI KOROLEV, *The Chief Engineer* (Deborah Cadbury, *Space Race* (2005))

**N**o dia 20 de Julho de 1969, a Corrida Espacial atingia o auge com a conquista do seu objectivo final: a Lua. Ainda hoje este é considerado o maior feito tecnológico do milénio, em que mais de 600 milhões de pessoas assistiram a cada minuto da missão, tornando a Apollo 11 num dos momentos mais marcantes do século xx. Apesar da última vez que a Humanidade pisou a Lua ter sido em Dezembro de 1972, estes feitos continuam a inspirar. Embora apenas um par de gerações ter podido seguir a missão em directo, as mais recentes, como a minha, continuam a ser inspiradas por estes feitos do passado, usando-os como inspiração para quebrar barreiras e quem sabe finalmente tornar a espécie humana numa espécie verdadeiramente interplanetária com a conquista de Marte. Mas para já, à medida que a Estação Espacial Internacional se aproxima lentamente do seu final de vida, os principais intervenientes no panorama da ex-

ploração espacial começam a «alinhar agulhas» e juntos estão a construir lentamente as «pontes» que nos levarão de novo à Lua, mas desta vez para usar a nossa companheira celestial como *stepping stone* para destinos mais longínquos como o planeta vermelho, que desde cedo tem povoado os nossos sonhos colectivos tanto na ficção como na ciência e engenharia.

Quando Neil Armstrong pisou a Lua, levava com ele os sonhos de todo o mundo. Apesar das rivalidades, segundo Alexei Leonov (o primeiro Homem a realizar uma caminhada espacial, durante a missão *Voskhod 2* a 15 de Março de 1965) no momento em que Armstrong saiu do módulo lunar, pisou o rególito e proferiu a famosa frase: «*That's a small step for a man; one giant leap for mankind*», a sala onde os cosmonautas soviéticos estavam a assistir à emissão irrompeu em aplausos, enquanto assistiam aos americanos da Apollo 11 cumprir o sonho pelo que também eles



Figura 1. A Lua Cheia fotografada pela tripulação da Apollo 11, quando regressavam à Terra. Estavam já a 10.000 milhas náuticas de distância da Lua.



Figura 2. A famosa fotografia *Earthrise* (Nascer da Terra, em alusão ao Nascer do Sol visto da Terra). Esta fotografia foi captada pelo astronauta William Anders da Apollo 8, a 24 de Dezembro de 1968, e é uma das fotos mais impactantes da história. (Crédito: NASA)



Figura 3. Placa comemorativa numa das pernas do Módulo Lunar *Eagle*.

tanto lutaram. Segundo o cosmonauta, naquele momento até os eternos rivais dos americanos (que poucos dias antes haviam sofrido a destruição da sua plataforma de lançamento aquando da última e desesperada tentativa de lançar o foguetão N1 — o equivalente soviético do Saturn V americano) se esqueceram do que os separava e celebraram a conquista do sonho que os unia, naquele momento a raça humana esteve verdadeiramente unida.

A acompanhar os astronautas, Michael Collins, Neil Armstrong e Edwin «Buzz» Aldrin da Apollo 11 seguiam também todos os avanços tecnológicos da Humanidade, inovações que pouco tempo depois começaram a «invadir» a Terra, ajudando todos os habitantes do nosso planeta independentemente do lado em que se encontravam durante a Guerra Fria e a sua substituta espacial. Desde os pequenos LED, que hoje em dia estão um pouco por todo o lado, até sistemas de purificação de ar e água, passando por sistemas globais como o GPS que levaram anos de lançamentos até possuírmos uma verdadeira rede de satélites que hoje utilizamos nos nossos *smartphones*, por exemplo, também eles resultado de muitas tecnologias desenvolvidas para a exploração espacial e que hoje cabem nos nossos bolsos e quase nunca estão mais longe de nós do que um par de metros.

De todos os impactos antecipados para a sociedade humana, um que não era esperado nem calculado foi o que ainda hoje tem o maior poder de moldar a sociedade humana: a experiência de poder ver a Terra a partir da Lua e conseguir perceber que naquela pequena esfera azul está tudo o que é, foi e será: a Humanidade...

Poucos meses antes dos históricos

primeiros passos de Armstrong, no dia de Natal de 1968, todos tinham mais do que meros presentes à sua espera debaixo da árvore ou na chaminé, durante a noite anterior todos os media do mundo tinham sido inundados pela notícia que os três astronautas da Apollo 8 (Frank Borman, Jim Lovell e William Anders) tinham conseguido chegar à Lua e estavam de regresso à Terra, depois de se tornarem nos primeiros humanos a orbitar o nosso satélite natural. Das muitas fotos enviadas para a Terra dessa primeira órbita uma se destacou, a agora famosa *Earthrise* e mal esta chegou aos media, naquele dia de Natal há pouco mais de cinquenta anos, iniciou-se uma revolução. Pela primeira vez, a Humanidade via a sua casa sem as fronteiras, sem as bandeiras, sem as divisões que sempre estiveram presentes ao longo da nossa história enquanto espécie. Pela primeira vez, a Humanidade olhou para a Terra como um planeta unido, partilhado por todos num imenso mar que é o Universo, que somos pequeninos quando comparados com o Universo infinito.

Esta mudança de perspectiva fez despertar uma quantidade de movimentos de futurismo, de protecção ambiental e de ajuda humanitária. Um punhado de missões concebidas para derrotar um adversário, para conquistar o nosso satélite fora do planeta que nos viu evoluir e sair caminhando do oceano azul que ainda hoje nos domina, foi o que mais contribuiu para a protecção e desenvolvimento deste pequeno planeta azul que teve a sorte de nele ter a maior de todas as invenções do Universo: Vida. **BANG!**

*«To see the earth as it truly is, small blue and beautiful in that eternal silence where it floats, is to see ourselves as riders on the earth together, brothers on that bright loveliness in the eternal cold—brothers who know now they are truly brothers.»*

(ARCHIBALD MACLEISH,  
*The New York Times*,  
25 de Dezembro de 1968)



### Joana Neto-Lima

Desde 1984 a olhar as estrelas e a imaginar como seria poder pilotar uma nave espacial e passar uns dias de férias na Lua. Desde sempre foi apaixonada pela Exploração Espacial e quando o *Space Shuttle* aterrou pela última vez houve lágrimas. É Cientista Planetária no Departamento de Planetologia e Habitabilidade do Centro de Astrobiologia — CSIC/INTA, o primeiro centro de investigação fora do território americano a fazer parte do NASA Astrobiology Institute. Por vezes escreve no seu blogue [www.astrobiologiaPT.wordpress.com](http://www.astrobiologiaPT.wordpress.com)





OPINIÃO

*Haverá trilhos*

# SEM DEUSES NEM DEMÔNIOS

por INÊS BOTELHO

*O Universo é feito essencialmente de coisa nenhuma.  
Intervalos, distâncias, buracos, porosidade etérea.  
Espaço vazio, em suma.  
O resto, é a matéria.*  
ANTÓNIO GEDEÃO  
*Máquina de Fogo (1961)*

**C**ada dia desenrola-se hoje descontraidamente sobre os ombros de gigantes, titãs grandes e pequenos, anónimos ou então de fama às vezes tímida, às vezes quase generalizada. As rotinas giram a usufruir de uma multiplicidade de tecnologia conseguida pela propulsão da ciência em diferentes áreas, benesses e vantagens e melhorias vindas nem assim há tanto, mas entretanto já bem acomodadas ao estatuto de recurso considerado certo, até devido. E todavia a imaginação popular continua povoada por desentendimentos e desconfianças.

Mais de duzentos anos após a publicação da obra de Mary Shelley *Frankenstein; or the Modern Prometheus* (1818), os cientistas loucos permanecem vivos ficção fora. O monstro virou entretanto criatura, cria injustamente abandonada, enaltecida com tamanho afinco que se chega a actuar como se a narrativa não lhe imputasse um único crime, ou as suas culpas se quedassem nas circunstâncias e em rigor a responsabilidade coubesse a terceiros. Porém, Victor Frankenstein cristalizou-se apenas como um paradigma de insensatez, a personificação de uma advertência sobre perigos julgados tão iminentes quanto inerentes à prática científica.

Uma mera história de húbris.

Literatura a pender à ficção anticiência. No fundo, um destilar simplificado das ideias românticas, resultando mais numa noção vaga da obra do que de leituras informadas e perspicazes.

A época enraizou de facto a imagem do cientista enquanto indivíduo solitário tentando transcender-se, ensimesmado numa busca de excepcionalidade, uma demanda tida como aproximando-o do terrível, do tenebroso, e contudo também do divino. Onde se encontrava substrato para germinar desconfianças, surgia ainda assim admiração e deslumbre. A figura do cientista partilhava aliás com os poetas uma noção de maravilhamento e inspirada criatividade, aparecendo como alguém capaz de descobrir os mistérios do mundo. Ou pelo menos detentor de um génio que seduziria a Natureza a revelar-lhe os seus prodígios, eles mesmos tão horrendos quanto magníficos. Fausto e Prometeu.

O Victor Frankenstein original dramatizava precisamente esta audácia ambivalente: cheia de bravura, plena de

uma ambição irreflectida acoplada a rasgo e mérito e sucesso técnico apesar de fundada em parte no estudo de autores já à data ultrapassados. Ao mesmo tempo, Frankenstein corporizava de certo modo o debate vitalista de 1814-1819 entre John Abernethy e William Lawrence. Assunto muito público, incluindo pela sua relevância para as preocupações de então, e seguido quer por diversas publicações quer por uma variedade de figuras culturais, versava a natureza da própria vida humana, se havia um princípio a animá-la, alguma força, um espírito.

Abernethy embrenhava a ciência em visões religiosas, defendendo a existência de uma força invisível, misteriosa, análoga à electricidade e supra-adicionada à estrutura muscular, dotando assim o corpo de vitalidade. Teoria a querer confirmar Deus e a alma, aventando até fornecer-lhes evidência científica. Concepções que Lawrence rejeitava por completo. Antigo discípulo de Abernethy e médico de Percy Shelley, Lawrence apresentava o corpo humano como uma complexa organização física. Nada além disso, embora por si mesmo já fascinante. Ademais advogava uma ciência rigorosa, desempoeirada de mistificações, a agir com objectividade livre da interferência da Igreja ou inclusive do Estado.

De um lado, o teologismo de Abernethy. Do outro, a posição materialista de Lawrence, proferida aliás numa retórica de elegante causticidade isenta de receios. Demasiadas blasfémias aparentes. Uma abundância de supostas negações da cristandade. Não poderia prevalecer. Não naquele contexto, naquelas décadas.

Sob pressão do Royal College of Surgeons e temendo perder o posto em diversos hospitais, Lawrence retirou do mercado o seu *Lectures on Physiology, Zoology, and the Natural History of Man* (1819) menos de um mês após a sua publicação. Todo o potencial radicalismo se silenciaria durante os anos seguintes. Opção com certos proventos, claro. Eleito por unanimidade em 1829 para um elevado cargo no Royal College of Surgeons, acabaria ainda baronete e Cirurgião Geral da Rainha Vitória, enquanto as vicissitudes de *Frankenstein* se enrolavam numa camada de piedoso moralismo depressa considerado mensagem da obra.

Primeiro foram as adaptações teatrais. O laboratório



encheu-se de parafernália es-palhafatosa mais um assistente entre o grotesco e o cômico, de nacionalidade alemã para aprimorar a figura. Victor Frankenstein transmutou-se por completo em arquétipo de insanidade resvalante para a maldade. E a sua criação, tão eloquente no livro, tornou-se muda, limitada a tentar arremedar sons.

Mary Shelley gostou.

Talvez as suas próprias perspectivas estivessem a mudar. Talvez o rescaldo do debate vitalista começasse a influen-ciá-la. Porventura um pouco de

tudo ou se calhar uma explicação outra. Em qualquer caso, a edição de 1831 revelou um texto significativamente alterado: mais longo, fatalista, afundando os seus cientistas em percursos de excessos e a montar um Frankenstein cavado por remorsos, marejando arrependimentos religiosos<sup>1</sup>. A ambiguidade esbateu-se. Os filmes ajudaram depois a fixar a percepção geral.

De obra aberta a uma pluralidade de leituras, prenhe de temas e várias morais, onde os sistemas políticos, legais, educacionais, e até humanistas são escancarados a questionamentos, perduraram umas imagens de farsa gótica e a ideia de que vinha dali um alerta sério sobre a ciência se emparelhar com variegados malefícios. Engrenou-se numa lógica de que ela serve de ginásio para tresloucados, tem monstruosidades dentro ou pode ter e se precipita para destruir tudo.

O discurso foi perdurando. Em conversas avulsas e num manancial de ficções.

A literatura escapa com facilidade a estas tendências, em parte por graça de uma abundância de autores, enredos, pontos de vista. No entanto, o cinema e a televisão

continuam amiúde a validar essas retóricas. Como reflecte Annalee Newitz num artigo de 2014, as distopias cinematográficas actuais encheram-se de cientistas vilões.<sup>2</sup> Por autoritarismo ou negligência, os cientistas reprimem indivíduos, iniciam guerras, criam doenças e monstros e máquinas perversas.

Estão nas confusões de *Lost* (2004-2010), nos pré-cataclismos de *Rise of the Planet of the Apes* (Rupert Wyatt, 2011) e *X-Men: Days of Future Past* (Bryan Singer, 2014). Permeiam as sagas juvenis *Divergent* (2014-2016) e *Maze Runner* (2014-2018), vertidas da literatura para o cinema. Aparecem e ressurgem com inge-rências nefárias numa série de obras mais recentes.

Nas nostalgias evocativas de *Jurassic World* (Colin Trevorrow, 2015) e *Stranger Things* (2016), por exemplo. Aí devidamente acasalados com militarismos e instituições vanguardistas de desígnios pouco escrupulosos. Conjugação aliás evocada pelos meandros do laboratório de *The Shape of*



*Water* (Guillermo del Toro, 2017). De certa forma repetida também em *Orphan Black* (2013-2017), uma série que começa intrigante mas que, apesar de algumas heroínas cientistas, se escusa a pensar qualquer das áreas de investigação que retracta e, ajudada por uma ou duas temporadas a mais, des-camba para uma trama movida por corporações gananciosas e antagonistas empenhadas em moldar a ciência a propósitos narcisistas.

Alex Garland, malgrado todo o seu virtuosismo e conceitos interessantes, no fundo conclui tanto *Ex Machina* (2014) como *Annihilation* (2018) a corroborarem velhos estereótipos da ficção científica. *Get Out* (Jordan Peele, 2017) conjura uma família de médicos envolvidos em cirurgias macabras. *Venom* (Ruben Fleischer, 2018) envereda pelas

estratégias habituais das histórias de super-heróis repletas de experiências desreguladas envolvendo compostos perigosos, muitas vezes alienígenas. Até *Wonder Woman* (Patty Jenkins, 2017) recupera uma das adversárias originais da banda-desenhada e apresenta uma cientista a deleitar-se com o poder destrutivo das suas armas químicas.

Analisada com exactidão, fora das fronteiras da ficção, a validade científica das invenções provar-se-ia

em bastantes destes casos tremida ou inexistente. Outros debates. Em termos narrativos entende-se de algum modo a opção. É um catalisador, uma desculpa para propulsionar os eventos e uma forma de lhes conferir riscos, conflitos. Afinal as utopias perderam frequência por não apresentarem a potencialidade dramática das distopias. Problema que de facto vai afligindo *The Martian* (Ridley Scott, 2015). Há ali uma previsibilidade. Depois de tanto esforço, de tamanha quantidade de tempo e recursos envolvidos, decerto não se terminaria com o homem morto ou enalhado em Marte. Ainda assim, o filme tornou-se um sucesso de bilheteira e o livro de Andy Weir em que se baseia permanece requisitado.

Bons indícios.

Em especial nesta era de renovadas cren-dices e cabalas fundadas em nuvens de algodão.

As vacinas, insi-ste-se, causam autismo. As anonas curam cancros só que as farmacêuticas não querem que se saiba. Os comprimidos e antibió-ticos fazem mal e deve recorrer-se à ervanária. Os japoneses acham que os grupos sanguíneos correspondem a personali-dades distintas. A terra afinal é plana.



Sem dúvida sempre proliferaram enviaamentos, desinformação e mezinhas e panaceias e convicções arreigadas sem fundamento, crenças rebuscadas resistentes a qualquer facto ou argumento. Porém hoje disseminam-se com maior facilidade.

A palavra do vizinho mantém a ascendência costumeira, anda replicada pelos meios informáticos. Basta uma pesquisa ligeira para aparecer uma panóplia de artigos a reafirmar ideias idênticas. Soma-se algum tempo de antena em canais tradicionais, acrescenta-se as constantes publicidades, as demonstrações em programas televisivos, ainda a ocasional profissional da área da saúde ou arredores que legitima o assunto, e está feito. Num instante se acredita no texto sem fontes ou hábil a citar generalizações e dados quer auto-referenciais quer pouco concretos. Desmerece-se os estudos com amostras largas, repetidos diversas vezes por equipas distintas e independentes que obtiveram resultados iguais. Fica-se certo que esses não passam de mentiras, ou não dizem a verdade completa, ou foram comprados pelos grandes grupos.

Desconhece-se em demasia o processo científico, as suas especificidades, minúcias, demoras. Tudo quanto permite avançar com considerável estabilidade e certeza.

Tais metodologias aparecem algo retractadas em *First Man* (Damien Chazelle, 2018). Vê-se o percurso de anos até à chegada da Apollo 11 à Lua

em Julho de 1969, as etapas, os testes, várias missões do Projecto Gemini. Percebem-se as perdas e os ganhos. Por obra da estimulante combinação de imagens e sons, chega mesmo a sentir-se parte da dureza das situações. Pena Chazelle preocupar-se tanto com o hipotético estoicismo emotivo de Neil Armstrong (Ryan Gosling). Passa-se o filme inteiro com as contensões sentimentais de Armstrong e o seu luto silencioso à filha pequena, vítima anos antes de um tumor cerebral. As genés restantes vão-se remetendo a cenário



de fundo, anotações pontuais que por algum motivo transformam Buzz Aldrin (Corey Stoll) num arrogante capaz apenas de comentários cínicos. De modo semelhante, as diplomacias linguísticas de *Arrival* (Denis Villeneuve, 2016) encontram pouco ar para personagens além de Louise Banks (Amy Adams). Os encantos e lentidões da história pertencem-lhe em exclusivo.

Tudo figuras maiores em quase isolamento. Génios. Heróis endeusados assaz comuns na ficção, mas que esquecem a indispensabilidade de uma equipa nestes meios. Um erro a que *Interstellar* (Christopher Nolan, 2014) mais ou menos se esquivava, com a valia acrescida de as suas intrincadas teias se prestarem melhor a propulsionar debates, leituras, procura de conhecimento.

Necessitamos desta curiosidade espicaçada. De maior cultura científica, do trabalho feito por professores, divulgadores, e investigadores em escolas e praças públicas de formatos variados.

Precisamos de arte pouco seduzida por deuses e sem vontade ou hábito de demonizar a ciência. Ficção que lhe mostre a complexidade, os muitos aspectos. Que se a usar para criar monstruosidades, tal qual *Fringe* (2008-2013), também lhe recorra para gerar soluções. Lhe mostre o deslumbramento. A pense. Como *Person of Interest* (2011-2016) que ao início enferrou de se chegar demasiado ao típico processual, mas acabou a dizer mais sobre inteligência artificial do que qualquer dos viciantes e elegantes labirintos de *Westworld* (2016-).

A cultura produzida a almejar o grande público importa. Desde os seus primórdios incute impressões, influencia posturas e raciocínios. Por certo em pleno século XXI, quando assinalamos cento e cinquenta anos da tabela periódica publicada em 1869 por Dmitri Mendeleev, pode representar-se melhor a ciência. Tentemos. **BANG!**



### Inês Botelho

Inês Botelho nasceu em Vila Nova de Gaia em Agosto de 1986. É autora da trilogia de fantástico *O Ceptro de Aertzis*, composta por *A Filha dos Mundos* (2003), *A Senhora da Noite e das Brumas* (2004) e *A Rainha das Terras da Luz* (2005), bem como dos romances *Prelúdio* (2007) e *O passado que seremos* (2010). Tem publicado também diversos contos. Licenciada em Biologia e com um Mestrado em Estudos Anglo-Americanos pela Universidade do Porto, elaborou a sua dissertação sobre representações de «A Bela e o Monstro» nalguns contos de Angela Carter. Colabora actualmente com o CETAPS — Centre for English Translation and Anglo-Portuguese Studies.

i) Os meandros do debate vitalista e as suas intersecções com *Frankenstein* podem encontrar-se explanados quer no artigo de Marilyn Butler «Frankenstein and Radical Science» (*Times Literary Supplement*, 4 de Abril de 1993) quer na obra de Richard Holmes *The Age of Wonder: How the Romantic Generation Discovered the Beauty and Terror of Science* (2008). O recente *The New Annotated Frankenstein* (2017), com edição de Leslie S. Klinger, além de apêndices variados e uma profusão de

notas a versarem múltiplos temas, apresenta a versão de 1818 ladeada pelas passagens modificadas na edição de 1831.

ii) Annalee Newitz, «Why are scientists always the bad guys in movies?», *io9: We come from the future* (blogue), 10 de Junho de 2014.





**Richard**  
*O Anel do Nibelungo de*  
**Wagner**  
*por Tiago Hora*



# Enquanto Apolo Dormia

*Pássaros flamejantes, dragões,  
bonecos que ganham vida,  
humanos que se transformam  
em criaturas enfeitiçadas, reinos  
mágicos, universos obscuros, da  
mais ingénua fantasia da fábula  
até ao universo do imaginário e  
da mitologia nórdica, etc., etc.,  
etc. Entre estes e outros motivos,  
a música clássica (ou erudita)  
está repleta de referências ao  
mundo do fantástico, carregada  
de grandes obras musicais que ao  
longo dos séculos se inspiraram  
em histórias, lendas e literatura  
que fundem o real com a  
fantasia.*

Um dos principais compositores a abraçar esse domínio foi Richard Wagner (1813-1883), um dos maiores autores alemães do século XIX. Sem dúvida que uma das obras proeminentes desse período, o apogeu do romantismo fantasioso na música, foi a chamada «tetralogia do Anel», a história do *Anel do Nibelungo* (*Der Ring des Nibelungen*), concebida por Wagner num conjunto de quatro óperas, ou antes, como o próprio defendia, «drama musical», que funde música e texto como elementos indissociáveis por forma a servirem a construção dramática. O tema, como o título deixa adivinhar, inspira-se no mesmo universo fantástico comum a obras como *Hobbit* ou *O Senho dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien. O próprio título *O Anel do Nibelungo* foi já alvo de diversas criações literárias, séries e filmes de ficção.

A conclusão destas quatro obras de grandes dimensões – *Das Rheingold* (*O Ouro do Reno*), *Die Walküre* (*A Valquíria*), *Siegfried* e *Götterdämmerung* (*O Crepúsculo dos Deuses*) – estendeu-se durante um período de vinte anos, com a primeira a ser terminada em 1854 e a última em 1874.

Para a concepção do enredo, Wagner inspirou-se nas sagas nórdicas antigas (a saga de Volsunga e os *Eddas* da Escandinávia) e no *Nibelungenlied*, um poema épico do final do século XII, que exulta feitos heroicos pré-cristianismo. O argumento é um dos mais complexos de toda a história da ópera, com personagens que acarretam uma grande dose de simbolismo e significados/ideias subjacentes – a luta pelos valores do amor e os ideais de virtude em contrapeso com os de poder, ganância, ciúme, entre outras grandes lacunas comuns a mortais e a deuses. Em suma, a origem do mal.



Ilustração de Arthur Rackham — Wotan e Brunhilde, 1910

outros temas, marcam uma filosofia pessimista que Wagner incorpora na tetralogia. Em contraposição, a personagem de Siegfried assume-se muitas vezes como um espelho do ideal de virtude. Ele é a personagem mais perto do herói mortal, aventureiro, guerreiro e mártir da história. O seu fim está marcado para *Gotterdammerung*, a última ópera, onde o seu amor com Brünhilde será consumado, mas sofrerá as vicissitudes do ciúme e da desconfiança — entre outros pecados que a cegueira pela busca do poder do anel suscita sob diversas formas ao longo da tetralogia e em diferentes personagens. Isso levará à morte de Siegfried e consequentemente de Brünhilde, que em *Die Walküre* havia perdido a imortalidade por desafiar Wotan. Tudo termina com a valquíria a devolver o anel às ninfas do Reno, na tentativa de terminar com toda a tragédia que o anel suscitou, suicidando-se depois, num dos mais famosos momentos da tetralogia, a «cena da imolação». Esta cena final fecha com a destruição de Valhala e dos deuses. Um final apocalíptico em que tudo termina num vazio bafejado pelo rasto da tragédia.

Um dos elementos mais impressionantes da narrativa que Wagner criou, em pleno século XIX, é o facto de que apesar de todas as personagens (e são muitas!) serem bem diferentes, todas elas têm «telhados de vidro». Não há heróis morais. O romantismo do *Anel do Nibelungo* não é o dos finais felizes, mas antes o da tragédia.

Apesar de estas quatro óperas serem muitas vezes apresentadas em separado, a tetralogia foi concebida com o propósito de ser um todo, apre-



Ilustração de Arthur Rackham — Brunhilde, 1910

**W**agner alicerça a sua tetralogia nos quatro elementos da natureza (água, terra, ar e fogo) que são motivos de fundo ao longo das quatro óperas. Tudo começa com *Das Rheingold*, que serve como um prólogo, ou antes um prelúdio. A história começa no mundo submerso das águas do rio Reno, onde um anão nibelungo, Alberich, irá roubar às deusas do Reno o ouro que lhe permitirá forjar o anel mágico que confere o poder de dominar o mundo. Wotan, o chefe dos deuses, conseguirá roubar o anel a Alberich, mas, por sua vez, irá ter de o ceder como moeda de troca para a construção de Valhala, a terra dos deuses (na mitologia nórdica dita terra dos mortos). A partir daí, nas três óperas seguintes decorre um conjunto de episódios em torno da cobiça do anel que atravessa três gerações: Wotan, os seus filhos Brünhilde, Siegmund e Siegelinde e o seu neto Siegfried.

Uma das personagens principais da história é a valquíria Brünhilde, que será uma figura central da ópera *Die Walküre*, famosa pela *Cavalgada das Valquírias*, que se difundiu em grande escala após ter feito parte da banda sonora de *Apocalypse Now*. Brünhilde fará com Siegfried (neto de Wotan, mas um mortal) o par amoroso do ciclo do *Anel*, a partir da terceira ópera. Siegfried é filho de Siegmund, que se apaixonara e seduzira Sieglinde, não sabendo que esta era sua irmã, cometendo assim adultério e personificando o amor incestuoso que, entre



Ilustração de Arthur Rackham — Mime Siegfried, 1910

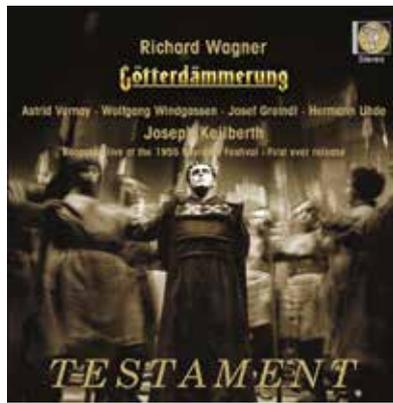


Ilustração de Arthur Rackham — Wotan, 1910

sentada de seguida. Para realizar essa ideia megalómana, Wagner beneficiou do mecenato de Ludwig II da Baviera, que financiou a criação de um teatro especialmente projetado para as características dos seus *dramas musicais*, em Bayreuth (Alemanha). Desde 1876, o Festival de Bayreuth acolhe todos os anos milhares de espetadores, consagrando o seu programa a óperas de Wagner, onde se incluem apresentações integrais do *Anel do Nibelungo*. É, sem dúvida, um festival único. No entanto, não é preciso gastar uma fortuna e reservar uns dias de férias para ir a Bayreuth para ouvir a tetralogia do Anel. Existe um conjunto de gravações fonográficas e DVD que servem como alternativa. No caso da tetralogia wagneriana, não são muitas as edições em versões completas. Isto porque não é uma tarefa fácil. Estamos a falar de cerca de doze horas de música e de muitos intervenientes.

Entre as mais interessantes gravações, e das primeiras, consiste num registo ao vivo do Festival de Bayreuth, sob a direção de Joseph Keilberth, que foi uma referência na interpretação deste repertório. A gravação é de 1955, e foi editada pela etiqueta Testament (Decca) em LP. Quem quisesse escutar em casa a tetralogia teria de carregar dezanove discos vinil. Em 2006, saiu uma remasterização em CD (catorze). É uma gravação histórica, mas também um marco precioso que regista alguns dos grandes intérpretes da década de 1950 no auge da sua carreira, e com a magia de ser uma gravação ao vivo.

A gravação mais famosa aconte-



Keilberth, 1955



Solti Ring



James Levine, DVD



Boulez Jones DVD2

Orquestra Filarmónica de Berlim que poucos conseguiram sequer igualar. Por outro lado, Karajan tem a capacidade de tirar o melhor partido de cantores e da orquestra e potenciar musicalmente a verve dramática transversal a toda a tetralogia. Conseguimos ouvir os diferentes ambientes do universo fantástico que Wagner sugere de uma forma impressionante. A gravação dirigida por Janowski, com a Staatskapelle Dresden

ceu entre os anos de 1958 e 1965, sob a direção do maestro húngaro Georg Solti. Além da excelente interpretação de um conjunto de solistas de topo, como Kirsten Flagstad, Birgit Nilsson, Christa Ludwig, Walter Windgassen, Dietrich Fischer-Dieskau ou George London e da Orquestra Filarmónica de Viena, esta gravação, também editada pela Decca, foi um marco na história da indústria fonográfica. O produtor foi John Culshaw, uma das grandes figuras da produção discográfica no século XX. O *Anel* de Solti e de Culshaw concretiza

um novo paradigma da música gravada, explorado nesta gravação como nunca antes: o *stereo*. Culshaw procurou, e conseguiu, criar diferentes dimensões sonoras através das perspetivas aurais que o *stereo* passou a permitir. Este projeto desafiou o próprio mercado discográfico e é ainda hoje um dos principais monumentos da produção discográfica de música clássica.

Outras duas gravações que vale a pena conhecer são as de Herbert von Karajan (entre 1967 e 1970) e Marel Janowski (em 2012). A primeira tem a vantagem de ser dirigida por Karajan, o que é sempre sinónimo de um recorte e finura no som da

é uma das mais recentes gravações integrais, feita em estúdio e não numa sala de concertos ou num teatro de ópera, distinguindo-se por uma grande atenção ao detalhe, musical e técnico.

No capítulo das edições em filme, uma excelente opção é a gravação com a Orquestra do MET de Nova Iorque, dirigida por James Levine, com direção cénica de Robert Lepage, editada em 2002 pela Deutsche Grammophon. Igualmente interessante é um outro DVD lançado em 2005, que conta com uma cena da imolação final formidável protagonizada por Gwyneth Jones, durante o Festival de Bayreuth e com a direção de Pierre Boulez.

A obra da envergadura do *Anel do Nibelungo* de Wagner sugere que tenha sido a sua maior criação. E foi! Mas Wagner não se ficou por aqui! A sua obra operática, e não só, é um autêntico portfólio da inspiração romântica em temáticas onde a fantasia é um imperativo constante.

O melhor é mesmo ouvir, ou ver.

**BANG!**



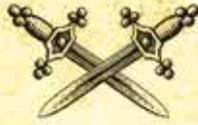
### Tiago Hora

Produtor e musicólogo, autor de várias publicações, rubricas e argumentos para espetáculos musicais. Com uma intensa atividade no ramo da produção discográfica, assinando edições nacionais e internacionais, tem sido também responsável pela criação, direção artística e produção de diversos concertos e espetáculos. É investigador do INET-MD da Universidade Nova de Lisboa. Sofre de uma incapacidade crónica de organização de pilhas de livros e discos que o rodeiam incessantemente.





OPINIÃO



# NÃO ACORDEM A CRESTA:

UMA VISITA GUIADA À SAGA DO  
IMPÉRIO MALAZANO

¶ POR NUNO FERREIRA ¶

*Se achas A Guerra dos Tronos violenta e complexa, espera até conhecer a saga do Império Malazano. Uma história original repleta de magia e de intriga política, em que o mundo respira enquanto a deusa dorme.*



**T**omei contacto com o trabalho de Steven Erikson há cerca de uma década, quando publicações em redes sociais e fóruns online davam conta de uma série de fantasia que vinha a tornar pequeno tudo aquilo que havia sido feito na literatura fantástica até então. Desde logo o nome ficou-me na retina. Das imagens conceptuais criadas até às críticas cada vez mais convincentes, a minha curiosidade sobre a obra adensou-se, mas face à complexidade anunciada decidi esperar pela tradução portuguesa, que me chegou às mãos no outono de 2016.

O resultado da leitura foi um gritante *mind-blowing*. Steven Erikson revela um domínio de movimentação de câmara fora do comum na literatura fantástica. Ele sabe como poucos aproximar ou distanciar o leitor de determinada cena consoante as suas intenções, aumentando e diminuindo o zoom ou mudando de perspetiva. Um dos maiores trunfos desta saga é oferecer revelações chocantes a qualquer momento e isso deve-se à inteligência subtil do autor na hora de entregar a história. É bem provável que não compreendas muito do *plot* quando chegares ao final do primeiro livro. Pois bem, é esse o objetivo.

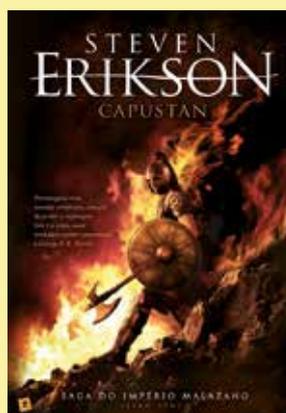
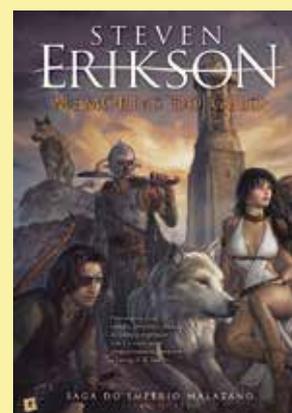
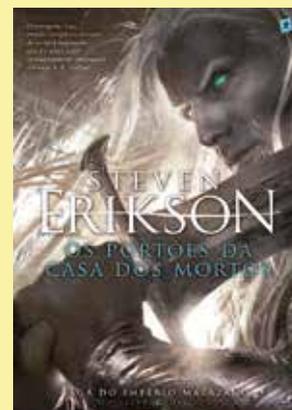
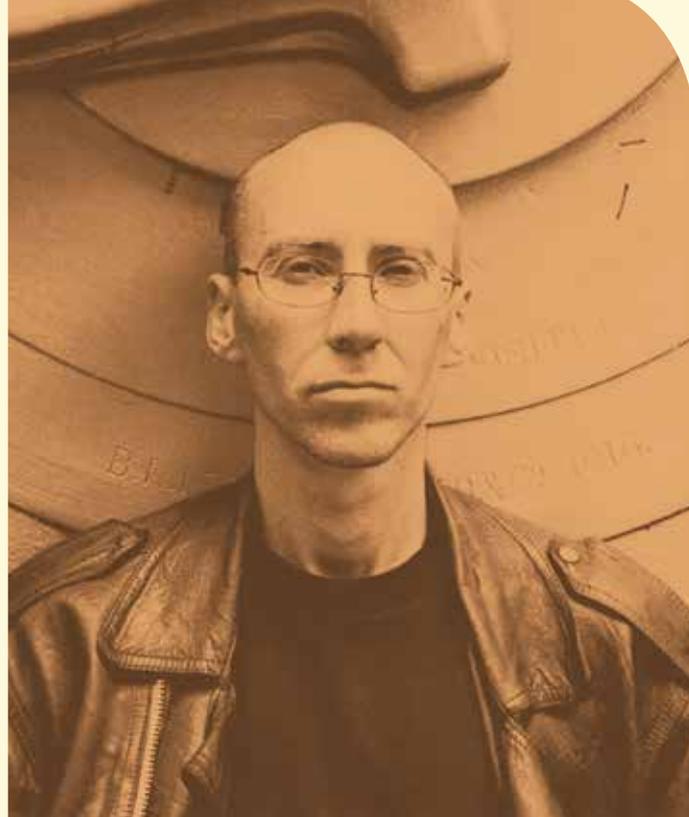
J. R. R. Tolkien e quejandos promoveram histórias simplistas que evocavam princípios zoroástricos do bem contra o mal, alimentando a opinião pública em relação aos seus próprios governos, mas a literatura fantástica evoluiu em conformidade e foi contribuindo para uma maior abertura de horizontes e mentalidades. Se George R. R. Martin nos mostrou a todos que políticos de bem podem perder a cabeça e que senhores sem escrúpulos podem ser a salvação de um povo, o que dizer de um senhor que montou, com pecinhas de LEGO, um mundo palpável onde nada é o que parece? Venham comigo conhecer o império fantástico de Steven Erikson.



## QUEM É STEVEN ERIKSON?

**F**ormado em Arqueologia e Antropologia, autor da saga do Império Malazano, Steve Rune Lundin nasceu em 1959, na cidade de Toronto. Depois de casar, viveu no Reino Unido com a família, mas regressou ao Canadá, onde se fixou em Winnipeg. Steven iniciou-se no mundo das letras com um ciclo de contos intitulados *A Ruin of Feathers* sobre um arqueólogo da América Central, a que se seguiram vários livros.

Viria a ganhar notoriedade com o pseudónimo Steven Erikson, nomeadamente com a saga de grande envergadura Malazan Book of The Fallen, conhecida em Portugal como saga do Império Malazano, publicada regularmente pela Saída de Emergência. Atualmente, Steven encontra-se a escrever uma nova trilogia passada no mesmo mundo fictício.



*Personagens ricas, enredos complexos, emoção de cortar a respiração. Este é o único autor verdadeiramente comparável a George R. R. Martin.*



## A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO

O Império foi criado por Steven Erikson e Ian C. Esslemont no início dos anos 80, para uma campanha de RPG, inspirado no jogo de mesa *Dungeons & Dragons* e na obra de Glen Cook, *A Companhia Negra*, autor que viria a considerar *Malazan* uma obra-prima da imaginação e uma possível marca de água futura para o género fantástico. Erikson escreveu dez volumes da saga do Império Malazano, do qual *Jardins da Lua* é o primeiro. Para além desta sequência, há uma série de contos e prequelas escritos pelos dois criadores. Amigo pessoal de Steven, Ian Esslemont é também ele um arqueólogo de origem canadiana, autor da sua própria série de seis livros pertencente ao mesmo cânone, *Novels of the Malazan Empire*.

Antes de ser o nome conhecido e respeitado no mundo da fantasia que é hoje, Steven Erikson provou o sabor do insucesso. Havia criado o mundo para um jogo. Dentro desse mundo, criou um guião para um filme, que se transformou no que seria o livro *Jardins da Lua*. No entanto, a complexidade da narrativa e o grande desdobrar de personagens foram travões na hora de o publicar. Steven precisou de uma década até ver o seu livro chegar às livrarias. E o que era pouco mais do que um sonho, tornou-se num fenómeno literário que conquistou sem cerimónias toda uma nova geração de leitores.

Mas os amargos de boca de Steven Erikson não se ficaram por ali. O autor canadiano estava a escrever o segundo volume, *Memories of Ice*, quando perdeu acidentalmente todo o trabalho. Sem vontade de voltar a reescrever tudo do início, pegou em quatro ou cinco personagens do primeiro volume e levou-os para outro continente, criando uma nova história quase de raiz, ainda que os ecos do livro inaugural retumbassem por todas as tramas e subtramas. Desse esforço adicional, nasceu o que seria *Os Portões da Casa dos Mortos*, considerado um dos seus trabalhos mais poderosos e envolventes. Reza a lenda que aqueles que torceram o nariz ao primeiro volume não puderam deixar de se maravilhar com o segundo.



## O IMPÉRIO MALAZANO

A saga do Império Malazano foca-se essencialmente no trabalho de expansão de um Império fictício que havia nascido na também fictícia ilha de Malaz, no Continente das Sete Cidades. Esse Império está nas mãos de Laseen, uma Imperatriz napaniana que, segundo podemos depreender do que nos é contado, fora uma guerreira de estatuto elevado, comandante da força chamada Garra. Diz-se que Laseen engendrou um golpe de estado para depor o seu próprio soberano e assassinar tanto o Imperador Kellanved como o seu conselheiro, Dançarino.

O cerco a Pale é o momento de guerra aberta mais evidente ao longo do primeiro volume, *Jardins da Lua*, mas

o clima de tensão e disputa está presente em todo o livro. De um lado, está o Império, representado pela Imperatriz Laseen, do outro as Cidades Livres de Genabackis, que são obrigadas a recorrer às forças de exércitos de mercenários como a Guarda Escarlata e os Tiste Andii. A Cria da Lua é o instrumento de guerra destes exércitos, uma montanha voadora que vigia as Cidades Livres e tanto pode disparar raios como enviar corvos e dragões para defender as terras visadas. Anomander Rake é o Tiste Andii que a governa, a verdadeira personificação do vilão que todos amam, sempre acompanhado pela mítica espada Dragnipur.

Apesar de as fidelidades se terem virado para a nova Imperatriz, a verdade é que ainda se conta um punhado de lealistas a Kellanved dentro das fileiras imperiais, que não conseguem concordar com as ordens soadas nem engolir as ações de Laseen. Essa intermitência entre o dever e a honra pesa na balança do poder, a partir do momento em que a expansão do Império Malazano promove a queda das últimas Cidades Livres do continente e homens como Ganoes Paran, Dujek Umbrago ou Whiskeyjack são obrigados a tomar partido.

Mas é quando a cidade de Darujhistan se torna o último bastião da liberdade que o caos aflora. Existe uma sociedade de assassinos e um conselho a gerir a organização da cidade, embora eles pouco contribuam de facto para a defesa da mesma. Com nobres pouco ortodoxos a nadar na ignorância, uma seita secreta a agir nas sombras, militares a virar a casaca e um mago dos sonhos chamado Kruppe a mover os seus cordelinhos, a ação em Darujhistan explode com a chegada da guerra. O que mais pode querer um fã de fantasia do que intrigas políticas, batalhas, magia, mortos-vivos, homens que ascendem a deuses e dragões?

A narrativa é terrivelmente dura e credível, como se de história real se tratasse. Mas há deuses que interferem no quotidiano e homens que ascendem para se tornarem deuses. E há magia. O autor apresenta exatamente a sua narrativa como uma história onde a magia funciona. Ela é um dos aspetos mais interessantes da saga do Império Malazano. Os Labirintos são dimensões a que magos e Ascendentes podem recorrer e retirar deles o seu poder, assim como usá-los para percorrer grandes distâncias em pouquíssimo tempo, se possuírem essa habilidade. São lugares em que se pode entrar e sair, com uma geografia e história próprias.

No segundo e terceiro volumes, *Os Portões da Casa dos Mortos* e *O Caminho das Mãos*, acompanhamos a jornada de um punhado de personagens do primeiro livro rumo a QuonTali, em busca do pai de Apsalar. Mas quem leu *Jardins da Lua* sabe que Kalam Mekhar tem uma agenda própria, e não demora muito até o grupo ser obrigado a separar-se em pleno Continente das Sete Cidades. Ali, enfrentam metamorfos enfurecidos, deuses pavorosos, guerras que não lhes dizem respeito, caminhos para a Ascendência e até... o próprio Apocalipse.

Sha'ik é a profeta do Apocalipse, que move os seus exércitos ao longo do Império Malazano num conflito direto com a Imperatriz Laseen. Ela possui um livro que prevê o fim do mundo e faz mover uma enorme coluna de tempestade pelo Deserto do Raraku, preparando o evento conhecido como o Furacão. Quem também se vê envolvido nesse conflito é Felisin, a irmã mais nova de Ganoes Paran, que depois de uma purga aristocrática é arrastada para as minas. Ao lado de um velho historiador sem mãos, a jovem escapa à miséria para conhecer ainda mais miséria e desolação.

Nada que se compare à jornada do Punho Coltaine, o brilhante Comandante do Sétimo Exército Malazano, que leva consigo 50 mil refugiados aristocratas da invasão das Sete Cidades para o porto seguro malazano, a milhares de quilómetros de distância, atravessando todo o deserto e enfrentando inimigos por todos os lados. Pelos olhos de um historiador, acompanhamos a marcha conhecida como Corrente de Cães. A história é desoladora, cruel e absolutamente genial. É impossível ficar indiferente à fome, à morte de crianças e ao desespero daquelas personagens.

No quarto volume, *Memórias do Gelo*, voltamos a Genabackis para reencontrar os nossos velhos conhecidos. Mas não se pode dizer que partimos do mesmo ponto em que os deixámos. Se os exércitos mercenários de Caladan Brood e Anomander Rake foram fervorosos opositores do Império em *Jardins da Lua*, aqui eles são obrigados a pôr-se do lado de Dujek Umbrão e companhia, ou não fosse o continente assolado por uma nova força, mais terrível que tudo aquilo que já viram: o Domínio Pannion.

À medida que avançam, as forças do Vidente convertem mais vítimas à sua fé cega, que apela ao canibalismo. Mais do que uma legião canibal, Pannion controla ainda os K'Chain Che'Malle, uma espécie de dinossauros velociraptors mortos-vivos com espadas em vez de braços. Complexo ou simplesmente incrível? Para mim, ambos.



## O QUE VEM AÍ?

O Domínio Pannion continua a crescer, mas esse não é o único obstáculo com que o Império Malazano é obrigado a lidar. Entre várias subtramas e intrigas, personagens como Ganoes Paran ou Ben Ligeiro começam a distinguir que o problema de Pannion tem dimensões maiores. O chamado Deus Estropiado criou uma nova casa no Baralho de Dragões e começa a mover as suas peças para controlar o mundo à sua vontade. Pior do que isso, o seu veneno já começou a correr. A deusa-mãe Cresta, que dorme desde a origem do mundo, está a morrer. O que significará isso para o futuro de todos? As respostas chegarão em abril, no quinto volume da saga do Império Malazano. **BANG!**



*O universo criado por Erikson é dos mais ricos que já tive o prazer de ler, tornando a leitura empolgante e rica.*

PAULO DORES, BLOGUE «LEITURAS DO FIACHA – O CORVO NEGRO»

*Se olharmos para os mundos criados dentro de qualquer género literário, Steven Erikson é autor de um dos melhores de sempre, rivalizando com outros grandes nomes, como Tolkien, Sanderson, Martin ou Rowling. Com personagens e momentos inesquecíveis, a sua saga deve ser apreciada por todos os fãs de fantasia, e não só.*

LUÍS PINTO, BLOGUE «LER Y CRITICAR»



### Nuno Ferreira

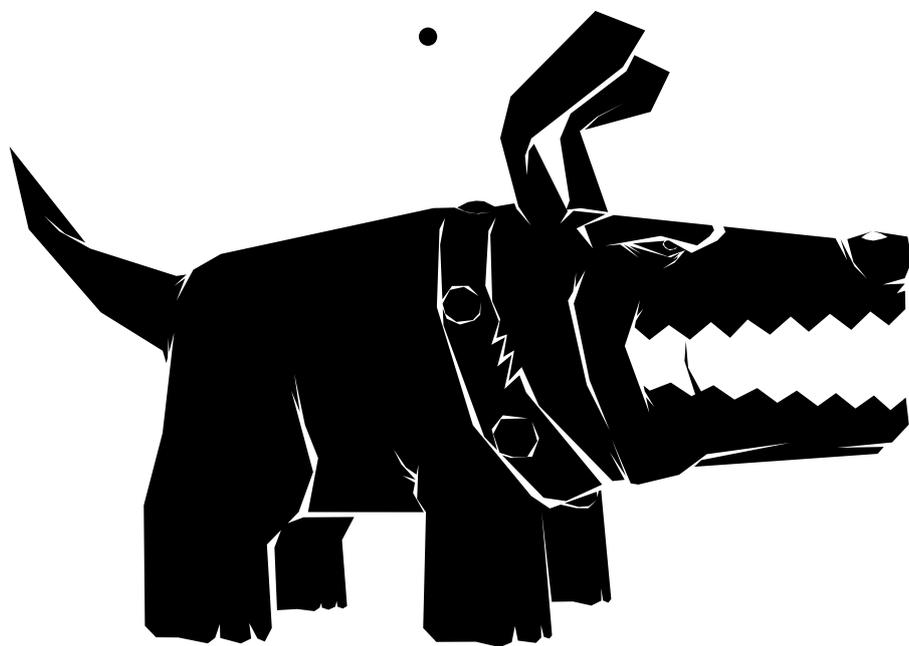
Coleciona chapéus, livros e legos. Foi ator, coordenou um grupo teatral, praticou *kung fu* e danças de salão. Pontualmente apresenta noites de fado e pequenos espetáculos. É licenciado em Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional, mas mantém viva a paixão pela área editorial. Fundou em 2012 o blogue «Notícias de Zallar», em que produz conteúdo regular ligado à Ficção Especulativa. Tem vários contos publicados e é autor do livro *Espada Que Sangra*, finalista do Grande Prémio Adamastor de Literatura Fantástica 2018.



FICÇÃO NACIONAL

·  
AS ÚLTIMAS  
·  
PALAVRAS  
·  
DO INSPECTOR  
·  
MEM REBOCHO  
·

ANDRÉ BARBOSA



# É

de estranhar que, com tanto para te contar, não tenha ponta de ideia por onde deva começar.

Mas eu estou velho e aqui a caixa já não funciona como devia. Por isso, que se lixe – eu atiro as peças e tu montas o puzzle. Está-te no sangue,

Viriato.

Julgo ter o direito de me entregar sem reservas às divagações auto-comiserativas próprias de quem aceita que a sua ampulheta já não vai virar. Aliás, reservei esse direito para este preciso momento, assim que entendi a autoridade dogmática que a vida e O Trabalho exerciam sobre a minha liberdade. Isso manteve-me focado; impediu-me de me desviar do caminho e me perder antes.

Acho que, por agora, já sabes que o Mundo não gira só enquanto estás a olhar para ele e para aquilo que estás a olhar. Caramba, acho que o canalha até gosta de girar com mais intensidade quando te atreves a desviar o olhar ou a piscar os olhos... Se a História fosse uma peça de teatro, a quantidade de tramas secundárias que teriam de ser excluídas... Há coisas que é melhor nunca sabermos. E eu sei que a idade te diz que não, que a verdade deve ser sempre apurada e que devemos saber tudo o que pudermos.

Esta é uma dessas histórias, um desses enredos secundários. Foi algo que decidimos nunca revelar ao público, num acordo puramente tácito. Não nos condenes, esta é a realidade das coisas. Há segredos que assim devem permanecer. A maior parte do público pode dar-se ao luxo de dizer que se sente injustiçado por não saber o que se passa nos bastidores.

Aconteceu aí nos anos 60, se não estou em erro, em 62.

O caso chegou-me às mãos por arrasto: o velho Antunes não o quis, dizia estar «demasiado cansado e sem fôlego» para o trabalho que iria dar; o Baptista nunca teve o arcabouço intelectual – bronco à nascença – e o resto do departamento era um bando de escriturários ou miúdos sem vagar. Lembro-me dessa madrugada ao pormenor... chovia a baldes, alguns trovões à serra, galantemente acompanhados de um ar temperado de um peso premonitório... era denso, com um ligeiro sabor metálico... parece que ainda o consigo sentir...

A vividez com que recordo tudo dá-se a partir do momento em que a pasta do processo cai na minha secretária. O amontoado de folhas cai no meio da minha mesa suja de trabalho baptizado com uma única frase:

— Este é dos teus, Mem.

Sabia exactamente o que o Chefe queria dizer com aquilo. Era um dos complicados, de juntar peças, com elementos a bambolear na linha que separava o macabro do fascinante. Um quebra-cabeças. E dos bons.

Não se passaram mais que alguns segundos até pegar no ficheiro e começar a dissecá-lo.

Até ao momento, o caso não tinha muito por onde pegar: um único ponto, como que convidando-me a jogá-lo a partir do início, desde a casa «Partida». O depoimento de um tal Carlos Sá, um miúdo de 20 e poucos anos. Fora encontrado num beco, lavado em sangue e aos berros, sentado numa poça da sua própria merda e mijo. Esperneou até perceber que estava com a polícia, momento em que se calou e começou a sorrir.

Segundo o miúdo, enquanto regressava a casa, cerca

das duas da manhã, um cão começou a rondá-lo. Enfatizou isto: não a segui-lo, a rondá-lo. Isto durou pelo que lhe pareceu serem uns bons cinco minutos, até que, de repente, ouviu um assobio. A forma como o descreveu foi impressionante. Arrepiei-me só de o imaginar. Melódico, direccionado, alto, suave... sem perder as qualidades de incisivo e imperativo. O cão reagiu ao assobio e correu na direcção do silvo fabricado. Diz ter ficado aliviado por saber que o cão tinha dono. Seguiu o canino com o olhar e parou num vulto. Disse parecer ser um homem, estatura média, encorpado, usava uma boina. Afirmou nunca lhe ter visto a cara porque o homem nunca saíra da penumbra. O que o assustou de seguida foi ver que o homem estava acompanhado por uma horda de cães. Um dos cães avançou.

O depoimento terminava com uma pequena nota referente ao estardalhaço que o rapaz provocou quando se referiu aos cães e ao ataque de pânico agudo que deu a sessão por terminada.

Virei a página e tudo se tornou mais denso.

Fotografias revelavam um maltrapilho vagabundo. O rapaz tinha hematomas por todo o corpo, uma ferida aberta na testa, por sinal bastante profunda, e pequenos arranhões que contornavam a face.

Falei com o Comissário para o interrogar novamente e recebi um «Tenta a tua sorte» como sim. Mandei chamá-lo da enfermaria. Apesar do aspecto mais limpo e cuidado, o rosto mudara. Estava mais pálido do que nas fotografias de arquivo e, de vez em quando, tremelicava nervosamente.

Comecei por me apresentar. Às perguntas habituais respondeu com clareza; foi quando entrei em pormenores do acontecimento que o seu olhar se tornou vago e distante, e começou a balbuciar em vez de falar.

No dia seguinte, suicidou-se. A mãe deu com o corpo a baloiçar no centro do quarto. Essa nem foi, por sombras, a parte mais macabra. O miúdo tinha arrancado os olhos com uma chave de fendas e as órbitas exibiam os contornos decorados com queimaduras de ácido.

...

Fiquei sempre com um pensamento entranhado no espírito. Que raio teria o cabrão dos cães feito ao rapaz para ele fritar a pipoca daquela forma...

O Carlos morto, deixei de ter um rumo. Não tinha por onde ir, não havia mais pistas. Decidi dar um salto ao local onde tinha sido encontrado e falar com alguém. Talvez alguém tivesse visto alguma coisa... Era no que tinha de acreditar, sabes? Esta era uma altura em que a ciência forense não era como agora, em que agarras um pintelho e sabes a vida inteira de um sacana. A investigação fazia-se a falar.

Não estava a ter muito sucesso até dar de caras com um velhote-mocho. Disse-me que não dormia de jeito há anos e que finalmente via o investimento ser pago. Acordara com os gritos do rapaz e viera à janela o mais rápido que conseguiu. Percebera a urgência pelo pânico e desespero na voz do «pobre coitado». Chegou mesmo a tempo de berrar para o atacante que iria chamar a polícia e isso pô-lo a correr a catorze pés, juntamente com a sua invulgarmente grande e diversificada matilha.

Mencionei a reacção do Carlos quando inquirido

acerca dos cães e perguntei se tinha reparado em alguma coisa de invulgar neles. O velhote hesitou. Olhou-me nos olhos com um misto de apreensão e vontade de desabafar. Ficou-me gravada a fogo a imagem do olhar do cansado mocho a lacrimejar. Depois sorriu, olhou novamente a bebida e disse-me que a sua vista já não era a mesma e que seria um erro confiar no testemunho ocular de um par catarático, ainda para mais um testemunho nocturno. Revelou-me, no entanto, que tinha visto por que caminho o homem havia fugido. Segui as indicações.

Infelizmente, as indicações que me deu só serviram para me levar até um certo ponto. Uma rua que se ramificava em três diferentes. Fiquei a olhar para as três opções diante de mim, ponderando a melhor escolha, qual jogo televisivo. O meu pior inimigo era o tempo. O canalha ia tê-lo de sobra para limpar as provas contra ele se não me despachasse.

Tinha que investigar as três, por isso decidi não perder tempo. A primeira, a rua da esquerda, levou-me a um descampado. Voltei para trás, lixado. A da direita, dava para um bairro social. Era impossível descobrir se morava ali.

Ia tentar a minha sorte na do meio quando o destino quis que avistasse uma matilha de cães ao longe. Seguiam uns bons cem metros à minha frente e rapidamente dobraram a esquina. Não hesitei e fui no seu encalço. Mantendo sempre a distância certa para não levantar suspeitas caso o cabrão seguisse atrás deles, cheguei ao sítio. Era um prédio decrepito. Parecia inabitado.

Estaquei em frente ao edifício de tijolos laranja, com lodo a escorrer dos parapeitos mais baixos, e o meu estômago parecia estar a tentar rasgar-se a ele mesmo com areia. Sabia que tinha chegado ao sítio certo. Não chamei reforços. Estava a ser movido por uma força transcendente. Algo que não existia dentro de mim até ao momento, mas que me assegurava que tinha de fazer o que tinha de ser feito, e que iria estar sempre correcto, desse por onde desse. Foi o mais próximo que alguma vez estive daquilo a que a maior parte das pessoas entende por fé.

Nem um pio no prédio inteiro: lembro-me que foi o que me assustou mais. Um edifício cheio de pessoas e não se ouvia o que quer que fosse. Descobrir a porta do fulano não foi difícil: foi só seguir o cheiro. Pêlo molhado e urina. O comodismo havia conquistado mais uma vitória naquele prédio. Como é que ninguém reclamava?

Respirei fundo. Bati. Ele abriu.

Tudo abrandou.

Percebi que era ele porque os olhos disseram tudo. O espaço ganhou uma densidade renovada, como se o ar fosse agora da consistência do azeite. Ele percebeu que eu percebi. Foi animalesco. Um instinto contra o outro. Predador e presa. Só não sabíamos quem era quem. Nenhum falou – a quota-parte réptil dos nossos cérebros assegurou-se disso. Simplesmente, disparou. Mas a minha foi mais rápida. Ataquei-o com um soco directo à cana do nariz e isso desorientou-o; ele retaliou com uma placagem que nos arremessou porta fora, directamente para o chão de azulejos do corredor, as minhas costas servindo de colchão de amortecimento! Não havia tempo para a dor, a adrenalina estava no máximo! Lancei um joelho contra as partes baixas e, quando ele se encolheu, soltei um gancho de esquerda que o atingiu directamente na têmpora! E... foi isso. Acabou. Ele deixou-se cair para o lado e eu algemei-o.

Os reforços não demoraram a chegar e a levá-lo para a esquadra. Só mais tarde viria a compreender o sadismo no sorriso daquele canalha. Como se quisesse ter sido apanhado. Como se tudo fosse parte de um plano. Como se tivesse ganhado.

Se o propósito de tudo era deixar-nos com mazelas permanentes, então reconheço-lhe a vitória.

Meu Deus, Viriato... Espero que nunca tenhas que deparar-te com o que eu vi. Com o que todos vimos.

Não consigo falar por todos os que entraram comigo naquela sala... mas confesso-te nestas linhas que acordei, durante muitos anos depois do caso ter sido fechado, com o desejo de nunca ter encontrado o gajo. Que as pistas não tivessem dado em nada.

Com a idade, no entanto, torna-se mais claro qual é o teu papel no Mundo, e eu percebi logo que o meu era tirar este tipo de aberrações das ruas, para que tu e os teus irmãos pudessem viver mais um dia em segurança.

Posso não os ter... aliás, sei que não os apanhei a todos. Mas tenho a consciência tranquila quanto a ter dado o meu melhor.

Entreí no apartamento bexigoso e senti uma tontura. Não de fraqueza, não, não... Foi um mecanismo de defesa do corpo, algo que me remexeu com o âmago das entranhas. O cheiro, o aspecto, a atmosfera... tudo estava errado. Não havia luz eléctrica. O cabrão usava ou velas ou luzes vermelhas. As marcas de sujidade e podridão não estavam espalhadas: isso competia aos trechos limpos, que lutavam por um espaço entre a multidão. Recordo-me de várias ratazanas mortas, espalhadas pelos corredores... algumas tinham dentadas... o chão estava coberto por um manto selvagem de páginas de papel de jornal, escrupulosamente regadas com mijo e cagalhões. Se de gente ou de cão... bem, não me surpreendia que cagasse com os cães.

A investigação foi infrutífera. Não havia nada incriminatório e saímos de lá de mãos a abanar. Mas havia algo que parecia não querer abandonar o espírito. E, naturalmente, a pergunta insurgia-se:

— Onde, caralho, estavam os cães?

Mais tarde, nessa noite, interrogámo-lo. Pouco conseguimos arrancar, excepto informação básica.

Trabalhava para uma fábrica de peles qualquer, uma retalhadora. Solteiro (óbvio...), sem família. Aliás, sem família desde cedo. Ao que parece, fora abandonado à nascença e passara a infância e a adolescência a saltar de instituição em instituição... pobre coitado. Não é começo para ninguém. Consultei os registos sobre o gajo – eram coerentes, mencionavam um solitário praticamente desde o início. Havia uma pequena nota sobre um amigo de infância, história que havia terminado numa tragédia surreal. As circunstâncias não são claras, mas o miúdo fora apanhado pelo comboio regional da zona de raspão, o que resultara num demovimento total da face. O nosso gajo tinha sido o primeiro a chegar ao local.

O interrogatório não levava a lado nenhum. Só a mais sorrisos irónicos e umas quantas frases que o sociopata de certeza tinha ensaiado em casa. Para chocar.

Nessa noite, fui para casa matutar.

Carlos, o rapaz morto, regressava para casa – certo.

Um cão ronda-o – certo.

O cão tem dono – certo.

O dono tem mais cães – certo.

Os cães aproximam-se do rapaz – certo.

Os berros do rapaz acordam o Mocho – certo.

O encantador canino pira-se com os cães – certo.

Carlos é encontrado pelos nossos a berrar: «Não me deixem ver os cães!»... correcto.

Então, onde raio estão os cães?

Lembro-me dessa noite com uma vividez assustadora. Revivo o filme vezes sem conta, mesmo não querendo.

Fumei o cigarro até ao fim e a decisão estava tomada. Eram quatro e pico da manhã. Agarrei o sobretudo, o coldre e o revólver e saí.

Cheguei ao prédio.

Subi as escadas num ápice, a determinação era dona das pernas. Eu queria a verdade e só aceitava sair de lá com a verdade.

Arrombei a porta. O cheiro a dejectos tinha sido substituído – podridão. Sobrepunha-se a tudo. A intensidade variava de divisão para divisão e não me demorei muito até descobrir de onde provinha. Uma parede falsa, atrás do armário do quarto. Arrastei-a.

Fui assaltado por uma lufada de ar fresco. Mesmo fresco. Parecia uma câmara frigorífica, lá dentro. Estava escuro, sem velas, sem luzes vermelhas. Reinava o silêncio, à excepção de ocasionais chiars. O som lembrava-me baloiços enferrujados.

Não sabia por onde seguir, por isso coleei-me à parede, revólver na mão. Avancei, apalpando a gélida parede de cimento. Acabei por chocar contra uma mesa. Apalpei o tampo e encontrei uma lanterna. Não ligou à primeira, por isso abanei-a e dei-lhe uma pancada ao de leve. Acendeu. É engraçado o sentimento que, por vezes, nos atravessa o espírito, que nos diz que o Universo tem de alguma forma um patusco sentido melodramático, que gosta de expressar da maneira mais teatral possível.

O foco de luz fabricada revelou um par de pés. Não estava no chão; antes, uns centímetros acima. Não demorei mais do que uma fracção de segundo a entender de onde provinha o som do «baloiço». O meu coração começou a acelerar, tinham as orelhas a arder. Suor desmedido irrompeu de todos os poros disponíveis no meu corpo. A minha respiração tornou-se arfada, mas consegui controlá-la o suficiente para que não soasse demasiado alta. Repeti várias vezes para mim: «Concentra-te, Mem», e fiz uma contagem ascendente até três, ainda mais vezes. Queria apontar o foco de luz e aceitar a revelação. Tinha que o fazer, era o meu trabalho. O meu papel.

Por isso, comeci do um outra vez. E ao dois levantei a mão.

Disparei, sem qualquer tipo de controlo, um berro abafado. Vomitei. Fico nauseado só de lembrar isso, agora. As minhas mãos tremiam.

Pendurado por um gancho de carne, tal e qual um porco em exposição no talho, estava um homem totalmente nu... sem rosto. Havia sido removido, como se se tratasse de uma mera máscara. Todos os músculos faciais estavam expostos, contornando a dentadura prognata e os olhos de carneiro morto.

Desviei o foco luminoso para o lado e as minhas pernas cederam. Caí no chão, e as lágrimas encheram-me os olhos. Comecei a hiperventilar descontroladamente.

Espalhados ao longo de uma divisão cinzenta e atafuhalhada, estavam dispostos de forma organizada, cerca de vinte corpos de homens e de mulheres, todos eles sem rosto. Alguns mutilados. Outros intactos.

Recompus-me e respirei fundo.

Continuava a tremer incontrolavelmente.

Havia uma porta ao fundo da divisão. Era o meu trabalho investigar o que estava do outro lado. Eu queria a Verdade.

Com a náusea a dominar o meu corpo, percorri o caminho por entre o bosque de corpos que me seguiam como o meu pior pesadelo.

A porta estava diante de mim. O vapor que saía dos meus pulmões era a única parede que me separava da Verdade. Limpei o suor da testa com as costas da mão. Agarrei o revólver com todos os dedos. Segurei a lanterna debaixo do sovaco e estendi a mão esquerda para a maçaneta dourada.

A porta abriu-se com um estridente e agudo lamento.

Ouvi um arfar. Ouvei um tilintar. Ouvei metais.

E depois ouvei rosnares.

Sabia onde estava e não queria ver.

Retirei a lanterna do sovaco.

Apontei-a para a frente e fiquei em choque.

Encontrara os cães.

Encontrara a merda dos cães.

E todos tinham rostos.

Rostos cosidos aos focinhos.

Espero que estejas bem, Viriato.

Adeus do pai,

Mem Rebocho **BANG!**



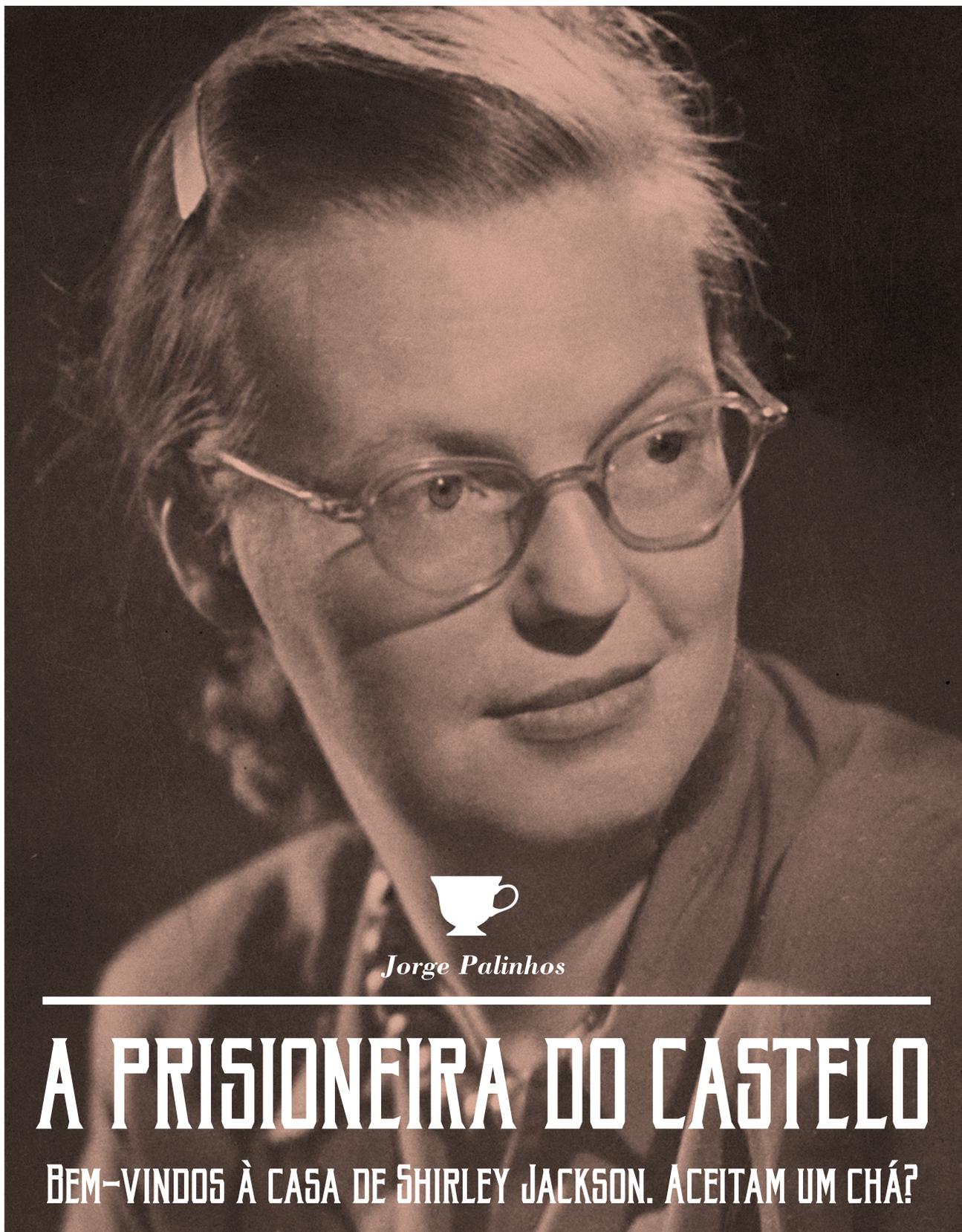
### André Barbosa

Ainda tem medo do escuro. Aprendeu, no entanto, que, se vai ter medo dos monstros, mais vale pô-los em papel.

Natural de São João da Madeira, licenciou-se em Biologia, sem contar que os passatempos fossem ganhar a guerra contra a academia. É autor da tira de BD *To-Sé e*, em 2014, criou *Sardinha Também é Peixe*.

Nas noites em que a porta do quarto se abre sem explicação, ainda escreve contos de terror, na tentativa de mandar a insónia embora.





*Jorge Palinhos*

---

# A PRISIONEIRA DO CASTELO

BEM-VINDOS À CASA DE SHIRLEY JACKSON. ACEITAM UM CHÁ?

**S**hirley Jackson é uma assombração americana. Não é a única, mas é aquela que de forma mais sutil se instalou na mentalidade e cultura dos Estados Unidos. Ao contrário de Herman Melville, Mark Twain, William Faulkner, e outros cuja sombra domina o panteão literário, Jackson, tal como

H. P. Lovecraft, instalou-se antes nas crenças e comportamentos americanos.

A cultura popular expressa melhor tensões e aspirações sociais do que dilemas existenciais e metafísicos, que são o reino da literatura erudita, e praticamente cada género popular pode ser associado a uma determinada

# Arquiteturas da Loucura



questão social: a fantasia com a busca de identidade e raízes, a Ficção Científica com a pulsão de controlar a vida e o futuro, o gênero *noir* com a consciência do mal irreprimível do mundo.

Foi nos interstícios destes gêneros que Lovecraft explorou o medo americano da miscigenação, da mistura, do tal *melting pot* que tantos acreditam ser o fundamento dos Estados Unidos da América. Os seus contos sempre foram manifestos de repugnância a tudo o que fosse impuro, pardo, sexual, declinando em ficção breve o medo puritano pelo lado incontrolável da vida.

Por sua vez, Jackson é a profeta do isolamento americano, da solidão autossuficiente tão celebrada em invenções americanas como o *lone ranger*, o *self-made man* e o *superhero*, máscaras para o dado histórico de que o sonho americano foi construído pela carne do coletivo: as tribos índias, as comunidades protestantes, as massas de imigrantes, os bairros étnicos, as lutas sindicais e raciais.

Tanto Jackson como Lovecraft construíram a sua carreira e reputação através do gênero do conto: uma criação literária medieval, que foi reinventada por Edgar Allan Poe para alimentar um público-leitor ávido de emoções rápidas e fortes, e que acabou por se tornar numa das âncoras da literatura do Novo Mundo. Mas se Lovecraft escreveu contos para as revistas *pulp*, que eram vendidas aos operários e soldados para os fazer sonhar com mundos melhores do que a linha de montagem ou a trincheira, Jackson escreveu para uma série de publicações viradas para uma classe média que procurava entretenimento respeitável, mais próximo dos clássicos que do escapismo descartável. Só que o talento particular de Jackson era mais devedor da ficção popular e gótica do que das manifestações bondosas de erudição, alusão e dicionário de sinónimos, que dominam boa parte da chamada alta literatura.

Assim o comprova o primeiro conto publicado por Jackson na famosa revista *The New Yorker*, intitulado «*A Lotaria*», que causou um escândalo público e uma campanha de desistência de assinaturas e envio de cartas de protesto para a pu-

blicação. Esta obra ficcional relata como uma pacata vila americana resolve as suas tensões sociais com linchamentos ritualísticos de habitantes escolhidos à sorte e, para lá da sua sugestão implícita de que as relações sociais assentam num substrato de violência e ódio, claramente apelam também à má memória dos linchamentos de negros no Sul dos Estados Unidos.

Todavia é certo que a narrativa também foi inspirada pelo próprio terror que Jackson tinha em relação às multidões, que no final da sua vida a acabaria por a mergulhar na agorafobia.

Aliás, toda a vida de Shirley parece ter sido marcada pelo desejo de fugir aos outros: primeiro de fugir à tirânica e reprovadora mãe, depois de fugir ao casamento sufocante com um marido controlador e mulhengo e aos quatro filhos que lhe disputavam o tempo de escrita. E só terá encontrado essa fuga no álcool, na comida, em drogas e na escrita, claro.

Entre as centenas de contos curtos e novelas que publicou, os mais significativos foram «A Maldição de Hill House» e o «Sempre Vivemos no Castelo». A primeira é uma das mais famosas histórias de assombração de todos os tempos – mas também a história de uma jovem mulher que encontra o seu destino no isolamento de uma casa –, enquanto a segunda é conhecida pela portentosa primeira frase – talvez uma das mais famosas e sinistras aberturas de uma novela algumas vez escritas –, que apresenta a narradora da história, Mary Katherine, que vive sozinha com a irmã mais velha e um tio incapacitado, após um terrível acontecimento ter vitimado o resto da família. A excentricidade de Mary Katherine manifesta-se nos múltiplos rituais e encantamentos que usa para tentar afastar os estranhos da sua casa, tal como a própria Shirley que se fingia de bruxa para afastar a atenção indesejada. Nessa casa, Mary Katherine e a irmã, como não se cansam de repetir, são espantosamente felizes, a comer iguarias, amorosamente detalhadas, e a cumprir rotinas, mais obsessivas do que reconfortantes, até um estranho, na forma de um primo despótico e materialista, chegar para causar medo e destruição.

O livro é uma utopia da solidão, uma

variação da fórmula de «amor e uma cabana», que revela também o que essa utopia tem de delírio perverso e aterrador: este sonho de fechamento ao mundo sustenta-se no extermínio de tudo aquilo que ameaça essa solidão acompanhada, inclusivamente reduzindo a companhia a mero objeto ou iguaria, que serve para dar prazer, mas nunca pode contrariar ou ser independente. Por outras palavras, Jackson concretiza o nosso sonho de encontrar uma alma gémea ou a perfeição amorosa, e até mesmo o sonho americano de «*Make America Great Again*», «*America First*» e «*America for Americans*», ao mesmo tempo que expõe esse sonho como não sendo mais do que um pesadelo totalitário.

Jackson escreveu este mito vivendo-o na pele. Com dificuldades em socializar com os outros, incapaz de negociar a sua liberdade com a própria família, ostracizada pelo meio literário que a desdenhava como a dona de casa excêntrica, Shirley acabou por morrer ainda antes dos 50 anos, alcoólica, obesa, sozinha num quarto onde não queria ver ninguém, acompanhada apenas pelos seus manuscritos – o único lugar do mundo onde encontrava liberdade e solidão – que ainda hoje continuam a assombrar a América e a nós próprios.

**BANG!**



## Jorge Palinhos

Nasceu em 1977, em Leiria. Tem dado aulas no ensino superior e escrito artigos, contos e peças de teatro premiados ou publicados em revistas e coletâneas nacionais e estrangeiras. Escreveu ainda guiões para filmes e séries de internet.



## OS LUGARES ONDE FOMOS FELIZES

**E**m finais dos anos 90, quando comecei a descobrir o mundo literário de fantasia, horror e ficção científica, eram poucos os lugares que nos permitiam ter acesso aos livros desse género. A maioria estava por traduzir ou as edições já se encontravam fora de circulação no mercado. Contavam-se pelos dedos de uma mão as livrarias onde podíamos adquirir livros em inglês, sem nos dirigirmos a países estrangeiros. Recordo-me em particular da Devir, a antiga loja na Rua dos Açores, em Arroios, onde ia regularmente comprar os meus livros de Dragonlance. A abertura da primeira FNAC em Portugal o Centro Comercial Colombo em 1999 foi um marco importante e tornou-se um frequente local de visita pela diversidade do catálogo. A papelaria/loja Tema dos Restauradores, e também no Colombo, tornou-se outro local de peregrinação. Para além da possibilidade de encomendarmos os livros que chegariam em poucas semanas, era possível pôr as mãos em cima das principais revistas internacionais do momento. Por essa altura, a internet começou a tornar-se uma realidade nas casas dos portugueses, com ligações que interrompiam o serviço de telefone e eram cobradas à hora. Se é verdade que permitia ter acesso a muita informação, também permitiu aproximar grupos de pessoas que liam os mesmos livros e partilhavam as mesmas paixões.

Ser um adolescente nesse momento de viragem significou que fiz parte da geração que viveu a sua infância na era analógica, mas apanhou os primeiros passos da nova era digital na adolescência. Ainda tínhamos memórias fortes do mundo pré-tecnológico, enquanto éramos apresentados em força ao mundo dos telemóveis, internet, computadores pessoais, e tudo o resto que se seguiu.

Com o tempo vieram as lojas online que nos permitiam comprar livros em sites como a Amazon e surgiram os *e-readers* que tinham o objetivo assumido de substituir o livro. Na verdade, não foi assim há tantos anos que a Amazon estava a declarar nas suas gigantescas campanhas de marketing que o objeto do livro estava morto.

O livro não está morto e ainda continua vivo e de boa saúde. O mesmo já não se poderá dizer de locais em Lisboa onde ainda sobreviva a cultura impressa. Muitos dos alfarrabistas no Chiado — recordo-me em particular

da Barateira — revelavam regularmente tesouros de língua inglesa nos campos da fantasia e ficção científica.

A Barateira fechou há anos e deu lugar a uma *neo-barbearia*. A última loja Tema, nos Restauradores, fechou portas no final do mês de fevereiro deste ano. As lojas FNAC continuam imensamente populares, embora tenham perdido algum do fulgor que se observou nos primeiros anos de entrada em Portugal. As livrarias Bertrand têm-se centrado cada vez mais num catálogo restrito às editoras comercialmente bem sucedidas. A loja da Devir deixou de existir em Arroios e, após uns anos de altos e baixos, voltou à atividade noutra zona da cidade. A BD Mania tem-se mantido no Chiado, por incrível que pareça. Têm surgido novas lojas de BD, dando sinais encorajadores, mas está longe de ser uma atividade de massas. As livrarias Bulhosa fecharam, assim como a independente Pó dos Livros, e temos tido algumas livrarias que ainda vão sobrevivendo, só graças ao facto de mudarem para sítios com rendas mais acessíveis.

**Q**ue sinais para o futuro revela tudo isto? Que cidade é esta que estamos a criar que permite o desaparecimento de praticamente toda a sua cultura impressa? Destes lugares, onde tantos de nós aprendemos muito, já pouco resta. A gentrificação da cidade está a cumprir o seu papel e a fazer desaparecer todo o seu património livreiro e cultural. Se queremos alterar o rumo das coisas, então cabe-nos a nós também o papel de encontrar soluções e manter viva a memória dos lugares onde fomos felizes.

**BANG!**

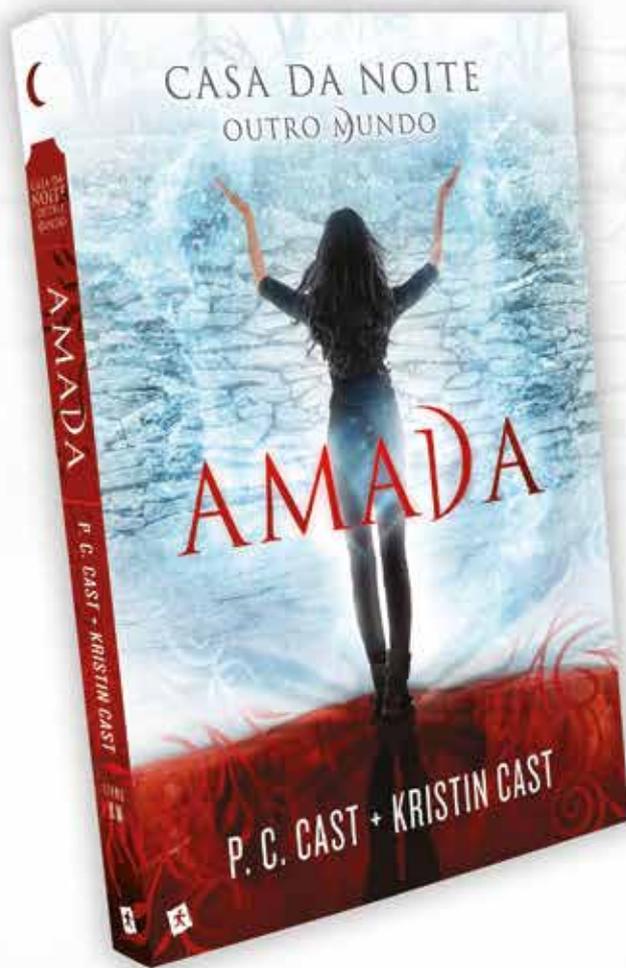


### Safaa Dib

Exerceu várias funções editoriais nas Edições Saída de Emergência ao longo de 9 anos (2008-2017), tendo-se particularmente especializado na área da literatura fantástica. É colaboradora do *Jornal Económico*, onde publica uma crónica quinzenal.



A CASA DA NOITE  
ESTÁ DE VOLTA.  
QUERES ENTRAR?



**O HOMEM DE PENAS**

JEREMY DE QUIDT

TopSeller

★★★★★



Apresentado como um livro dedicado a um público jovem, promete fazer arrepiar leitores de todas as idades. O autor leva-nos para uma realidade de grande miséria através de descrições bastante gráficas. Graças a um leque diversificado

de personagens, conhecemos uma história repleta de mistérios e com uma ação rápida. Isto enquanto somos instigados a pensar em questões metafísicas, assim como no melhor e pior da natureza humana.

Cláudia Sérgio

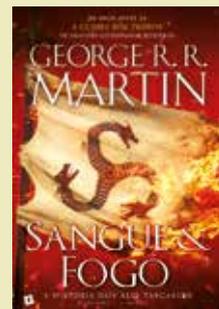
[umabibliotecaemconstrucao.blogspot.com](http://umabibliotecaemconstrucao.blogspot.com)

**SANGUE E FOGO**

GEORGE R. R. MARTIN

Saída de Emergência

★★★★★



Enquanto esperamos pela continuação d'As Crônicas de Gelo e Fogo, temos a possibilidade de aprofundar conhecimentos sobre a história ficcional de Westeros e, em particular, sobre a famosa e peculiar família Targaryen.

Esta primeira parte de *Sangue & Fogo* lê-se como se de um verdadeiro livro de História se tratasse, ajudando a expandir e a consolidar este fantástico mundo ficcional.

Célia Marteniano

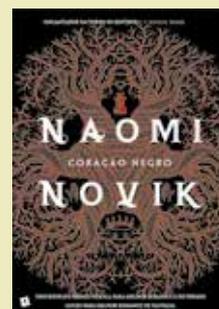
[www.estantedelivros.com](http://www.estantedelivros.com)

**CORAÇÃO NEGRO**

NAOMI NOVIK

Saída de Emergência

★★★★★



*Coração Negro* transporta-nos para os tempos antigos, para as lendas contadas à lareira pelos mais velhos. É um livro simplesmente fabuloso, com uma história fantástica, com personagens fortes, interessantes, charmosas e atraentes, com doses variadas de mistério e humor, levando o leitor a viajar entre o amor e a amizade, o ódio e a compaixão e o entendimento e a aceitação.

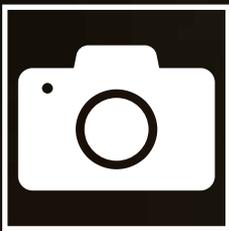
Magda Pais

[stoneartportugal.blogspot.pt/](http://stoneartportugal.blogspot.pt/)



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
WWW.SDE.PT





FOTOGRAFIA

*Imaginarium*



# PHYTTOS



Phyttos é uma divindade  
protectora e guerreira,  
destruidora dos inimigos  
da Justiça.



No início da Humanidade, onde o caos  
imperava o mundo, a sua função  
era a de proteger o Homem dos  
pecados. A sua ira era tão pesada  
quanto a sua espada, ao ver o ponto  
a que a Humanidade tinha chegado.

---

FOTOGRAFIA/EDIÇÃO/MAQUILHAGEM: **MARA D'ELEÁN**  
MODELO: **MARIANGELA DEMURTAS**  
ACESSÓRIO DE CABEÇA/STYLING: **MARA D'ELEÁN**  
ACESSÓRIO DE MÃOS: **ARMA MEDUSA**  
CORPETÉ: **BLACK ROYAL COUTURE & CORSERTRY**  
ASSISTENTES: **EDGAR KEATS/DANIEL DUARTE/SAMUEL GUSTAV**

---



---

---

## PROMETEU

a si mesma que se não houvesse ordem no mundo, brevemente, extingüiria a Humanidade para sempre. Para criar a mudança, soprou ondas tempestuosas pelos mares, vórtex de lava pela terra e lanças de vento pelo ar. Deu o prazo de três dias de arrependimento e esperou. Foi apelidada de «destruidora» após esses dias de tormento. Até que Kurr (deus da compaixão), através de um cabelo de Phytos, criou Lassan - um deus à imagem do Homem. Lassan espelhava algo na deusa guerreira que ela não conseguia decifrar, mas que a hipnotizava. Era quase como se ele a lembrasse de si mesma. E foi então que a deusa se apaixonou pela primeira vez.

Embuída de fascínio pelo falso humano, Phytos não foi capaz de eliminar a espécie da face da Terra ao terceiro dia. Desesperada, procurou Kurr no hall dos deuses, pedindo orientação sobre o que sentia pois este sentimento parecia estranho à sua essência. Foi então que o sábio deus lhe explicou que é através do outro que espelhamos a nossa essência. Nesse momento de impotência, a deusa destruiu a sua espada, fazendo-a explodir em micropartículas de luz dourada. Partículas essas que se espalharam até ao coração do Homem e aí permaneceram, de geração em geração, até aos dias de hoje, protegendo o mundo por muitas eras.

Cada vez que o Homem causa a desordem entre um dos seus, a Terra recorda-se da revolta de Phytos há muitas eras e ressoa o vórtex de lava na terra, as lanças de vento no ar e as ondas tempestuosas no mar para que todos se recordem do que faz um ser evoluir, ao invés do ódio.

**BANG!**

---

---



**Mara D'Eleán**

É formada em Design, Makeup e em Arte Multimédia, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Tem experiência como fotógrafa, designer, realizadora e maquilhadora e actua nessas áreas enquanto profissional. Todas estas vertentes dão-lhe a capacidade de construção, experiência e concepção de produção em todas as sessões fotográficas que realiza. É em temas como a fantasia e o etéreo onde encontra a sua maior inspiração e onde sente uma maior liberdade criativa, com a construção de outros mundos e personagens. Conta já com algumas exposições e publicações internacionais do seu trabalho. Poderão ver mais do seu trabalho em: Facebook - <https://www.facebook.com/EleanArt> | Instagram - @mara.delean.art



**Mariangela Demurtas**

É cantora oficial da banda de gothic metal norueguês *Tristania*. Tem dois álbuns e segue uma carreira internacional já há mais de 10 anos. É italiana e mora em Lisboa onde ensina canto e performance. Mariangela também tem uma licenciatura em Literaturas Estrangeiras. Gosta de diferentes estilos musicais e tem uma forte ambição que lhe permitiu chegar a muitas metas no campo musical. Os seus hobbies são: desporto, viajar, ler, aprender algo novo e beber cerveja artesanal.

Instagram @mariangelademurtas | Facebook [www.facebook.com/themurtas](http://www.facebook.com/themurtas)

Arma Medusa: <https://www.armamedusa.com> | Instagram - @armamedusa

Black Royal Couture & Corsertry: <http://royalblack.at> | Instagram - @royalblack\_couture



FICÇÃO

## Miniconto fantástico FNAC

# A Torre do Corvo

*Miguel Ribeiro Pedras*

Conto vencedor do  
Concurso Miniconto FNAC.  
Na próxima edição da  
Bang! vamos fazer novo  
concurso, fique atento às  
redes sociais da FNAC e da  
Saída de Emergência.

O corvo não era comum, e isso chamara a atenção do Senhor do Castelo. Com leves penas brancas, o pássaro albino, algo raro e nunca antes visto naquele recanto do mundo, parecia gostar de se exibir, voando alto, pairando ao sabor do vento, que parecia passar-lhe docemente pelo corpo e mantê-lo distante e reluzente como uma estrela diurna. Nunca poisava perto das mãos dos homens, optando sempre pelas mais altas árvores da floresta circundante.

Arrogante, o nobre desejou ardentemente aquele pássaro e logo se fez aconselhar pelos sábios, que aos ouvidos lhe sussurraram formas fáceis e consensuais de se conseguir a rara espécie. Porém, o Senhor do Castelo desdenhou-lhes a sapiência. Pois aos que sugeriram que todos os arqueiros apontassem as suas pontiagudas flechas ao alvo corvo, o nobre sentenciou-lhes semelhante destino. No pátio do castelo, perante os anciãos cravejados de setas, o castelão proferiu bem alto para que todos ouvissem:

— Como veem estão mortos! Eu quero o corvo vivo!

Houve quem sugerisse que se fizesse dos falcões os captosres da ambicionada ave. Chamou-se o falcoeiro e fez-se primeiro a experiência, libertando-se corvos e gralhas para serem perseguidos pelas aves de rapina. Os negros pássaros foram depositados nas mãos do falcoeiro pelos seus amestrados falcões, mas as altivas aves, treinadas que estavam a matar, assim cumpriram os seus trabalhos e apenas entregaram cadáveres.

O Senhor do Castelo, desapontado com a experiência, ordenou que os responsáveis pela incauta ideia se vestissem todos de negro e subissem até à mais alta das árvores a fim de perseguirem o cândido pássaro. Não se avistando o bicho e salivando de raiva, o nobre ordenou que a dita árvore fosse cortada, para que os eruditos que a treparam voassem agora para a sua morte e caíssem por terra, de negro, tal como os corvos e gralhas que às garras dos falcões pereceram.

Bruxas e videntes foram chamadas de longe. E para longe reencaminhadas quando as suas cinzas se levantaram ao vento norte. Sem palavras de agrado para o Senhor, logo a todos mandou queimar.

Não havia feitiço que capturasse o corvo branco.

Observando a carnificina e sem ideias de captura, um velho mago, chamado àquela negra corte, sugeriu que se deixasse livre o pássaro, pois numa gaiola perderia a sua graça e voando sem grilhões podia ser apreciada a sua pureza e singularidade. O esperto velho ponderou que, com tal sugestão, o castigo, caso houvesse motivo de punição, seria a liberdade, em consonância com a proposta que fizera.

Mas o nobre percebeu-lhe as vontades de partida e fuga e, sorrindo, deu-lhe pedra e aço, levando o mago às celas situadas no subsolo, alguns metros abaixo do castelo. Era aqui que os prisioneiros do nobre se acomodavam. Conhecidas pela sua escuridão, nas celas de pedra não existiam quaisquer janelas, sendo que as suas paredes estavam forradas com largos e fortes blocos de dura rocha. O isolamento criado pelas celas e a falta de luz fez com que muitos dos seus hóspedes conhecessem um completo estado de demência. As celas foram por isso apelidadas como os «Aposentos do Diabo».

Pois se o velho mago queria liberdade e sol, encontraria apenas jaula e penumbra, e lá foi esquecido, até um dia mais tarde outro prisioneiro ali ser levado e deparar-se com as sábias ossadas.

Perante a inutilidade dos seus conselheiros, o nobre teve planos de grandeza. Pois se construísse uma torre mais alta que a mais alta das árvores com certeza o corvo branco iria preferi-la como poiso. Largos meses se passaram, talvez anos, mas a torre fez-se. Vermelho de excitação, ansioso pelo seu troféu, o Senhor esperou na janela mais alta, até que um dia, perto do anoitecer, o corvo veio voando belo e, olhando curioso a obra do

Homem, decidiu poisar no cimo do telhado da grande torre.

Contam as lendas e as velhas curiosas que ao tentar alcançar o corvo branco, que repousava no telhado, o nobre tropeçou e caiu. A altura da torre foi também a da queda daquele homem, e deste tombo fez o nobre a sua tumba.

Depois desse dia não mais se avistou o corvo branco naquelas terras, que ao partir do telhado da torre deixou para trás apenas o rasto de uma desdenhosa gargalhada. Quem a escutou jurou ser idêntica à da mulher do nobre, morta anos antes na sua noite de núpcias. Dizem os sábios que tal tipo de aves tem o dom da mímica vocal e que o branco corvo poderá ter aprendido a gargalhada com uma moça do vilarejo próximo. Mas, para além do murmúrio do pó dos livros, o que sabem, afinal, os sábios de desejo e vingança? **BANG!**

#### Parabéns a todos os participantes.

A FNAC recebeu mais de 140 submissões vindas de Portugal e do estrangeiro. Para além de um vencedor foram escolhidos dois finalistas que serão publicados em breve em

[www.revistabang.com](http://www.revistabang.com).

Os jurados do concurso foram Luís Filipe Silva, Cristina Alves e Luís Corte Real.

#### Biografia do júri:

**LUÍS FILIPE SILVA** continua a escrever ficção científica portuguesa — essa bizarra criatura — nos tempos livres, despojado que comete há mais de vinte anos. Recentemente, foram lançados os romances *A GakxMente* (Épica, 2015) e *Terrarium Redux* (com João Barreiros, Saída de Emergência, 2017).

**CRISTINA ALVES** lê e critica de tudo um pouco, mas incide especialmente na ficção especulativa (ficção científica e fantasia) e na banda desenhada. As críticas que escreve começaram por ser lançadas no blogue «Rascunhos», mas está a explorar novos formatos na divulgação de obras através da rádio.

**LUÍS CORTE REAL** é editor da Saída de Emergência.



#### Miguel Ribeiro Pedras

Nascido e criado nas Caldas da Rainha, aventurei-me desde cedo pela escrita. A curiosidade pelo passado fez-me licenciar em História e a curiosidade pelo presente tornou-me mestre em Jornalismo. Com 29 anos e curiosidade pelo futuro, aposto agora em contos.



#### O IMPÉRIO FINAL

BRANDON SANDERSON

Saída de Emergência

★★★★★



Sanderson oferece neste primeiro livro o início de uma saga memorável. *O Império Final* é um livro sobre a criação de um mito, de uma entidade superior aos olhos das pessoas, de mentiras perpetuadas e de como uma revolta cresce contra a tirania. Com personagens marcantes, um dos melhores mundos alguma vez criados e uma magia totalmente original, Sanderson tem aqui uma obra-prima da literatura fantástica.

Luís Pinto

<https://lerycriticar.blogspot.com>

#### MONSTRESS 2: O SANGUE

MARJORIE LIU E SANA TAKEDA

Saída de Emergência

★★★★★



Depois do primeiro, estranho e fantástico volume, a grande questão que o leitor teria colocado ao virar a última página de *O Despertar* era a de se Marjorie Liu e Sana Takeda conseguiriam manter a pedalada, fazendo de *Monstress* uma das séries de banda desenhada a seguir de perto. Pois bem, *O Sangue* confirma que estamos diante de uma das mais originais e entusiasmantes séries da atualidade, onde o lado visual, arrancado a um cenário Art Déco 3.0, se alia a uma história carregada de monstros em que a brisa Oriental se faz sentir como uma corrente que arreopia.

Pedro Miguel Silva

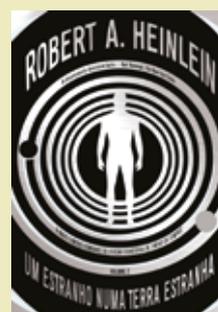
[www.deusmelivro.com](http://www.deusmelivro.com)

#### UM ESTRANHO NUMA TERRA ESTRANHA - VOL. 2

ROBERT A. HEILEIN

Saída de Emergência

★★★★★



Vinte e cinco anos a amadurecer em Marte. De regresso à Terra, Valentine Michael Smith é um alienígena entre a própria espécie. Apesar das diferenças, apercebe-se que existem meios passíveis de evoluir na sociedade terrestre. Como? Fundando a sua própria Religião e promovendo uma Revolução de costumes, partilha, crenças... Intrigados? Leiam e convertam-se!

Susana Figueiredo

<https://bandasdesenhadas.com>

# BREVE CURSO DE ESCRITA DE FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

por  
**Bruno  
Martins  
Soares**

## Curso em 4 partes. Terceira parte: **FECHAR A HISTÓRIA**

Há muita gente que conheço que acha que a primeira frase de qualquer livro é absolutamente essencial. Há escritores que matutam e matutam e demoram imenso tempo a escrever a frase perfeita logo no início. Há uns que advogam que se deve começar com um diálogo ou no meio de uma acção ou num momento explosivo. Tudo isto é válido, contudo eu nunca me preocupei muito com a primeira frase – é importante começar bem – mas se há parte de uma história que eu acho mais delicada de trabalhar é o final, o último acto. É aqui que tudo se joga. Não é necessariamente a parte mais difícil, pois o segundo acto tem dificuldades óbvias (tem de conseguir ligar de forma interessante o início ao fim). Porém, é certamente a mais delicada – pois tudo tem de correr bem. Recapitulemos. Começámos com um *gimmick*, depois um conceito e chegámos a uma história. Fizemos pesquisa, elaborámos uma estrutura, talvez até uma *beat sheet* de Snyder, e começámos a escrever. Trabalhámos de forma intensa e extensa o subtexto e preocupámo-nos com tudo o que pudesse ser interpretado pelo leitor, desde o nome das personagens até aos momentos certos em que estas surgem, aos silêncios e às omissões, aos sentidos e à maneira com que as pessoas sentem este ou aquele episódio. Por fim, chegámos ao acto final.

### Próxima Parte:

#### **4. Depois de escrevermos a história**

Há um percurso muitas vezes subvalorizado depois da escrita da história. Porque é tão importante rever e re-escrever? E como parar e dar por terminado o processo? O que são leitores beta e como os utilizar? Onde procurar a publicação e o que procuram os editores? Como deve o escritor encarar o próprio marketing?

# 1

## **CATARSE E DESENVOLVIMENTO DA PERSONAGEM**

E aqui tenho de fazer a distinção entre um conto e um romance. Num conto ou nouro formato curto, o final é mesmo tudo. Tudo depende do que se consegue no fim. Da mesma forma que numa anedota, num conto o *punch line* final define a qualidade da história. Pode até ser um final aberto ou passivo, mas tem de ser mesmo bom. Num romance há muitas outras coisas que o tornam de boa ou má qualidade, entre as quais as que já referi acima, mesmo assim o último acto tem de ser equilibrado, fechar tudo o que tem de fechar e entregar o tesouro ao leitor. A famosa Catarse.

Segundo Aristóteles, a génese da tragédia e do teatro de ficção tem por base rituais religiosos ligados a Dionísio. Assim, a Catarse seria a «purificação da alma» que surge com a infelicidade (e mais tarde a felicidade) que sentimos no final de assistirmos a uma tragédia. É aquela bolha de emoções que sentimos quando finalmente o herói consegue superar os maiores obstáculos para sair vitorioso, ou o desgosto que sentimos quando este morre depois de tudo. É o tesouro que o leitor procura desde a primeira página e que nós temos a obrigação de entregar no último acto.

Mas por isso o protagonista tem de se ter transformado ao longo da história. Ele começa num ponto A e deverá terminar no ponto B já uma pessoa diferente. A história é a viagem entre estes dois pontos. Não podemos nunca esquecer que a «transformação da personagem» é o que nos permite «entregar o tesouro» no final. A isso, nós escritores chamamos *build up* e *pay off*.

Há aquela famosa imagem que Hitchcock refere quanto a isto: se criarmos uma cena em que uma bomba explode num restaurante cheio de gente, ninguém sente qualquer *suspense*. Mas se nos minutos antes nos focarmos nas pessoas no restaurante que vivem a sua vida normal, a rirem e a conversarem e a namorarem, enquanto vemos



os números a decrescerem na bomba que as ameaça, então estamos a criar intensidade. Quando a bomba rebenta, já nos relacionámos com aquelas pessoas e o efeito é muito mais poderoso.

O *build up* numa situação é o crescendo de tensão e de intenção em direcção a um determinado evento. É o investimento que se coloca num determinado acontecimento. O *pay off*, por seu lado, é a recompensa que se obtém quando esse evento acontece finalmente. Quando me refiro a estes conceitos, falo por vezes de *Jurassic Park* e do modo como Spielberg prepara a entrada do T-Rex. O momento em que o grande dinossauro está prestes a aparecer começa com um copo de água. Um copo de água que vibra no *tablier* de um carro. E uma cabra que era um isco e que de um momento para o outro já lá não está, ficando apenas a corda que a prendia. E uma perna ensanguentada da cabra que subitamente cai sobre o tecto do carro. E as crianças a ficarem cada vez mais aterrorizadas com o que pode vir aí. Tudo isto é o *build up*, o *pay off* acontece quando o T-Rex realmente aparece de forma majestosa e aterradora – o dinossauro impressionante que sempre esperámos.

Mas isto é um arco de *build up* e *pay off* apenas numa cena. Um romance tem de ter um *build up* e um *pay off* para o arco narrativo total. As emoções que se jogam no final dependem do que conseguimos construir de ligação às personagens ao longo do escrito – se não nos importarmos muito com as personagens, até podemos ter um final rompante mas não irá ter a intensidade que pretendemos. E o inverso também é verdade: se investirmos muito nas personagens e nas emoções ao longo do texto, temos de ter um final que seja forte o suficiente para que os leitores se sintam recompensados pelo investimento que eles próprios fizeram nas personagens. Para não ficarem com aquela sensação de: «Era só isto?», ou seja, o tamanho do investimento no *build up* tem sempre de corresponder ao *pay off*.

## 2

### O FINAL EM 5 PASSOS E A ÚLTIMA IMAGEM

Ora, se precisarem de ajuda estrutural para este acto final, de modo a conseguir este efeito, não encontram grande coisa na *beat sheet* de Snyder. O acto final na BS2 divide-se apenas em: 1) *Break into Three*; 2) *Finale*; 3) *Final Image*. Obrigadinho, Blake, isso não ajuda grande coisa. Com é que eu estruturo o final? Felizmente, se precisarmos de ajuda, podemos recorrer a outra ferramenta de Blake Snyder, o chamado final em 5 Passos, no fundo, um esmiuçar do 14.º *beat*. Snyder olha para o final na perspectiva do *Ataque ao Castelo*, mas pode funcionar para um drama, uma história de amor, etc. Eis os 5 passos:

## 2.1

### O PLANO

O herói e a sua equipa elaboram um plano para «atacar o castelo», para resolver o problema final. Lembrem-se em *Star Wars Ep. IV, A New Hope*, daquela reunião da Resistência onde se apresenta o plano do ataque à Estrela da Morte e se mostra as plantas da estação e se fala a toda a gente da conduta onde se pode deitar uma bomba e destruir a coisa toda? É essa a cena.

## 2.2

### A OPERAÇÃO COMEÇA

Seguindo o plano, o herói e a sua equipa «atacam o castelo». Em *Star Wars*, o ataque à Estrela da Morte começa.

## 2.3

### É UMA ARMADILHA

O ataque avança só para que o herói e a sua equipa se apercebam que o que pretendem não está lá ou que é impossível de concretizar. O plano irá falhar. Em *Star Wars*, a força de ataque começa a perceber que será impossível destruir a Estrela da Morte, pois as naves são sistematicamente destruídas antes de chegarem à conduta e a frota da Resistência está prestes a ser destruída.

## 2.4

### UM NOVO PLANO

É altura do herói criar um novo plano, ultrapassar as dificuldades e ir até ao fim. Quando Luke Skywalker mergulha em direcção à Estrela da Morte, a voz de Obi-Wan surge-lhe do nada e diz: «Usa a Força, Luke». Luke já viu os outros pilotos a errarem mesmo usando o computador e decide usar a Força.

## 2.5

### VITÓRIA

O herói executa o novo plano e finalmente vence. Luke usa a Força e dispara para dentro da conduta, destruindo a Estrela da Morte. Já ganhou!

Depois da vitória terminamos com a imagem final. A narrativa foi a viagem entre o ponto A – a imagem inicial, o ponto onde o protagonista começou – e o ponto B – a imagem final, o ponto onde o protagonista chega. Uma marca dos bons finais é mostrarem o contraste entre ambos os pontos. No início de *Alien*, Ripley é acordada do sono criogénico com toda a sua equipa, e no fim do filme (SPOILER ALERT) volta ao sono criogénico, mas já sozinha apenas com o seu gato. E em *Senhor dos Anéis*, começamos com Frodo e os amigos felizes no Shire, e no final voltamos a ter Frodo e os amigos em paz no Shire, ainda que marcados pela guerra.

# 3

## O CONTEÚDO DO FINAL

Às vezes perguntam-me: o herói pode morrer no fim ou é melhor que não morra? Normalmente respondo: depende da mensagem. É muito importante ter claro na cabeça o tema da história e a mensagem da história. Desenganem-se aqueles que pensam que uma história não deve ter mensagem. É um absurdo. Todas as histórias têm mensagem. Quanto mais ciente o escritor estiver desta, melhor poderá fazer o seu trabalho. E a mensagem depende do tema. Ora vejamos: o tema de *Star Wars* é «Homem contra Máquina». Assim, é o poder da Força contra a tecnologia da Estrela da Morte. Luke contra Darth Vader. Aqui, sendo que a mensagem é que «a Natureza Humana é superior à Tecnologia», Luke não pode morrer no final. Em *Rogue One*, (SPOILER ALERT) sendo que a mensagem é que «há momentos em que temos de nos sacrificar por algo maior que nós», faz sentido a protagonista morrer.

# 4

## O EFEITO DE CESURA

À medida que um escritor vai chegando mais perto do final da sua obra, tem de ter cuidado com um determinado efeito que pode sentir na sua alma. Eu chamo-lhe o Efeito de Cesura. Acontece assim: o escritor já trabalha há algum tempo no seu texto, é um texto longo, ou uma colectânea, ou algo de monta, e já trabalha há meses ou anos ou mesmo décadas na obra. Subitamente, à medida que se aproxima do fim do projecto, as dúvidas começam a assaltá-lo. Será que é uma boa história? Será que fez as escolhas certas? Será que alguém vai gostar das suas personagens? Será que alguém irá querer ler até ao fim? À medida que o fim se aproxima, escrever torna-se cada vez mais difícil. É possível que os bloqueios assaltem, que o escritor se sente várias vezes à frente do computador e não consiga escrever nada. Ou que procrastine, encontrando todo o tipo de desculpas para não escrever. À medida que o fim se aproxima parece que o peso dos Mundos está sobre os ombros do escritor e que tudo se torna cada vez mais difícil.

Os bloqueios de escritor são coisas reais e por vezes bastante duros. Falarei neles noutra dia. Existem vários tipos de bloqueios, que ocorrem por razões diferentes que devemos saber enfrentar cada um à sua medida. Podem até ser uma boa ferramenta de criatividade, se bem dominados. Mas o bloqueio próprio do Efeito de Cesura tem de ser ultrapassado basicamente à força.

Acredito que o Efeito de Cesura acontece quando o es-

critor começa a realizar, no seu inconsciente, que terá que libertar o seu texto para o Mundo em breve. Que em breve outras pessoas o irão ler e talvez rejeitar. E que vai perder o controlo da obra, que passará a ser uma obra do Mundo. Mas desistir neste ponto é uma traição. Uma traição do escritor a si próprio, às suas personagens, à sua história e ao seu trabalho. O Efeito de Cesura tem de ser superado, e para isso é preciso que o escritor se obrigue a escrever até ao fim, mesmo sem estar muito satisfeito com o que escreve. Em breve será o momento de reescrever e de reparar o que não estiver perfeito, mas quando o escritor está a escrever o primeiro rascunho do terceiro acto, deve fechar os olhos, tapar os ouvidos, apertar o nariz e atirar-se até ao fim.

Há poucas alegrias maiores ou sensações mais entusiasmantes do que aquela de acabarmos um romance ou outro texto extenso, como um argumento para uma longa-metragem ou uma peça de teatro. Vale a pena ir até ao fim nem que seja só por isso. Mas o fim da escrita não é o fim do processo. No próximo texto falaremos de tudo o que vem depois: da reescrita, da revisão, da edição, da publicação, etc. Até lá! **BANG!**



### Bruno Martins Soares

Ganhou o Prémio Nacional de Jovens Criadores na vertente de Literatura, tendo representado Portugal na Feira de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo em Turim em 1997, onde o seu conto «Mindsweeper» foi publicado em italiano. Após vários contos e textos publicados em diversas colectâneas e publicações de referência, editou a trilogia de ficção científica/fantasia *A Saga de Alex 9* pelas mãos da editora Saída de Emergência a partir de 2009. Entretanto já publicou vários outros livros e contos, tanto em português como em inglês. Em 2013, co-produziu e co-escreveu a longa-metragem *Regret*, da produtora Castaway Entertainment, com distribuição nos EUA e Canadá pela distribuidora Anderson Digital. Entre 2015 e 2017, escreveu e co-produziu a curta-metragem *Desvio*, Award of Merit da Best Shorts Competition, para além de três outras curtas-metragens e dois pilotos para TV. A sua peça *O Papel* foi também encenada pela produtora This Is That. Como jornalista, escreveu para o *Diário de Notícias* e para a *Ideias & Negócios* e foi correspondente em Portugal da *Jane's Defence Weekly*, a maior revista do mundo de defesa militar. Também colaborou com o *The Washington Post*.

# A Torre da Andorinha



DESCUBRA COMO CHEGAMOS A ESTA CAPA!



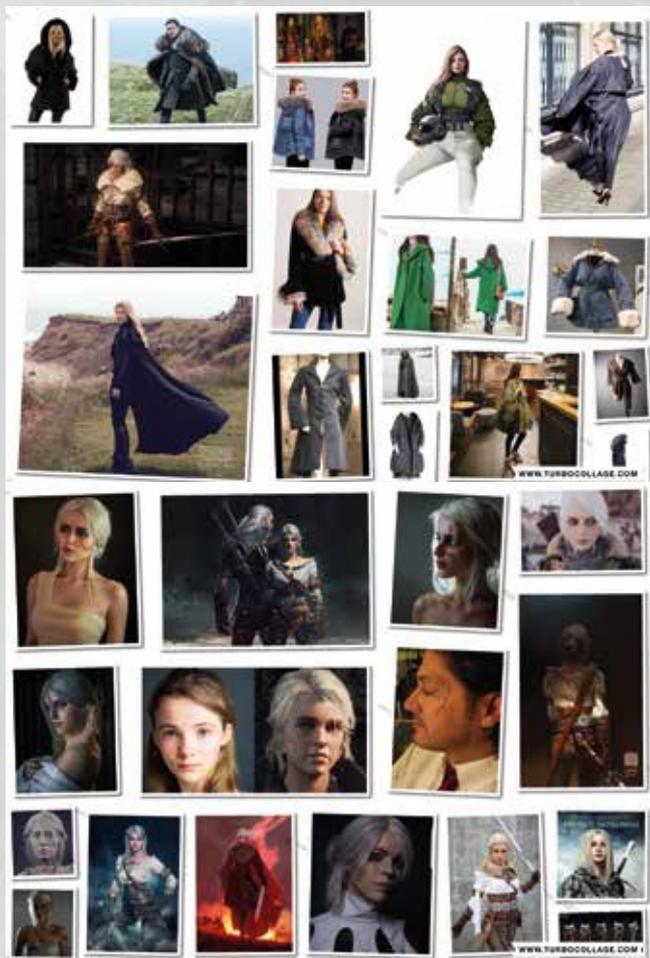
A Saída de Emergência propôs-me a criação desta capa para um dos volumes da série *The Witcher*. Fiquei entusiasmado, embora não leia muita fantasia, sou bastante fã dos jogos e já passei muitas horas imerso nesse universo. Iniciei a imagem bastante aberto à improvisação, trabalhando num método semelhante ao que tenho utilizado em ilustrações à base de colagem, em que deixo tudo em aberto e a coloração vem no fim. Porém, o estilo de pintura mais «sério» acabou por conduzir as coisas num processo incremental e algo conservador.

por Luís Melo

Depois de escolher uma cena do livro (escolhi uma com a Ciri, que é talvez a protagonista mais importante deste volume), fui olhar para referências, desde outras capas de fantasia recentes a pinturas que achei que tivessem a ver com o ambiente e estilo que começava a imaginar.



Fiz também uma pasta para imagens da Ciri, tanto *cosplay* como outras interpretações desenhadas, e fotos de cicatrizes, e ainda outra para referências de roupa de inverno, fantasia e real, já que pensava representar principalmente uma cena junto ao lago gelado onde se encontra a Torre da Andorinha.



Utilizei o Photoshop, e em termos de pincéis muito pouca variedade. Quase só o *ultimate pencil soft* do Kyle's Megapack (muitos artistas conhecerão, senão vale a pena

procurar online por *Kyle's brushes*) e pincéis redondos normais.

A ideia era ter três planos na imagem sem que estes formassem necessariamente um único momento específico do livro. Em primeiro plano, a Ciri estaria a embainhar a espada após ter executado uma vingança. Em segundo, a égua representando a sua longa fuga, e no fundo estaria a torre, que dá o nome ao livro e onde culmina a história. Queria uma imagem fria e solitária, por isso não adicionei mais personagens. Pensei exprimir a adversidade através do ambiente, cheio de troncos mortos e de linhas sinuosas.

Comecei por alinhar a composição num *thumbnail* rápido.

Sobre este *thumbnail* iniciei o desenho dos dois primeiros planos, porém foi neste ponto que confirmei a posição do texto, o que me levou a remexer a composição e a adicionar mais um plano na parte inferior – a andorinha e os troncos.

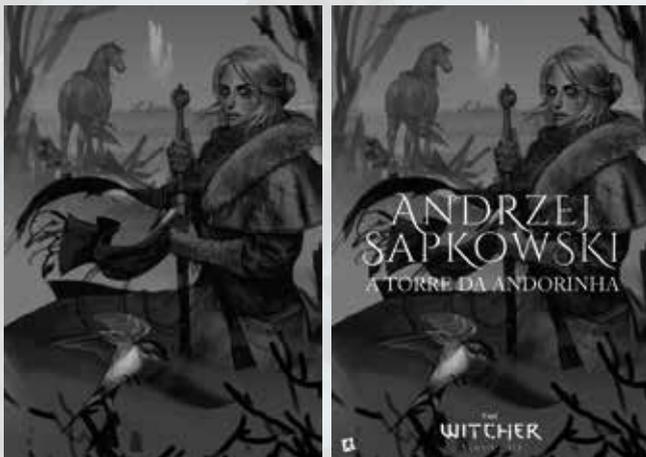
Fui adicionando detalhe, recorrendo a uma foto de referência que tirei de mim mesmo segurando uma espada de plástico para desenhar as mãos.



Quando trabalho em «modo colagem», vou desenhando os elementos em separado e em baixo o contraste. Chego mesmo a tê-los em *smart objects* e a trabalhar neles isoladamente, saltando ocasionalmente para o «documento-mãe» para experimentação: mudar tamanho na página, valores (através de *adjustment layers*), etc. Este método ajuda-me bastante a improvisar e a experimentar, especialmente quando combino diversas linguagens gráficas numa imagem.



Aqui ajudou-me principalmente a encontrar uma composição e a chegar a um grau de contraste satisfatório. Assim que vi que já não ia fazer alterações muito profundas, rasterizei os *smart objects*, comecei a trabalhar tudo



numa lógica mais de pintura digital e submeti o primeiro *layout* para aprovação.

Acabou por acontecer ainda mais uma alteração grande. À medida que ia desenvolvendo os ramos na parte inferior da imagem, achei que havia uma desconexão de escala entre este plano e o da personagem. Assim reduzi o tamanho da Ciri um bom bocado, enviando o plano dela para mais longe, o que acabou por fazer da capa uma cena mais coesa.

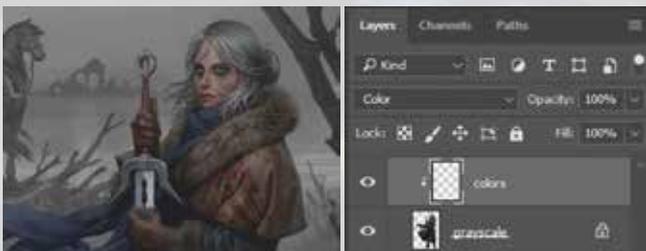
Utilizei também a árvore por trás da Ciri para fazer uma ponte entre a vegetação do primeiro plano e os tron-



cos junto ao cavalo, criando uma moldura que guia o olho em espiral em direção à torre.

Com tudo no sítio, passei à parte da coloração.

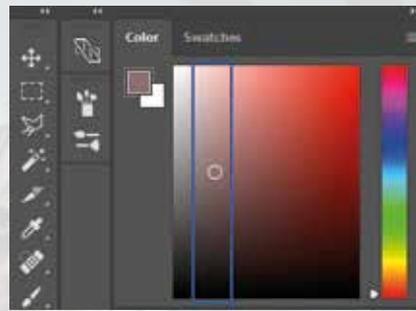
Apliquei as cores em *layers* separadas (uma para cada plano), em modo *color*.



Depois de estudar algumas referências de cenas nubladas, vi que as suas cores estavam localizadas numa faixa limitada de saturação (qualquer que fosse o matiz),

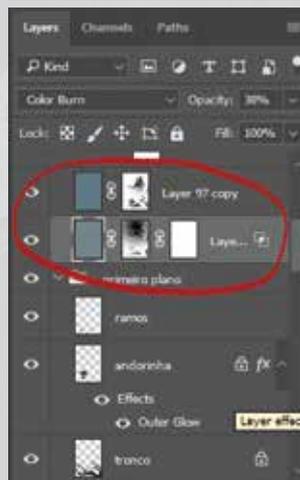
e foi nesta faixa que fiz as minhas escolhas.

Fiquei então com uma versão preliminar das cores. Uma cena nublada, como pretendia, mas mortiça. Ainda sem



o dramatismo ou a frieza que tinha imaginado.

Precisava que a cena fosse mais escura e fria. Para tal, comecei por adicionar um par de *layers* de cor lisa (cinzento-azulado), uma em *multiply* e outra em *color burn*, com pouca opacidade (cada uma entre 30 e 40%). Cada uma delas afeta a cor de maneira particular, mas ambas a escurecem.



Foi nestas *layers* que comecei a «apagar» as áreas claras, pintando «negativamente» e utilizando múltiplas máscaras. Uma acabou por me servir principalmente para criar um efeito de vinheta global, e a outra para realçar formas e zonas iluminadas mais em particular (a mais importante sendo obviamente a cara da personagem).



Seguiram-se vários ajustes de cor subtis:

- *Levels* para puxar um pouco o contraste na imagem demasiado densa e escura.

- Saturação e balanço de cores para puxar pelos tons, principalmente os azuis e cianos nas zonas escuras da imagem, sem deixar que estes no entanto absorvessem toda a paleta de cores.

As *adjustment layers* foram-se acumulando um pouco por toda a estrutura da imagem, para pequenas correções, muito subtis e algo arbitrárias. Seria impossível e um pouco inútil registar e explicar todas elas, sendo que os objetivos que descrevi acima (contraste geral e calibrar o papel dos azuis na paleta) estavam sempre presentes.

Uma foto que tirei no parque perto de casa ajudou-me a preencher espaço no segundo plano, um atalho subtil (pois esta zona está quase toda escondida no nevoeiro) que me aliviou o trabalho de pormenor, que a imagem já tinha de sobra.



As partículas levadas pelo vento são pontinhos brancos (desenhados com um pincel em *scatter* elevado) com *motion blur*. As folhas são *clipart* que encontrei online, também com *motion blur*.

E o vento/nevoeiro que uso em várias *layers* vem de uma imagem de fumo de taba-



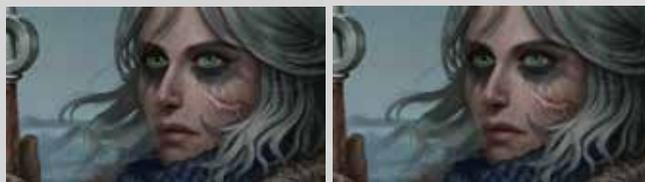
co muito esticada e transformada, posta em *linear dodge* (a sua opacidade é tão reduzida que é quase impercetível).

Para a torre, fiz uma colagem rápida de pedaços de imagens que encontrei online. Apliquei-lhe o ajuste *threshold*, apaguei a parte negra, tingi de laranja e adicionei uma máscara em degradê em direção à base. Queria que este fosse o único ponto de cor quente da imagem.



Com a imagem pronta, só mais um detalhe um pouco supérfluo, mas que ajuda a criar um efeito geral de «pintura à mão» - primeiro um *gaussian blur* com menos de um píxel de diâmetro e depois um *grain* de 8%.

Podem parecer contraproducente e é discutível aplicar um *blur* e ruído depois de detalhar tanto a imagem, mas pintei-a com resolução superior à necessária já a pensar neste *down-grade*, que é no fundo criar um teto artificial para a definição da imagem, imitando algo como a transparência da tinta a óleo e a porosidade do suporte, o que torna o choque de elementos fotográficos VS pintados menos óbvio.



Espero que tenha sido útil. Há muitos outros pequenos passos que não posso descrever aqui, ou o *making of* ficaria demasiado longo, mas terei todo o gosto em responder às perguntas que me queiram fazer enviando uma mensagem através do meu site: [www.partyinthefront.com](http://www.partyinthefront.com) ou instagram [@partyinthefront](https://www.instagram.com/partyinthefront/)! Até breve! **BANG!**



### Luís Melo

É um ilustrador lisboeta nascido em 1981. Formou-se em Design de Comunicação na FBAUL, mas ao longo de 13 anos de carreira trabalhou principalmente para a indústria de videojogos, tendo emigrado duas vezes, a primeira para Xangai, a segunda para a cidade de Quebec. De momento encontra-se de volta a Lisboa, desenvolvendo uma linha de trabalho mais ligada a interesses pessoais como a música (sobretudo *funk*) e a ficção científica, sob o nome Party In The Front.



Todos os números da Bangl, um colaborador da Saída de Emergência fala-nos dos seus livros favoritos.

*Desde que trabalho na Saída de Emergência, que tenho tido o privilégio de participar na Feira do Livro de Lisboa. E há uma pergunta sempre recorrente colocada por alguns leitores que nos visitam – «À exceção d’A Guerra dos Tronos, que outra série de fantasia recomenda?». Nestes últimos anos, tenho dado comigo a responder, invariavelmente, Império Final, o 1.º livro da série Mistborn – Nascida nas Brumas de Brandon Sanderson. Claro que logo a seguir vem o incontornável «porquê?».*

**T**enho de tentar recuar no tempo para encontrar as razões que fizeram de Mistborn a minha série de fantasia preferida de sempre...

O mundo de Sanderson é complexo, com as suas várias classes sociais, os seus hábitos e superstições e as suas intrigas e jogos de poder, mas sem nunca se tornar enfadonho. Isto porque é com mestria que o autor nos vai introduzindo e apresentando a forma como tudo funciona, sempre no ritmo certo e sem impor explicações. As razões e os porquês vamos descobrindo mais tarde, ao longo da trama, juntamente com as personagens. Estas são pessoas reais e é fácil identificarmo-nos com elas. Também cometem erros, também perdem batalhas, choram

e desesperam, mas vão tirando ilações por onde passam, sendo notória a sua evolução e o seu crescimento ao longo da história. E nós padecemos com as suas dúvidas e angústias e vibramos com as suas vitórias.

Outro aspeto muito bem conseguido pelo autor é o poder, ou poderes, que algumas personagens possuem. Estes poderes são extraídos dos metais que têm de ser ingeridos e «queimados» no interior do corpo. A cada metal corresponde um poder diferente que a personagem tem de descobrir e aprender a dominar. Muito poucas conseguem queimar mais do que um metal, e nem todas têm de o ingerir, bastando-lhes usá-los na forma de brincos ou anéis, sendo que, desta

forma, obtêm outro tipo de poderes ou capacidades. Confuso? Não com a naturalidade como é apresentado por Sanderson.

As histórias paralelas são tão bem exploradas que parece não haver personagens secundárias. Nem às criaturas mais bizarras, e – acreditem – existem aqui criaturas bem bizarras, foi negada a sua história e identidade. Tudo tem o seu lugar nesta realidade e tudo acontece e está lá por um motivo.

A cereja no topo do bolo é a história do Senhor Soberano, que gere este mundo com mão de ferro. No início parece algo «descolada» da trama principal, mas mais perto do final revela-se em toda a sua magnitude, interestando tudo e explodindo nas nossas mentes, fazendo com que queiramos voltar atrás em busca dos fragmentos que não retivemos, ao mesmo tempo que viramos a página pois não podemos esperar para saber o que se segue!

As peças deste tremendo puzzle, que nos vão sendo apresentadas com um formato aparentemente tão dispar, acabam por ir encaixando todas na perfeição. Nada fica de fora. Quando viramos a última página, notamos que passámos por uma aventura de notável inspiração, surgindo aquele terrível vazio – como é que vou conseguir ler o que quer que seja depois disto?

No fim, fica sempre a dúvida se terei conseguido explicar as razões que me levaram a sugerir esta série. É que, então, como agora, acabo por ficar sempre com a sensação de que não disse metade do que pretendia...

Boas leituras! **BANG!**



### João Gonçalves

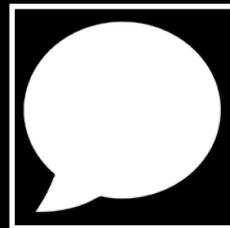
Nasci no longínquo ano de 1971, no Estoril.

Estou na Saída de Emergência quase desde o início tendo feito já de tudo um pouco na editora.

Não consigo decidir se gosto mais de fantasia ou FC...

Ainda vou escapando um dia por semana para um RPG com amigos (mas tenho um azar aos dados...).

BD



# LINDO

POR FERNANDO LUCAS



### Fernando Lucas

«O gajo dos bonecos» foi a frase que o seguiu a vida toda, da escola até aos primeiros anos de profissão. Cedo entrou no mundo da BD com Pedro Potier e Miguel Jorge na revista *Art Nove*. Em 1998, novamente com Potier, concorreu ao *Amadora* BD e juntos ganharam o primeiro lugar.

A partir daí, coloca a BD de lado para seguir a criatividade na publicidade, onde sempre que pode aplica os conhecimentos da BD ao serviço do cliente. Desenha o *Épa*, *Super Maxi* e o famoso *Perna de Pau*. Faz *storyboards* para anúncios de TV. Ganhou vários prémios criativos de publicidade nacionais e internacionais.

VEM CONHECER A SAGA AQUI:



1813  
ALGURES EM FRANÇA

ESTAMOS  
A CHEGAR.

GRAÇAS  
A DEUS!

DÁ  
CUMPRIMENTOS  
À TUA FAMÍLIA.

FICA BEM,  
PIERRE!

EU DAREI!

A SAUDADE DA  
MINHA AMADA MULHER  
FAZ-ME GANHAR FORÇAS.

O MEU FILHO,  
O MEU PEQUENO  
JEAN.

BASE. ESTOU NO LOCAL.

QUE PAZ.

2043,  
ALGURES NA NORUEGA.

AQUI BASE.  
ESTOU A INSERIR  
OS ÚLTIMOS RESULTADOS.  
SÓ MAIS UNS  
SEGUNDOS.

TENHO QUE TER  
A CERTEZA QUE NÃO FICA  
NENHUM NÚMERO FORA  
DA EQUAÇÃO.

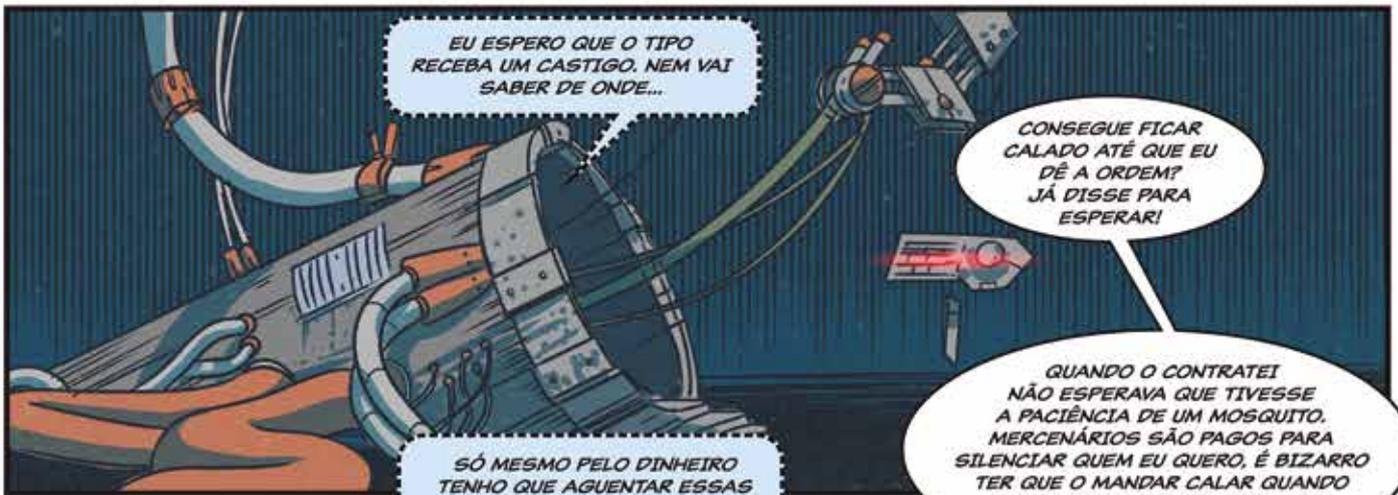
BASTA UM  
VALOR ERRADO,  
E TUDO PODE ACABAR  
NUM CAOS!

CUÁ!  
CUÁ!

LIGAÇÃO INICIADA.

ESTOU NO SECTOR 4W-2PR-01.  
ESPERO PELA CONFIRMAÇÃO.  
ARMA IONIZADA E PRONTA.

NÍVEIS DE OXIGÉNO  
ESTÃO ESTÁVEIS,  
MAS A CARGA DE FOTÕES  
PARECE DIMINUIR.



*EU ESPERO QUE O TIPO RECEBA UM CASTIGO, NEM VAI SABER DE ONDE...*

*CONSEGUE FICAR CALADO ATÉ QUE EU DÊ A ORDEM? JÁ DISSE PARA ESPERAR!*

*QUANDO O CONTRATEI NÃO ESPERAVA QUE TIVESSE A PACIÊNCIA DE UM MOSQUITO. MERCENÁRIOS SÃO PAGOS PARA SILENCIAR QUEM EU QUERO, É BIZARRO TER QUE O MANDAR CALAR QUANDO DEVIA ESTAR PREOCUPADO COM O SEU OBJECTIVO.*



*SÓ MESMO PELO DINHEIRO TENHO QUE AGUENTAR ESSAS BOCAS. NÃO ME PROVOQUES.*



*JÁ ACABOU? VAMOS AO ASSUNTO.*



*O ELEMENTO ESTÁ A AFASTAR-SE. ESTAMOS A FICAR SEM TEMPO.*



*TEMPO? O TEMPO ESTÁ NAS MINHAS MÃOS.*

*DESDE QUE OS CHINESES CONSEGUIRAM ULTRAPASSAR A BARREIRA DOS COMPUTADORES DE QUINTO ELEMENTO, FOI RÁPIDO OS CIENTISTAS DE TODO O MUNDO COLOCAREM EM PRÁTICA EQUAÇÕES ATÉ ENTÃO IMPOSSÍVEIS.*



*FELIZMENTE NÃO ESTÁ AO ALCANCE DE QUALQUER UM, E EU TENHO A SORTE DE ADQUIRIR O ÚNICO FORA DA CHINA.*

*UM PEQUENO CHIP CONSEGUE CALCULAR NÚMEROS INFINITOS SEM PROBLEMAS. É A NOSSA PEDRA FILOSOFAL.*

O ELEMENTO AINDA ESTÁ AO ALCANCE, MAS NÃO POR MUITO. DEIXA-ME ACABAR COM A RAÇA DELE!

AINDA NÃO!

ESTÁ A APARECER NO MEU ECRÃ UM SEGUNDO ELEMENTO. NÃO É SUPOSTO EXISTIR O CRUZAMENTO DE DADOS....

O RESULTADO FINAL ACABA DE SER INSERIDO NO SEU VISOR. ESSE É O ELEMENTO QUE TEM QUE ELIMINAR.

REPETE LÁ!

O RESULTADO É DE 100%. NÃO HÁ TEMPO A PERDER. ELIMINE-O!

É APENAS UMA CRIANÇA! NÃO HÁ ERRO DE CERTEZA? NÃO QUERES RECONFIRMAR?

VOCÊ QUER QUE EU DIGA AO PRESIDENTE DE UM PAÍS QUE AO FIM DE VINTE ANOS DE CÁLCULOS INFINDÁVEIS E DE UM ORÇAMENTO DE VÁRIOS MILHÕES,

QUE O MERCENÁRIO QUE CONTRATEI ESTÁ COM PROBLEMAS DE OBJECÇÃO DE CONSCIÊNCIA A SEGUNDOS DO FIM? VOCÊ ESTÁ DOIDO?

SE NÃO CUMPRIR A ORDEM, VOCÊ IRÁ AO FUNDO! ACREDITE!

ACABE COM ELE!





PFFFF  
SSSS

NO BRIEFING  
DIZIA QUE O ELEMENTO  
A ABATER SERIA UM  
SOLDADO NAPOLEÔNICO.  
NÃO O SEU FILHO.

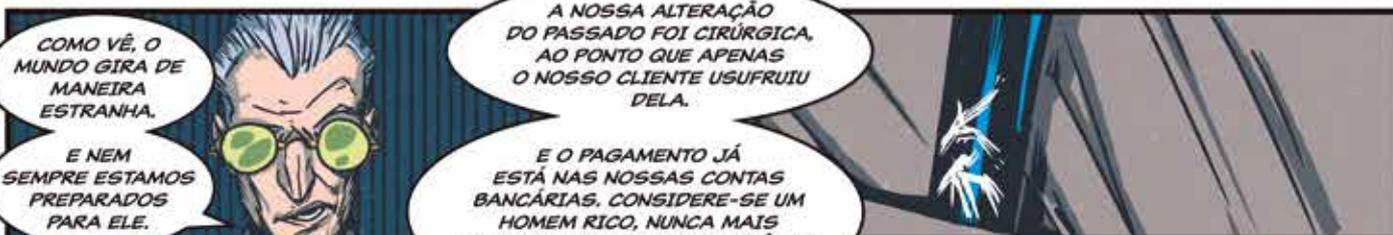
CALMA!  
ANTES DE QUERER  
PARTIR-ME A CARA, DEIXE-ME  
JUSTIFICAR A OPÇÃO DO  
COMPUTADOR.



DOU-TE UM  
MINUTO SACANA,  
FALA!



AQUELA CRIANÇA  
SOFREU MUITO. O PAI DELA  
ACABOU POR LHE TRANSMITIR  
UMA DOENÇA DE GUERRA. E EM  
DUAS SEMANAS ACABOU POR  
MORRER EM AGONIA.



COMO VÊ, O  
MUNDO GIRA DE  
MANEIRA  
ESTRANHA.  
  
E NEM  
SEMPRE ESTAMOS  
PREPARADOS  
PARA ELE.

A NOSSA ALTERAÇÃO  
DO PASSADO FOI CIRÚRGICA,  
AO PONTO QUE APENAS  
O NOSSO CLIENTE USUFRUIU  
DELA.

E O PAGAMENTO JÁ  
ESTÁ NAS NOSSAS CONTAS  
BANCÁRIAS. CONSIDERE-SE UM  
HOMEM RICO. NUNCA MAIS  
NECESSITA DE APLICAR VIOLÊNCIA  
PARA GANHAR DINHEIRO.



TENS A CERTEZA  
QUE MAIS NADA  
FOI ALTERADO?

A PEDRA NO CHARCO  
FOI TÃO PEQUENA, NEM  
A ONDULAÇÃO CHEGOU  
ÀS MARGENS.



O SEU GRANDE COMPUTADOR NÃO REPAROU NA SUA CANETA.

MAS EU REPAREI

AARG!



IMPOSSÍVEL! NÃO ERA SUPOSTO ACONTECER...

A SUA CANETA ERA VERDE ANTES DE EU ENTRAR NO TÚNEL.



SEI QUE VOU FICAR MARCADO COM A MORTE DA CRIANÇA POR CAUSA DE DINHEIRO.

MAS NÃO SEI PORQUE RAZÃO ESSA CANETA CHAMOU-ME À ATENÇÃO. O CARMA É LIXADO.



SÓ QUIS TER A CERTEZA QUE TAMBÉM FICAVAS MARCADO PELO QUE ACABAMOS DE FAZER.

EU CONHEÇO GENTE IMPORTANTE. EU VOU ACABAR CONSIGO... AAH! EU VOU...

NÃO VAIS NADA. SE É QUE QUERES CONTINUAR A USAR A VISÃO QUE TE RESTA.

E EU SEI QUE, PELO MENOS DURANTE VINTE ANOS, VAIS FICAR OCUPADO A METER DADOS NESSE COMPUTADOR PARA RESOLVER ESTA MERDA.

FIM

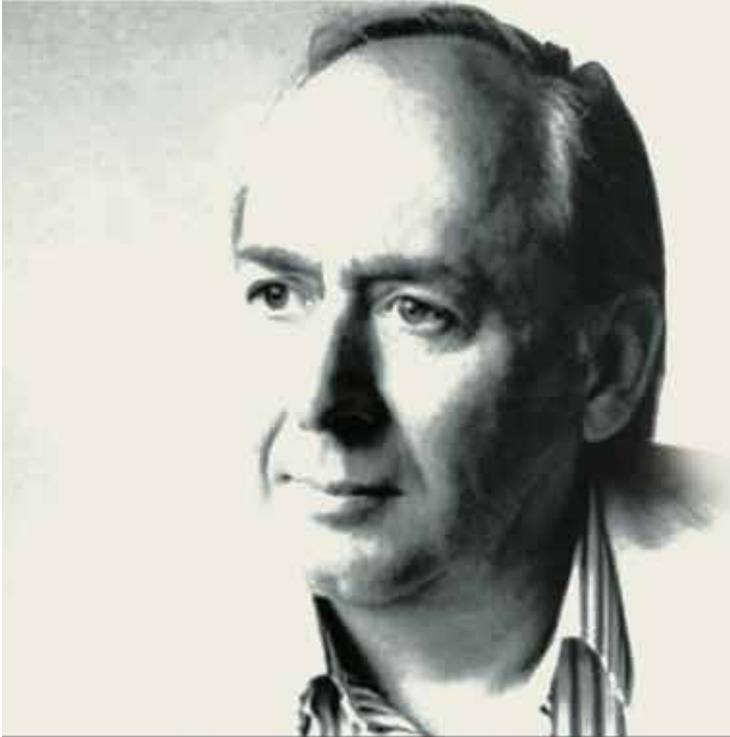


## O som de Dunwich

POR  
RICARDO  
S. AMORIM



# O CARROSSEL ATROZ

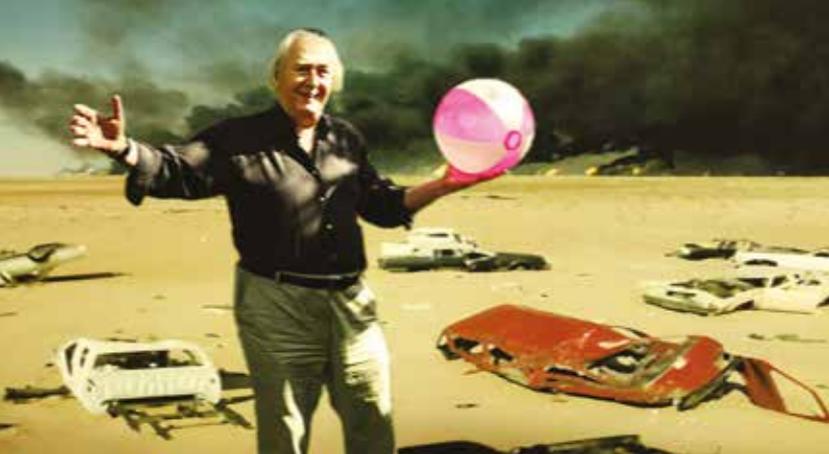


SÃO RAROS OS AUTORES CUJO NOME SE TORNA ADJECTIVO. SHAKESPEARIANO, ORWELLIANO OU KAFKIANO SÃO TERMOS CUJA SIGNIFICÂNCIA COMPREENDAMOS, MAS EXISTE UM ADJECTIVO QUE, EMBORA MENOS SONANTE, TEM UMA INTERPRETAÇÃO BASTANTE CLARA PARA QUEM O CONHECE: BALLARDIANO. COM O AUXÍLIO DE ADOLFO LUXÚRIA CANIBAL, VOCALISTA E LETRISTA DOS MÃO MORTA, LANÇAMOS UM OLHAR SOBRE A OBRA DE JG BALLARD E DA SUA INFLUÊNCIA NA MÚSICA, INCLUINDO PARA A PRÓPRIA BANDA BRACARENSE.

«I wanted to rub the human face in its own vomit. I wanted to force it to look in the mirror.»  
JG BALLARD

**J**ames Graham Ballard nasceu na Concessão Internacional de Xangai em 1930, para onde o seu pai tinha sido destacado pela empresa para a qual trabalhava. Era um território formado por enclaves britânicos e americanos para ali destacados após a Primeira Guerra do Ópio e que, contrariamente ao que acontecia com Hong Kong e Macau, se manteve sob soberania da China. Essa concessão terminou em 1941 após a ocupação japonesa, logo a seguir ao ataque a

Pearl Harbor, tendo a família Ballard partido para o centro da cidade de Xangai, de onde foi depois transferida para um campo de internamento onde permaneceu até ao fim da Segunda Guerra Mundial. Esse período da juventude foi marcante para JG Ballard e serve de base a *Império do Sol* (1984) que Steven Spielberg levou às salas de cinema três anos mais tarde, com Christian Bale, então com apenas 13 anos, a interpretar o papel de Jim Graham. Deve-se a esta adaptação cinematográfica o facto de *Império do Sol*



ser o trabalho mais conhecido de Ballard mas não é, de todo, e como veremos de seguida, o mais marcante ou o mais característico daquilo que é a sua obra literária.

Depois de alguns contos espalhados por diversas publicações, o seu primeiro livro foi *The Wind From Nowhere*, em 1961. Escrito em dez dias, foi uma experiência narrativa que, mais tarde, Ballard até desconsiderou, classificando o seu sucessor, *The Drowned World*, como o seu verdadeiro romance de estreia. É curioso verificar que, 57 anos depois, o cenário distópico desta obra seja um tema na ordem do dia, cientificamente comprovado e, simultaneamente, classificado como um embuste por alguns. Em 1962, Ballard

escreveu sobre uma Londres submersa, irreconhecível e inabitável devido às consequências do aquecimento global. Os seus quatro romances iniciais (*The Wind From Nowhere*, *The Drowned World*, *The Burning World* e *The Crystal World*) inserem-se no género sci-fi e podem ser lidos como variações do colapso civilizacional pelos quatro elementos: ar, água, fogo e terra. Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência, e poucos autores de sci-fi se tornariam, infelizmente, tão proféticos quanto Ballard.

Adolfo Luxúria Canibal, dos Mão Morta, teve o primeiro contacto com o autor britânico precisamente nessa fase, embora não consiga precisar quando. «Não me lembro já quando descobri Ballard, mas devo-o ter lido juntamente com Asimov, Clarke, K. Dick ou Bradbury, como mais um escritor de contos de ficção científica numa qualquer colecção de livros de bolso dedicada ao fantástico, tipo Argonauta.» Foi a partir de 1970 que Ballard se tornou num autor de culto com a publicação de *The Atrocity Exhibition*. Não sendo um romance, é um conjunto de 15 histórias que William Burroughs classificou no prefácio como «um livro profundo e inquietante» no qual «as raízes não sexuais da sexualidade são exploradas com uma precisão cirúrgica. Um acidente

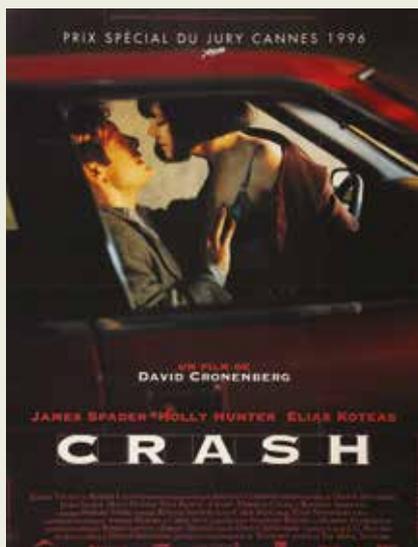
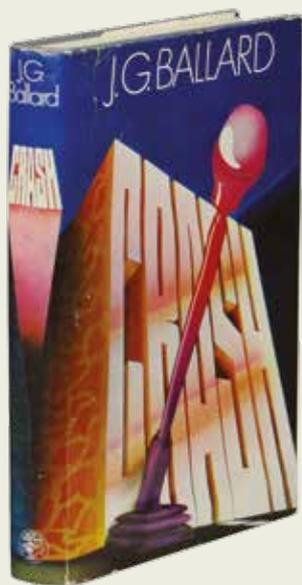
de automóvel pode ser sexualmente mais estimulante do que uma fotografia pornográfica». Foi também com esta obra que o interesse de Adolfo no autor despertou. «Acho que a primeira vez que verdadeiramente apanhei a sua singularidade, que já nada tinha a ver com ficção científica, foi com uma edição francesa do *The Atrocity Exhibition – La Foire aux Atrocités* –, que apresentava uma escrita completamente experimental, toda em elipses, nos seus capítulos “romances condensados” (muito baseada nas técnicas de escrita com *cut-up* desenvolvidas por William S. Burroughs), e uma temática simultaneamente política e sociológica sobre um mundo de “pop culture” perfeitamente moderno e reconhecível.» O músico, reputado bibliófilo, é um admirador confesso desta obra.

«Cheguei a esse livro já direccionado, no final do século passado, mas não me lembro o que me remeteu para ele – sei que o vanguardismo da sua escrita (ainda por cima tratava-se da segunda versão, de 1990, enriquecida com notas e comentários de Ballard sobre os seus próprios “romances condensados” da edição original, criando uma espécie de ampliação e eco a esses escritos) me deixou completamente siderado e com vontade de ler tudo o que fosse dele.»

É curioso ter sido Burroughs a prefaciá-lo o livro dada a sua natureza experimental, de justaposições e inesperadas transições entre os domínios do real e do imaginário, do que acontece na narrativa ou apenas na mente do protagonista, que podem remeter para *Naked Lunch*, obra-prima de Burroughs com que partilha esta estrutura não-convencional, e as técnicas de escrita referidas por Luxúria Canibal. Ballard, nessa edição anotada de 1990, e tal como Burroughs já tinha sugerido sobre o seu livro de 1959, recomenda ao leitor que tem o primeiro contacto com *The Atrocity Exhibition* que o abra numa página aleatória até encontrar algo que o interesse, em toda aquela colecção de descrições bizarras, re-encenações de tragédias famosas, como o assassinato de JFK ou o acidente que vitimou James Dean, a violência, o corpo humano como paisagem, a obsessão do protagonista pela geometria do mundo e a sua incapacidade em aceitar a «fenomenologia do universo» e, essencialmente, a morte do afecto na nossa era. Outro paralelo reside no facto de terem sido obras extremamente polémicas. *Naked Lunch* foi um dos últimos livros a ser julgado por obscenidade nos EUA e *The Atrocity Exhibition* teve a sua primeira edição americana destruída pelo editor, receando acções legais das celebridades (ou seus herdeiros) nele retratadas.

O livro seguinte de J.G. Ballard foi também controverso. *Crash* [ed. portuguesa Elsinore, *Crash*], de 1973, é sobre a *feticheização* dos acidentes de automóvel por pessoas que encontram prazer sexual entre a chapa amolgada e os vidros estilhaçados. Tendo-se tornado ainda mais célebre e polémico depois da adaptação ao cinema por David Cronenberg em 1996 (que também já tinha realizado *Naked Lunch*, cinco anos antes), *Crash* não é tanto sobre sexo em carros como quanto sobre a tecnologia a servir, não só como intermediária, mas como substituta da interacção humana. A obra examina a nossa dependência tecnológica e demonstra como as nossas relações com os sistemas que a suportam se podem tornar bizarras e estranhamente sexuais. Uma vez mais, qualquer semelhança com a realidade actual não é mera coincidência.

A primeira metade da década de 70 foi a mais prolífica e influente de Ballard, que amplificou a áspera realidade da vida urbana moderna, começando com *The*





*Atrocity Exhibition* (1970) e seguindo-se *Crash* (1973), *Concrete Island* (1974) e *High Rise* (1975), que identifica os perigos sociológicos da habitação vertical quando os habitantes de um arranha-céus, socialmente estratificados por pisos, entram numa espiral de violência [ed. portuguesa Elsinore, *Arranha-Céus*]. David Bowie é referido por Dorian Lynskey no *The Guardian* como o primeiro músico a canalizar toda esta temática na sua música, especificamente no álbum *Low*, de 1977. Lynskey escreveu que foi o entusiasmo de Bowie que antecipou Ballard como «o profeta não oficial do pós-punk».



© Pedro Roque – <http://eyesofmadness.tumblr.com>

E foi, de facto, junto dessa geração que a obra literária de Ballard mais se transpôs para a música, sendo referida a sua influência por bandas como Cabaret Voltaire, The Human League, Siouxsie and the Banshees ou The Sisters of Mercy. Mas a associação mais célebre será sempre aos Joy Division, que abrem o disco *Closer* com um tema intitulado «The Atrocity Exhibition», inspirado no livro com o mesmo nome. Voltando à conversa com Adolfo Luxúria Canibal, percebemos melhor o fascínio que o autor despertou. «É difícil estar a falar sobre o que outros pensaram ou sentiram, ainda mais quando nunca conheci pessoalmente esses outros», sublinha inicialmente. «No entanto, julgo que não andarei muito enganado se disser que o facto de as histórias de JG Ballard explorar em o lado sombrio dos habitantes das grandes metrópoles, aparentemente normais mas obcecados pela violência e todo o tipo de perversões sexuais, e de ligarem esse lado obscuro a uma cultura mediática e tecnológica que incentiva comportamentos desviantes terá, certamente, qualquer coisa a ver com o interesse que despertou nessa geração de artistas.»

Os Mão Morta, que sempre tiveram uma influência literária bastante vincada, também recorreram ao escritor inglês no seu nono álbum, lançado em 2010. «O *Pesadelo em Peluche* baseia-se exclusivamente no livro *The Atrocity Exhibition*», explica Adolfo. «Escolhi alguns dos “romances condensados” que compõem o livro e a partir de cada um

deles, e dos comentários e notas que sobre eles Ballard acrescentou, criei cada uma das letras das canções do disco. Diga-se que no *The Atrocity Exhibition* já estão condensados, em embrião, cada um dos temas da cultura pop mediática que Ballard iria depois desenvolver em livros posteriores, como *Crash*, *Cocaine Nights*, *Super-Cannes*, *Millennium People* ou *Kingdom Come*, pelo que o disco acaba assim por também fazer uma panorâmica de todos os temas da cultura mediática abordados por Ballard, devidamente ilustrados por lugares-comuns da música pop-rock.» Dito isto, e apesar de admirador confesso da obra do autor, Adolfo não hesita quando questionado pela sua predileção. «*The Atrocity Exhibition* obviamente, porque estão lá todos os outros livros de JG Ballard, e porque é aquele que, pelo experimentalismo da sua escrita, se apresenta como mais desafiante, sobretudo na sua versão última, de 1990.»

*Para concluir, e voltando às visões proféticas de Ballard, numa entrevista ao escritor russo Zinovy Zinik, publicada em 1998, o escritor inglês afirmou: «A única urna comum a todos é a caixa registadora. (...) Os messias geralmente emergem dos desertos, mas antevejo que o próximo Hitler ou Mao surja da vastidão dos vastos shoppings norte-americanos e europeus.» Não havia Twitter há 20 anos, mas qualquer semelhança com a realidade actual será mesmo mera coincidência? BANG!*



### Ricardo S. Amorim

De ascendência minhota, nasceu em 1980 em Lisboa, cidade onde reside. Cedo revelou um horror doentio a falar sobre si próprio, condição que se agravou desde que foi coagido a escrever estas linhas. Autor da biografia oficial dos Moonspell, *Lobos Que Foram Homens*, tem ainda presença assídua na revista *LOUD!*





FICÇÃO ESTRANGEIRA

+

BEM-VINDO  
À CLÍNICA MÉDICA  
DA ESTAÇÃO  
ESPACIAL  
INTERPLANETÁRIA.  
HORAS DESDE  
A MORTE DO ÚLTIMO  
PACIENTE: 0

+

*POR* CAROLINE M. YOACHIM

TRADUÇÃO DE GUILHERME PIRES

**A** A caminho do trabalho, metes-te por um atalho através das estufas hidropónicas e reparas que os tomateiros estão cobertos de insetos rastejantes minúsculos semelhantes a besouros em miniatura. Um dos insetos trepa pela tua perna acima e tu baixas-te para o enxotar. Ele morde-te a mão. A zona em redor da mordidela fica roxa e inchada.

Corres por um longo corredor metálico até à Clínica Médica, agradecendo a gravidade gerada artificialmente que desafia as leis da física e ainda assim é bastante comum em estações espaciais ficcionais. Uma placa na porta da clínica diz «horas desde a morte do último paciente:» O número que mostra neste momento é zero. Se queres entrar na clínica à mesma, segue para C. Se preferes procurar ajuda noutra sítio, vai para B.

**B** Estás numa estação espacial em órbita a meio caminho entre Saturno e Uranus. Não há ajuda médica disponível em mais lado nenhum. Segue para C.

Porque é que ainda estás a ler isto? É suposto ires para C. De certeza que não queres ir para a clínica? Não? Ótimo. Voltas para os teus aposentos e procuras na base de dados da estação por uma cura para as crostas roxas que já se estão a espalhar pelo teu braço acima. A maioria dos resultados recomenda amputação. A erupção cutânea parece bastante grave e provavelmente devias ir para C, mas se te recusas terminantemente a ir para a clínica, vai para Z e morre de uma forma horrível e dolorosa.

**C** Dentro da clínica, uma gravação passa nos altifalantes «Bem-vindo à Clínica Médica da Estação Espacial Interplanetária, por favor escrevam o vosso nome na ficha de inscrição. Os pacientes serão atendidos por ordem de chegada. Se for uma emergência, temos pena

mas provavelmente estão lixados. O tempo de espera atual é de seis horas.» A mensagem volta a repetir-se vezes sem conta, em dezenas de línguas diferentes.

A ficha de inscrição está coberta de muco verde, provavelmente de um macaco-lesma saturniano. São criaturas excessivamente rudes, constantemente esfomeadas e extremamente temperamentais. Limpas a gosma com uma manga e preenches os teus dados. A ficha de inscrição anuncia alegremente: «Você é o número 283. Se abandonar a sala de espera será movido para o fim da fila. Se a sua fisiologia for incompatível com longos períodos de permanência na sala de espera, pode requerer um dispositivo localizador móvel e esperar numa das nossas salas satélite. O tempo de espera atual por um dispositivo localizador móvel é de quatro horas.»

Se decides ficar na sala de espera, vai para D. Se pedes um localizador móvel, vai para D à mesma porque não há hipótese nenhuma de conseguires um.

**D** Entregas a ficha de inscrição ao paciente atrás de ti, um ácaro espacial tarmadiano das colónias mineiras. Assim que a largas, apercebes-te que a ficha está a imprimir o recibo. O som da impressora despoleta o instinto predatório do ácaro que prontamente devora a ficha de inscrição.

«Atenção, pacientes, a ficha de inscrição desapareceu. Os pacientes serão atendidos por ordem de chegada. Por favor, formem uma fila usando o número escrito no vosso recibo. Se não têm um recibo, terão de esperar até que uma nova ficha de inscrição seja disponibilizada para se inscreverem.»

Se esperas pela nova ficha de inscrição, volta para C. Se tens inteligência suficiente para perceber que voltar a C irá resultar num *loop* que não avança a história, segue para E.

**E** Em vez de esperar na fila, aproveitas o caos da sala de espera para avançar até junto das enfermeiras e exigir tratamento. Há duas enfermeiras de serviço, uma humana de aspeto cansado e uma caca uraniana. A caca tem aproximadamente o dobro do teu tamanho, está coberta de pelo castanho-escuro e fala uma língua que só contém as letras d, t, b, p, o. Se falas com a enfermeira humana, vai para F. Se falas com a grande caca castanha vinda de Uranus, vai para G. E para de te rir. O planeta pronuncia-se «ura nus» e não «your anus».

**F** A enfermeira humana vê a erupção cutânea roxa e exige que fiques de quarentena nos teus aposentos. Se acitas o conselho dela, volta para B. Já reparaste nos *loops* que esta história tem? Os *loops* simulam a futilidade de tentar obter ajuda médica. O que é que ainda estás a fazer aqui? Volta para B. A próxima vez que chegares ao pé das enfermeiras lembra-te de escolher a enfermeira extraterrestre.

**G** Aproximas-te da enfermeira uraniana e balbucias umas quantas palavras terminadas em «oo», que é a tua melhor aproximação da língua caca. Honestamente, a tua tentativa é um bocado ofensiva. Os Cacas são uma civilização mais antiga do que a humanidade, cuja língua complexa está impregnada de matizes culturais extraterrestres. Esperavas mesmo que umas quantas palavras aleatórias terminadas em «oo» conseguissem comunicar alguma coisa com sentido?

Felizmente, a enfermeira não responde à tua rude tentativa de imitar a língua dela, portanto estendes o braço e apontas para a erupção cutânea roxa. Ela devora-te o braço inteiro com uma única dentada e cauteriza a ferida com a sua saliva altamente ácida. A erupção cutânea desapareceu. Se achas que a tua doença ficou curada, segue para

Y. Se ficas na clínica na esperança de conseguir obter uma prótese para o braço, vai para H.

**H** Aproximas-te da enfermeira humana e perguntas sobre a disponibilidade de próteses. Ela entrega-te uma pilha de vinte e quatro formulários para preencher. A enfermeira caca com a mão com que costumavas escrever. Se preenches todos os formulários com a outra mão, vai para I. Se preenches apenas o nome no primeiro formulário e deixas o resto em branco na esperança que ninguém note, vai para I.

**I** A enfermeira recebe os teus papéis e enfia-os numa pasta. Ela leva-te por um corredor até uma sala de exames cheia de seringas e aparelhos de dissecação. «Dispa-se e coloque esta bata,» ordena a enfermeira, «alguém virá ter consigo em breve.» Se fazes o que a enfermeira disse, vai para J. Se manténs as tuas roupas vestidas, vai para K.

**J** A sala está gelada, a bata é extremamente fina e tem três tamanhos abaixo do teu. Sentas-te, mas só depois reparas que o papel que cobre a mesa de exames não tinha sido mudado e estava cheio de insetos rastejantes minúsculos semelhantes a besouros em miniatura. Sentar-te foi uma decisão que te deixou feito ao bife, pois os bichos estão literalmente a morder-te o traseiro como se fosse um belo bife. Se saltas aos gritos e arrancas os insetos do teu corpo, vai para L. Se enxotas calmamente os insetos e pedes em voz alta para alguém vir limpar esta sala, vai para L.

**K** Três horas mais tarde chega uma médica. Sentes algum alívio ao ver que ela é humana. Perguntas-lhe se te pode atribuir uma prótese para o braço. Ela responde que não, balbuciando algo sobre formulários de alocação de recursos, e vai-se embora. Se aceitas a resposta dela e decides considerar que a tua doença ficou curada, vai para Y. Se desatas aos gritos atrás da médica, exigindo um braço novo, vai para L.

Aparece um segurança, atraído pelos teus gritos. A segurança da clínica emprega ácaros espaciais tarmadianos com dois metros de altura, dentes afiados a pingar veneno e uma predileção pelo sistema fiscal americano. Se tentas fugir, vai para M. Se és secretamente parte de uma ordem de guerreiros treinados e decides matar o ácaro tarmadiano com as tuas próprias mãos para lhe poderes comer a cabeça, vai para N. Se te sentas extremamente imóvel na esperança que o ácaro tarmadiano se vá embora, vai para O.

**M** Correr despoleta os instintos predatórios do ácaro tarmadiano. Vai para Z.

**N** Usas a tua surpreendente (mas bastante útil!) perícia marcial para derrotar o segurança. A cabeça de um ácaro tarmadiano é um pitéu delicioso, salgada, crocante e cheia de saborosos vermes que se contorcem ao descer pela tua garganta. Infelizmente, esquecete-te de remover as presas venenosas. Vai para Z.

**O** Sentas-te extremamente imóvel na mesa de exames. Insetos rastejantes minúsculos, semelhantes a besouros em miniatura, sobem para cima de ti mordendo-te repetidamente, o que resulta num monte de inchaços roxos que se parecem imenso com a erupção cutânea que tinhas no braço quando entraste na clínica. Quando tiveres a certeza que o ácaro tarmadiano se foi embora, vai para P.

**P** Perdeste um braço e a zona inferior do teu tronco está coberta de uma erupção cutânea roxa. Se decides que já te chega de cuidados médicos e consideras a tua doença curada, vai para R. Se queres investigar os armários da sala de exames, vai para S.

**Q** Não há nada nesta história que te indique para esta secção. Se estás a ler isto é porque não estás a

seguir as instruções. Vai diretamente para Z e morre de uma forma horrível e dolorosa. Ou então vai para outra entrada qualquer que te apeteça, porque já ficou claro que não estás a seguir as regras.

**R** Esgueiras-te da clínica e voltas para os teus aposentos. Procuras na base de dados da estação por uma cura para a tua erupção cutânea roxa provocada por escaravinhos. Não há nenhuma cura conhecida, mas alguns pacientes conseguiram sobreviver ao amputar as zonas afetadas. Infelizmente, é-te impossível amputar o teu próprio rabo. Mesmo que voltes à clínica, a erupção cutânea já alastrou demasiado para poder ser tratada. Vai para Z. Ou, se quiseres saber o que teria acontecido se tivesses optado por investigar os armários da sala de exames, vai para S. Mas lembra-te que ir para S é só para ver o que hipoteticamente teria acontecido. O teu verdadeiro destino é Z.

**S** Vasculhas os armários e encontras um vasto sortido de pomadas e loções. Se lês as instruções de todas as embalagens, vai para T. Se escolhes algumas ao acaso e as esfregas na tua erupção cutânea, vai para T. Já reparaste quantas vezes vais parar ao mesmo sítio independentemente das escolhas que fazes? Na clínica, como na vida, muitas das decisões que parecem importantes acabam por ser insignificantes. No final, acabamos todos por morrer e nada disto vai importar. Agora a sério, vai para T.

**T** Nenhuma das pomadas ou loções faz efeito sobre a tua erupção cutânea. A enfermeira Uraniana vem limpar a sala e encontra-te aqui. Se finges que trabalhas na clínica, vai para U. Se lhe pedes ajuda para a tua erupção cutânea, vai para V. Se foges, vai para W.

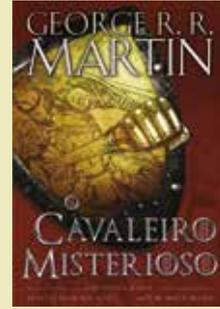
**U** (Não há U, tal como não há esperança para os pacientes da clínica. De qualquer das formas a enfermeira ia reconhecer-te. Vai para V.)

## O CAVALEIRO MISTERIOSO

GEORGE R. R. MARTIN

Saída de Emergência

★★★★★



*O Cavaleiro Misterioso* é a leitura perfeita para todos aqueles que estão mergulhados na última temporada d'*A Guerra dos Tronos*. Dunk, um cavaleiro, tem de levar Egg, um jovem com um misterioso passado, para Winterfell. Conseguirá

Dunk ser bem-sucedido? Cheia de reviravoltas e emocionantes aventuras, torna-se numa BD brilhante! Se gostam de alta fantasia, *A Guerra dos Tronos* e *plot twists*, *O Cavaleiro Misterioso* está à vossa espera.

Patricia Caetano

<http://bookaholickingdom.blogspot.com>

## TERRA EM CHAMAS

BERNARD CORNWELL

Saída de Emergência

★★★★★



Mais um tremendo livro do escritor, a fazer subir a fasquia cada vez mais alta da qualidade dos seus livros. Já li várias obras do autor, mas quanto mais vou lendo a Saga Saxónica mais se vai tornando a minha saga preferida, e até podia incluir aqui perfeitamente outros géneros literários. A editora está sem dúvida de parabéns por ter apostado nesta saga, sem dúvida do melhor que já li a nível de romance histórico.

Paulo Soares

<http://leiturasdofiachaocorvonegro.blogspot.com>

## FILHOS DE SANGUE E OSSO

TOMI ADEYEMI

Editorial Presença

★★★★★



No seu livro de estreia, Tomi Adeyemi consegue aliar um *worldbuilding* interessante, inspirado em temas africanos e na magia dos Orixás, a uma narrativa bem conseguida. Mas se *Filhos de Sangue e Osso* sabe cativar o leitor, também não foge a estereótipos. Embora

possua uma profundidade espiritual e uma escrita elegante, declara-se desde o primeiro momento como um tradicional juvenil.

Nuno Ferreira

<https://noticiasdezallar.wordpress.com>

V A caca vinda de Uranus (a sério, mas tens 8 anos ou quê? Para de pronunciar o planeta como «your anus») examina a erupção cutânea e amputa as áreas afetadas devorando-as, cauterizando cuidadosamente a ferida com o ácido da sua saliva. Resta-te a cabeça e aproximadamente metade do tronco. Se achas que a tua doença ficou curada, vai para X. Caso contrário, vai para Z.

W Foges da enfermeira Uraniana mas escorregas numa poça de gosma verde expelida por outro paciente, provavelmente o mesmo macaco-lesma idiota que sujou a ficha de inscrição toda. Chocas contra a parede e, antes que te consigas levantar, a enfermeira Uraniana amputa as áreas afetadas devorando-as e cauteriza cuidadosamente a ferida com o ácido da sua saliva. Resta-te a cabeça e aproximadamente metade do tronco. Se achas que a tua doença ficou curada, vai para X. Caso contrário vai para Z.

X Não estás propriamente um poço de saúde. És uma cabeça com metade de um tronco, e faltam-te vários órgãos internos importantes. Vai para Z.

Y Parabéns, sobreviveste à tua estadia na Clínica Médica da Estação Espacial Interplanetária! Tudo o que te falta fazer é preencher os papéis de alta. Começas a preencher os formulários com a mão que te resta, mas acidentalmente deixas cair a caneta em cima do pé viscoso do macaco-lesma saturniano que está na fila atrás de ti. Este é sem dúvida o idiota que sujou a ficha de inscrição toda. Proferes alguns insultos em francês dirigidos ao macaco-lesma. Insultos porque foi bastante incorreto da parte dele deixar a ficha de inscrição toda suja. Em francês porque sabes que não é nada bom irritar um macaco-lesma. Já viste vídeos educativos suficientes para saber que os macacos-lesma estão sempre esfomeados e que isso os deixa bastante temperamentais.

Infelizmente para ti, os maca-

cos-lesma saturnianos são bastante mais instruídos do que os humanos arrogantes acham. Este é fluente em várias línguas, incluindo francês. Ele devora-te. Vai para Z.

Z Morres de uma forma horrível e dolorosa. Mas pelo menos não vais ter de lidar com a tua companhia de seguros! **BANG!**



### Caroline M. Yoachim

Caroline M. Yoachim é uma escritora e fotógrafa de Seattle, várias vezes finalista dos prémios Hugo e Nébulas. Os seus contos podem ser encontrados nas revistas *Asimov's*, *Fantasy & Science Fiction*, *Clarkesworld* e *Lightspeed*, sendo frequentemente incluídos em antologias que reúnem os melhores contos de ficção de cada ano. Em 2016, publicou *Seven Wonders of a Once and Future World & Other Stories*, uma coletânea com 27 das suas melhores histórias.



# So Long, and Thanks for All the Fish

O gênio criativo extravasa as fronteiras da morte. Permanece na nossa vida, inspirando-nos à superação e a continuar a sonhar.

Se depois da morte existe um lugar onde todos nos reunimos, no dia 12 de novembro de 2018, Stan Lee teria uma multidão à sua espera. Entre os presentes para lhe prestar homenagem – não a última, mas uma das muitas que lhe é devida – estariam o Homem-Aranha, o Hulk, o Thor ou o Quarteto Fantástico, mas também o Batman ou a Mulher Maravilha. Porque na morte não há rivalidade, luta ou discussão, apenas o reconhecimento da criatividade e inovação que revolucionou para sempre os *comics*.

«*Excelsior*» era o seu lema. Transformou o mundo da BD ao tornar os super-heróis mais humanos e imperfeitos.

Stan Lee, nome artístico de Stanley Martin Lieber, nasceu em Nova Iorque a 28 de dezembro de 1922. Filho de pais romenos, começou a ler Shakespeare aos dez anos. Em 1939 entrou para a Timely Comics (futura Marvel) como assistente. Ao longo de vários anos fez de tudo – foi escritor, editor, ilustrador, revisor e até moço de recados. Quando se preparava para sair da empresa, para se dedicar finalmente à escrita de romances (o seu grande sonho), recebeu uma proposta inesperada e tudo mudou.

No início da década de 60, a DC Comics dominava o mundo da BD com o Super-Homem, o Batman, a Mulher Maravilha e o Lanterna Verde. Era necessário criar uma equipa de super-heróis que competisse com a Liga da Justiça, e Stan Lee, Jack Kirby e Steve Ditko foram os escolhidos para a tarefa. Surgiu então o Quarteto Fantástico, o primeiro grande sucesso da Marvel.

A dimensão humana das

personagens, que viviam os dramas e problemas da vida de qualquer mortal – discutiam entre si, tinham contas para pagar, queriam impressionar as namoradas e viviam em cidades reais como Nova Iorque – foi decisiva para tornar os super-heróis da Marvel em referências culturais. Deixaram de ser perfeitos, de estar num patamar inalcançável, para se tornarem em pessoas comuns que também tinham superpoderes.

Esta inovação na forma de ver os super-heróis transformou os *comics* para sempre e aproximou o leitor do super-herói. Nas palavras de Stan Lee, «sempre senti que na Marvel tínhamos de fazer as coisas de forma diferente. O leitor tinha de ser surpreendido.»

Outra das inovações da Marvel foi

*Um criador tão  
extraordinário  
como as  
personagens  
que criou.*



**Stan Lee**

Dezembro 1922 – Novembro 2018

o método de trabalho: em vez de entregar aos artistas guiões para ilustrar, Lee apresentava uma breve sinopse das histórias e deixava a criatividade dos artistas ter lugar de destaque. A história era escrita depois, de acordo com as ilustrações e o espaço livre. Foi a partir deste método que as histórias se tornaram mais ricas, com a criação de novas personagens que não estavam previstas inicialmente, o que levou a problemas relacionados com direitos de autor – os artistas reivindicavam uma parte dos *royalties* do processo criativo.

A influência de Stan Lee estendeu-se também aos temas abordados nos *comics*. Lutou contra a censura de determinados assuntos – a violência, o sexo, o consumo de drogas –, afirmando que a BD, para além de ser um meio de entretenimento, era um veículo fundamental de educação dos mais jovens e de consciencialização para os problemas da sociedade. E que melhor forma de o fazer senão através do que os jovens liam e dos heróis que idolatravam?

Ao longo dos anos marcou presença em convenções de *comics* e cultura pop, entretendo os fãs com as suas histórias. Quando os super-heróis ganharam vida e passaram do papel para o cinema, rivalizando com as grandes produções de Hollywood, Stan Lee também os acompanhou. Teve pequenas participações em vários filmes, que eram esperadas com grande expectativa pelos fãs.

Nas palavras de Bob Iger, CEO da Disney, «Stan Lee era tão extraordinário como as personagens que criou. Um super-herói reconhecido pelos fãs da Marvel em todo o mundo, Stan tinha o poder de inspirar e de entreter.» O patriarca da Marvel deixou-nos em novembro de 2018. **BANG!**